Vicente de Paula da Silva Martins
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
Modos de compreender as expressões idiomáticas
Pedro & João editores

LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Modos de compreender as expressões idiomáticas

Pedro & João
editores

Vicente de Paula da Silva Martins

LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Modos de compreender as expressões idiomáticas

Pedro & João
editores

Copyright © Vicente de Paula da Silva Martins

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Vicente de Paula da Silva Martins

Lusofonia afro-brasileira: modos de compreender as expressões idiomáticas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 283p.

ISBN: 978-65-87645-67-4

1. Lusofonia afro-brasileira. 2. Expressões idiomáticas. 3. Psicolinguística. 4. Autor. I. Título.

CDD – 410

Capa: Felipe Roberto I Argila
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2020

HOMENAGEM

À linguista e amiga Florence Detry, que, de tão longe, orientou-me, passo a passo, sobre os primeiros procedimentos metodológicos para construção dos experimentos psicolinguísticos, na área fraseológica, e a diligente aplicação de testes aos africanos lusófonos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

CONCEITOS E APORTES FRASEOLÓGICOS 19

CONCEITOS E APORTES PSICOLINGUÍSTICOS 67
A realidade psicológica das expressões idiomáticas 69
Os Estudos linguísticos aplicados à fraseologia. 71
As pesquisas experimentais com expressões idiomáticas 74
As teorias léxicas do processamento fraseológico 74
Hipótese de uma "memória idiomática" 76
Hipótese de uma representação lexical 79
Hipótese psicolinguística de acesso direto 80
Teorias Composicionais do processamento fraseológico 82
A hipótese psicolinguística dos linguistas cognitivistas 83
A hipótese psicolinguística da configuração-chave 84
Estratégias psicolinguísticas e expressões idiomáticas 85

ESTUDOS EMPÍRICOS RELACIONADOS AO TEMA 89
Os experimentos de Irujo (1986) 90
Os experimentos de Flores d'Arcais (1993) 95
Os experimentos de Cooper (1999) 105
Os experimentos de Crespo e Caceres (2006) 110
Os experimentos de Detry (2010) 112

METODOLOGIA DA PESQUISA 113
Objetivos, perguntas e hipóteses da pesquisa 113
Objetivo Geral 113
Objetivos específicos de nossa pesquisa 113
Perguntas da pesquisa 114
Hipóteses 115
Primeiros passos metodológicos 116

EXPERIMENTO E TAREFAS PSICOLINGUÍSTICAS 119
Participantes 119
Refinamento dos instrumentos da pesquisa 123
Organização, apresentação e conteúdo do experimento 126
Material e Procedimento de seleção 128
Seleção de expressões idiomáticas do Experimento 131
ZOOMORFISMOS 131
Matar cachorro a grito 131
Não pagar mico 132
SOMATISMOS 132
Tirar mais água do joelho 132
Pôr a boca no trombone 132
BOTANISMOS 133
Saber com quantos paus se faz uma canoa 133
Chutar o pau da barraca 133
Protocolo verbal think aloud (TA) 133
Transcrição de dados 134
Seleção final dos informantes para as tarefas 1, 3 e 4 140
Material do 1º Experimento 142

RESULTADOS E DISCUSSÕES 145
Primeira Pergunta da Pesquisa: Em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de identificação fraseológica? 145
Tarefa 1 - Teste de Verificação do Grau de Identificação Fraseológica 145
Taxionomia de identificação fraseológica 159
Tipos de identificação fraseológica 160
Identificação por desvio fraseológico 160
ZOOMORFISMOS 160
Matar cachorro a grito 160
Pagar mico 161
SOMATISMOS 164
Tirar mais água do joelho 164
Pôr a boca no trombone 165

BOTANISMOS 165
Saber com quantos paus se faz uma canoa 165
Chutar o pau da barraca 165
Identificação por redução fraseológica 166
Identificação por diátese fraseológica 167
ZOOMORFISMOS 167
Matar cachorro a grito 167
Não pagar mico 168
SOMATISMOS 169
Tirar água do joelho 169
Pôr a boca no trombone 169
BOTANISMOS 171
Saber com quantos paus se faz uma canoa 171
Chutar o pau da barraca 171
Grau de identificação fraseológica 172
Segunda Pergunta da Pesquisa: até que ponto os participantes lembram-se das expressões escolhidas para este estudo e sabem seu sentido idiomático? 174
Tarefa 2 - Verificação do grau de memória fraseológica 174
Memória fraseológica na perspectiva dos falantes 178
Níveis de memória fraseológica 180
Nível baixo de memória fraseológica 180
ZOOMORFISMOS 180
Matar cachorro a grito 180
Não pagar mico 180
SOMATISMOS 181
Tirar mais água do joelho 181
Pôr a boca no trombone 182
BOTANISMOS 182
Saber com quantos paus se faz uma canoa 182
Chutar o pau da barraca 183
Nível médio de memória fraseológica 185
ZOOMORFISMOS 185
Matar cachorro a grito 185
Não pagar mico 185

SOMATISMOS 186
Tirar mais água do joelho 186
Pôr a boca no trombone 186
BOTANISMOS 186
Saber com quantos paus se faz uma canoa 186
Chutar o pau da barraca 186
Nível alto de reconhecimento idiomático 187
ZOOMORFISMOS 187
Matar cachorro a grito 187
Não pagar mico 187
SOMATISMOS 188
Tirar mais água do joelho 188
Pôr a boca no trombone 188
BOTANISMOS 190
Saber com quantos paus se faz uma canoa 190
Chutar o pau da barraca 191
Grau de Memória Fraseológica 192
Expressões em crioulos cabo-verdiano e guineense 194
Terceira Pergunta da Pesquisa: em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de idiomaticidade fraseológica? 198
Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica 197
Níveis de idiomaticidade intralinguística 203
Nível baixo de idiomaticidade intralinguística 203
ZOOMORFISMOS 203
Matar cachorro a grito 203
Não pagar mico 206
SOMATISMOS 208
Tirar mais água do joelho 208
Pôr a boca no trombone 209
BOTANISMOS 209
Saber com quantos paus se faz uma canoa 209
Chutar o pau da barraca 210
Nível médio de memória fraseológica 211
ZOOMORFISMOS 211

Matar cachorro a grito 211
Não pagar mico 212
SOMATISMOS 212
Tirar mais água do joelho 212
Pôr a boca no trombone 212
BOTANISMOS 213
Saber com quantos paus se faz uma canoa 213
Chutar o pau da barraca 213
Nível alto de memória fraseológica 214
ZOOMORFISMOS 214
Matar cachorro a grito 214
Não pagar mico 215
SOMATISMOS 216
Tirar mais água do joelho 216
Pôr a boca no trombone 217
BOTANISMOS 218
Saber com quantos paus se faz uma canoa 218
Chutar o pau da barraca 219
Grau de idiomaticidade fraseológica 221
Quarta pergunta da Pesquisa 222
Que tipos de táticas e estratégias cognitivas os participantes utilizam para compreender as expressões idiomáticas deste estudo?
Táticas e Estratégias pela frequência de uso 231
Estratégias de compreensão, por expressão 233
Total de estratégias usadas em todos os itens – 625 235
ZOOMORFISMOS 235
Matar cachorro a grito 235
Não pagar mico 236
SOMATISMOS 237
Tirar mais água do joelho 237
Pôr a boca no trombone 239
BOTANISMOS 240
Saber com quantos paus se faz uma canoa 240
Chutar o pau da barraca 242

Estratégias bem-sucedidas **245**
Estratégias bem-sucedidas, por expressão **250**
ZOOMORFISMOS **250**
Matar cachorro a grito **250**
Não pagar mico **252**
SOMATISMOS **253**
Tirar mais água do joelho **253**
Pôr a boca no trombone **254**
BOTANISMOS **255**
Saber com quantos paus se faz uma canoa **255**
Chutar o pau da barraca **257**

BREVES CONCLUSÕES **261**

REFERÊNCIAS **265**

ANEXOS **275**

SOBRE O AUTOR **281**

SOBRE A HOMENAGEADA **283**

INTRODUÇÃO

COMO SURGIU MEU ENTUSIASMO COM A (PSICO)LINGUÍSTICA)

A primeira vez que vi um linguista em ação, em campo de pesquisa, foi em 1983. Estudante de Letras na Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza, surpreendentemente vi adentrar em uma das salas de aula do Centro de Humanidades um pesquisador elegante, fino, voz impostada e nos saudou com um retumbante boa noite. Ficamos bastante curiosos com aquela figura. Em seguida, pediu licença ao colega professor para aplicar aos calouros de Letras um pequeno questionário sobre hipocorísticos. Hipocorísticos? Não tinha a menor ideia do que pudesse ser o tema da pesquisa e o pesquisador, percebendo nossos olhares atônitos, finalmente, identificou-se, apresentou suas credenciais acadêmicas e de forma muito didática, falou-nos sobre os *hipocorísticos*, objeto de sua pesquisa, que dizem respeito às palavras criadas por crianças pequenas, especialmente durante a aquisição da linguagem, com intenção de carinho, para uso no trato familiar ou amoroso, como Fafá [por Fátima], Mariinha [por Maria], Tião [por Sebastião]. Estava naquele ano diante de José Lemos Monteiro, um dos maiores linguistas cearenses.

Anos depois, li muitos artigos de Lemos sobre os processos morfológicos, com especial atenção a dois deles: "Processos de formação dos hipocorísticos" (1983) e "Os hipocorísticos de José e Maria" (1984), bem escritos, com português escorreito, estilo melífluo, textos bem organizados e objetivos como requerem os princípios e postulados da boa ciência. Na verdade, Lemos se dedicou, de forma muito intensa, nos anos 80, aos estudos dos processos morfológicos, de modo especial os de natureza prosódica e derivacional. Três dos seus livros são adotados por mim em disciplina no Curso de Letras: *Morfologia portuguesa* (Campinas, Pontes), *A estilística* (São Paulo, Ática) e *Para compreender Labov* (Petrópolis, Vozes).

O primeiro estudo de Lemos Monteiro sobre hipocorísticos foi publicado em artigo científico sob o título "Regras de produtividade dos hipocorísticos" (1982). Mais adiante, já no final dos anos 80 e início da minha carreira docente no magistério de Letras, descobri que Lemos

havia coordenado uma pesquisa "Dicionário de Hipocorísticos", realizada, na cidade de Fortaleza, onde coletou uma grande quantidade de nomes hipocorísticos com vistas à elaboração de um dicionário. O Dicionário Hipocorístico de José Lemos Monteiro nos dá uma variedade de exemplos, e muito dos nomes que nele constam, fazem parte também do nosso linguajar diário: **Amanda** – Manda, Mandinha, Amandinha; **Beatriz** – Bia, Tricinha, Triz, Trize, Bi; **Carla** – Carinha, Cacá, Calu, Carlota, Carlita, Lala e a lista vai de A a Z.

As sementes de Lemos não cairam em terra sáfara: além de me tornar amigo do grande pesquisador (e por diversas vezes recepcioná-lo em Sobral para suas magistrais conferências), também acabei por fazer às vezes de pesquisador à guisa de Lemos e realizar uma robusta e demorada pesquisa (psico) linguística, ao longo de suas décadas, na UVA, onde atuo profissionalmente desde 1994, a partir de relatos de mães, sobre as cinquenta primeiras palavras ditas por crianças de 3 anos a 5 anos na mesorregião noroeste do Estado do Ceará, com foco na recolha de hipocorísticos, material a ser ainda revisado com vistas à publicação futura. É difícil descrever o que se passa na mente do pesquisador e de sua equipe quando, por exemplo, depois de meses de aferroado trabalho de recolha e tratamento de dados de sujeitos da pesquisa ficamos diante um *corpus* especialmente constituído para análise (psico)linguística, que apresente âmbitos ou áreas de interesse acadêmico diverso[1]:

> a)**Vozes de animais**: "oarr" (leão), "fuim" (porco), "miau" (gato), "uebe" (sapo), "ua-au" (cachorro), "piu-piu" (pinto), "béé" (cabra), "múú" (vaca), "quaqua" (pato), "mon" (boi), "cocoricó" (galinha), "ron-ron" (porco), "cu-cu" (passarinho), "fufu" (coelho), "piu piu" (pinto), "mé" (cabra).
>
> b)**Nomes de pessoas**: "Ia" (Irla), "Iac" (Isaac), "Inguid" (Ingrid), "Itaia"(Itála), "Samala" (Samara), "Marcadio" (Marclaúdio), "Maca" (Magda), "Quicilene" (Gracilene), "Uís" (Luís), "Amundo" (Raimundo), "Maquede" (Marclede), "Uala" (Laura), "Kiel"(Macliel), "Malia"(Maria), "Fael" (Rafael), "Gissiel" (Jesiel), "Malena" (Marlene), "Loan" (Lorã), "Sabele" (Isabeli), "Dada" (Daiane), "Dudu" (Eduardo), "Macone" (Marcones), "Iqui" (Henrique), "i" (Rodrigo), "Igo" (Rodrigo), "Dudligo" (Rodrigo), "Vini" (Vinicius), "Anda" (Liandra), "Ianda" (Liandra), "Umberto" (Gilberto), "Buno" (Bruno), "Lolene" (Lorena), "Lorene"

[1] Para recolha de itens, contamos com a colaboração de Ana Gilvânia Mendes Rodrigues, Francisca Magda Fernandes Araújo,Lesliany Campos de Sousa,Francisca Taís Januário do Nascimento e Amanda Mesquita Paz, graduandas do Curso de Letras da UVA, em Sobral.

(Lorena), "An" (Alan), "An" (Renan), "Neide" (Ivaneide), "Iessa" (Vanessa), "Nessa" (Vanessa), "Ia" (Lira), "Mariruiza" (Maria Luiza), "Papa" (Paula), "Quistian" (Cristian), "Paul Riqui" (Paulo Henrique), "Ioinha" (Antônia), "Dimir" (Vladimir), "Creylson" (Cleyson), "Cade Ney" (Cláudio Ney), "Vuvito" (Paulo Vitor), "Dilo" (Danilo), "Manu" (Manoel), "Aniel" (Daniel).

c)**Nomes de animais:** "gainha" (galinha), "cassorro" (canhorro), "cabito" (cabrito), "boboleta" (borboleta), "muquito" (mosquito), "cuelo" (coelho), "poco" (porco), "kato" (gato), "passalinho" (passarinho), "Chanin" (gato), "pacote" (capote), "sumiga" (formiga), "dato" (gato), "nerim " (carneiro), "gainha" (galinha), "gal" (galo).

d)**Nomes de alimento**: "feisão" (feijão), "macaão" (macarrão), "eite" (leite), "escau" (nescau), "galaná" (guaraná), "aca"(água), "aga" (água), "apo" (água), "ferante"(refrigerante), "nonone" (danone), "manana" (banana), "nanaja"(laranja), "casci" (abacaxi), "cate"(abacate), "cuco" (suco), "cangerina" (tangerina), "gagau" (Mingal), "bicoito" (biscoito), "nante" (Refrigerante), "churraco" (Churrasco), "maça", "bolo", "carne", "tomate", "suco", "mucilon", "bisscoito" (biscoito), "bocoito" (biscoito), "alface", "aquin"(água), "ovo", "nhãnhã" (qualquer tipo de comida), "goaba" (goiaba), "figeante" (refrigerante), "tutu uva" (suco de uva), "oto" (biscoito), "ança" (maçã), "A" (água), "nana" (banana), "pical"(mingau), "lalanja" (laranja), "pilulito" (pirulito), "xiíto" (chilito), "chiquete" (chiclete), "piza"(pizza), "zois" (arroz), "carrão" (macarrão), "sopa" "avoz" (arroz).

e)**Nomes de roupas**: "shorch" (short), "sitiã" (sutiã), "vitido" (vestido), "busa" (blusa),"bitido" (Vestido), "shot" (short), "caça" (calça), "chidela" (chinela), "cacinha" (calcinha), "cueca", "sapatú" (sapato), "uopa" (roupa), "ota" (bota), "sadalía" (sandália), "brusa" (blusa), "sinelo" (chinelo), "flada" (fralda), "irtido" (vestido).

f)**Nomes de objetos familiares e brinquedos**: "taneta" (caneta), "ápis" (lápis), "ivo" (livro), "caim " (carrinho), "compintador" (computador), "pacacete" (capacete), "tevisão" (televisão), "óquis" (óculos), "cadela" (cadeira), "lidificado" (liquidificador), "cama", "moneca" (boneca), "muchila" (mochila), "cadirno" (caderno), "cola", "dinossauro", "panelinha", "telefone", "cadeia" (cadeira), "casinha de boneca", "urso", "tao" (carro), "neca" (boneca), "biketa" (bicicleta), "keite"(Skate), "telesão" (televisão), "ririnho"(carinho), "camiage" (maquiagem) , "copo", "tupique" (topique),"pelho" (espelho), "cerular" (celular), "Jaladeira" (geladeira), "buneiro" (banheiro), "potila" (apostila), "celá" (celular), "laterna"(lanterna), "lapissi" (lápis), "cadela"(cadeira).

g)**Verbos**: "cholano" (chorando), "correno" (correndo), "quelo" (quero), "tabala" (trabalha), "mimi" (dormir), "atiti"(assistir), "goto" (gosto), "niham" (comer), "côni" (correr), "pula" (pular), "fazer", "dizer", "falar", "comprar", "riscar", "dever", "gosto", "amo", "chegar", "descansar", "sou", "aprender", "abaçar" (abraçar), "fazi" (fazer), "guada" (guardar), "cova" (escovar),

"esqueve" (escrever), "bincá" (brincar), "teio" (quero), "cumé" (comer), "pulhar" (pular), "dessa" (deixar), "samar" (chamar), "blincar" (brincar), "conder" (esconder).

h)**As palavras da vida social**: "bigado" (obrigado), "dicupa" (desculpa), "lixenxa" (licença), "pu favô" (por favor). "peto" (preto), "banco" (branco), "vede" (verde), "professora", "escola", "irmão", "primo", "oi!", "Olá!", "tio", "vovó", "vovô", "praia", "amigos", "colegas", "tubom" (tudo bom), "sadade" (saldade), "não", "frô" (flor), "rossa" (rosa), "ufavô" (por favor), "nonoite" (boa noite), "bôdia" (bom dia), "fofô" (vovô), "fofó" (vovó), "bom tia" (bom dia), "desculpas", "maezinha", "paizinho".

i)**Adjetivos:** "ainda" (linda), "fea" (feia), "goda" (gorda), "maca" (magra), "ninito" (bonito), "mavioso" (maravilhoso), "gândi" (grande), "monita" (bonita), "alto", "piqueno" (pequeno), "mau", "feliz", "briacanhona" (brincalhona), "chato", "bilante" (brilhante), "fofo", "aleque" (alegre), "altú" (alto), "satu" (chato), "ponita" (bonita), "lhegal" (legal).

A pequena amostra acima pode nos dar uma ideia bem aligeirada da visibilidade dos dados de pesquisa**.** A constituição de *corpus* pode ser traduzido como uma espécie de "epifania" ao longo de uma pesquisa envolvendo principalmente alunos da graduação ou pós-graduação na área de Letras. Toda discussão, derivada de *corpus,* é em geral inédita. É um desafio para os pesquisadores desvelar os fenômenos e os achados linguísticos. O *corpus* é uma luz importante na pesquisa. A constituição de um corpus revela como o investigador realmente está atento aos aspectos de confiabilidade e validação do seu estudo. Desde cedo, a trajetória do pesquisador Lemos Monteiro não apenas me serviu como uma fonte de inspiração profissional como também me espicaçou sugestivos passos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa na área linguística: escolha do tema; revisão de literatura; justificativa; formulação do problema; determinação de objetivos; metodologia; coleta de dados; tabulação de dados; análise e discussão dos resultados; conclusão da análise dos resultados; redação e apresentação ou socialização dos resultados da pesquisa. Bem antes de entrar em campo, o pesquisador deve, enfim, construir sua base teórica para, em segundo momento, referenciar teoricamente sua metodologia. A metodologia de pesquisa é fase decisiva do investigador (e de sua equipe) que irá proporcionar aos envolvidos uma compreensão e análise do mundo através da construção do conhecimento.

Há uma geração de grandes pesquisadores que foram influenciados pela pesquisa de Lemos Monteiro. Citarei apenas o nome da linguista Aluiza Alves de Araújo (UECE), nome de peso, uma pesquisadora de mão cheia e discípula de Lemos. Durante anos, Aluiza vem se dedicando ao falar fortalezense, na constituição crescente de dois bancos de dados que se destacam por seu representativo número de informantes: o PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza) e o NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortalez, que adotaram na sua constituição os mesmos procedimentos utilizados pelo NURC na seleção dos informantes e na coleta dos dados.

Da minha parte, há quinze anos me interessei pelos estudos psicolinguísticos ao conhecer os trabalhos de Leonor Scliar Cabral (UFSC), Luiz Antônio Marcusch (UFPE), Luiz Carlos Cagliari (Unicamp), Letícia Sicuro Corrêa (Unicamp), Rosemeire Monteiro-Plantin (UFC), entre outros. Os congressos, os livros e os artigos científicos na área de (psico)linguística me levaram a conhecer os trabalhos de Eduardo Kenedy (UFF), Luciana Sanchez Mendes (UFF), Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ), André Nogueira Xavier (UFPR), Elisângela Teixeira (UFC), José Ferrari-Neto (UFPB), Katia Abreu (UERJ), pesquisadores que atualmente participam do Grupo de Estudos e Laboratório em Psicolinguística Experimental da UFF. Fora do Brasil, as pesquisas de Antonio Pamies Bertrán, María Isabel González Rey, Carmen Mellado Blanco, Florence Detry e Pedro Mogorrón Huerta, também muito me encorajaram a fazer pesquisa sob a interface Fraseologia e Psicolinguística. Tem sido uma rica experiência acadêmica compartilhar ideias e opiniões, por e-mail, com muitos destes pesquisadores supracitados.

Entre os domínios da linguística, a psicolinguística é aquela área interdisciplinar que leva o pesquisador a um exaustivo estudo das hipóteses sobre relações entre a linguagem e as chamadas funções mentais superiores, como percepção, atenção e memória; esta, por exemplo, foi um divisor de água para mim quando, ao ler Bally, em seu *Traité de Stylistique Française* (1951), descobri que nossa memória retém muito melhor as palavras em grupos (expressões fixas) do que as palavras isoladas. Um dado que fez grande diferença quando resolvi montar uma série de testes psicolinguísticos a aplicar a africanos lusófonos durante o doutorado em linguística pela UFC. Irei, agora, descrever brevemente os capítulos deste livro que traz apenas dados

relativos à primeira bateria de testes psicolinguísticos (off-line) aplicados a estudantes guineenses e cabo-verdianos. No futuro bem próximo, publicizaremos os dados de mais duas baterias de testes.

No capítulo 1, tratamos dos principais conceitos e aportes fraseológicos, com sobretudo os conceitos de fraseologia geral, unidade fraseológica, expressão idiomática e locução verbal. Em seguida, apresentamos as propriedades fraseológicas que estão diretamente relacionadas à pesquisa, a saber: a polilexicalidade, a frequência, a fixação, a idiomaticidade e a convencionalidade.

No capítulo 2, apresentamos os principais conceitos, aportes teóricos e hipóteses psicolinguísticas relacionadas ao processamento fraseológico e no capítulo 3, estudos empíricos relacionados ao tema como os experimentos de Irujo (1986 Flores d'Arcais (1993), Cooper (1999), Crespo e Caceres (2006) e Detry (2010).

No capítulo 4, dedicamos atenção à metodologia da pesquisa em que descrevemos objetivos, geral e específicos, perguntas e hipóteses da pesquisa e nossos primeiros passos metodológicos nos pré-testes aplicados a nativos do PB e não nativos e metodologia final antes de aplicarmos os três experimentos aos 20 sujeitos da pesquisa. Como dissemos, anteriormente, a descrição será apenas de um dos três experimentos com seus respectivos testes.

No Capítulo 5, apresentamos os dados, resultados e discussões relacionados com o experimento psicolinguístico, particularmente as tarefas de identificação fraseológica, memória fraseológica, idiomaticidade fraseológica e a frequência de uso de táticas e estratégias de compreensão idiomática para as expressões *matar cachorro a grito* e *não pagar mico* (zoomorfismos); *tirar mais água do joelho* e pôr a boca no trombone (somatismos); e *saber com quantos paus se faz uma canoa* e *chutar o pau da barraca* (botanismos).

Vicente de Paula da Silva Martins - UVA
Fortaleza/Sobral
Ano I da Pandemia Covid-19

CONCEITOS E APORTES FRASEOLÓGICOS

> "Como los signos simples del sistema, las combinaciones fijas pertenecen al componente léxico de la lengua, al "lexicón", y se hallan almacenadas en la memoria, de donde tan sólo son rescatadas en cada acto de habla" (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.15)

No bosque do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará (UFC), no bairro Benfica, em Fortaleza, escuto numa tarde ensolarada de 2010 estrondosas gargalhadas de estudantes de Letras. Um guineense, ao ser perguntado por concludentes do curso sobre o significado idiomático de expressões bem frequentes no Português Brasileiro (PB) como "*Armar um barraco*", "*Arregaçar as mangas*", "*Boca de siri*", "*Cara de pau*", "*engolir sapos*", "*encher linguiça*", entre outras, suas respostas eram sempre literais, o suficiente para "gozação" dos estudantes nativos. Se os africanos lusófonos falam e conhecem bem a estrutura da língua portuguesa e as línguas crioulas também têm forte influência do português europeu, onde residiria o "nó górdio" para a compreensão idiomática? Por que, para os não nativos, uma expressão idiomática se apresenta tão ambígua, sempre carecendo do contexto para ser guia da compreensão idiomática? Como explicar a dificuldade de falante não nativo de não entender plenamente a linguagem implícita, figurativa, pragmática e idiomática?

É possível que a noção de ambiguidade de construção tenha sido uma das primeiras desconfianças dos estruturalistas diante das combinações fixas, suscetíveis de várias interpretações: de um lado, o sentido literal da expressão (composicional) e, do outro, o sentido pretendido da emissão do falante (idiomático).

O linguista franco-suiço Ferdinand de Saussure (2012 [1916]) observou, pioneiramente, uma quantidade significativa de "expressões que pertencem à língua "denominadas, por ele, de "frases feitas", nas quais, segundo o linguista, o " uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas" (p.173).

Foi graças a essas primeiras incursões linguísticas de Saussure, que passamos a ver as "as frases feitas" como manifestações de uma cultura, definidas como "torneios" que "não podem ser improvisados"

por serem "fornecidos pela tradição" cuja evocação livre, segundo o mestre genebrino, é "possível pela lembrança de um número suficiente de palavras semelhantes pertencentes à língua" em que ressalta, ainda, a natureza psicológica das "frases e grupos de palavras estabelecidos sobre padrões regulares" e por terem, segundo ele, uma "base na língua sob a forma de **recordações concretas**" (2012, p.173, grifos nossos).

No âmbito dos estudos linguísticos relacionados à Fraseologia, o interesse por apreender a realidade psicológica das unidades fraseológicas é cada vez maior[1]. Há um claro percurso do Estruturalismo à Psicolinguística nas pesquisas fraseológicas das últimas três décadas.

Uma expressão idiomática como "matar dois coelhos com de uma só cajadada" com sentido de **"**conseguir dois proveitos com um só trabalho" interessa tanto ao lexicógrafo que a registra como subentrada da palavra coelho em seu dicionário como desperta atenção do psicolinguista uma vez que envolve a compreensão idiomática ou não literal por parte do falante em língua materna (L1) ou segunda língua (L2).

As principais linhas de pesquisa, nesse campo da Fraseologia e Psicolinguística, procuram responder questões do tipo: como os falantes armazenam este tipo de unidades? Como ocorre o processamento fraseológico? Que funções desempenham tais unidades na interação? Conforme nos descrevem Corpas Pastor (2001) e Detry (2010).

Aproximar a Fraseologia da Psicolinguística (ou vice-versa) é, sem dúvida, muito relevante e nos incita, vivamente, a explorar as relações entre expressões idiomáticas e processos de compreensão. Não é, porém, uma tarefa fácil porque são dois ramos de estudos linguísticos bastante densos e áridos, principalmente no campo terminológico e taxionômico, fontes preciosas para encontrarmos termos ou categorias operatórias aplicáveis à pesquisa experimental.

[1] A rigor, falar em compreensão de expressão idiomática só tem sentido na aquisição da linguagem nas crianças, em situação em que os bebês estão aprendendo a língua materna ou estrangeiras como L2. Depois, acreditamos que a expressão idiomática é incorporada ao léxico sem análise interna tanto quanto se faz com uma palavra. Aquisição, aqui, assim, tem acepção mais ampla e alcança os não nativos de dada língua.

Uma primeira aproximação que vimos entre estes domínios (ou subdomínios) linguísticos é o tratamento dado, tradicionalmente, pela Lexicografia, às expressões idiomáticas, registradas, nos dicionários gerais, como subentradas a partir dos lexemas de base que entram na formação dos lemas[2].

Ao definir essas expressões, Porto Dapena (2002), assim diz: "Acima de tudo, se trata sempre de construções ou segmentos pluriverbais, que o falante, igualmente como as palavras, *retém na memória e reproduz na fala*, sem, por outro lado, poder alterá-las, sob pena de introduzir uma variação de sentido."[3](p.149, grifos nossos).

Sabemos, porém, que no mundo da linguagem as expressões idiomáticas não são apenas ou preferencialmente sintagmas verbais uma vez que no *continuum* fraseológico podem aparecer em diversas configurações (colocações, provérbios etc).

Depreende-se desta definição lexicográfica de Porto Dapena que as expressões idiomáticas (ou expressões fixas[4]) são construções retidas ou armazenadas na memória declarativa de longo prazo, o que nos remete à Psicologia Cognitiva e, desta, à Psicolinguística, à medida que sugere uma conexão entre a linguagem e a mente (ou, senão, a cognição), o que não é, claro, um achegamento inaugural nos estudos linguísticos, uma vez que essa ponte entre Fraseologia e Psicolinguística, anteriormente, indicou-nos ou, senão, pelo menos, sugeriu-nos a noção coseriana de "discurso repetido", isto é, aquelas "sequências de combinações feitas de signos que se transmitem integralmente" (COSERIU, 2007, p.201), por oposição à "técnica do discurso", posto que as expressões não podem ser geradas no discurso, por definição.

O termo Fraseologia, cunhado por Bally há mais de um século, revitaliza-se, a cada dia, nas teorias e abordagens linguísticas mais recentes, como as dos analistas do discurso.

---

[2]As subentradas são chamadas também de subverbetes, em que se elucidam as divisões, espécies, modalidades etc, do sentido do verbete principal, ou das locuções formadas com aquelas palavras.

[3] No original: "Ante todo se trata siempre de construcciones os segmentos pluriverbales que el hablante, al igual que las palabras, retiene en la memoria y reproduce en el discurso sin que, por otro lado, pueda cambiarlas sob pena de introduzir una variación de sentido."

[4]A noção de expressões fixas foi suficientemente explorada por Zuluaga (1975; e 1980).

A título de exemplificação, citamos, por exemplo, Charaudeau e Maingueneau, dois analistas do discurso, que designam Fraseologia como conjunto de expressões cristalizadas, simples ou compostas, características de uma língua ou de um tipo de discurso (2008, p.245).

Fraseologia alcançou também as redes sociais. Para se ter uma ideia da dimensão ou frequência de uso do termo, em diferentes e inusitados contextos, o buscador Google nos informa que são aproximadamente 1.120.000 resultados de ocorrências para "Fraseologia" e, pelo menos 190.000 para o adjetivo correspondente "fraseológico", o que nos indica ser uma palavra de muito vigor na língua portuguesa[5].

A palavra Fraseologia, formada dos seguintes elementos frase + -o- + -logia, chegou-nos pelo francês phraséologie e aparece, pela primeira vez, no âmbito dos estudos linguísticos, em Bally (1909, p.66). De lá para cá, são muitos os linguistas que, tentando desvelar a etimologia de Fraseologia, mergulham nas raízes gregas da palavra, buscando as motivações lexicais ou acepções para designá-la seja como o inventário de expressões idiomáticas de uma língua como seu estudo (BRÉAL, 1992; MONTORO DEL ARCO, 2006, p.29-31; MELLADO BLANCO, 2004, p.13).

Esta busca não é por acaso. É bastante instigante observar que o morfema lexical "frase" vem do latim phrasis, e este do grego φράσις, com o sentido de "expressão", enquanto a vogal de ligação -o- é típica do grego. O elemento de composição -logia origina-se do grego *-λογία*, que significa tratado, estudo, ciência.

Neste trabalho, Fraseologia é entendida como parte da Linguística, que tem as Unidades Fraseológicas (UFs) como objeto de estudo. As UFs constituem um verdadeiro "universo fraseológico" e são divididas em pelo menos três esferas (colocações, locuções e enunciados fraseológicos). Nesse universo fraseológico, consideramos tipicamente expressões idiomáticas as locuções, o que corresponde a "esfera II", segundo o modelo de Corpas Pastor (1996, p.88-131).

Como são muitos os tipos de locuções cristalizadas (nominais, adjetivas, adverbiais, verbais, prepositivas, conjuntivas), elegemos prioritariamente as locuções verbais que apresentam maior congruência ou consenso entre os especialistas de Fraseologia, uma vez que são as unidades fraseológicas que estão fixadas no sistema

[5] Pesquisa atualizada em 13 de agosto de 2020.

(registradas nos dicionários gerais, por exemplo) e que não constituem enunciados completos e geralmente funcionam como termos ou elementos oracionais (CORPAS PASTOR, 1996, p.88; ALVARADO ORTEGA, 2007, p.37)[6].

O recorte acima, isto é, considerar unicamente as locuções verbais, levou-nos a adotar, portanto, uma concepção reducionista de Fraseologia, a mesma proposta stricto sensu formulada por Casares (1969, p. 167-184)[7], o maior representante desta visão na Fraseologia Espanhola, e, mais recentemente, García-Page (2008, p. 8; 20-22; 208), que afirma serem as locuções "o verdadeiro núcleo" ou " o autêntico objeto" de estudo da Fraseologia.

Seja considerada parte da Linguística ou subdisciplina da lexicografia, mérito da questão em que não entraremos aqui, filiamo-nos à corrente de fraseólogos que postulam a Fraseologia como disciplina da Linguística cujo objeto de estudo são as "expressões idiomáticas", hiperônimo a que, ao longo deste livro, repetidas vezes fazemos menção, referindo-nos, nesse caso e, especificamente, às locuções verbais, particularmente, as já consagradas pelo uso e registradas nos dicionários gerais, definidas como combinações formadas por pelo menos dois ou mais elementos ou constituintes, que apresentam certa fixação de forma e sentido, e que funcionam como termo ou elemento oracional.

Estas locuções verbais não devem ser confundidas com as conjugações perifrásticas ou perífrases verbais, estas definidas pelos gramáticos e dicionaristas como o conjunto dos tempos compostos de um verbo[8]. Quanto a esta questão, nossa posição é a mesma de Silva (2011, p.163), ao se referir às locuções verbais como unidades fraseológicas. Excluímos, pois, os substantivos compostos, com ou sem hífen, não sendo considerados locuções nominais, e as perífrases verbais ou conjugações perifrásticas, por não as considerarmos locuções verbais.

---

[6] Compreendemos que as locuções verbais a que Corpas Pastor (1996) faz referência são as chamadas expressões idiomáticas, termo de maior divulgação nas teorias fraseológicas.

[7] A primeira edição desta obra é datada de 1950.

[8] A questão da distinção entre perífrases verbais e locuções verbais foi suficientemente abordada por Blasco Mateo (2005).

É preciso deixar claro que, ao optarmos por excluir os substantivos compostos, esta determinação não invalida o status de Unidades Fraseológicas (UF) de outras sequências que são constituídas sem verbo, como: saia de baixo, saia justa, chave de cadeia, a sete chaves, de mala e cuia, mala sem alça, pé do ouvido, do pé para a mão, em pé de guerra, em pé de igualdade, no mesmo nível, de igual para igual, dor de cotovelo, dor de corno, dor de veado, lágrimas de crocodilo, elas por elas, de corpo e alma**,** entre outras.

Se voltarmos ao tempo, já na década de 50, na Espanha, Julio Casares nos chamava atenção para a confusão terminológica no campo da lexicografia. Afirmava que termos como expressão, giro e frase eram vagos e por isso não poderiam ser considerados termos técnicos. Segundo ele, cada um daqueles termos tinha acepções diversas presas à teoria gramatical e, por isso, não ofereciam características suficientes para identificá-las com segurança na tarefa lexicográfica (CASARES, 1969, p.185). Uma expressão apropriada a essa situação, em português, seria a de que os lexicógrafos espanhóis "misturavam alhos com bugalhos".

Assim, que lição ou luz esta noção de locução em Casares (1969) poderá nos dar no campo da terminologia fraseológica nos dias de hoje?

Tomemos um exemplo em português. É possível quando lemos, escutamos, ou, ao menos quando evocamos uma expressão como "misturar alhos com bugalhos", o sentido idiomático "confundir coisas ou assuntos distintos, inconfundíveis" ou "fazer grande confusão" prevaleça de forma avassaladora sobre nosso entendimento.

Na expressão acima, pouco importa sabermos o sentido parcial de seus elementos constituintes ou de, pelo menos, uma das palavras que formam a expressão, como é o caso de "bugalho", mas não cremos que isso se contraponha de alguma forma à proposta de análise da compreensão das Expressões Idiomáticas a partir dos componentes.

Afinal o que é bugalho? Um termo da botânica, que significa “noz de galha” (HOUAISS e VILLAR, 2020), mas nada mais sabemos sincronicamente de sua motivação fraseológica nem há possibilidade de recuperação da metáfora diacrônica (geradora).

De igual sorte, parece-nos que a maioria das divergências ou confusões terminológicas na Fraseologia contemporânea encontra explicações nas primeiras investidas da lexicografia quando da

elaboração dos dicionários gerais ao não levarem em conta que agrupamentos de palavras[9], tradicionalmente conhecidos na literatura científica por termos dos mais díspares entre si como expressões idiomáticas, provérbios, clichês, binômios, citações, colocações, frases lexicais, fórmulas, frases feitas, provérbios, aforismos, máximas, ditos, adágios, anexins, ditados, sentenças, parêmias, têm em comum serem polilexicais, isto é, pertencerem ao grande e complexo continuum fraseológico no qual não há limites rígidos capazes de estabelecerem, com precisão, a diversidade de unidades lexicais maiores que a palavra e presentes em alguns dicionários semasiológicos existentes em uma língua (SALIBA, 2000).

Na Espanha, quando Casares dá as bases teóricas do que hoje se denomina Fraseologia Espanhola, de grande repercussão na Europa, já se deparava, na Lexicografia, com denominações fraseológicas que careciam de sentido preciso e que apresentavam "limites imprecisos". É o que muitos fraseólogos hispânicos chamam de "cajón de sastre" (GARCÍA PAGE-SÁNCHEZ, 2008, p.8; e QUEPONS RAMÍREZ, 2009, p.493). A expressão "saco de gatos"[10] é a melhor tradução que encontramos, em português, para "cajón de sastre".

Como assinala Corpas Pastor (1996, p.16) a profusão terminológica e as distintas classificações são um dos problemas fundamentais da Fraseologia em língua Espanhola. Em geral, a profusão terminológica está ligada a afiliações ou abordagens teóricas distintas e também a objetos e objetivos específicos, sendo mais uma questão de relevo.

Mostramos até aqui que são muitas as discrepâncias e confusões de ordem terminológica no campo dos estudos de Fraseologia que acabam por repercutir nas definições e classificações das unidades fraseológicas, o que nos leva a concluir que, nesta área, não há como simplesmente jogar com as palavras.

Essa medida torna-se ainda mais imperiosa quando fazemos a interface entre Fraseologia e outros ramos da Linguística; em nosso caso, a Psicolinguística, que requer, também, precisão terminológica

[9] No campo da Lexicografia, defendemos a ideia de que as expressões idiomáticas não deveriam entrar dentro de verbetes por serem independentes. Por exemplo, os dicionaristas não colocam o adjetivo infeliz dentro de feliz. Assim, o mesmo procedimento deveria valer para as expressões idiomáticas.

[10] Popularmente, saco de gatos significa negócio muito confuso e encrencado.

quando trabalhamos com alguns dos seus termos operatórios na pesquisa experimental.

Nessas alturas, uma pergunta advém: que unidade/expressão/ fraseológica seria a mais adequada aos testes psicolinguísticos para aferir a compreensão idiomática? Já podemos adiantar a resposta a nossa pergunta ao defendemos que esta unidade é ou deve ser a expressão idiomática. A expressão idiomática, dentro ou fora do contexto, pode levar um falante, nativo ou não nativo de uma língua, a se deparar com a ambiguidade estrutural nesta dicotomia semântica: sentido literal versus sentido idiomático.

Por essa razão, deter-nos-emos, nas subseções abaixo, em dissecar o máximo possível, as noções de Fraseologia, unidade fraseológica, expressão idiomática, locução e outros correlatos. Em seguida, situamos os termos às teorias fraseológicas que estão na ordem do dia na Europa e no Brasil.

Vilela designa por Fraseologia a disciplina que tem como objeto as combinações fixas de uma dada língua que podem assumir a função e o sentido de palavras individuais ou lexemas (VILELA, 2002, p.170).

A definição de Vilela espelha o pensamento do grupo fundador da Fraseologia na Europa a quem nos filiamos que vê nas expressões idiomáticas um processo de ampliação do léxico, seja para nomeação ou qualificação, contribuindo para a lexicalização dos conceitos e categorização de nossa experiência cotidiana.

No âmbito das teorias fraseológicas, reconhecemos, como defende García-Page Sánchez (2008, p.6), um estatuto da Fraseologia como a disciplina Linguística, que estuda as unidades fraseológicas e que leva em conta o grau de competência fraseológica ou metafórica do falante, seja nativo ou não nativo.

Quanto à acepção mais completa de Fraseologia, coerente com nosso recorte terminológico e que atende aos propósitos de nosso estudo, optamos pela definição de Fraseologia de Monteiro-Plantin (2011) na qual assinala o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, polilexicais, que constituem a competência discursiva dos falantes, em primeira ou segunda língua, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente (p.250).

Segundo Mellado Blanco (2004, p.15), o termo Fraseologia tem sido adotado, na maioria das línguas europeias, com exceção dos países de

origem anglo-saxônica, onde o mais corriqueiro é "idiomatic"[11]. Cumpre-nos ressaltar que, quer seja na Europa ou nos EUA, unidade fraseológica é uma das denominações mais aceitas no âmbito das teorias fraseológicas, conforme podemos atestar em pesquisas recentes com corpora fraseológicos (NACISCIONE, 2001; BEVILACQUA, 2004; e LIN e ADOLPHS, 2009).

Considerada como objeto de estudo da Fraseologia por Corpas Pastor (1996, p.20), as unidades fraseológicas são "unidades lexicais formadas por mais de duas palavras ortográficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível de oração composta"[12] , tendo, pelo menos, quatro propriedades básicas, que podem variar em grau, nos seus distintos tipos: (a) polilexicalidade; (b) institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica; (c) variações potenciais; (d) idiomaticidade; e (e) alta frequência de uso e de coaparição de seus elementos integrantes[13]; mais adiante por nós mais bem descritas e discutidas.

O conceito de unidade fraseológica e as propriedades básicas que as caracterizam, como a polilexicalidade e a fixação, também estão presentes, pioneiramente, na década de 40, nas primeiras definições ou acepções dos russos (VELASCO MENÉNDEZ, 2010), e posteriormente vindo à tona com as reflexões de Zuluaga (1980, 16; 19) e, mais recentemente, em Ruiz Gurillo (1997, p. 14) e Castillo Carballo (1997-1998, p. 70-75).

Quanto ao problema do status linguístico das unidades fraseológicas, aliamo-nos à postulação de Zuluaga (1980) de que "elas pertencem ao patrimônio coletivo da comunidade linguística"[14] e que "fazem parte do acervo ou repertório de elementos linguísticos anteriores ao falar, conhecidos pelos falantes"[15] (p.21), o que, ao certo,

---

[11] Nesta área, as pesquisas experimentais, bastante frutíferas nos EUA, levam-nos, de forma recorrente, a citar os trabalhos em língua inglesa, onde se usa mais o termo "idioms".

[12] No original: "son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nível de la oración compuesta"

[13] Destas propriedades indicadas por Corpas Pastor (1996), a menos relevante quando se tratar de expressão idiomática posto que um item léxico pode ser frequente ou não. Como todo item, as expressões idiomáticas podem ser mais ou menos frequentes.

[14] No original: "ellas pertenecen al patrimonio colectivo de la comunidade linguística".

[15] No original: "forman parte del acervo o repertorio de elementos linguísticos anteriores al hablar, conocidos por los hablantes".

podemos inferir como unidades polilexicais psicolinguisticamente armazenadas na memória dos usuários ou nativos da língua.

Convém salientar que a etiqueta ou rótulo de Unidade Fraseológica (UF) atende às buscas dos fraseólogos por uma denominação de alcance mais internacional, que responde à noção de arquilexema das locuções e de outras formas (CORPAS PASTOR, 1996), como unidades de uma série fraseológica que inclui desde refrães, citações e fórmulas de rotina.

Com essa noção de que uma unidade fraseológica é um arquilexema da série de denominações fraseológicas, podemos apresentar as propriedades essenciais e definitórias das chamadas unidades fraseológicas: polilexicalidade, frequência, convencionalidade, fixação e idiomaticidade, a partir dos seguintes autores: Zuluaga (1980, p.141-188), Corpas Pastor (1996, p.88-131); Penadés Martinez (1999, p.11-22); Ruiz Gurillo (2001, p.15); e García-Page Sánchez (2008, p.16-20).

Com base nos estudos acima, na perspectiva da Fraseologia, consideramos a expressão idiomática, nomeadamente a locução verbal, como uma unidade fraseológica por excelência. Unidade fraseológica é, pois, um hiperônimo, mas, neste livro, praticamente tomamos "expressão idiomática" e "unidade fraseológica" como termos equivalentes, assim como já os considera García-Page Sánchez (2008, p.16).

No âmbito das teorias fraseológicas, há uma forte convergência de que, efetivamente, as unidades fraseológicas são o objeto de estudo da Fraseologia**.** Portanto, tendo o objeto de estudo bem definido, não há porque não considerar a Fraseologia como um dos ramos das ciências da linguagem. Mas que unidades fraseológicas são essas? Pelo menos, nove termos podem ser considerados, dentro de um continuum, como unidades fraseológicas, uma vez que este hiperônimo tem um raio de alcance muito grande: provérbios, ditos populares, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina ou cristalizadas, locuções fixas, frases feitas, clichês, chavões e colocações, conforme o inventário fraseológico estabelecido por Monteiro-Plantin (2011, p.250). As expressões fixas arroladas por Monteiro-Plantin são entendidas por nós como sendo as expressões idiomáticas.

Neste livro, quando nos referirmos à unidade fraseológica, acolheremos as definições de Zuluaga (1980); Corpas Pastor (1996); Penadés Martinez (1999); Ruiz Gurillo (2001); García-Page Sánchez (2008) e Monteiro-Plantin (2011).

O conceito de expressão idiomática está associado às definições que, anteriormente, demos à Fraseologia e à unidade fraseológica. Toda expressão idiomática, objeto de Fraseologia, é uma unidade fraseológica, mas nem toda unidade fraseológica é uma expressão idiomática.

Uma unidade fraseológica pode ser fixa e não idiomática, da mesma forma, pode ser idiomática, mas com um grau de variação marcante, mas com isso não queremos dizer que só consideramos expressão idiomática. Ao contrário, existe expressão idiomática menos opaca, portanto, transparente. Quem tem juízo crítico para dizer se uma expressão é opaca ou transparente é o falante e não o lexicógrafo ou fraseólogo a menos que o submeta a testes psicolinguísticos. Em Fraseologia, a intuição linguística[16] está sujeita à compreensão do falante da língu, nativo ou não.

Isso não quer dizer, porém, que as expressões fixas, para tomarmos o termo de Zuluaga (1980), incluindo as expressões idiomáticas, não possam ser interpretadas composicionalmente pelos falantes de uma língua.

A única interpretação de qualquer expressão complexa que conhecemos, como costuma acontecer com falantes não nativos de uma língua dada, deverá ser imediatamente a composicional e que "outras considerações nos obrigarão a aprender um sentido específico, convencionalmente associado à expressão em questão"[17](ESCANDELL VIDAL, 2011). Em outras palavras: mesmo as expressões idiomáticas consideradas opacas muitas delas podem ser interpretadas composicionalmente.

No *continuum* das unidades fraseológicas, as expressões idiomáticas são as unidades léxicas marcadas culturalmente. As expressões idiomáticas são itens léxicos e, portanto, tão culturais quanto quaisquer palavras da língua.

As expressões idiomáticas por força de seu caráter idiossincrásico estão mais diretamente vinculadas à cultura, às ideias e à forma de vida

[16] Em gramática gerativa, refere-se à capacidade que tem o falante de reconhecer a aceitabilidade ou gramaticalidade das sentenças produzidas na sua língua, de interpretá-las, de identificar a equivalência com outra frase ou a sua eventual ambiguidade, isto é, perceber quando o contexto sugere sentido literal ou metafórico.
[17] No original: "serán luego otras consideraciones las que nos obligarán a aprender un sentido específico, convencionalmente asociado a la expresión en cuestión".

de uma sociedade (NEGRO ALOUSQUE, 2010, p.34), como expressões do tipo ir tomar banho ("deixar de aborrecer") e dar as mãos à palmatória ("admitir o erro"). Este fato se manifesta particularmente no nível semântico, isto, no sentido idiomático que atribuímos à expressão[18].

Nessa relação entre língua e cultura, refletida no léxico, a motivação para inúmeras expressões idiomáticas provém de, pelo menos, três procedências, segundo Negro Alousque (2010) [19]:

(a) **alusão a costumes, feitos históricos, obras artísticas, lendas, mitos e crenças**, como em jogar lenha na fogueira ("piorar uma situação que já é caótica"); entregar-se aos braços de Morfeu ("sonhar"); ser como a mulher de César ("ser mulher de reputação inatacável"); bancar o cristo ("pagar por culpas alheias"); agradar a gregos e troianos ("contentar ou satisfazer a dois lados antagônicos");

(b) **evocação a elementos que formam parte do acervo cultural de cada povo**, entre os quais são incluídos os costumes e tradições, obras literárias, acontecimentos que são modelos de uma situação ou qualidade, como *dar nome aos bois* ("falar claramente"); *perder o seu latim* ("falar em vão"); *ficar a ver navios* ("não conseguir o desejado, geralmente por ter sido logrado ou passado para trás"); *sair à francesa* ("sair de um local sem se despedir") e *matar a cobra e mostrar o pau* ("afirmar alguma coisa e prová-la");

(c) **associações a partir das quais se interpreta a realidade e crenças**, como em *ver o sol (nascer) quadrado* ("estar na cadeia"); *desopilar o fígado* ("comunicar alegria e bem-estar); *ficar uma onça* ("ficar irado, enfurecido); *pagar o justo pelo pecador* ("ser castigado ou repreendido aquele que não tem culpa, ficando impune o culpado") e *jogar conversa fora* ("conversar sobre assuntos corriqueiros, sem grande importância").

Convém, agora, definir a expressão idiomática como "combinação única e fixa de elementos (pelo menos, dois), dos quais uma parte não funciona bem em quaisquer outras combinações deste tipo (ou, em algumas ou uma única situação)" (ČERMÁK, 1998, p.11),

[18] Em que pese o signo linguístico ser arbitrário conforme já dizia Saussure, as frases feitas decorrem do uso e da tradição da comunidade linguística.

[19] Muitas destas expressões idiomáticas podem ser consideradas pelos usuários desusadas ou obsoletas ou precisaríamos, enquanto especialistas, distinguir o que é comum da Língua Portuguesa do que é léxico regional.

definição, pois, que enfatiza, como podemos observar, as propriedades semânticas e sintáticas das expressões fixas a que Neveu (2008) faz referência.

Para chegarmos ao conceito de locução, primeiramente, definimos a Fraseologia como uma disciplina da Linguística que se ocupa de estudar as Unidades Fraseológicas (UFs). Em seguida, apresentamos as referidas UFs como um hiperônimo (ou arquilexema) dos diversos termos que envolvem a terminologia fraseológica, isolando, operatoriamente, para nosso trabalho, a locução verbal como sendo a mais canônica[20] combinação fixa das expressões idiomáticas[21]. Nesta subseção, trataremos mais especificamente sobre a locução.

Como unidade polilexical do tipo sintagmático, a locução que nos interessa, neste trabalho, é a que, como dissemos, anteriormente, tem como núcleo um verbo cujos constituintes não são o objeto de uma atualização separada, e que enuncia um conceito autônomo, como assinala Neveu (2008, p. 193). A expressão levar um pontapé no traseiro com o sentido idiomático de "ser despedido, abandonado" é um exemplo de locução verbal.

As expressões idiomáticas têm estrutura bastante restrita, isto é, caracterizadas, segundo Gross (1996, p.9-23), por pelo menos cinco propriedades: (a) polilexicalidade; (b) opacidade semântica; (c) bloqueio das propriedades combinatórias e transformacionais; (d) não atualização de seus elementos; e (e) grau de fixação.

Um exame minucioso da etimologia da palavra locução nos indicará que esta vem do latim locutìo (ou loquútio), com a indicação de "ação ou maneira de falar, locução etc". Do ponto de vista linguístico, locução pode ser definida como "reunião de duas palavras que conservam individualidade fonética e morfológica, mas

[20]A canonicidade das locuções verbais decorreria, no nosso entendimento, de terem sua fixação formal com maior grau de regularidade estrutural, isto é, serem construções conforme às normas mais habituais da gramática, consideradas básicas, como, por exemplo, a ordem direta (verbo + argumento).

[21] As locuções verbais podem ser canônicas, mas não prototípicas no continuum fraseológico. Do ponto de vista quantitativo, e contrariamente ao que se acredita, provavelmente as locuções verbais não são a maioria. As expressões que são sintagmas preposicionais, como de saco cheio, a três por dois, de mala e cuia, a torto e a direito, provavelmente são em maior número.

constituem uma unidade significativa para determinada função" (CÂMARA JUNIOR, 2004, p.162).

Do ponto de vista fraseológico, Casares (1969) define as locuções como combinações de vocábulos que oferecem sentido unitário e uma disposição ou estrutura formal inalterável (p.167).

Casares descarta, então, as acepções dadas à locução pelos dicionários gerais que a definem como "modo de falar" ou "frase", como vimos anteriormente. Busca uma acepção restrita, específica e técnica, partindo então, para a reelaboração da definição da visão tradicional ou gramatical de locução como "conjunto de duas ou mais palavras", pensada como um "conjunto de vozes vinculadas de um modo estável e com um sentido unitário" (1969, p.168).

Para ilustrarmos a acepção dada por Casares à locução, tomemos este exemplo com bater as botas: "Engana-se quem pensa que no Nordeste aterrissam apenas artistas em fim de carreira, que vêm ganhar alguns trocados na América Latina antes de bater as botas"(In **DN**, 12/31/2008).

Na visão de Casares (1969), uma sequência de palavras como "bater as botas" trata-se, efetivamente, de uma locução verbal por três razões: (1) não se pode trocar nenhuma das três palavras por outra: *sacudir as botas, *bater com botas ou *bater as botinas; (2) não se pode alterar sua colocação na estrutura sem destruir o sentido: *botas as bater; e (3) o sentido se resume a uma só acepção[22]: "morrer".

Segundo Casares (1969, p.168), a "inalterabilidade" (fixação) e a "unidade de sentido" (idiomaticidade) são as duas características marcantes das locuções verbais. Uma terceira característica também se faz necessária assinalar que é, segundo ele, a condição de que as palavras de uma locução não formam uma "oração cabal", isto é, uma oração no sentido clássico ou categórico dado pelos gramáticos tradicionais.

A definição clássica de locução, feita por Casares (1969, p.170), diz assim: "combinação estável de dois ou mais termos, que funciona como elemento da oração e cujo sentido unitário compartilhado pelos

[22] Este traço aplicado à Língua Portuguesa deve ser relativizado uma vez que há expressões idiomáticas com mais de uma acepção, como, por exemplo, pedir penico ("pedir piedade; dar-se por vencido; mostrar-se exausto; e demonstrar medo").

falantes não se justifica, sem mais, como uma soma do sentido normal dos componentes"[23].

Depreende-se da definição de Casares (1969) os seguintes traços das locuções (1) combinação estável de dois ou mais termos, portanto, uma combinação fixa e polilexical, entendida como fixação e polilexicalidade; (2) emprego ou função como parte da oração, compreendida aqui a noção de estrutura não oracional[24]; e (3) sentido unitário consabido não resultante da soma do sentido normal (ou absoluto) dos componentes.

A ideia de "sentido unitário consabido" traduz adequadamente a noção de "sentido conhecido por todos e ao mesmo tempo", portanto, compartilhados pelos falantes nativos de uma língua ou pela comunidade linguística, ou, no caso de uma Fraseologia Especializada, por uma comunidade sociocultural, esta, entendida como agrupamento de falantes unidos por fatores sociais (históricos, profissionais, raciais, nacionais e geográficos).

As locuções verbais que podem funcionar como elementos oracionais de natureza nominal são as formadas de verbo de ligação mais predicativo, diferentemente das locuções como elementos do predicado verbal cujo núcleo é um verbo significativo (intransitivo ou transitivo).

São exemplos de locuções verbais com valor nominal as seguintes: ser a bola da vez ("estar prestes a ser objeto de análise, crítica, exclusão, etc"); ser a palmatória do mundo ("ser um sujeito metido a moralista"); ser cheio de nove-horas ("ser muito exigente, chato"); ser de carne e osso ("ser humano; estar sujeito a fraquezas, como qualquer pessoa"); estar com a faca e o queijo na mão ("ter poder amplo"); e estar com o diabo no corpo ("estar assanhadíssimo ou muito irrequieto, tanto no mau quanto no bom sentido").

As locuções verbais são refratárias à análise sintática. Segundo Casares, "tomadas essas expressões em bloco e interpretadas como elementos oracionais, suas funções sintáticas nem sempre coincidem

[23] No original: "combinación estable de dois ou más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitário consabido no se justifica, sin más, como uma suma del sentido normal de los componentes"

[24] Somos de opinião de que Casares enfatiza com este traço o caráter sintagmático da locução, parte constituinte ou elemento (de oração), descartando a ideia de que a locução seja considerada uma oração, ou seja, frase, ou membro de frase, em que pese conter um verbo.

com as do verbo contido na locução"[25](1969, p.177). Em português, por exemplo, quando dizemos tirar água do joelho, com verbo tirar, transitivo direto, equivale, em conjunto, a "urinar", intransitivo, isto é, a rigor não se cogita, do ponto de vista fraseológico, que "água do joelho" é objeto direto de "tirar".

Segundo Casares (1969), no Espanhol, não se esgotam as espécies de locução oracional com equivalência e função verbal. Por exemplo, aplicando esta visão de Casares à língua portuguesa, uma locução verbal do tipo ter partes com o diabo não pode ser traduzida a partir de um verbo transitivo ou intransitivo. Quando essa locução se aplica a uma pessoa se dá a entender unicamente que essa pessoa é "muito sapeca, alvoroçada, inquieta". Se dizemos de uma pessoa que bota a alma pela boca, limitamos-nos a expressar que "está ofegante, com a respiração opressa".

Para ilustrarmos, em Língua Portuguesa, este grupo acima, citaríamos inúmeras locuções cujo verbo expresso é ser, estar ou algum outro verbo de significação equivalente, tais como: andar com a pulga atrás da orelha ("estar preocupado ou cismado"); ficar de cabeça virada ("andar preso por alguma paixão, obsessão, vício incontrolado ou ideia fixa"); andar na linha ("ser honesto"); apanhar nas fuças ("ser agredido na cara"); ter (as) costas largas ("estar confiante, sem receio para realizar ou falar algo, por ter a proteção de alguém"); estar com a corda no pescoço ("estar em apuros, em situação desesperadora geralmente, financeira"); ter fama ("ser muito falado ou celebrado"); ter coração de leão("ser extremamente valente"); ter coração de ouro ("ser muito bondoso ou generoso"); ter coração de pedra ("ser duro de sentimentos, insensível"); ter jogo de cintura ("ser flexível para escapar a situações delicadas ou contornar conjunturas difíceis"); ter o corpo fechado ("ser imune a malefícios, graças a benzeduras e orações").

A função verbal destas expressões comprova-se à medida que admitem modificação pessoal, temporal e modal, e que as de caráter transitivo podem fazer com que a ação expressada por elas recaia sobre um objeto exterior, como se fosse um complemento direto, como podemos atestar neste exemplo com a expressão esquentar a

[25] "...tomadas esas expresiones em bloque e interpretadas como elemento oracional, sus funciones sintácticas no siempre coinciden com las del verbo contenido em la locución".

cabeça ("preocupar-se demasiado"): "Após meu último casamento, percebi que o bom é não esquentar a cabeça (risos)! Ficar junto só se for você na sua casa e eu na minha. (In atriz Elizângela do Amaral Vergueiro, entrevista a Etienne Jacintho, **O Estado de São Paulo**, 01/11/2008).

Segundo Zuluaga (1980), as locuções verbais apresentam, entre seus componentes, um que funciona como portador das determinações de tempo, de pessoa, de número e de modo e que pode, portanto, variar ao ser utilizado no discurso. O referido componente pode ser reconhecido, ainda fora da locução como um lexema verbal do sistema léxico de uma língua dada.

As mais recentes pesquisas psicolinguísticas sobre compreensão idiomática, especialmente para testar quais as que apresentam maior grau de dificuldade de compreensão, têm utilizado, entre as unidades fraseológicas, as locuções verbais, as colocações e os refrães, sendo as locuções entre as unidades fraseológicas as que recebem maior atenção por parte dos psicolinguistas por apresentarem potencialmente um grau de dificuldade maior do que as demais unidades fraseológicas[26], não por sua estrutura, senão por fatores como a familiaridade, analisabilidade sintática, maior grau de opacidade ou evidente transparência, conforme os estudos de Levorato (1993. p. 101-128; Cacciari (1993. P. 27-55); Crespo e Caceres (2006, P. 77-90); Crespo Allende, Alfaro Faccio e Pérez Herrera (2008, p.95-111).

Entre as unidades fraseológicas, as locuções verbais[27]são aquelas em que os autores reconhecem maiores evidências de distinção entre as que são transparentes e as que são opacas, as que podem ser interpretadas literalmente e as que tendem a ser interpretadas idiomaticamente, possibilitando achados empíricos que levam a observar o desempenho de falantes não nativos do PB frente a locuções verbais, opacas e transparentes, próprias da variante de dada língua.

As muitas e díspares propriedades das expressões idiomáticas são fruto com certeza mais de discrepâncias ou divergências nas

[26] É possível que para falantes não nativos do Português Brasileiro, locuções nominais como a três por dois ("com frequência, com regularidade"; com efeito ("de fato; efetivamente") podem não ser de fácil compreensão.

[27] Neste trabalho, utilizamos de forma indistinta os termos locução verbal e expressão idiomática assim como procede Sevilla Muñoz e Arroyo Ortega (1993); Molina García (2006) e Dovrtělová (2008).

classificações das unidades fraseológicas e da própria definição do que se entende por Fraseologia do que por fatores estruturais ou semânticos das combinações estáveis ou fixas da língua, sejam idiomáticas ou não.

Costumeiramente, linguistas como Corpas Pastor (1996, p. 19-32); Castillo Carballo (1997, p.70-75); Penadés Martínez (1999, p.14-19); Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002, p.21-56); Martínez Montoro (2002, p.13-89); Montoro Del Arco (2006, (p.35-70); García-Page Sánchez (2008, p.23-34); Timofeeva (2008, p.153-333) e Ruiz Gurillo (2010, p.174-194) apontam as seguintes propriedades das unidades fraseológicas: afetividade, anomalia, convencionalidade, cristalização, estabilidade, estrutura não oracional, expressividade, figuração, figuras de repetição, fixação, frequência, gradualidade, idiomaticidade, inflexibilidade, institucionalização, lexicalização, não composicionalidade, nominação, pluriverbalidade, polilexicalidade, variabilidade, entre outras[28].

A polilexicalidade é conditio sine qua non para a definição das expressões idiomáticas. A rigor, não há ou, pelo menos, não deve ser considerada expressão idiomática segmento, ordenado no eixo sintagmático, que não seja uma combinação de, pelo menos, dois constituintes. No caso das expressões idiomáticas, representadas pelas locuções verbais, a polilexicalidade é uma condição inerente ao próprio conceito locucional como um conjunto de palavras que equivalem a um só vocábulo, por terem sentido, combinação própria ou peculiar e função gramatical única.

Ao tratar dos traços básicos das unidades fraseológicas, acertadamente Montoro del Arco (2006) diz que não há um consenso sobre quais são os limites do componente fraseológico e sobre que unidades devem ser consideradas fraseológicas. Talvez, segundo o linguista, o único traço ou propriedade fraseológica consensual seja a polilexicalidade.

Para Gross (1996), a polilexicalidade é a primeira condição necessária para que se possa falar acerca da fixação (cristalização) das expressões idiomáticas e que as palavras, constituintes da expressão idiomática, tenham uma existência autônoma fora da construção ou

[28] Muitos autores citam ainda a informalidade como propriedade das expressões idiomáticas, mas consideramos um equívoco uma vez que como todas as palavras, existem as que são formais e as que são informais.

combinação fraseológica; por essa razão, segundo Gross, são excluídas construções formadas com afixo (sufixo, prefixo), que se enquadram no chamado processo de derivação (p. 9-10).

Montoro del Arco (2009), na tradição europeia, particulamente a hispânica, um segmento é considerado fraseológico quando é formado por dois ou vários componentes que aparecem separados na escrita. Graças a esta noção ortográfica, semântica e morfológica, pode-se também utilizar, de forma mais geral, em vez de unidade fraseológica, a expressão "unidade polilexical" quando se quer se referir à unidade lexicalizada, o que pode criar uma separação ou distinção terminológica das "unidades univerbais" (ou unidades léxicas) que são objeto de lexicologia.

Cumpre-nos destacar, porém, que a polilexicalidade não é apenas uma traço meramente formal das expressões idiomáticas, senão também de tipo psicológico significativo no sintagma fraseológico, pois influi na interpretação da expressão idiomática (MONTORO DEL ARCO, 2006, p. 37). Isso, certamente, ocorre porque estão ligados a campos conceituais diversos, como podemos comprovar no dicionário de Penadés Martínez (2002), ao registrar as expressões idiomáticas relacionadas a ações, estados e processos próprios das pessoas como seres vivos, a atividades profissionais, a ações e processos referentes ao sexo, entre outros.

Concordamos com a opinião de Montoro Del Arco (2006, p. 38) quando diz que, no campo da Fraseologia, referindo-se à polilexicalidade, "deve ser apontada desde o começo e com suficiente clareza em toda caracterização geral das unidades que se incluem no componente fraseológico da língua Espanhola"[29].

No âmbito dos estudos de Linguística Cognitiva, há uma compreensão de que, graças à propriedade de polilexicalidade, há uma intensa produtividade de expressões fixas nas línguas modernas, fórmulas binárias que estabelecem o princípio da ordem linear da maioria das locuções (DELBEQUE, 2008, p.26).

Não nos parece razoável a posição de Delbeque (2008). Do ponto de vista linguístico e pela própria definição de fraseológica, uma

[29] No original: "...debe señalarse desde el principio y con la suficiente claridad en toda carcterización general de las unidades que se engloban en el componente fraseológico de la lengua española".

expressão idiomática não pode ser produtiva. Afinal, não podemos utilizar parte de seus componentes ou de seus morfemas na composição de novas expressões da mesma forma que acontece com os sufixos e prefixos nas lexias simples ou palavras unitárias.

Para ilustrar a noção de binarismo linguístico proposto por Delbeque, tomemos, em língua Portuguesa, dois exemplos de unidades fraseológicas, tendo como lexema de base a palavra água: a) água benta ("água usada para fins sacramentais e piedosos"), como na frase "Você já experimentou o maravilhoso poder da *água benta*?"; b) água na boca ("forte vontade de comer, grande apetência; grande desejo"), como na frase "João ficou com água na boca ao ver a sobremesa"; e (c) ter bebido água de chocalho ("falar demais"), como na frase de alta frequência no Ceará como em "Dizem por aí que João andou *bebendo água de chocalho* e falando o que não pode provar".

Na frase (a), a locução nominal destacada é formada de duas palavras "água" e "benta". No exemplo (b), a locução nominal é formada por três constituintes "água", "na" e "boca" e no exemplo (c) estamos diante de uma locução verbal de natureza idiomática formada por cinco elementos constituintes "ter", "bebido", "água", "de" e "chocalho".

Os exemplos acima nos levam a caracterizar a expressão idiomática como uma combinação de duas ou mais palavras. Assim caracterizada, a expressão idiomática não se confunde com unidade léxica simples como nas fórmulas pragmáticas ou de rotina como as interjeições "saúde" ("voto que se faz a alguém que espirra"), "adeus" ("fórmula de despedida, geralmente quando se espera separação longa ou definitiva), "obrigado" (fórmula utilizada para quem se sente devedor de um favor, de uma amabilidade")

Adverte, porém, García-Page (2008, p.24) o seguinte: "O caráter pluriverbal de unidades fraseológicas é uma condição necessária, mas não exclusiva, embora suficientemente restritiva, para deixar de fora do campo de estudo da Fraseologia um grande conjunto de estruturas"[30]. Como as demais unidades fraseológicas, a expressão idiomática é fundamentalmente polilexical.

[30] No original: "el carácter pluriverbal de las unidades fraseológicas es una condición necesaria pero no privativa, aunque sí suficientemente restrictiva como para dejar fuera de campo de estudio la Fraseología un nutrido conjunto de estructuras"

Em substância, diríamos que, por resultar de um fenômeno de cristalização cujo grau pode variar conforme as unidades, a polilexicalidade faz-se acompanhar de um certo número de propriedades sintáticas e semânticas e sua definição é bastante contígua de uma outra propriedade das expressões idiomáticas, a estabilidade ou fixação, que veremos em subseção mais adiante. Trataremos a seguir da frequência fraseológica.

Depois da polilexicalidade, a frequência de uso (e de coaparição) é a propriedade mais sobressalente das expressões idiomáticas. Sem a frequência, não podemos falar em convencionalidade (ou fixação fraseológica) ou dizermos, por exemplo, que uma expressão idiomática é, antes de tudo, uma expressão fixa e, portanto, armazenada na memória dos falantes nativos.

A retórica clássica recorreu à noção de frequência para designar numerosas figuras de linguagem relacionadas à repetição como a anáfora, a anadiplose, a aliteração, a assonância, a diácope, a epístrofe, a paranomásia e a epanalepse.

A noção antiga de frequência alcançou, também, as teorias fraseológicas. Linguistas como Corpas Pastor (1997), Xatara (1998), Sanromán (2001) e García-Page Sánchez (2008) têm proposto a frequência de uso como uma característica definitória das expressões idiomáticas.

Entre as seis características das unidades fraseológicas, assinaladas por Corpas Pastor (1997), está a frequência. É um traço destacado das expressões idiomáticas ao considerá-las como unidades léxicas polilexicais que "se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de coaparição de seus elementos integrantes" (p.20). No conjunto de expressões idiomáticas de dada língua, evidentemente nem todas têm alta frequência de uso, isto é, não podemos generalizar esta característica linguística das expressões idiomáticas.

Segundo Corpas Pastor (1997), a frequência, como característica linguística das expressões idiomáticas, poderá apresentar duas vertentes, conforme já pudemos observar na definição anterior: (a) frequência de uso da expressão idiomática como tal e (b) frequência de coaparição de seus elementos constituintes. No caso (b), os elementos constituintes não aparecem sozinhos sob pena de descaracterizar a expressão idiomática.

Cremos que a frequência de uso atua como um elemento fixador da expressão idiomática. Graças à frequência de uso, as expressões idiomáticas potencializam as funções apelativas da linguagem oral/escrita, que se caracterizam pela interpelação direta do interlocutor, e diríamos, também, incrementam as mesmas funções da linguagem não verbal, uma vez que estão presentes, por exemplo, em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), conforme nos descreve Lemos (2012). De igual modo, as funções expressivas, as que se referem às atitudes dos locutores ou emissores com relação ao conteúdo e ao contexto da mensagem, são beneficiadas pela frequência de uso das unidades fraseológicas. Em outras palavras, diríamos que a causa (frequência de uso) gruda com a consequência (fixação fraseológica).

Para García-Page Sánchez (2008, p. 32) cabe falar em frequência de uso, no âmbito do estudo das locuções ou expressões idiomáticas, se concebemos as referidas combinações fixas como "fios de tecido textual das mensagens" e que sua presença na comunicação, oral e escrita, é constante. A frequência de uso nas expressões idiomáticas, potencial e estruturalmente ambíguas, evidencia o sentido idiomático ou holístico, prevalecendo, habitualmente, sobre o sentido literal originário, desde que exista um contexto determinante.

García-Page Sánchez (2008) considera um extremo de infrequência o fato de uma combinação que, em princípio, admite duas leituras, uma literal como forma livre e outra idiomática como expressão fixa, seja empregada com o sentido literal, isto é, como produto da "técnica do discurso", para tomarmos uma expressão de Coseriu (1981, p.113-118).

Em outras palavras, o que García-Page Sánchez (2008) considera infrequente ou inusual é a possibilidade de uma expressão como, em Língua Portuguesa, "ficar a ver navios" com sentido idiomático de "sofrer decepção", possa ser interpretada por um falante nativo como "ficar + a + ver + navios", com o sentido literal de "continuar a enxergar as embarcações". A posição de García-Page Sánhez (2008) indica que a compreensão de uma sequência é preferencialmente idiomática.

Quanto à frequência de aparição, Corpas Pastor (1996) afirma ocorrer quando as expressões idiomáticas apresentam elementos constituintes que aparecem combinados com uma frequência de aparecimento do conjunto ou bloco superior ao que se espera da frequência de aparecimento individual de cada palavra na língua.

A frequência de coaparição tem uma consequência imediata, desde o momento em que uma combinação de palavras, constituída livremente a partir das regras do sistema linguístico, emprega-se em alguma ocasião particular, ou seja, está disponível para ser usada no discurso pelo mesmo falante ou outro como uma combinação já feita.

Segundo Corpas Pastor (1997, p.21), quanto mais frequente o uso da combinação, mas chances terá para consolidar-se como expressão fixa que os falantes nativos armazenam na memória de longo prazo.

Somos da mesma opinião de García-Page Sánchez (2008) de que não faz sentido falar de frequência de coaparição das palavras que formam a expressão, salvo, claro, as variantes fraseológicas já codificadas, que funcionam numa relação paradigmática, posto que as expressões idiomáticas trazem a presença insubstituível dos componentes.

Para ilustrarmos com um exemplo, em Língua Portuguesa, a expressão abaixar/apagar/assentar/sossegar o facho pode vir com diversos verbos, mas o mais frequente nos meios de comunicação é que apareça com o verbo baixar como em "O Peru conseguiu baixar o facho do Sendeiro Luminoso."(In Coluna FREI HERMÍNIO BEZERRA, Caderno 3, DN, 07/01/2008), com o sentido de "moderar-se; conter-se".

A frequência de coaparição é um traço que caracteriza, sobretudo, as colocações ou as construções em trânsito de fixação ou que estão em processo de lexicalização. A frequência de coaparição é um fato sintagmático, marcado pelas relações entre unidades que se sucedem na cadeia falada, derivado primária e fundamentalmente de seu vínculo semântico, isto é, do fato paradigmático, marcado pelas relações virtuais entre unidades suscetíveis de comutarem entre si o que, ao certo, contribui para a fixação completa e definitiva da expressão idiomática.

Nessa mesma linha de reflexão, Xatara (1998, p.148) acredita que a profusão das expressões idiomáticas decorreria de duas razões principais: (a) o poder de seus efeitos criativos e (b) a revelação do mundo simbólico ou metafórico.

A frequência de uso, segundo a linguista Xatara (1998), seria responsável por dar caráter previsível e automatismo às expressões idiomáticas ou, mais precisamente, pela convencionalidade, tornando-as frequentes no discurso, mas, ao serem apresentadas aos usuários da língua, surpreendentemente, revelam-se com um poder metafórico

ou idiomático de seus efeitos sobre os usuários, "através do jogo entre suas relações, sobretudo metafóricas e metonímicas, e do recurso ao seu sentido literal." Num olhar mais crítico sobre o pensamento de Xatara (1998), diríamos que não há metáfora nem metonímia do ponto de vista sincrônico, pelo simples fato de que não há processamento da expressão idiomática.

Quanto à revelação do mundo simbólico, Xatara (1998) afirma que, graças a "uma espessura simbólica", peculiares às expressões idiomáticas, e por estarem retidas na memória dos falantes, são criadas condições para que, durante o processamento fraseológico, sejam acionadas "transferências semânticas regulares, do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções".

A frequência de uso de expressões como bater as asas, bater em retirada, botar o pé no mundo, cair fora, dar com o pé no mundo, levantar voo, meter o arco, meter o pé no mundo, entre outras expressões, em lugar do léxico simples "fugir", na verdade, dá uma maior força perlocucionária ao enunciado e traduz para o leitor ou ouvinte maior força de expressão ou estilo [31].

Emparelhada com a polilexicalidade, apontamos, entre propriedades essenciais das expressões idiomáticas, a fixação ou a estabilidade.

Zuluaga (1975, p. 230) entende por fixação ou estabilidade formal a propriedade que tem certas expressões de serem reproduzidas no falar como combinações previamente feitas. Esta definição foi posteriormente acolhida por Corpas Pastor (1996, p.23).

Uma explicação das teorias fraseológicas sobre o surgimento desta propriedade fraseológica é a de que a fixação resultaria de um processo histórico-diacrônico e da conversão paulatina de uma construção livre e variável em uma construção fixa, invariável, sólida, graças à insistente repetição; portanto, como consequência de sua frequência.

Nesse processo de evolução, uma forma analítica livre chegaria a adquirir, em um ponto da história, um sentido idiomático (ou

[31] A rigor, não poderíamos dizer que a frequência de uso é uma propriedade exclusiva das expressões idiomáticas. Acontece com a escolha de qualquer palavra da Língua Portuguesa como, por exemplo, com o verbo sair ou retirar-se com seu correlato vazar.

metafórico[32]) ou específico[33] em até conceber-se como um todo, isto é, uma fórmula memorizável, disponível para emprego por parte do falante, no processo discursivo, ao expressar um conteúdo que já estaria condensado nela (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.25).

Este processo de conversão de uma unidade sintática em expressão idiomática poderia chamar-se de fraseologização, embora, para García-Page Sánchez (p.25), o fato de unidades fraseológicas terem muitas palavras é uma condição absolutamente necessária, mas não exclusiva, e suficientemente restritiva, o que significa dizer que este fato linguístico pode representar um fenômeno mais amplo se inclui a fixação da forma e a fixação semântica como operações simultâneas, uma vez que fixa, também, o sentido fraseológico.

Quando o sentido de uma expressão idiomática se estabiliza, a forma livre originária, estruturalmente idêntica, portanto, correspondente a literal (ou a "técnica do discurso" para tomarmos a expressão coseriana), seguirá outros caminhos semânticos ou ocorrências semânticas, disponível para emprego discursivo, e, exposta, como qualquer outro signo da língua, a preencher-se de novos matizes semânticos; daí as expressões idiomáticas experimentarem mudanças no sentido ou se tornarem arcaísmos.

Com relação, especificamente, às expressões idiomáticas, a fixação é uma propriedade marcante das mesmas em que pesem sofrerem muito com a variação fraseológica. Línguas neolatinas como o português e o Espanhol registram muitas variantes fraseológicas no seu léxico. Vamos, então, aprofundar um pouco, com alguns exemplos em língua Portuguesa, esta questão da variação nas expressões fixas nos parágrafos a seguir.

Segundo García-Page Sanchez (2008, p.213-315), os estudos filológicos têm mostrado que a tradição oral tem favorecido, ao longo dos anos ou séculos, a criação de variantes, em decorrência de causas diversas, do tipo: (1) maior expressividade; (2) etimologia popular; (3)

---

[32] Não poderíamos generalizar esta carga metaforicidade para todas as unidades fraseológicas. Na expressão de vez em quando com sentido de "ocasionalmente, uma vez ou outra", não há metáfora.

[33] Por exemplo, em ser cheio de nove horas com sentido de "rabugento, impertinente" como na frase "O senador fluminense Lindbergh Farias ficou cheio de nove horas para dizer que aquele escritório era até então uma caixa-preta" (DN, em Caderno 3, Coluna É..., 08/07/2013)

regionalismos; (4) marcas sociolinguísticas (as de variação diastrática, em particular); (5) existência de modelos produtivos de uso pelos falantes[34]; (6) ênfase; (7) reforço do aprendizado; (8) ajuda à memorização; (9) economia linguística; (10) modernização e, por último, (11) maior ou menor extensão da locução.

Destas causas arroladas acima, não concordamos com a (5) por entendermos que, por definição, uma expressão idiomática não pode ser produtiva a menos que o autor considere a flexão ou a variação como processos criativos da língua, o que seria um contrassenso linguístico.

De outra maneira, diríamos que a fixação tem um caráter gradual, portanto, de escalaridade, que se manifesta de diversos graus de uso da língua. São muitas as expressões idiomáticas passíveis de variações formais de uma ou outra natureza (fônica, gráfica, léxica, gramatical, morfológica).

Na Língua Portuguesa, podemos dar exemplos de variantes fraseológicas de várias expressões idiomáticas, como: "chutar o balde/ o pau da barraca"; "escapar/sair pela tangente"; "estar/ficar entregue às baratas"; "passar atestado de burro /estúpido/imbecil"; "estar/ou andar com a pedra no sapato"; "estar/cair/ ficar de cama"; "estar/ ficar com água na boca"; "estar/ ficar de saco cheio"; "estar /ficar no mato sem cachorros"; e "esticar a canela/ as botas". Esta riqueza de variação fraseológica é entendida por nós como diferenças de realização linguística (falada ou escrita) de uma expressão fixa, observadas entre os falantes de uma mesma língua e não como produtividade fraseológica.

Para ficarmos em exemplo, vejamos o que nos diz Houaiss e Villar (2009) sobre a expressão "chutar o balde": mesmo que "Chutar o pau da barraca**"**. Portanto, as duas formas ou variantes de uma mesma expressão fixa compartilham os mesmos sentidos como "deixar de medir as consequências de qualquer ato; engrossar, entornar o caldo" e "abandonar, desistir de um projeto".

---

[34] O caráter "produtivo" das expressões é muito questionado. Ao longo deste livro, temos colocado que uma expressão não pode ser produtiva. É uma contradição em termos. Se o que caracteriza a expressão é justamente a cristalização e a fixação, com o passar dos anos, ela não pode ser produtiva. Assim, ninguém pode fazer uma expressão nova porque, por definição, a sequência tem de ser repetida durante muito tempo, até ser conhecida e compartilhada por todos os outros falantes da língua.

No inventário de variantes fraseológicas, como apresentamos na lista acima, as que permanecem no uso da língua, sem se tornarem anacrônicas ou obsoletas, são as que são, geralmente, codificadas e consagradas pela comunidade e previstas pelo sistema (da língua), daí reconhecermos que a convencionalidade e a frequência são também dois traços definitórios das expressões idiomáticas.

Para ilustrarmos com mais exemplos em Língua Portuguesa, lembramos que no caso do sentido idiomático de "fugir" ou "retirar-se em debandada", o Aurélio (2009) registra sobejamente, entre outras, as seguintes locuções verbais: abrir no mundo; abrir no pé; abrir nos paus; abrir o arco; bater em retirada; botar o pé no mundo; enfiar a cara no mundo; ensebar as canelas;entupir no oco do mundo; fazer chão; fazer a pista; ganhar o mato; ganhar o mundo; bater em retirada; sair de fininho; e elevantar voo.

Por outro lado, são abundantes as expressões idiomáticas que admitem modificações de seus elementos constituintes através da "técnica do discurso", própria das combinações livres. Quando expressões idiomáticas se comportam como se fossem combinações livres, portanto, de sintaxe plena, o que ocorre, geralmente, é a inclusão na combinatória de incrementos léxicos com valor intensificador[35], mas que não interferem no conceito de fixação das expressões idiomáticas, particularmente no caso das locuções verbais, como, as seguintes: abrir o (maior) bocão, armar (o maior) banzé, armar o (maior) barraco, ser bom (ou muito) estômago, ser bastante (ou muito) mulher e ter bom (ou muito) estômago.

A variação, como contrapartida e, aparentemente contraexemplo da fixação, tem sido proposta, juntamente com a fixação, como propriedade das expressões idiomáticas; inclusive, como um traço universal fraseológico (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.213-220). Existiriam, assim, fatores para transgressão da fixação ou variação fraseológica: (1) a própria natureza fixa da locução; (2) o caráter travado e coeso de sua composição léxica, sintática, e inclusive, fônica (relativo ao contínuo sonoro que constitui a cadeia falada); e (3) seu valor de unidade memorizável.

[35] Muitos somatismos, como em tirar mais água do joelho, que traz o intensificador "mais" e “ter a língua maior que o corpo” ou “ter o o olho maior que a barriga” em que temos “maior” nas combinatórias fixas.

Em nosso estudo, acolhemos esta visão acima por considerarmos que os falantes de dada língua, especialmente os de L2, como, por exemplo, lusófonos na variante africana, tendem naturalmente a apresentar formas linguísticas diferenciadas da nossa vertente brasileira ou europeia por determinantes sociolinguísticos ou, mais precisamente, por fatores diatópicos.

A estabilidade da combinatória de uma expressão idiomática, ao longo de um tempo, resultaria, pois, da consagração pelo uso na comunidade linguística, ainda assim e, paradoxalmente, tal fixação não se imporia como homogênea para todos os falantes de dada língua nem mesmo os dicionários gerais ou especializados registram as expressões idiomáticas ou as abonam de igual modo. Apenas para exemplificar, tomemos, por exemplo, as expressões idiomáticas para o sentido de "morrer" contendo o lexema paletó: fechar o paletó, fechar o paletó de alguém, vestir o paletó de madeira, abotoar o paletó e vestir paletó de pinho.

Esta particularidade da propriedade fixação, segundo Corpas Pastor (1996, p.23), pode ser manifesta nos seus dois tipos: (a) fixação interna e (b) a fixação externa. Por fixação interna, entendemos a fixação material, marcada pela impossibilidade de reordenamento dos componentes, realização fonética fixa, restrição na escolha dos componentes e fixação de conteúdo (ou peculiaridade semântica).

A fixação externa, por sua vez, pode ser sudividida em outros quatro subtipos, conforme descrevemos abaixo:

(1) **fixação situacional** [36]: refere-se a que se dá como combinação de certas unidades linguísticaa, em situações sociais determinadas, como ocorre nas expressões como com licença da (má) palavra ("se me permite usar uma palavra feia, desculpe-me a palavra insultuosa"), pedir a mão de, ("fazer proposta de casamento ") e pedir a palavra ("pedir licença para falar").

*(2)***fixação analítica**: entende-se aquela que se dá como consequência do uso de determinadas unidades linguísticas, para análise já estabelecida do mundo, frente a outras unidades igualmente possíveis teoricamente, como, em Língua Portuguesa temos querer viver apenas à sombra e água fresca, não dizer desta água não beberei e não se julgar livre de fazer o que condena nos outros).

[36] Este traço não poderíamos dizer, a rigor, ser exclusivo das unidades fraseológicas. Qualquer palavra de dada língua tem sua fixação situacional.

*(3)***fixação passemática**[37]: aquela fixação originada no emprego de unidades linguísticas segundo o papel do falante no ato comunicativo, como nas locuções: custar os olhos da cara ("ser muito caro") e dormir como uma pedra ("dormir profundamente").

*(4)***Fixação posicional**: entendida como a preferência pelo uso de certas unidades linguísticas de determinadas posições na forma de textos, como ocorre nas fórmulas de saudação, encabeçamentos e despedidas de cartas, por exemplo: Sou, com todo o respeito ("fórmula de delicadeza que usa o missivista no fecho das cartas, para exprimir o respeito e o apreço pela pessoa a quem se dirige").

A noção de institucionalização, segundo Garcia Page (2008), é um dos traços acidentais das expressões idiomáticas que também pode ser emparelhado com o conceito de fixação. Define institucionalização como "o processo pela qual uma comunidade linguística, adota uma expressão fixa, a sanciona como algo próprio, como moeda de troca na comunicação cotidiana, como componente do seu acervo linguístico-cultural, de seu código idiomático, como qualquer outro signo convencional e passa a formar parte do vocabulário" [38] (p.29).

Vale ressaltar que a noção de institucionalização, na perspectiva de nosso trabalho, como já dissemos antes, é uma propriedade acidental ou ocasional, que não pode ser confundida com a noção de convencionalidade, uma propriedade essencial das expressões idiomáticas, segundo a perspectiva cognitivista (FILLMORE, KAY e O'CONNOR, 1988; NUNBERG, WASOW e SAG, 1994; CROFT e CRUSE, 2004, p.298; TAGNIN, 2005). Mais adiante, daremos uma atenção especial à propriedade da convencionalidade.

No caso da institucionalização, a expressão idiomática converte-se em produto cultural, como um referente idiossincrásico e de uso por uma comunidade linguística, embora possa ultraspassar as fronteiras e

---

[37] Este termo nos lembra muito a noção de ato perlocutório (os efeitos do ato do falante nos interlocutores e audiência), isto é, o efeito que um ato ilocutório (força que o enunciado produz que pode ser de pergunta, de afirmação ou de promessa) no *alocutário* (pessoa a quem o locutor dirige um ato de fala numa situação de comunicação oral).

[38] No original: " el proceso por el cual una comunidad linguística adopta una expresión fija, la sanciona como algo propio, como moneda de cambio en la comunicación cotidiana, como componente de su acervo linguístico-cultural, de su código idiomático, como cualquier otro signo convencional, y pasa a parte del vocabulario".

alcançar o campo internacional, isto é, passar a fazer parte do universo fraseológico compartilhado por comunidades de falas distintas.

Há expressões que surgem com força e pujança ou se põem de moda por certo tempo, mas a comunidade linguística deixa de usar de uma hora para outra e a esquece, e assim deixa de fazer parte do vocabulário ativo da comunidade de falantes, embora, por vezes, continue registrada nos dicionários gerais da língua.

Na institucionalização de uma estrutura, normalmente, a ação fixadora do uso repetido é precisa. Ainda segundo García-Page Sánchez (2008), a repetição continuada de uma expressão conduz a sua cristalização, a sua petrificação, à condição de unidade disponível para seu armazenamento, memorização e a sua transmissão entre os falantes.

No campo fraseológico, o traço de fixidez da instituição nos leva a outra noção, a de reprodutividade, que, certamente, é a mesma que percebeu Eugenio Coseriu quando fez referência a "discurso repetido" (2007, p.201).

Por conta da repetição ou reprodução, ocorreria a institucionalização, e esta também levaria, no uso da língua, à repetição da expressão, evidenciando seus valores intrínsecos como fórmula ou discurso repetido, conhecimento ou experiência compartilhada entre os falantes, sua natureza estruturalmente sintética e sua marca de identidade cultural da comunidade linguística.

Outra noção fraseológica, considerada por nós como acidental e que está muito ligada à noção de fixação fraseológica, é a de anomalia. Entendida, em nosso estudonosso estudo, como expressões palavras que fogem à regra e não seguem um paradigma flexional, e sendo formas anômalas devem ser, portanto, memorizadas pelos falantes de uma língua dada.

Tem-se apontado as construções estruturalmente anômalas do tipo léxicas, sintáticas ou semânticas como índices ou indicadores fraseológicos, isto é, marcas de identificação das expressões idiomáticas e uma prova da fixação das unidades fraseológicas (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.33-34; RUIZ GURILLO, 2001, p.18).

No caso da Língua Portuguesa, enquanto para o sintaxista uma expressão idiomática como aí é que a porca torce o rabo ("este é que é o ponto difícil da questão"), a presença do adverbio "aí" é considerada uma anomalia, para o fraseólogo é um traço próprio de

certas unidades/expressões/ fraseológicas[39]. Em outras palavras, no campo fraseológico, a anomalia tem seu valor diacrítico.

A Língua Portuguesa, em se tratando de casos de anomalias fraseológicas, é bastante produtiva. Por exemplo, há casos de anomalias em expressões idiomáticas (a maioria anacrônica) com a presença de nomes próprios ou antropônimos como, em: Messias, em esperar pelo Messias ("esperar por coisa pouco provável ou quase impossível"; Luzia, em ganhar o que Luzia ganhou na horta (" ser passado para trás") ou João em dar uma de joão-sem-braço ("disfarçar-se"). Estes antropônimos caracterizam a expressão, de modo a nos falar de uma "fossilização de estados sincrônicos anteriores", isto é, constitui um resíduo histórico de sua consolidação.

As diversas anomalias presentes nas expressões idiomáticas tendem a torná-las expressões ambíguas, isto é, potencialmente composicionais (transparentes ou literais) e não composicionais (opacas e idiomáticas ou não literais) e, por essa razão, o contexto desempenha um papel importante na identificação das expressões idiomáticas quando trazem as marcas de anomalias fraseológicas, como nos exemplos mostrados acima.

No âmbito da Fraseologia, existem mais exemplos de anomalias com palavras idiomáticas (ou diacríticas), arcaísmos ou a marca do arredondamento dos lábios. Por exemplo, nas expressões idiomáticas botar as manguinhas de fora ou pôr as manguinhas de fora ("agir revelando qualidades ou denunciando intenções que, em geral, anteriormente se ocultavam"), embora possa ser alternado o verbo botar para pôr, a palavra idiomática "manguinhas", na sua forma fossilizada no plural, está presente nas duas construções sinônimas. "Manguinhas" tem a função de ser uma palavra diacrítica. É, na expressão idiomática "botar as manguinhas de fora", o que Gonzalez Rey (2005, p.315) chama de fenômeno de hápax [40] fraseológico.

Da mesma forma, temos um caso de arcaísmo quando o falante atual do Português Brasileiro, diante de uma expressão idiomática

[39] Uma outra interpretação para este fenômeno seria a de considerar que um sintatiscista poderia ver no advérbio aí um adjunto temporal perfeitamente justificável na língua, tanto do ponto de vista formal (com relação à posição na sentença) quanto semântico.

[40]Em lexicografia, palavra ou expressão de que só existe uma única abonação nos registros da língua. Esta palavra vem do grego hápaks 'uma vez', isto é, hápaks legómenon 'o que é dito uma única vez'.

como bater a caçoleta ("morrer") não reconhece, composicionamente o sentido de caçoleta ("fuzil de espingarda ou arma de fogo semelhante, que dispara com faíscas de pederneira, sobre a qual bate a pedra adaptada ao cão, para comunicar fogo à escorva") julgará, então, por força de sua intuição Linguística, que se trata de uma expressão antiga ou desusada; na verdade, está diante, realmente, de uma construção idiomática que caiu em desuso quer na fala quer na escrita padrão, embora possa continuar a existir como forma dialetal, ou em usos literários e com registros nos dicionários gerais[41].

Um bom exemplo de arredondamento dos lábios (ou labialização), podemos observar quando a presença do artigo, enquanto categoria gramatical, implica em diferença no sentido idiomático da expressão com relação a sintagmas livres, "irmãos gêmeos"[42], como, por exemplo, em chutar **o** balde ou chutar **o** pau da barraca, bater **a** bota ou bater **as** botas.

O que podemos assinalar, nos exemplos chutar **o** balde e chutar **o** pau da barraca, é que o artigo **o** indica, convencionalmente, a presença de uma expressão idiomática frente aos sintagmas livres chutar balde ou chutar pau da barraca que têm o sentido literal de dar chute contra o recipiente. Por outro lado, a presença do artigo definido, nas construções idiomáticas, indica não apenas uma determinação dentre outras da mesma espécie, mas uma articulação secundária que envolve arredondamento dos lábios na hora de ser proferida pelo falante.

A metáfora, a hipérbole e a metonímia dão origem a numerosas expressões idiomáticas "semanticamente anômalas", como comer com os olhos ("olhar com cobiça; admirar, demonstrando forte desejo"); comer como pinto e cagar como pato ou dar o passo maior que a perna ("ganhar pouco e gastar muito"); comer como um lobo ("comer ávida e exageradamente"); afogar-se em pouca água ("complicar-se ou preocupar-se com pequenos problemas ou com as

[41] Reconhecemos que há inúmeras expressões com palavras que não existem independemente e são empregadas. Por exemplo, ao léu ou a esmo (à toa) ou sem eira nem beira ("na miséria"). Assim, o fato de a expressão desparecer porque seus componentes não são usados não nos parece um fato. Na verdade, quando a expressão desaparece o alcance é pleno, isto é, como grupo fraseológico. Afinal, a expressão fixa é uma unidade.

[42] A linguista Gurillo (2001) recorre a esta expressão para se referir ao homófono literal de uma expressão idiomática.

mínimas coisas, sem nenhuma importância"; abrir o coração ("expandir os seus sentimentos; desabafar); e cortar o coração ("ser extremamente doloroso").

Tendo em conta que a oposição entre expressões idiomáticas em L1 e em L2 ou em L3 ocorre com frequência nas línguas modernas, como nos aponta Belinchón (1999, p.359-73), diríamos que a Fraseologia do Português é uma das mais ricas das línguas europeias por estar repleta de expressões que contêm componentes léxicos cujo sentido resulta completamente desconhecido por muitos falantes, especialmente crianças e adolescentes, embora, em geral, saibam o sentido global da expressão quando esta é de uso frequente ou corriqueiro ou, ainda, quando contextualizada na fala cotidiana.

Eis algumas expressões que ilustram melhor nossa assertiva acima: estar com o pé no estribo ("estar de partida"); estar na berlinda ("ser alvo de comentários"); fazer de um argueiro um cavaleiro ("exagerar demais"); fazer figas ("amaldiçoar, esconjurar alguém ou algo"); fazer mea-culpa ("arrepender-se"); fazer ouvidos de mercador ("fingir que não ouve"); fazer pé de alferes a ("namorar, cortejar"); fazer uma fezinha ("arriscar a sorte num jogo de azar"); fazer uma vaquinha ("dividir igualmente entre várias pessoas uma despesa qualquer"), dar em águas de bacalhau ("não se concretizar; frustrar-se") .

Como pudemos facilmente mostrar, componentes léxicos das expressões idiomáticas arroladas acima como estribo, berlinda, argueiro, figas, mea-culpa, mercador, pé de alferes, fezinha, vaquinha, e águas de bacalhau, podem ser altamente infrequentes para nativos ou não nativos do PB.

Assim como a polilexicalidade é uma propriedade emparelhada com a fixação, esta, por seu turno, é ligada à idiomaticidade.

Para a renovação do repertório do léxico de uma língua, é necessário que as expressões não idiomáticas se convertam em idiomáticas, isto é, globalizem-se (polilexicalidade) e estabilizem-se (fixação). A todo momento são criadas novas palavras e expressões idiomáticas. Por essa razão, os dicionários gerais tendem a marcar passo frente à atualização das entradas e subentradas de seus verbetes.

A idiomaticidade para alguns autores é determinada a partir da noção de interlinguística e intralinguística. É idiomática uma expressão que, ao ser traduzida para a língua-alvo, pelo menos, um de seus

elementos recebe um equivalente especial, que aparece somente nessa expressão. Segundo Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002, p. 25), a idiomaticidade entendida como especificidade diz respeito a uma língua que se converte em um argumento favorável à relatividade Linguística [43].

González-Rey (2010, p. 179) defende a ideia que a idiomaticidade (ou opacidade) resultaria de uma percepção relativa dos usuários, que são os que opinam se uma expressão é opaca ou não. A opacidade dependeria do grau de transparência com a que se expressa uma ideia, mas o que verdadeiramente determina a compreensão do sentido idiomático são, segundo ela, os conhecimentos prévios e os procedimentos cognitivos dos usuários. Segundo a linguista, "a opacidade vem de uma falha da mente [dos usuários da língua] ao reconhecer sua incapacidade de desmaranhar sentido" [44] (idem).

Na tradição Linguística, o conceito de idiomaticidade tem, ao menos, duas concepções: por um lado, uma concepção *lato sensu* (sentido amplo) daquilo que, na língua, é próprio, particular, peculiar ao sistema linguístico, daí os termos concorrentes idiotismo ou idiomatismo; e por outro, a concepção stricto sensu (sentido restrito), decorrente da noção fraseológica do princípio da não composicionalidade semântica ou da opacidade semântica (BEVILACQUA, 2004/2005, p.77).

No Brasil, o termo idiomático ou idiomaticidade, durante muito tempo, referiu-se a uma particularidade ou a especificidade cultural "nacional" a que, na década de 40 do século passado, evidenciou-se com a publicação de obras como Tesouro da Fraseologia Brasileira (1966) [45], do filólogo Antenor Nascentes e, quase três décadas depois, com a publicação de Locuções tradicionais no Brasil, de Luís da Câmara Cascudo (2004)[46]. Estes autores recolheram, uma a uma, expressões e ditos populares, geralmente ouvidas por eles de homens simples, familiares, descartando as mais populares em Portugal e tendo a

[43] Este termo nos remete à ideia de que uma determinada língua é o reflexo da civilização e da cultura da comunidade onde ela é falada, isto é a estrutura global de cada língua influi diferencialmente sobre o pensamento do falante, sobre sua concepção da realidade e seu comportamento frente a ela, como apontam Rossi-Landi (1974, p.30-36) e Neveu (2008, p.260).

[44] "La opacidad procede de un fracaso de la mente al reconocer su incapacidad de desetrañar el sentido".

[45] A primeira edição desta obra é datada de 1945.

[46] A primeira edição desta obra é data de 1970.

preocupação de buscar as suas origens ou motivações linguísticas (CASCUDO, 2004, p.24).

A idiomaticidade, portanto, nas duas obras acima, confundia-se como assinalamos anteriormente, com a noção de idiomatismo ou idiotismo[47], isto é, traço ou construção peculiar a uma determinada língua, que não se encontra na maioria dos outros idiomas (na verdade, mais presunção do que fato linguístico), como ocorre, em nossa língua, com o infinitivo pessoal ou flexionado do português, que recebe desinências número-pessoais, como, por exemplo, na frase "Se nós pusermos mãos à obra agora, terminaremos o trabalho a tempo", em que flexionamos o verbo de uma expressão idiomática pôr mãos à obra ("começar a executar alguma coisa").

As expressões idiomáticas, no tesouro fraseológico, podiam ser entendidas como elementos da tradição oral de uma cultura, no caso, a brasileira, ou, em outras palavras, locuções próprias de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa outra língua de estrutura análoga, por ter um sentido não dedutível da simples combinação dos sentidos dos elementos que a constituem.

No Brasil, uma das primeiras gramáticas a tratar dos idiotismos foi a Gramática Expositiva: curso superior, publicada em 1907, pelo mineiro Eduardo Carlos Pereira e que, no ano 1957, já registrava sua 102ª edição, o que vem comprovar sua grande aceitação pelos brasileiros.

Pereira (1957), definia, na época, idiotismo como "termo ou dição de uma língua que não tem correspondente em outra língua, ou, ainda, frases peculiares que se apartam das normas da sintaxe, sendo, porém, consagradas pelo uso de pessoas cultas" (p.258). Consideradas como "verdadeiras belezas da língua", os idiotismos, segundo Pereira ([1907] 1957), podiam ser divididos em duas vertentes: (a) idiotismos léxicos e (b) idiotismos fraseológicos.

Conforme nos descreve Pereira (1957), havia quatro casos de ocorrências de "idiotismos léxicos":

(a) infinitivo pessoal ou flexionado, forma nominal do verbo que, por referir-se a um sujeito, ao contrário do infinitivo impessoal, flexiona-se em número e pessoa como na frase "O juiz faz saber a todos quantos deste edital tomarem conhecimento" e " Já, já ajustaremos contas você e eu".

[47] Houaiss e Villar (1999) datam o termo idiotismo de 1713 enquanto o termo idiomatismo surgiu no século XX.

(b) a mudança do sentido de certas palavras ou expressões pela mudança do gênero, número, e, ainda, da posição de seus componentes no caso das expressões, como em: a cabeça (uma das grandes divisões do corpo humano) e o cabeça (figura preeminente em qualquer associação ou grupo de seres humanos ou de animais; líder), a língua (órgão muscular situado na boca e na faringe) e o língua (intérprete, tradutor), o zelo (grande cuidado e preocupação que se dedica a alguém ou algo) e os zelos (ciúme), a honra (princípio que leva alguém a ter uma conduta virtuosa) e as honras (manifestações que denotam respeito, consideração por alguém que se distinguiu por sua conduta ou título ou cargo honorífico), homem grande (crescido, desenvolvido, taludo) e grande homem (magnânimo, bondoso, generoso), homem simples (modesto, humilde, pobre) e simples homem (o mais baixo de uma escala ou hierarquia[48];

(c) o verbo haver, empregado no singular com ausência de sujeito explícito ou determinado, que expressa situações ou processos que não são atribuíveis a nenhum ser, como, por exemplo, "Há certo tipo de meninos que apreciam fazer cenas", e "Em toda parte há pessoas que não veem um palmo adiante do nariz".

(d) a palavra saudade [49] que não pode, *idiossincraticamente*, ser traduzida em outras línguas, por não ter equivalência, daí a locução genuinamente brasileira "deixar na saudade" com sentido idiomático de "levar vantagem sobre; superar, sobrepujar" e "morrer de saudade" ("Sentir muita saudade").

Os idiotismos léxicos são considerados por Pereira (1957), como "idiotismos convencionais", pois, são observadas construções análogas em outras línguas, especialmente neolatinas como Espanhol e o Italiano[50].

Os idiotismos fraseológicos aparecem em construções do tipo minha nossa, Nossa Senhora, Minha Nossa Senhora, Nossa Mãe, Santo Deus, Virgem Maria, cruz-credo, triste de mim, pobre do homem, que constituem "frases idiomáticas", expressivas e refratárias à análise.

Entre os idiotismos fraseológicos, Pereira (1957), cita o caso dos anacolutos. Mais explorada no campo da estilística ou literário, a

---

[48] Do ponto de vista da Semântica, isso só reflete a polissemia, característica de praticamente todos os itens léxicos.

[49] Interessante observar a etimologia da palavra saudade: vem do latim solitate, 'soledade', 'solidão', pela forma arcaica soydade, suydade, possivelmente com influência da palavra saúde.

[50] Trata-se, na verdade, de uma indicação diacrônica. Em Latim, provavelmente havia expressão idiomática. Poderíamos falar, então, em hipótese filológica de reconstrução.

anacolutia ou "frase quebrada", com acepção fraseológica ocorre em provérbio do tipo "quem ama o feio, bonito lhe parece" ("aquele que gosta muito de alguém ou de algo nunca lhe vê defeito algum").

O termo idiomático também estava presente nas gramáticas normativas para assinalar todos os fenômenos "anômalos" frente às regularidades que eram objeto real da gramática, dentre os quais as expressões idiomáticas, constituíam somente uma parte.

O conceito de idiomático aproxima-se muito, nesse contexto gramatical, da noção de anomalia, isto é, caráter de expressões ou construções não seguirem as regras ou paradigmas de uma língua e terem caráter imprevisível e irregular comparadas às combinações livres. Numa segunda concepção, a perspectiva mais estreita ou restrita do termo idiomaticidade é considerada como categoria pertencente à semântica composicional (ou não composicional) e muito particularmente à forma de significar das unidades fraseológicas.

Uma definição que se ajusta a esta noção de idiomaticidade é a definida por Montoro del Arco (2006) que a delimita como "a propriedade que apresentam certas unidades fraseológicas, para o qual o sentido global da unidade não é dedutível do sentido isolado de cada um dos elementos constitutivos" (2006, p.45) [51].

O fenômeno da idiomaticidade é também chamado de não composicionalidade do sentido, frente à composicionalidade do sentido dos sintagmas próprios da sintaxe livre. É considerada por Montoro del Toro, o mais alto grau de que se conhece como especializçação semântica ou lexicalização em unidades fraseológicas. Por exemplo, na expressão querer tapar o sol com peneira ("tentar negar fatos palpáveis ou incontestáveis") ou tirar o cavalo (ou o cavalinho) da chuva ("desistir de um propósito qualquer, por sua absoluta impossibilidade de sucesso"), por força de sua idiomaticidade, não são transparentes nem se adivinham seu sentido idiomático a partir de seus elementos componentes, principalmente se os usuários não são nativos da língua portuguesa.

Na segunda concepção, idiomaticidade é identificada com o sentido traslatício, produto de processos metafóricos ou metonímicos. Desde esse ponto de vista, unidades como tirar leite de pedra ("conseguir aquilo que todos têm por impossível"), morder a

[51] Original: "la propiedad que presentan ciertas unidades fraseológicas, por la cual el sentido global de dicha unidad no es deducible del sentido aislado de cada uno de los elementos constitutivos".

língua ("deixar de falar algo") ou dar murro em ponta de faca[52] ("pretender o impossível") seriam mais idiomáticas por seu alto grau de opacidade semântica.

Para outros pesquisadores, a idiomaticidade é inversamente proporcional à motivação ou restituição diacrônica[53], isto é, sempre que podemos recuperar a origem de um sentido traslatício ou metafórico a partir do sentido literal, estaremos ante unidades menos idiomáticas que nos casos em que este sentido é totalmente opaco e não há rastro ou pegadas da referida motivação. Estabelece-se que este traço idiomático resultaria de um processo pelo qual o sentido último ou final difere do original ou literal e se concebe em consequência como próprio do conjunto global dos componentes.

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, as pesquisas têm dado atenção não ao resultado final, isto é, o sentido idiomático das expressões, mas ao caráter processual da idiomaticidade e têm assinalado, nos seus achados, que o sentido das UFs é composicional, isto é, consiste na soma dos sentidos parciais dos elementos componentes, visão que contrasta com a de Montoro del Arco (2006), como vimos anteriormente.

Em Língua Portuguesa, expressões idiomáticas do tipo jogar lenha na fogueira ("piorar uma situação que já é caótica") ou meter o pé no mundo ("fugir") aos olhos cognitivistas como Cuenca e Hilferty (1999) são consideradas sintagmas com estrutura interna mais analisáveis, por que estes desempenhariam um papel importante em sua interpretação e que "esta possibilidade de estabelecer uma cadeia de inferências sugere que a interpretação não é arbitrária" (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.117)[54]. Em substância, o que defendem os cognitivistas é que as expressões idiomáticas, em sua maioria, são bastante composicionais, em particular, na recepção, uma vez que é preciso que façam sentido (GRICE, 1982) para os usuários da língua, mas, na produção, precisariam saber da convenção.

Para os linguistas cognitivistas, a fixação dos sintagmas é uma questão de grau e não se pode confundir a sua literalidade com a não

---

[52] Também dita dar murro em faca de ponta, com uso mais regional no Brasil.

[53] Motivação é entendida aqui como a presença de qualquer conexão necessária entre a forma (fixação formal) da expressão e seu sentido idiomático.

[54] No original: "esta posibilidad de estabelecer una cadena de inferencias sugiere que la interpretación no es arbitraria".

composicionalidade semântica. O que afirmam é que o sentido idiomático das expressões leva em conta que os constituintes do sintagma seguem mantendo parte do sentido originário: "podemos compreender a importância das partes constituintes de uma frase idiomática, uma vez que são elas que fornecem as pistas necessárias para desvendar a interpretação global da expressão em questão"[55] (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.118).

Sabemos que este fenômeno ocorre algumas vezes, outras não. Em brigar feito cão e gato, podemos imaginar o sentido originário, mas em expressões como meter o bedelho ("intrometer-se em assunto alheio"), pintar o sete ("realizar obras ou atos próprios do diabo, como travessuras, desatinos, desregramentos"), tirar o cavalinho da chuva ("desistir de ideia, projeto ou pretensão, por não haver hipótese de êxito") e trepar ou pisar nas tamancas (**"**zangar-se"), observamos que não é conservado o sentido originário.

Discordando brevemente com a posição dos cognitivistas; cremos que quando estamos diante de expressões idiomáticas efetivamente opacas, mesmo que haja reconhecimento dos lexemas que formam a expressão, acessar o sentido idiomático não é tarefa que resolve com a linguagem literal.

Para defenderem suas postulações, os linguistas cognitivos dão como exemplos expressões idiomáticas do tipo ficar com as mãos atadas ("ficar impedido de agir ou de reagir"). Segundo eles, são, a rigor, fraseologismos com homônimos livres, isto é, aqueles que estão construídos de acordo com os modelos sintáticos e respondem às regras gramaticais e de combinabilidade de uma língua dada. Sabemos que muitas expressões idiomáticas fogem até mesmo dos paradigmas sintáticos como, por exemplo, aí é que a porca torce o rabo, aí é que vamos ver e aí é que está o busílis; construções consideradas por nós como casos de anomalia fraseológica.

---

[55] No original: "podemos comprender la importancia de las partes constituyentes de na frase idiomática, pusto que son éstas las que proporcionan las pistas necesarias para desentrañar la interpretación global de la expresión en cuestión". Uma posição crítica à autora diríamos que alguns contituintes do sintagma mantêm parte do sentido originário, mas outros não. Em Língua Portuguesa, por exemplo, as expressões sem eira nem beira, misturar alhos com bugalhose tal e qual apóiam-se na rima, isto é, têm apoio fonético recorrente, do segmento final das palavras (eira/beira, alhos/bulgalhos e tal/qual) do que por outros critérios linguísticos.

A propriedade da idiomaticidade ou o critério de não composicionalidade semântica, segundo outros estudiosos cognitivistas, é importante porque ajuda a caracterizar muitas expressões idiomáticas. Por essa razão, as pesquisas nessa área têm investigado a relação entre o literal-parcial e o metafórico-global, e a produtividade criativa dos distintos modelos de expressões idiomáticas. O traço da idiomaticidade tanto englobaria as expressões idiomáticas totalmente opacas como as que não são metafóricas, estejam elas mais ou menos motivadas.

Uma pergunta, então, advém quando tratamos da noção de idiomaticidade expressões idiomáticas: de que forma estamos certos de que uma expressão como misturar alhos com bugalhos é, realmente, opaca? O mais provável é que a opacidade do sentido da expressão decorreria da utilização de palavras que fazem referência frequente a elementos histórico-culturais ou a combinações baseadas no imaginativo (ou então, como podemos supor um caso de rima), intuitivo, expressivo, nas quais as palavras passam a adquirir uma significação simbólica e metafórica. No exemplo misturar alhos com bugalhos, podemos observar que o sentido idiomático da expressão não poderia ser deduzido ou interpretado a partir do sentido de cada um dos elementos léxicos que a compõe, como propõe Mogorrón Huerta (2010, p.240).

Os estudos fraseológicos têm postulado que, a exemplo da fixação, a idomaticidade é um fenômeno gradual. Nesse caso, é um desafio para os estudiosos assinalarem, claramente, os limites e as fronteiras entre o que pode ser efetivamente considerado idiomático ou opaco e o semi-idiomático ou transparente, ou, ainda, semitransparente, uma vez que essa classificação dependeria, em grande parte, não da estrutura dos sintagmas, mas dos conhecimentos linguísticos ou enciclopédicos dos usuários ou falantes da língua (MOGORRÓN HUERTA, 2010, p.243).

Frente a todo esse arrazoado sobre idiomaticidade segundo diversos estudiosos, optamos por adotar, para nosso estudo, o conceito de idiomaticidade de Mogorrón Huerta (2010, p. 240), isto é, o sentido das expressões idiomáticas não pode ser deduzido ou interpretado a partir do sentido de cada um dos elementos léxicos que as compõem.

Até aqui procuramos mostrar que a polilexicalidade, a fixação e a idiomaticidade são propriedades linguísticas (ou endógenas) das expressões idiomáticas e nos parecem explicar relativamente o fenômeno da convencionalidade, uma propriedade efetivamente diferente das demais por ser extralinguística (exógena), isto é, derivada de fatores externos que têm a ver com o falante e a sociedade.

Na antiguidade clássica, em Crátilo (2001) - diálogo escrito aproximadamente no ano 360 a.C - Platão, ao tratar de questões etimológicas e linguísticas, já nos é expressa a ontológica oposição conceitual entre convencionalismo e o naturalismo, onde Hérmogenes, travando diálogo sobre a questão da conformidade da linguagem e do real com Crátilo, sustenta que somente o uso, o costume, portanto, a convenção, atribuem uma denominação às coisas e, por conseguinte, determinam a adequação das palavras à realidade extralinguística.

Em Crátilo (2001), importante assinalar que Hermógenes pede a Sócrates que intervenha na discussão que mantém com Crátilo sobre se o sentido das palavras vem dado de forma natural (naturalismo, conforme postulação de Crátilo) ou se, pelo contrário, é arbitrária e depende do hábito dos falantes (convencionalismo, como propõe Hermógenes)

Da discussão sobre o convencionalismo e o naturalismo, chegamos à modernidade certos de que as palavras e as expressões de uma língua são fixadas pelas convenções e pelos acordos humanos. Nessa perspectiva, qualquer linguagem parte de determinados pressupostos de natureza convencional (WITTGENSTEIN, 2003), o que não significa, todavia, "a perfeita arbitrariedade das convenções linguísticas" (ABBAGNANO, 2007, p.241).

No campo da linguagem, é possível que exista outro tipo de relação de significação, dita natural, como entre fogo e fumaça, que está presente na construção fraseológica onde há fumaça há fogo ("onde há sinais de alguma coisa, fatalmente haverá uma razão para que eles existam").

Como vemos, a questão das convenções linguísticas ou, mais propriamente o convencionalismo, bem antes da Fraseologia, já era, pois, discutida pela Filosofia da Linguagem, Lógica e Semântica.

No início do século XX, a Linguística Moderna, através do seu principal porta-voz Ferdinand de Saussure, defendeu por força dos

postulados do convencionalismo filosófico, a independência do significante em relação ao sentido e o princípio da arbitrariedade do signo linguístico. Por essa razão, podemos dizer que a Linguística, a saussuriana, é essencialmente convencionalista e inspirativamente platonista.

Herdeiros que somos da linguística convencionalista de Saussure, hoje, quando dizemos que o sentido das palavras ou das expressões, particularmente as idiomáticas, é convencional, isso quer dizer que certos sons e expressões significam o que realmente querem dizer convencionalmente e não necessariamente o que dizem as palavras que as compõem ipsis litteris.

Saussure (2012, p.108) afirmava, em seu Curso de Linguística Geral, que "todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio no hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção", citando, por exemplo, as fórmulas de cortesia.

Ao tratar, mais adiante das frases feitas, combinações ou sintagmas mais complexos, Saussure veio a afirmar que "o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas" (2012, p.173)

Em substância, no âmbito dos estudos da Linguística Moderna, o conceito de convenção caracteriza uma relação de significação que resulta de uma regra em uso em uma comunidade. Assim, por exemplo, a relação entre um nome próprio e o indivíduo visado por este designador rígido ou fixo ocorre por força de convenção.

Muitas expressões idiomáticas nos dão a conhecer essa condição de convencionalismo linguístico quando trazem entre seus componentes lexicais nomes próprios como em dar uma de joão-sem-braço (ou de Miguel)" ("Disfarçar-se"), ganhar o que Luzia (ou Maria) ganhou nas capoeiras (ou na horta) ("ser passado para trás"), ser como a mulher de César ("ser mulher de reputação inatacável"), cozinhar em banho-maria ("adiar indefinidamente a solução de um assunto") e estar como Pilatos no credo ("eximir-se de qualquer responsabilidade ou interferência numa questão").

No âmbito das teorias fraseológicas, Nunberg, Sag e Wason (1994) apontaram a convencionalidade como um traço obrigatório das expressões idiomáticas, reafirmando o princípio da não composicionalidade semântica, isto é, o sentido ou ou uso de uma expressão idiomática não resulta previsível com base nos sentidos

parciais dos elementos constituintes que a formam. Além da propriedade da convencionalidade, estes autores também assinalaram outras propriedades típicas das expressões idiomáticas: a ou fixação (ou a invariabilidade), a metaforicidade, proverbalidade, a informalidade[56] e afetividade.

Estas propriedades típicas seriam relativamente acidentais com relação à convencionalidade posto que a memória fraseológica, presente em L1 ou L2, ao ser evocada pelos falantes traz à tona, no discurso, como estão construídas ou fixadas na língua, isto é, na mente do falante e, por conseguinte, constituindo como nos assinala Croft e Cruse (2008, p.298), "uma parte do conhecimento gramatical do mesmo".

Para ilustrarmos estas propriedades típicas, daremos exemplos de cada uma delas observando de que forma se convencionam no âmbito fraseológico.

Um primeiro exemplo de fixação (ou invariabilidade) pode ser dado na expressão fazer das tripas coração, com o sentido de "esforçar-se de modo sobre-humano", que apresenta sintaxe restringida, não podendo ocorrer alteração na sua combinatória, como "fazer coração das tripas", sem que afete seu sentido idiomático.

Outra possibilidade, num caso de modificação de combinatória, ao certo, poderá resultar em forçar o ouvinte ou interlocutor em uma conversa a interpretá-la literalmente para viabilizar uma interpretação possível. Um exemplo de metaforicidade podemos observar na expressão colocar o carro na frente dos bois, com sentido de "andar (algo) ao contrário, às avessas" ou "adiantar-se precipitadamente".

Contrário à ideia de uma convencionalidade (arbitrariedade) em termos saussurianos, compreendemos que há uma tendência à motivação com relação a estas expressões (pelo menos na origem do uso). Sendo esta motivação de natureza corpórea e/ou sociocultural, tal hipótese será defendida pelos linguistas cognitivistas.

Por essa razão, durante muito tempo, a questão da convencionalidade esteve relacionada ao ensino de línguas estrangeiras. As expressões maiores do que as palavras sempre foram

[56] Somos de opinião de que a informalidade não pode ser considerada um traço típico das expressões idiomáticas. Como todo item léxico, existem algumas mais coloquiais, outras menos.

um desafio para o ensino sistemático ou explícito para estrangeiros, bem como um fator de obstáculo para o aprendizado dos alunos.

Segundo Tagnin (2005), tomando como referência a língua inglesa, existe um continuum de unidades linguísticas convencionais, pertencentes ao léxico de dada língua, ainda que o aprendiz de uma língua estrangeira conhecesse toda a gramática e soubesse todo o dicionário de cor, não teria pleno domínio linguístico (p.11).

É provável, conforme Tagnin (2005), que as dificuldades relacionadas com o aprendizado das expressões idiomáticas, em L1 ou L2, tenham a ver com o fato de serem apreendidas individualmente, uma a uma, uma vez que não existem regras que as gerem (p.11). Ressalta a linguista que "todas essas unidades são aprendidas como um todo, isto é, em bloco" (p.14). A convencionalidade é, pois, o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística. Conforme a linguista, no momento em que a convenção passa para o nível do sentido, podemos falar em idiomaticidade.

Recorre Tagnin (2005), então, ao princípio da não composicionalidade semântica, ao definir uma expressão idiomática como toda expressão que não corresponde à somatária do sentido parcial de cada um de seus elementos, como em ter o olho maior que a barriga que não significa "possuir o órgão da visão superior à proeminência externa do abdômen", mas quer dizer "ser guloso" ou "desejar possuir imoderadamente".

Distanciando-se, pois, da noção de vernaculidade, natural e próprio de uma língua, o sentido atribuído por Tagnin (2005) à noção do que é idiomático, é o de "não transparente" ou "opaco" e, claro, existem os casos em que as expressões são tipicamente transparentes, como ancorar o barco ("fixar-se ou parar") ou meter o pau ("censurar ou surrar').

Tagnin (2005, p.17-20) fala em níveis de convencionalidade. Existem, segundo ela, três níveis da convencionalidade que são, a saber: (1) o nível sintático; (2) o nível semântico; e (3) o nível pragmático. Vamos comentar, brevemente, cada um deles.

No nível sintático, estão elementos como combinabilidade, ordem e gramaticalidade. A origem da propriedade da combinabilidade está na própria noção de combinação, isto é, a relação de uma unidade da língua com outras unidades, no plano do discurso.

A noção de combinabilidade nos remete também à teoria estruturalista, o chamado eixo sintagmático, terminologia pós-saussuriana, que se refere ao eixo das relações entre unidades que se sucedem na cadeia falada, isto é, o eixo das combinações.

A ordem, por sua vez entendida como em qualquer dos níveis de análise (fonológico, morfológico ou sintático), sequenciamento, determinado por regras, das unidades que compõem a cadeia (da palavra, locução ou frase).

A gramaticalidade, além da noção de correção de norma gramatical, refere-se à característica de uma sentença gramatical, ou seja, aquela que foi gerada pelas regras da gramática de uma língua. Nesse caso, por regras de sintaxe, em particular.

O nível semântico refere-se à relação não motivada entre uma expressão e seu sentido. Segundo Tagnin (2005), não apenas o sentido de uma expressão linguística é convencionado, mas também os esquemas imagéticos que o léxico nos proporciona decorreria dessa condição por estarmos ecológica e socioculturalmente situados no mundo.

Para a Linguística Cognitiva que privilegia esta perspectiva em seus estudos e pesquisas experimentais, "na interação com o mundo, o homem internaliza esquemas de imagem de natureza cinestésica, que formam a base de determinadas formas linguísticas" (MACEDO, 2008, p.31-32).

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p.59), na cultura ocidental, as chamadas metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação especial como, por exemplo, "feliz é para cima", o que levaria, em Língua Portuguesa, a surgimento de expressões como levantar as mãos ao (ou para o) céu "com o sentido de "dar-se por satisfeito com algum fato (que poderia ter sido muito pior)". Quando for "para baixo", é mau como expressões do tipo baixar a bola, com sentido de "passar a ser mais humildade; ou baixar a guarda, que quer dizer" acovardar-se" e mais este olhar para o próprio umbigo, com o sentido de "agir com egoísmo".

Contrastando da posição de Lakoff e Johnson (2002), cremos que a noção de metáforas conceituais só tem sentido no plano da diacronia, isto é, teríamos que levar em conta que, no passado, tinham esta orientação especial, mas, no presente, na sincronia, são

expressões arbitrárias na sua maioria e, quando motivadas, estaríamos falando simplesmente em origem da expressão idiomática.

Na Fraseologia da Língua Portuguesa, existem muitas expressões idiomáticas que nos parecem indicar que essas orientações espaciais "surgem do fato de termos os corpos que temos e do fato de eles funcionarem da maneira como funcionam no nosso ambiente físico" (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.59).

Assim, temos em Português expressões fixas do tipo ir de (ou por) água abaixo, com sentido de "fracassar, andar por baixo" com o sentido de "estar em situação difícil, normal ou financeira", entre outras como estar de luz baixa e estar de baixo-astral com a ideia de "sentir-se deprimido, na fossa".Para Lakoff e Johnson (2002), as orientações metafóricas que mencionamos antes não são arbitrárias, e sim, "têm uma base na nossa experiência física e cultural" (p. 60).

No nível pragmático, a noção de convencionalidade é associada à noção de convenção social, bem como à expressão convencional ou forma convencional. Este nível envolveria, pois, o uso das expressões idiomáticas em situações de interações entre falantes. A situação é um aspecto passível de convenção porque requer um certo comportamento social e o emprego adequado das palavras e expressões complexas. Relacionam-se mais a situações específicas como com licença, meus pêsames etc.

Nesse sentido, referindo-se a falecimento de pessoas, podemos recorrer a diversas expressões idiomáticas, brasileirismos, popularismos e gírias, umas mais frequentes do que outras, mas disponíveis no léxico português, tais como: abotoar o paletó, bater a(s) bota(s), bater a caçoleta, bater a canastra, bater a pacuera, dar o último alento, dizer adeus ao mundo, entregar a alma a Deus, entregar a alma ao Diabo, esticar a canela, esticar o cambito, esticar/ir para a Cacuia, ir para a cidade dos pés juntos, ir(-se) desta para melhor, entre outras tantas.

Nesse caso de fraseologismos fúnebres, podemos dizer também que estas expressões acima se constituem verdadeiros eufemismos de que os falantes lançam mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, expressão idiomática, em geral, de sentido grosseiro, inconveniente ou desagradável.

Neste livro, decidimos por considerar convencionalidade como "o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada

língua ou comunidade linguística", como assinala Tagnin (2005, p.14), tendo em vista seu caráter sistemático e tripartição criteriosa nos níveis sintático, semântico, pragmático, suficientemente abrangente para atender ao corpus de expressões idiomáticas que selecionamos para aplicação dos experimentos aos nossos participantes da pesquisa.

CONCEITOS E APORTES PSICOLINGUÍSTICOS

> "Quanto mais altas as unidades de significação a serem explicadas por uma teoria psicolinguística, tanto mais complexas e inacessíveis a uma formalização que corresponda a como são representadas em nossa mente." (SCLIAR-CABRAL, 1991, p.75)

Depois de percorrer vários períodos (pré-história, formativo, linguístico e cognitivo), no âmbito dos estudos da linguagem, o estado atual da Psicolinguística tem procurado, além de dar atenção à realidade psicológica das unidades linguísticas (ou sintáticas), reivindicar poder explanatório sobre o processamento da linguagem, que é uma questão ligada ao funcionamento da mente humana (BALIEIRO, 2001. p.172-181).

É no processamento cognitivo das unidades fraseológicas, notadamente as expressões idiomáticas, que a Psicolinguística tem se aproximado da Fraseologia, buscando estabelecer as relações entre a organização do sistema linguístico e a organização do pensamento, através do recurso às unidades fraseológicas e às teorias fraseológicas vigentes que, em última análise, podem ser divididas em teorias léxicas e composicionais, ambas baseadas nos princípio da composicionalidade semântica de Frege ([1892] 1971).

Na tentativa de aproximação da Psicolinguística da Fraseologia, comecemos por explorar o termo psicolinguística, formado pelos seguintes elementos: psic(o)- + linguística. O elemento antepositivo *psico* - vem do grego ψυχο, este, derivado do grego *psukhê*, que significa 'sopro', donde "sopro de vida", daí "alma", como princípio de vida. Além desta acepção, *psico*- também indica "espírito", "princípio pensante" ou "atividade mental'. A psicolinguística, por força de sua etimologia, é a ciência ou parte da ciência que estuda a relação entre a língua e as características cognitivas ou comportamentais daqueles que a usam.

Assim, uma fraseologia que se ocupa preponderantemente das expressões idiomáticas, de alguma forma, disponibiliza uma matéria-prima para a Psicolinguística, a saber, as unidades fraseológicas, com seus traços culturais, comportamentais e idiossincrásicas dos usuários

ou falantes nativos da língua, daí o aprendizado das referidas expressões serem um desafio para estudantes não nativos ou falantes de L2, o que nos leva a reconhecer que "competência fraseológica de um falante depende em grande parte do conhecimento da cultura em que o sistema de língua destinado a ser adquirido está imerso"[1] (CASTILLO CARBALLO, 2003, p. 209).

Este capítulo tratará sobre as principais teorias psicolinguísticas do processamento fraseológico aplicadas à língua materna (L1). Mostraremos, inicialmente, como os primeiros estudos linguísticos, especialmente, os estruturalistas, envolvendo a fraseologia, serviram de base para psicolinguística experimental nos nossos dias. Depois, sob a perspectiva da psicolinguística experimental aplicada à fraseologia, iremos destacar dois marcos de estudos e pesquisas nesta área relacionados às teorias léxicas do processamento fraseológico e às teorias composicionais do processamento fraseológico.

Dada a complexidade dos modelos de processamento cognitivo das expressões idiomáticas, sobre as teorias léxicas do processamento fraseológico, destacaremos as principais hipóteses psicolinguísticas como: (a) Hipótese psicolinguística de uma "memória idiomática" ("Idiom-list hypothesis", em inglês); (b) Hipótese psicolinguística de uma representação lexical ("Lexical Representation Hypothesis", en inglês); e (c) Hipótese psicolinguística de acesso direto ("Direct Access Hypothesis", em inglês). Em seguida, daremos uma visão crítica das teorias léxicas do processamento fraseológico.

Quando tratarmos sobre as teorias composicionais do processamento fraseológico, focalizaremos as seguintes: (a) A hipótese psicolinguística dos linguistas cognitivistas e (b) A hipótese psicolinguística da configuração-chave.

Por fim, trataremos, em duas subseções finais do capítulo, sobre estratégias psicolinguísticas e sua relação com as expressões idiomáticas e o papel da memória na compreensão das expressões idiomáticas.

[1] No original: " la competencia fraseológica de un hablante depende en gran medida del conocimiento de la cultura en la que el sistema linguístico que se pretende adquirir está inmerso"

A realidade psicológica das expressões idiomáticas

A Psicolinguística, a partir da segunda metade do século XX, assumiu a missão de pôr, em evidência, em suas pesquisas, o problema da realidade psicológica das unidades linguísticas (ou sintáticas) e, nesse contexto, os primeiros experimentos psicolinguísticos, conforme nos informam Scliar-Cabral (1991) e Balieiro Jr (2001) apontaram que as referidas estruturas linguísticas, incluindo as complexas, como as expressões idiomáticas, não eram adquiridas, pelos falantes de uma língua, separadamente de conceitos semânticos e funções discursivas, como até então acreditavam os linguistas estruturalistas e psicólogos behavioristas, e sim, eram submetidas aos princípios cognitivos.

Segundo Leitão (2009, p. 220), nas últimas décadas, o interesse central da psicolinguística pode ser resumido em três questões básicas: a) Como as pessoas adquirem a linguagem; b) Como as pessoas produzem a linguagem a verbal; e c) Como as pessoas compreendem a linguagem verbal. Em substância, a psicolinguística tem buscado respostas para grandes problemas relacionados com aquisição, o desenvolvimento e o processamento da linguagem, inicialmente com pesquisas com os falantes nativos, depois com crianças e, mais recentemente, com pessoas que apresentam distúrbios de linguagem, especialmente os de fala, como as afasias (ELOINA SCHERER, 2004. p. 28).

Mais recentemente, o conexionismo, no âmbito da Psicolinguística Experimental, é um paradigma que vem ganhando terreno no Brasil em estudos sobre a inteligência artificial aplicada à morfologia da língua portuguesa, nos quais têm sido realizadas simulações computacionais conexionistas da aquisição do plural bem de um lado e do outro lado, são registrados inúmeros trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) nessa área que tratam das conexões entre o paradigma conexionista e aquisição da linguagem, como atesta Scliar-Cabral (2008).

A atenção das pesquisas psicolinguísticas às unidades significativas da língua, maiores do que as palavras, já pode ser percebida pelos especialistas em fraseologia.

Em artigo científico que trata sobre as correntes atuais no campo fraseológico, a linguista Glória Pastor (2001, p.33-35) aponta que os

psicolinguistas têm tido interesse em apreender a realidade psicológica das unidades fraseológicas, procurando responder questões do tipo: (a) Como os falantes de uma língua armazenam as unidades fraseológicas? (b) Como ocorre o processamento das expressões idiomáticas? e (c) Que funções desempenham tais unidades na interação?

Em nossa pesquisa, apesar de considerá-las relevantes, não nos deteremos às questões de aquisição e de produção das expressões idiomáticas por falantes do português como primeira língua, e sim, voltar-nos-emos, de forma mais demorada, à compreensão das referidas expressões por falantes não nativos do Português Brasileiro (PB)[2].

Privilegiamos a compreensão por entendermos que ela "realimenta o sistema de produção da linguagem" (LEITÃO,2009, p.222).

A compreensão das expressões idiomáticas, mais recentemente, recebeu atenção por parte do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (2001), dirigido aos que ensinam línguas estrangeiras e que fazem parte da Comunidade Europeia. Segundo este documento, as expressões idiomáticas desenvolvem a competência comunicativas em três dimensões: a linguística, a sociolinguística e a pragmática.

Para uma atuação eficaz do ponto de vista pedagógico, o Quadro Europeu aponta a necessidade de os alunos terem "um bom domínio de expressões idiomáticas e de coloquialismos e a consciência dos sentidos conotativos" (p.64-65), o que vem reforçar a necessidade de darmos, em nossa pesquisa, uma atenção especial à problemática da compreensão dos fraseologismos com fins educacionais.

Nos campos sociolinguístico e pragmático, o ensino sistemático da compreensão das expressões idiomáticas favorece, ao certo, o aprendizado das mesmas, segundo os modelos pedagógicos e psicolinguísticos da fraseodidática (GONZÁLEZ-REY,2004; 2006; e 2007).

[2] É possível que, no futuro, outros estudos inter-relacionem a compreensão (psicolinguística experimental) às questões que dizem respeito à aquisição (psicolinguística desenvolvimentista) e à produção (psicolinguística experimental) de expressões idiomáticas por nossos sujeitos não nativos do Português Brasileiro.

Os Estudos linguísticos aplicados à fraseologia

Não há como negar o legado dos estudos linguísticos e de outras ciências humanas para melhor empreendimento nas pesquisas psicolinguísticas. Particularmente, a linguística, a lexicologia, a neurolinguística, a sociolinguística, a linguística computacional, a psicologia cognitiva e a linguística cognitiva têm contribuído para o que entendemos, hoje, por psicolinguística (STERNBERG,2008, p. 295).

O linguista franco-suiço Ferdinand de Saussure ([1916] 2012), observou, pioneiramente, uma quantidade significativa de "expressões que pertencem à língua "denominadas, por ele, de "frases feitas", nas quais, segundo o linguista, o " uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas" (p.173).

Foi graças a essas primeiras considerações linguísticas de Saussure, que passamos a ver as "as frases feitas" como manifestações de uma cultura, definidas como "torneios" que "não podem ser improvisados" por serem "fornecidos pela tradição" cuja evocação livre, segundo o mestre genebrino, é "possível pela lembrança de um número suficiente de palavras semelhantes pertencentes à língua" em que ressalta, ainda, a natureza psicológica das "frases e grupos de palavras estabelecidos sobre padrões regulares" e por terem, segundo ele, uma "base na língua sob a forma de **recordações concretas**" ([1916] 2012, p.173, grifos nossos). Discípulo de Saussure, o linguista Charles Bally, em seu *Traité de Stylistique Française* (1909)**,** esboçou, explicitamente, um princípio psicológico para as expressões fixas ao dizer que são mais bem retidas na memória as palavras que vão juntas.

Mais tarde, as expressões fixas também foram objeto de atenção de Coseriu (2007) que as chama de "combinações feitas de signos" ou "discurso repetido" (p.201). Coseriu afirma que as expressões fixas resultam de "mera reprodução do já dito", ouvido ou lido, isto é, quando um usuário recorre à unidade fraseológica, nos seus atos de fala, reproduziria algo que anteriormente já havia dito. As expressões fixas, para Coseriu, são vivenciadas por "determinada comunidade linguística" e que "seus membros as conhecem" e " as sabem de cor" (p.202).

No campo da linguística moderna, as primeiras contribuições fraseológicas dos estruturalistas, Saussure, Bally e Coseriu e, mais fortemente os lexicólogos, estilistas e fraseólogos do século XX, sempre se intrigaram e se indagaram como se dava esta relação entre sentido literal das sentenças e o sentido da emissão (idiomático) pretendido pelo falante.

No caso das "frases feitas" ou "idiomatismos", como denominaram os estruturalistas e lexicógrafos até a primeira metade do século XX, especialmente os europeus, a abordagem estruturalista, é verdade, não nos deixou um "legado teórico" sobre a problemática do sentido dos "idiomatismos", mas seus linguistas entenderam, desde cedo, que o sentido da emissão de uma expressão idiomática (dimensão holística) é, parcial ou totalmente, diferente do sentido literal da expressão emitida.

Essas primeiras percepções ou postulações dos estruturalistas são de grande aplicação teórica ao nosso trabalho no sentido de podermos relativizar os conceitos de expressão idiomática quanto à sua "dimensão holística", ou melhor, ao seu "sentido idiomático". É possível, cremos, que existam expressões complexas e fixas na língua que não sejam idiomáticas para outros falantes, particularmente os não nativos e que poderão tomá-las no sentido mais literal. Afinal, a idiomaticidade não está apenas na estrutura das expressões complexas, mas na mente ou na memória dos falantes. Mas não é uma tarefa fácil essa condução teórica ou sua aplicação em experimentos que possam testar hipóteses psicolinguísticas.

Reflexo, certamente, desse viés estruturalista e, melhor refinado, pelos recentes estudos gerativistas, temos estudos de descrição do português, isto é, os da gramática descritiva, em que colhemos uma das definições operatórias de expressões idiomáticas, não desprezadas em nosso trabalho, como as vinda de Perini (2010), em que situa as expressões idiomáticas no âmbito das classes de palavras, por entender que são "sequências fixas de palavras, tomadas como unidades singulares, que têm sentido próprio que nem sempre é derivado dos sentidos das palavras componentes" e, em geral, "não admitem substituição de itens por sinônimos" (p.323).

Importante assinalar que esta noção estabelecida por Perini (2010) de que as expressões idiomáticas são "sequências fixas", percebidas como "unidades singulares" nos permitiu, quando da

formulação dos experimentos psicolinguisticos, entender melhor o valor da paráfrase definitória quando um falante da língua, seja nativo ou não nativo, busca de equivalentes simples (verbos) das expressões idiomáticas, representadas por locuções verbais, como, por exemplo, em locuções verbais como em "virar as costas " ("sair"), "cozinhar o galo" ("morrinhar"), "entregar a alma a Deus"("morrer"), "abrir nos paus" ("fugir") e " dar mole" ("descuidar-se").

No campo da filosofia da linguagem, a problemática do sentido das expressões idiomáticas, desde cedo, foi focada pelos filósofos. Para Searle (2002), a idiomaticidade de uma expressão complexa não seria estabelecida pelo sentido presente na estrutura da própria sentença, mas pelo sentido da emissão do falante. A idiomaticidade seria estabelecida pelo que o falante quer significar ao emitir a expressão idiomática.

Como assinala Searle (2002), "um sentido metafórico é sempre um sentido da emissão de um falante" (p.124), um traço importantíssimo a considerar em nossa pesquisa se definimos as fraseologias a partir de suas características mais marcantes como a forma fixa e a ambiguidade léxico-gramatical, situadas no entrecruzamento entre o sentido literal e o sentido idiomático.

Mais recentemente, a abordagem sociocognitiva que embasa a chamada Gramática de Construções, defendida, no Brasil, por Miranda e Salomão (2009), tem dado seus primeiros passos em direção aos estudos fraseológicos. Esta abordagem linguística ao tratar da questão do sentido das expressões idiomáticas, comumente tem retomado ao velho axioma dos lexicólogos de que "o todo não é a soma das partes" ou "o todo é maior que a soma das partes" (p.39).

Aqui, a visão sociocognitivista nos parece com resquícios tradicionais das pesquisas fraseológicas, presa ao velho princípio da não composicionalidade semântica, em que fica claro um esforço revitalizador para que seja estabelecido um "casamento" ou, ao menos, uma "relação estável" entre a Gramática das Construções e a Semântica Composicional em se tratando de compreensão das expressões idiomáticas.

As pesquisas experimentais com expressões idiomáticas

Consideramos que nossa pesquisa se situa no âmbito da psicolinguística experimental por se voltar à investigação sobre a compreensão de expressões idiomáticas por falantes não nativos de uma língua dada em que levamos em conta, no processamento fraseológico, seus aparatos cognitivo, cultural, dialetal e seus sistemas de memória (memória de longo prazo e memória episódica, em especial).

Os falantes de uma língua dada, sejam nativos ou não nativos, ao serem indagados sobre o que compreendem, por exemplo, da expressão idiomática "meter o rabo entre as pernas" ("ficar quieto ou calado, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado"), recorrem a procedimentos mentais (por exemplo, memória de longo prazo ou memória episódica) e a táticas e estratégias cognitivas de diversas ordens, de modo a permitir o acesso ao sentido idiomático do que está sendo dito, aliás, do que não está sendo dito literalmente nas palavras que compõem o sintagma, mas que traz, no subentendido da sentença, o sentido pretendido pelo interlocutor. Ocorre, nesse momento, o que se denomina de processamento linguístico, que põe em funcionamento as habilidades cognitivas do falante (ou ouvinte) relacionadas à linguagem verbal (LEITÃO, 2009, p. 221).

Nossa pesquisa também se estabelece no âmbito da psicolinguística experimental por buscar hipóteses que deem conta de explicarem como o processamento fraseológico se estrutura na mente dos falantes não nativos do Português Brasileiro. Daí, lançarmos mão de três experimentos, sendo construídos por diversas tarefas (identificação, memória e idiomaticidade), caracterizados por uma série de procedimentos metodológicos, para verificarmos se os referidos falantes lusófonos dos países africanos recorrem a estratégias especiais para compreenderem as expressões idiomáticas mais usuais no português brasileiro.

As teorias léxicas do processamento fraseológico

No âmbito das pesquisas psicolinguísticas, a busca de solução empírica da problemática do sentido idiomático das expressões idiomáticas pode ser observada, a partir dos anos 70 e 80, século

passado, com os estudos pioneiros de Bobrow e Bell (1973), seguidos dos trabalhos de Swinney e Cutler (1979) e os de Gibbs e Gonzales (1985) e de Cacciary e Tabossi (1988). Eles, pioneiramente, formaram as duas grandes correntes teóricas sobre o processamento fraseológico: as teorias léxicas e as teorias composicionais que buscam explicações sobre a passagem do literal ao idiomático durante o processamento cognitivo das expressões idiomáticas.

De modo geral, as teorias léxicas apoiam-se na noção de opacidade semântica (em nossa pesquisa, chamamos de idiomaticidade forte) que varia em função do grau de cristalização das expressões e por suas restrições sintáticas. Já as teorias composicionais, conforme veremos mais adiante, apoiam-se na tese de Frege ([1892]1971) de que o sentido de uma expressão é função do sentido de seus componentes. Uma, pois, afirma que o sentido idiomático não se reduz aos sentidos dos constituintes do sintagma fraseológico. A outra, em contraste, postula o sentido idiomático a partir dos constituintes da expressão idiomática.

As contribuições teóricas dessas duas correntes psicolinguísticas atenderam aos casos gerais de processamento das expressões idiomáticas, isto é, as pesquisas experimentais levadas a efeito por seus defensores foram realizadas em falantes nativos, deixando de lado casos particulares ou especiais, como, por exemplo, o processamento fraseológico por falantes não nativos.

Diante dessa condição restritiva, muitos modelos propostos foram voltados a verificar como ocorria a compreensão idiomática que se ativa depois do armazenamento das expressões na memória dos falantes nativos, deixando de resolver pontos obscuros, como, por exemplo, a questão do acesso inicial ao sentido idiomático das expressões idiomáticas, ou, como se dava a passagem do literal ao idiomático ou se esta passagem pelo literal efetivamente não ocorria.

Apesar dessa limitação, os resultados das pesquisas psicolinguísticas, até aqui realizadas, representam um ponto de partida teórico relevante para investigações similares, segundo Belinchón (1999, p.364). Mas, à medida que não sabemos, ao certo, como ocorre o processo de compreensão idiomática por sujeitos não nativos, podemos apresentar razões teóricas e práticas para uma nova pesquisa nesse campo.

Enfim, precisamos fazer descobertas de soluções para casos particulares de compreensão idiomática por sujeitos não nativos, de modo a sugerir modificações, se for o caso, no campo dos estudos sobre a realidade psicológica das expressões idiomáticas, atualmente de grande interesse dos linguistas, fraseólogos, psicolinguistas e os chamados linguistas cognitivistas que se ocupam, entre os tópicos mais recorrentes da pesquisa experimental, de questões relacionadas à metáfora e à idiomaticidade (CUENCA,1999, p. 116-121).

Hipótese de uma "memória idiomática"

Como dissemos, anteriormente, os primeiros experimentos para verificação do processamento cognitivo das expressões idiomáticas parecem ter sido limitados por dois dos seus procedimentos metodológicos:

(a) em primeiro lugar, limitaram-se a questões de natureza conceitual, uma vez que os pesquisadores assumiram a crença, com base nas definições tradicionais dos lexicólogos, de que as expressões idiomáticas (ou fixas) eram unicamente definidas a partir de suas propriedades semânticas e estruturais (polilexicalidade, metaforicidade, idiomaticidade, fixação, e assim por diante);

(b) em segundo lugar, os participantes dos experimentos eram falantes nativos (principalmente, os de língua inglesa).

> Estes dois procedimentos restringentes acabaram por levar os pesquisadores à constituição de modelos psicolinguísticos aplicados à compreensão idiomática ativada somente depois de armazenamento das expressões idiomáticas na memória de longo prazo dos falantes (BELINCHÓN,1999, p.364-365).
>
> A rigor, não há como, com sujeitos nativos de uma língua, sabermos efetivamente quando se deparam com expressões idiomáticas opacas ou transparentes uma vez que a memória declarativa de longo prazo desempenha um papel importante na produção, recuperação e atribuição de sentido às expressões idiomáticas.

Assim, um falante nativo que, por *lapsus calami*, erra acidentalmente ao escrever, em uma folha, a expressão * "Dar por pedras e por paus" ao invés de "dar por paus e por pedras" ("cometer loucuras") ou, por *lapsus linguae*, comete um erro acidental ao falar,

em uma conversa informal, a expressão * "ser milho do mesmo saco" ao contrário de "ser farinha do mesmo saco" ("ser da mesma natureza, equivaler-se, coisas ou pessoas"), nestas duas situações, estes erros não podem ser computados como indícios de opacidade nem que ocorrem por serem as expressões menos ou mais idiomáticas, menos ou mais opacas ou ainda menos ou mais transparentes.

Ainda que a questão dos lapsos de língua sejam de interesse para a Psicolinguística e para a investigação da estrutura do léxico mental (NÓBREGA, 2010), cremos que estas alterações acima ocorrem devido a fatores que vão desde à paralexia verbal[3], a fatores linguísticos de várias ordens (formal, estrutural, semântica, sintática, combinatória) das expressões retidas na memória dos falantes.

A primeira corrente de hipóteses psicolinguísticas, denominada de "idiom-list hypothesis", considera as expressões idiomáticas como itens lexicais que são listados e recuperados como pedaços do léxico. Esta corrente psicolinguística foi assumida por Bobrow e Bell (1973). Seus defensores tiveram a crença de que o sentido das expressões idiomáticas não é recuperado a partir dos seus constituintes individuais e que se comportam como expressões sintáticas e semânticas com as mesmas propriedades das palavras. Para essa corrente, por exemplo, não há nada nos sentidos de "fazer", "ouvido", "de" e "mercador" que possa nos dizer o que significa "fazer ouvido de mercador" com sentido idiomático de "fingir que não ouviu".

Os resultados dos experimentos de Bobrow e Bell (1973) mostraram a primazia da literalidade na compreensão idiomática e, por essa razão, os dois psicolinguistas propõem a hipótese de lista de expressões idiomáticas (ou primeira hipótese literal) em nossa memória declarativa de longo prazo, argumentando, ainda, que as expressões são mentalmente representadas e tratadas como quaisquer outros itens lexicais.

A especificidade, porém, para o caso das expressões idiomáticas, estruturalmente mais complexas do que as palavras, é a de que seriam, de forma independente, armazenadas em um "léxico idiomático" (ou

[3] Termo, no âmbito da neurologia, definido como de leitura (ou escrita) provocada pela troca de sílabas ou palavras que passam a formar combinações sem sentido. No caso das expressões idiomáticas, o que fica sem sentido é a combinatória que, em fraseologia, segue os parâmetros da fixação formal interna.

"memória fraseológica", termo de nossa preferência) diferente do nosso léxico mental normal ou habitual de itens lexicais. Segundo essa visão, a leitura literal não é opcional e vem, obrigatoriamente, antes de o falante recuperar o sentido idiomático.

O modelo de compreensão de expressões idiomáticas de Bobrow e Bell (1973) ocorreria em três etapas no processamento cognitivo ou, mais especificamente fraseológico, na mente dos falantes. Na primeira etapa, o ouvinte inicialmente processaria o sentido literal. Em seguida, rejeitaria o sentido literal e, finalmente, acessaria ao "léxico idiomático" e forneceria, então, uma interpretação correta, isto é, a idiomaticidade tal que esperamos encontrar nos dicionários gerais ou na aceitabilidade da comunidade linguística.

Para ilustrarmos este modelo de Bobrow e Bell (1973), digamos que um leitor (ou ouvinte) assíduo de jornal diário, no café da manhã, lesse a seguinte informação, que se refere aos chamados "homens-tatus" (assim rotulados aqueles que retiram areia dos terrenos baldios para a venda ilegal nos depósitos de construção): ""Eles são como formiguinhas e agem durante a madrugada. É como catar agulha em palheiro. A população precisa denunciar" (In Caderno Cidade, **DN**, em 07/11/2009).

Seguindo as etapas do modelo de Bobrow e Bell (1973), teríamos as seguintes etapas para a compreensão da expressão idiomática "procurar (ou catar) agulha em palheiro": primeiramente, o leitor processaria o sentido literal da expressão: "catar" + "agulha" + "no" + "palheiro". Assim procedendo, neste exemplo dado, o leitor (ou ouvinte) chegaria, inicial e literalmente, à seguinte interpretação: "Buscar varetinha de aço no depósito de palha". Pelo contexto da frase, logo rejeitaria essa interpretação literal por "inadequabilidade de sentido". E, então, acessaria à sua "memória idiomática" e obteria o sentido idiomático e mais adequado à frase: "estar à cata de algo muito difícil de achar" ou "querer conseguir algo muito difícil ou impossível".

A questão principal do modelo léxico de Bobrow e Bell (1973), que se estabelece, é a seguinte: se durante o processo de compreensão de uma expressão idiomática, como no exemplo acima ("catar agulha no palheiro"), os falantes (nativos) recuperam da sua " memória idiomática" o sentido literal ou o sentido figurado e, nos casos de que os dois sejam recuperados, em que ordem tem lugar estes dois sentidos. Por essa razão, essa primeira corrente advoga, pois, por um processamento prévio do sentido literal. Essa hipótese psicolinguística

nos lembra o modelo clássico de Grice (1982,102-103) de compreensão de linguagem figurada. Embora o ouvinte seja levado a um nível mais profundo (idiomático ou figurativo), este modelo pragmático também favorece, primeiramente, a hipótese literal.

Os estudos de Bobrow e Bell (1973) sobre reconhecimento de unidades fraseológicas (UFS), foram realizados fora do contexto, e no final dos anos 70 foram refutados, conforme nos informam os estudos de Swinney e Cutler (1979); Havrila (1993); Jurafsky (1996); Corpas-Pastor (2001); Liontas (2001); Vega-Moreno(2003); e Denhiere e Verstiggel (2007).

Hipótese de uma representação lexical

Esta corrente psicolinguística se posiciona contra a prioridade da interpretação literal na compreensão das expressões idiomáticas, proposta anteriormente por Bobrow e Belle (1973), e propõem a hipótese de representação lexical que defende o processamento simultâneo, isto é, a compreensão literal e a compreensão idiomática ocorreriam ao mesmo tempo na mente dos falantes.

Um primeiro argumento em favor desta corrente vem dos experimentos de Swinney e Cutler (1979). Os resultados dos testes mostraram que os sujeitos não apresentavam diferenças de tempo para acessar o sentido literal e o sentido idiomático das expressões fixas.

Vejamos um exemplo para ilustrar a hipótese de Swinney e Cutler (1979), extraído de um jornal diário: " (...) Cibelle Ribeiro nos manda perturbadora seleção de fotos ´reimosíssimas´ suas e ainda (só pode ser modéstia) nos pergunta se gostamos. Ora, Cibelle, isso é mesmo que perguntar se macaco quer banana, minha filha, o que você nos enviou foi um verdadeiro destroço, capaz de causar um tsunami... " (in Coluna Cláudio Cabral, Caderno Zoeira, **DN**, em 11/03/009, grifos nossos).

No exemplo acima, segundo o modelo Swinney e Cutler (1979), o processamento cognitivo da expressão idiomática "perguntar se macaco quer banana", seja ele leitor ou ouvinte, não indicaria diferença significativa de tempo entre a atribuição de sentido literal "procurar saber se símio deseja comer o fruto da bananeira" e a atribuição do sentido idiomático "fazer pergunta absolutamente desnecessária, porque dela só se espera, na certa, resposta afirmativa".

Embora vistas como mentalmente representadas e tratadas como itens lexicais, as expressões idiomáticas, no modelo de Swinney e Cutler (1979), diferem do modelo de Bobrow e Bell (1973), pois seriam armazenadas naturalmente no léxico mental sem a necessidade de postulação de um léxico específico para o armazenamento dos idiomatismos ("memória idiomática").

Como dissemos, anteriormente, o falante, segundo esta perspectiva, se nativo, ao estar confrontado com uma sequência fraseológica, processaria de maneira simultânea o sentido literal e o sentido figurado.

Nesse contexto, outros estudos levantaram hipótese de que como as expressões idiomáticas seriam encontradas ou armazenadas na memória como simples palavras, o sujeito acessaria o sentido idiomático de maneira mais direta e rápida que ao literal. Em harmonia com isso, xperimentos realizados, posteriormente, sobre reconhecimento léxical, baseados na velocidade de resposta dos sujeitos, parecem indicar certa preferência pela leitura idiomática em primeiro lugar, conforme relatam os estudos de Corpas-Pastor (2001, p.34); Mendivil Giró (2010); e Lorente (2010).

Hipótese psicolinguística de acesso direto

A terceira corrente de hipóteses psicolinguísticas do processamento fraseológico é defendida por linguistas cognitivistas como Gibbs Jr et ali (1997) que postulam o acesso direto (ou primeira hipótese figurativa) para a compreensão das expressões idiomáticas, o que acaba por se afastar, radicalmente, da corrente defendida por Bobrow e Bell (1973).

Esta hipótese propõe que as expressões idiomáticas devam ser consideradas itens lexicais cujo sentido idiomático é recuperado diretamente do léxico mental, imediatamente após o sintagma fraseológico ser ouvido pelo falante.

A proposta de Gibbs et ali (1997) também se distancia do modelo de Swinney e Cutler (1979) uma vez que comprova que o sentido idiomático (ou figurado) de expressões idiomáticas (por exemplo, "não dar ponto sem nó" com sentido de "nada fazer que não seja por interesse") é processada mais rapidamente do que o

processamento literal "não + dar + ponto + sem + nó" ("não costurar sem entrelaçar fios").

Segundo o relato dos linguistas cognitivistas, o grau de fixação e convencionalidade de uma unidade fraseológica facilitariam sua compreensão e produção na comunicação.

Esta hipótese também revelou o sentido literal não vir antes do sentido idiomático, mas também poderia ser completamente ignorado. Na sua linha de pensamento, Gibbs et ali (1997) baseiam-se na ideia de que as palavras constituintes de uma expressão idiomática não são completamente desmotivadas do sentido metafórico ou idiomático da expressão.

Diferente das hipóteses anteriores, os pesquisadores cognitivistas afirmam que o contexto desempenha uma função essencial na produção e compreensão das expressões idiomáticas, embora sempre em menor grau comparado com as sequências literais.

Por fim, diríamos o seguinte: a partir de uma visão crítica das três correntes de hipóteses psicolinguísticas, descritas acima, podemos observar que seguem, de forma geral, o princípio da não composicionalidade semântica de expressões canônicas, efetivamente cristalizadas e memorizadas, mas não conseguem, porém, explicar porque as variações das expressões idiomáticas não comprometem a atribuição do sentido idiomático dada pelos falantes.

As teorias léxicas da compreensão das expressões idiomáticas não conseguem explicar por que locuções verbais do tipo "mostrar com quantos paus se faz uma cangalha" e "mostrar com quantos paus se faz uma canoa", onde os dicionários gerais apontam como variação fraseológica, em que um item "cangalha" é substituído (em decorrência da força do regionalismo linguístico) por "canoa"; tal alteração, como podemos observar, em um dos constituintes do sintagma fraseológico, não afeta o sentido idiomático, em ambas construções, isto é, as duas idiomaticamente têm o mesmo sentido, o de "dar um castigo".

Os defensores das hipóteses léxicas também não conseguem explicar porque o sentido idiomático "morrer" aparece em expressões idiomáticas formalmente distintas como "bater as botas", "ir desta para a melhor", "fechar o paletó". Ao analisarmos a combinatória destas expressões sinonímicas acima, somos levados, realmente, a perguntar como podem ser estruturalmente tão diferentes e ao mesmo tempo

passíveis de terem paráfrases tão semelhantes, mantendo o mesmo campo semântico, isto é, a ideia de morte. Ao certo, uma explicação estaria no fato de as três expressões que mostramos possuirem itens lexicais bastante distintos, mas todas têm, idiomaticamente, o mesmo sentido idiomático de "chegar ao fim, expirar, morrer".

Teorias Composicionais do processamento fraseológico

A segunda corrente de teorias psicolinguísticas diz respeito à representação e à compreensão das expressões idiomáticas que se aliam ao princípio da composicionalidade semântica.

Os teóricos dessa corrente (por exemplo, Gibbs, 1985; Cacciari y Tabossi, 1988; e Flores D'Arcais, 1993) se posicionam contra a ideia de que as expressões idiomáticas não são composicionais.

O principal argumento desta corrente é que a relação entre o sentido idiomático e forma linguística da maioria das expressões idiomáticas tem um grau de motivação, isto é, elas não são completamente arbitrárias.

Na maioria dos casos, segundo os defensores das teorias composicionais, o sentido idiomático é de alguma forma, recuperado a partir dos sentidos dos diversos componentes da cadeia sintagmática.

Explicando de forma mais simplificada esta hipótese, por exemplo, os sentidos dos itens "chutar", "pau" e "barraca", na expressão idiomática "chutar o pau da barraca", por exemplo, teriam muito a ver com o sentido idiomático de "abandonar, desistir de um projeto". É como se pudéssemos explicar o sentido idiomático da locução verbal "chutar o pau da barraca", levando em conta que, metaforicamente, a palavra "chutar" tem o sentido de "ver-se livre de (algo ou alguém); descartar-se, livrar-se"; a palavra "pau" tem o sentido de "conflito ou briga em que se envolvem muitas pessoas" e "barraca" refere-se, metaforicamente, à "construção temporária, de materiais leves, geralmente tábuas e lona, de fácil transporte". Tomados como constituintes metaforicamente significativos e motivados no sintagma fraseológico, a expressão idiomática "chutar o pau da barraca" teria o sentido de "desistir de um projeto ".

A hipótese psicolinguística dos linguistas cognitivistas

Os defensores da hipótese da composicionalidade das expressões idiomáticas argumentam que a idiomaticidade é um fenômeno semântico ao invés de fenômeno sintático e propõe uma tipologia de expressões idiomáticas a partir de seu grau de composicionalidade, como resumidamente nos descreve Cacciari e Tabossi (1993).

Enquanto para os teóricos de hipóteses léxicas, os constituintes das expressões idiomáticas (por exemplo, "malhar" e "ferro" em "malhar o ferro enquanto está quente") em nada contribuem para o sentido idiomático "aproveitar a ocasião propícia para agir", os teóricos de hipóteses composicionais advogam que os componentes individuais dos sintagmas fraseológicos contribuem, literal ou metaforicamente, para a interpretação idiomática.

Para explicar a teoria acima, digamos que escutemos a expressão idiomática "meter o rabo entre as pernas". Nesse caso, seus elementos constituintes "meter", que se refere ao ato ' "esconder-se, ocultar-se"; "rabo", que alude à noção de "traseiro" e "pernas", que diz respeito a "cada um dos membros inferiores do corpo humano", reunidos na combinatória, dão o sentido idiomático "ficar calado, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado". Os sentidos dos constituintes da locução verbal "meter o rabo entre as pernas" teriam uma força de metaforização que nos possibilita o acesso ao sentido idiomático. A metaforização estaria, pois, previamente em nossa mente por força de nossas experiências corpóreas no mundo.

Atualmente, as pesquisas psicolinguísticas parecem evidenciar que os sentidos das palavras constituintes do sintagma fraseológico desempenham papel importante na compreensão idiomática das expressões fixas. Embora nenhuma expressão idiomática seja cultural e completamente composicional, o sentido idiomático seria, para os defensores desta corrente psicolinguística, de alguma forma relacionado com o sentido obtido pelo cálculo da cadeia sintagmática.

Nessa perspectiva, atualmente, a hipótese de metáfora conceitual, com base no trabalho de Lakoff e Johnson (2002), assume que o uso da expressão idiomática é motivado por esquemas pré-existentes de

natureza corpórea ou metafórica[4] em nossa mente, que são baseados, como dissemos, antes, em nossa experiência corporal no mundo. Este paradigma pressupõe a inseparabilidade entre cognição e linguagem (MACEDO,2006, p. 31-34; 2008, p.35) e defende uma visão atuacionista (ou corporificada) da cognição (VARELA et ali, 2003).

A hipótese psicolinguística da configuração-chave

A chamada hipótese de configuração-chave, para a compreensão das expressões idiomáticas, é induzida pelo modelo de polissemia. Os relatos mais convincentes são os Cacciary e Tabossi (1993).

Esta abordagem tenta resgatar a hipótese de processamento simultâneo sem se comprometer com a ideia de que são expressões idiomáticas armazenados como itens lexicais.

As expressões idiomáticas são, na perspectiva da configuração-chave, tratadas como qualquer sequência de palavras. Depois de vários experimentos, os pesquisadores afirmam que a compreensão de uma expressão idiomática como "ter bebido água de chocalho", com sentido de "falar demais", dependerá de uma seleção, por parte do ouvinte/leitor, do sentido adequado de cada uma de suas palavras constituintes para que o sintagma fraseológico possa ser reconhecido como uma configuração. Esta explicação é feita pela chamada "hipótese polissêmica do idiomatismo induzido" (Cacciary e Tabossi, 1993).

Do ponto de vista de processamento cognitivo, na hipótese de configuração-chave, as expressões idiomáticas são, inicialmente, processadas literalmente, até que, em algum momento após o início da cadeia, a configuração e o sentido idiomático são ativados.

Dizendo de outra maneira, na hipótese de configuração-chave, ocorreria o processamento literal e figurativo executado em paralelo por um tempo até que o sentido idiomático seja alcançado pelo ouvinte como a interpretação pretendida. Nesse caso, o reconhecimento de expressões idiomáticas seria muitas vezes dependente do contexto; assim, esta hipótese parece sugerir que, geralmente, os ouvintes reconhecem que as palavras em uma expressão idiomática formam uma única configuração depois de o

[4] Ao falarmos em esquemas metafóricos fazemos alusão ao mapeamento (ou conceito) metafórico que, segundo os linguistas cognitivistas licencia a expressão linguística.

falante acessar o conteúdo da primeira ou segunda palavra, conhecida como a "chave idiomática", no sintagma.

Essa visão apresenta uma tipologia de expressões idiomáticas em relação ao grau de composicionalidade e transparência que envolve diferentes perspectivas teóricas de compreensão das expressões idiomáticas (Cacciary e Tabossi,1993). Vamos descrever cada das perspectivas.

A primeira perspectiva defende que nas expressões idiomáticas, tipicamente opacas (por exemplo, "querer tapar o sol com peneira" com sentido de "tentar negar fatos palpáveis ou incontestáveis"), o sentido idiomático é arbitrariamente estipulado pelo ouvinte/leitor. Desta maneira, acessar o sentido idiomático ocorreria, no plano do sintagma fraseológico, parcialmente distribuído ao longo de seus constituintes. A partir daí os ouvintes passariam a olhar a expressão linguística como quase metafórica (ou alusional).

Para ilustrar a segunda perspectiva, tomemos, com exemplo, a expressão idiomática "*pôr sebo nas canelas*" com sentido de "fugir", em que ouvintes, para compreenderem seu sentido idiomático, terão que calcular o sentido idiomático a partir dos constituintes do sintagma e, assim feito, reconhecerão as ligações que o referido sintagma fraseológico tem, convencionalmente, com expressões idiomáticas sinonímicas (por exemplo, " ensebar as canelas", "meter o pé no mundo", "botar o pé no mundo ", "passar sebo nas canelas", " abrir no pé " e "pisar no tempo") que têm os mesmos sentidos idiomáticos que eles representam.

Enfim, para esta corrente, as expressões idiomáticas são linguisticamente processadas da mesma forma como outras configurações de expressões fijas com o mesmo sentido idiomático.

Estratégias psicolinguísticas e expressões idiomáticas

Não há como falarmos em táticas e estratégias de compreensão das expressões idiomáticas sem deixarmos claro o que estamos a entender por compreensão, estratégias, expressões idiomáticas e sua tipologia.

Pressupomos que, para cada tipo de expressão idiomática, é possível que tenhamos estratégia especial para desvelar o seu sentido não literal em situação de uso na interação verbal.

Iniciemos, então, pela questão da compreensão das expressões idiomáticas numa perspectiva psicolinguística. Considerando que a compreensão das expressões idiomáticas de uma língua dada inclui informações que transcendem o nível puramente sintático, morfológico, semântico e pragmático, entendemos que o exame da questão do sentido idiomático, em nossa pesquisa, deve ser feito à luz de aportes teóricos da (Psico)linguística e da Linguística cognitiva.

Feitos esses recortes das disciplinas envolvidas na questão da problemática do sentido idiomático, no âmbito propriamente dito da Psicolinguística, recorreremos aos conceitos de compreensão, estrutura cognitiva e memória de longo prazo propostos por Smith (1999, p. 80; 2003, p. 361).

Acreditamos que a passagem do sentido literal (SL) para o sentido idiomático (SI) das expressões fixas, portanto o acesso ao sentido fraseológico, resulta de uma interpretação particular (ou culturalmente marcada) dos falantes, sejam nativos ou não nativos, a partir de sua estrutura cognitiva.

Por compreensão, nesta pesquisa, entendemos, então, a competência semântica que o falante, seja nativo ou não nativo, de uma língua dada, tem de interpretar qualquer expressão linguística complexa, capaz de construir representações conceituais (NEVEU,2008, p.75) a partir de sua memória de longo prazo e de sua visão de mundo (STERNBERG,2008, p192).

No caso da compreensão de uma expressão idiomática pelos falantes que, geralmente, não a apreendem, na primeira vez que a escutam, é possível que a descoberta dos sentidos parciais das unidades léxicas e das regras por meio das quais se combinam a dita expressão seja uma estratégia especial de entendimento dos idiomatismos (FILLMORE et ali, 1988).

Como a questão do sentido das expressões idiomáticas tem sido bastante problemática ou negligenciada pelos modelos linguísticos (gerativista, por exemplo), recorremos, aqui, à Gramática das Construções proposta por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) que defendem a ideia de que as construções complexas (sintagmas ou sentenças) têm as mesmas propriedades semânticas e pragmáticas que os itens lexicais, estabelecendo, a partir daí, uma tipologia de expressões idiomáticas" (FERRARI: 2011, p.130).

Do ponto de vista psicolinguístico, também levamos em conta em nossa pesquisa a noção de estrutura cognitiva. Graças à estrutura cognitiva, os falantes são capazes de compreender as estruturas mais complexas ou irregulares de uma língua à medida que recorrem, como sujeitos de seus atos de fala, nas situações de interação social, ao seu léxico mental, onde ativam, muitas vezes de maneira automática ou involuntária, informações sobre o que conhecem e acreditam a respeito do mundo e, a partir daí, podem estabelecer relacionamento de novas informações àquilo que já sabem sobre a língua, a cultura e a experiência corpórea no mundo.

Smith (1999) defende a ideia de que na estrutura cognitiva está "a totalidade de organização de conhecimento do cérebro" (p. 80; 2003, p. 361).

Ao longo de nossa pesquisa, também iremos nos referir à estrutura cognitiva como "memória de longo prazo" ou "teoria do mundo na cabeça", com o objetivo de reforçar o pressuposto de que a compreensão é a fonte de predições ou adivinhações psicolinguísticas que nos possibilitam encontrar sentido nos acontecimentos e na linguagem.

Mais especificamente por memória declarativa de longo prazo, entendemos "o conhecimento e a crença que fazem parte da nossa compreensão mais ou menos permanente do mundo" e que se refere a " tudo o que nós sabemos sobre o mundo e do que é organizado e faz sentido (SMITH,1999, p.44).

Quanto à noção de estratégias, recorreremos ao conceito de Solé (1998). Segundo ela, estratégias são procedimentos que regulam a atividade dos falantes, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos (p.69). Por exemplo, quando o falante escuta ou lê a expressão idiomática "andar com a pulga através da orelha" e descarta, em sua interpretação, o sentido literal, "caminhar com o inseto na orelha", em favor de "estar preocupado ou cismado", recorre às suas habilidades cognitivas relacionadas com sua capacidade de perceber o próprio conhecimento sobre os insetos, de pensar sobre a atuação ou emprego da expressão no uso social da língua. São essas informações, no nosso entendimento, que lhes permitem o abandono de uma interpretação literal em favor de uma

interpretação idiomática carregada de metaforicidade e fraseologização.

ESTUDOS EMPÍRICOS RELACIONADOS AO TEMA

Neste capítulo, descrevemos o método, os objetivos, as hipóteses, os problemas, os sujeitos e os resultados das pesquisas de Irujo (1986), Flores d'Arcais (1993), Cooper (1999), Crespo e Caceres (2006) e Detry (2010) dentre os principais estudos empíricos, nos últimos anos, que se ocuparam de investigar, em falantes nativos ou não nativos de uma língua dada (inglês, italiano, por exemplo) o processamento cognitivo das expressões idiomáticas. Todos eles nos fundamentaram, direta ou indiretamente, no design dos nossos três experimentos psicolinguísticos, com suas respectivas tarefas (identificação, memória e idiomaticidade) sobre a compreensão das expressões idiomáticas por sujeitos não nativos do PB.

O tratamento psicológico dado por nós às expressões idiomáticas requereu de nossa parte um recorte no campo de investigação da psicolinguística experimental, dando um enfoque especial ao estudo dos enunciados linguísticos: o sentido literal e o sentido idiomático das expressões idiomáticas.

Uma pesquisa que busca tratar da realidade psicológica dos signos linguísticos, sejam os de estrutura mais simples como as palavras e os mais complexos como as expressões idiomáticas ou, enunciados maiores, como os provérbios e os textos em seus diversos gêneros, exige, a priori, do pesquisador, uma disposição de articulação com outros níveis do sistema linguístico como o morfológico (onde situamos expressão idiomática como categoria morfológica e, por isso, com o mesmo comportamento de um lexema) e o sintático (lugar onde a expressão idiomática se faz parte de uma frase ou oração, ou seja, atua como elemento oracional).

Outras "categorias extralinguísticas" como "cultura", "dialeto" e "memória" também acabam por se associarem ao sistema da língua na produção e na compreensão dos enunciados no que tange aos sujeitos, às situações comunicativas e aos conhecimentos prévios que os falantes compartilham. (LEITÃO,2009, p.223).

Os experimentos de Irujo (1986)

A pesquisa de Irujo (1986) partiu do pressuposto de que aprendizes venezuelanos de segunda língua encontram dificuldades de usar expressões idiomáticas em Inglês, o que os levam muitas vezes a preferir evitá-las completamente no cotidiano, o que poderia ser chamado de "idiofobia" (um tipo de aversão ou receio de utilizar expressões idiomáticas). Essa dificuldade decorreria de os sujeitos não compreender uma parte (ou o todo) de uma expressão idiomática em Inglês e evitá-la em suas conversas, em que pese não encontrar dificuldade de pronunciá-la ou produzi-las eventualmente em seus textos orais ou escritos.

O estudo realizado por Irujo buscou determinar se os alunos avançados de inglês haviam utilizado o conhecimento da sua língua materna, o espanhol, para compreender e produzir expressões em L2 (inglês).

Quanto aos participantes da pesquisa, Irujo trabalhou com um total de 12 alunos de Inglês avançado da Venezuela. Foram escolhidos indivíduos da mesma nacionalidade como garantia de que todos eles usavam a mesma variedade de espanhol e estariam familiarizados com os equivalentes espanhóis das expressões idiomáticas escolhidas para o estudo. De uma lista de todos os estudantes venezuelanos em uma grande universidade, os sujeitos potenciais foram contactados inicialmente de forma aleatória. O grupo final, no entanto, foi autosselecionado a partir do seu grau de interesse na pesquisa a disposição de darem duas horas de seu tempo em troca de um pequeno pró-labore.

Todos os sujeitos eram alunos de graduação regularmente matriculados na universidade. Todos tinham também proficiência média em inglês e tempo médio de residência nos Estados Unidos de 2,75 anos, e a idade média de 21,8 anos.

O estudo se destinou, também, a fornecer informações sobre as estratégias que os alunos usam quando têm de produzir expressões idiomáticas que não sabem e as características das expressões idiomáticas que são mais fáceis de aprender.

Foi aplicado um teste de múltipla escolha para aferir a compreensão idiomática de 45 expressões idiomáticas em Inglês,

assim distribuídas[1]: 15 expressões idênticas com equivalência de forma e sentido em língua espanhola (expressões idênticas), 15 expressões semelhantes aos seus equivalentes espanhóis (expressões semelhantes), e 15 expressões diferentes a partir do correspondente espanhol (expressões diferentes).

Quanto ao teste de produção, foram consideradas as mesmas 45 expressões idiomáticas, submetidas a um teste de discurso-complemento e um teste de tradução.

Para a realização de sua pesquisa, Irujo partiu das seguintes hipóteses: (a) Expressões idiomáticas idênticas mostram evidências de transferência positiva, pois elas seriam mais fáceis de compreender e de produzir corretamente; (b) expressões Idiomáticas semelhantes mostram evidência de transferência negativa e a compreensão pode ser tão eficiente quanto para expressões idiomáticas idênticas e a produção destas expressões iria ser refletida na interferência do primeira língua; e (c) para expressões idiomáticas diferentes, não há evidenciam de qualquer transferência positiva ou negativa; ou seja, os sujeitos compreenderiam e produziriam menos expressões idiomáticas diferentes do que dos outros dois tipos.

Quanto aos materiais utilizados na pesquisa, as expressões idiomáticas escolhidas foram selecionadas com base em duas versões de um questionário, um em Inglês e um em espanhol. O questionário consistia de três partes, cada uma contendo 50 expressões idiomáticas de um tipo (idêntico, semelhante ou diferente). Vinte e três falantes nativos de espanhol e 30 falantes nativos ingleses completaram o questionário em seu idioma nativo. Foi-lhes pedido para definir cada uma das expressões idiomáticas e, numa escala de 1 a 5, de frequência de utilização de cada uma. Com base nestes resultados, 15 expressões idiomáticas de cada tipo foram escolhidas, todas tinham sido definidas de forma inequívoca por todos os entrevistados com sentidos

[1] Aqui, devemos discriminar o seguinte: (a) expressões idênticas: expressões idiomáticas que, em espanhol, em nada diferem das expressões idiomáticas em inglês. Seriam, portanto, "expressões gêmeas idênticas", que apresentam as mesmas características formais e semânticas; (b) expressões semelhantes: expressões idiomáticas em espanhol que têm o mesmo campo semântico, natureza ou forma, em relação a expressões idiomáticas em inglês; e (c) expressões diferentes: as expressões idiomáticas em espanhol que diferem parcial ou totalmente das expressões idiomáticas em inglês.

figurativos ou fraseológicos equivalentes em ambas as línguas, e tinham recebido uma média de pelo menos 3 na frequência na escala de uso.

Os testes foram escritos para avaliarem o reconhecimento, a compreensão, a recordação e produção dessas expressões. O teste de reconhecimento idiomático era um teste de múltipla escolha, com opções que incluíam a paráfrase correta da expressão, uma frase relacionada com a paráfrase correta, uma frase relacionada com a interpretação literal, e uma sentença independente.

Os itens nos dois testes de compreensão foram marcados como correto ou incorreto, e os itens sobre os testes de produção foram marcados como correto, incorreto ou com interferência.

Segundo Irujo, muitas vezes foi difícil determinar quando a interferência havia ocorrido. Neste estudo, a interferência foi definida como o uso incorreto de uma tradução de uma palavra de conteúdo de uma expressão idiomática espanhol. No entanto, em muitos casos, especialmente com expressões similares, uma palavra errada na língua inglesa podia ser tanto uma tradução da expressão idiomática em espanhol ou uma generalização ou extensão exagerada de uma palavra no idioma Inglês.

Em cada um dos dois testes de compreensão, os indivíduos foram igualmente bem-sucedidos com expressões idênticas e semelhantes, mas tinham dificuldade significativamente acentuada com expressões idiomáticas diferentes. No teste de tradução, expressões idiomáticas semelhantes e diferentes eram igualmente difíceis; pelo teste discurso de conclusão, o desempenho diferiu em todos os três tipos de expressões idiomáticas.

Quando a tarefa era reconhecer o sentido de uma expressão idiomática, os participantes foram capazes de generalizar a partir do sentido na sua língua materna o sentido na segunda língua se o modelo fosse idêntico ou similar.

As três hipóteses da pesquisa foram confirmadas. Os sujeitos compreenderam expressões idiomáticas idênticas, assim como expressões semelhantes, e ambas foram compreendidas melhor do que expressões diferentes.

Embora os resultados deste estudo mostram que os indivíduos faziam uso de sua língua nativa para compreender e produzir expressões idiomáticas na segunda língua, eles também usavam estratégias relacionadas à língua-alvo.

Irujo afirma que foi impossível, com base nos dados da pesquisa, fazer qualquer afirmação definitiva sobre a influência relativa das estratégias de primeira e segunda língua, por causa da dificuldade de atribuir respostas a uma categoria específica.

O uso da língua materna na produção de expressões idiomáticas em Inglês variou individualmente; alguns participantes mostraram praticamente nenhuma interferência para qualquer tipo de expressão idiomática, enquanto outros tiveram altas taxas de interferência de expressões idiomáticas ao mesmo tempo parecidas e diferentes. Segundo Irujo, estas diferenças podem ser relacionadas ao fato dos sujeitos terem mantido os seus dois sistemas linguísticos separados ou não.

Os resultados da pesquisa apontam para a possibilidade de que alguns alunos tenham conscientemente mantido as duas línguas separadas e, assim, terem rejeitado formas da segunda língua, que estão muito próximas às da primeira língua.

Nos dois testes de compreensão, parece que os sujeitos foram capazes de generalizar a partir do sentido da expressão em espanhol para o seu sentido em Inglês, mesmo quando a forma era um pouco diferente. Nos dois testes de produção, eles foram capazes de produzir corretamente muitas expressões idiomáticas mais idênticas do que expressões idiomáticas dos outros dois tipos.

Ambos resultados indicam que a transferência positiva estava pronta para ser utilizada. Transferência negativa (interferência) também foi evidente nos dois testes de produção, mais para expressões semelhantes do que para expressões idiomáticas totalmente diferentes. Quando as diferenças eram pequenas, a tendência podia ser a de generalizar e ignorar essas diferenças.

Os resultados deste estudo apoiam a noção de que os alunos avançados de uma segunda língua cuja primeira língua está relacionada com a segunda pode usar seu conhecimento (meta)linguístico de expressões idiomáticas na sua língua materna para compreender e produzir expressões idiomáticas na segunda.

O estudo de Irujo tem implicações teóricas para a investigação da transferência na aquisição de uma segunda língua. Os resultados sugerem que as similaridades entre as línguas incentivam a interferência e que expressões idiomáticas nem sempre são considerados intransferíveis.

As conclusões da pesquisa de Irujo podem ser aplicadas ao ensino de expressões idiomáticas em L2. Se os alunos estão usando seu conhecimento de expressões idiomáticas na sua língua materna para compreender e produzir expressões idiomáticas em segunda língua, os professores devem tirar proveito disso.

As conclusões da pesquisa apontam, ainda, que expressões idiomáticas, infrequentes e altamente coloquiais, com vocabulário difícil devem ser evitadas no ensino de língua estrangeira. Segundo Irujo, os alunos vão, obviamente, ter dificuldade de produzi-las corretamente e, além disso, essas expressões difíceis, mesmo quando produzida corretamente, muitas vezes soam estranha e não naturalmente quando falado por falantes não nativos de Inglês.

Importante assinalar que Irujo acredita que atividades de que comparem sentidos literais e figurativos podem ajudar os alunos na compreensão das expressões idiomáticas de modo perceber o absurdo (no chamaríamos de princípio da absurdidade) dos sentidos literais e fornecer uma nova relação a partir das palavras literais para o sentido idiomático.

O estudo afirma que atividades que incentivem a produção de expressões idiomáticas podem ser baseadas em listas de expressões idiomáticas recolhidos pelos alunos ou fornecidos pelo professor. Estas listas devem incluir expressões idiomáticas que são semelhantes nas primeira e segunda línguas e são, portanto, capazes de causar interferência. Os alunos podem contar histórias adicionais que contenham expressões idiomáticas; recontar uma história que ouviram expressões contidas; escrever e apresentar peças teatrais, espetáculos de marionetes, histórias ou diálogos com expressões neles, e dramatização de situações que se prestam à produção de expressões idiomáticas.

Em substância, os resultados mostram que expressões idênticas eram mais fáceis de compreender e produzir. Expressões similares foram compreendidas quase tão bem, mas mostraram a interferência do espanhol. Expressões Idiomáticas diferentes eram as mais difíceis de compreender e produzir, mas mostraram menos interferência do que expressões semelhantes.

Os participantes usaram estratégias inter e intralinguística para produzir expressões idiomáticas que não sabiam. Dentro de cada tipo, as expressões idiomáticas que foram compreendidas e produziram

mais corretamente foram as que eram usadas com frequência e que tinham um vocabulário simples e estrutura transparente.

Em nossa pesquisa, recorremos aos procedimentos de Irujo (1996) para a elaboração do 2º experimento, denominado "Teste de Múltipla Escolha", com o objetivo de os participantes descobrirem os sentidos de 15 expressões idiomáticas em Português a partir de itens de múltipla escolha. Seguindo o mesmo modelo de Irujo, as respostas às perguntas do TME foram pontuados em uma escala de 3 pontos: (a) 1 ponto foi dado para uma resposta "não sei" ou para uma definição errada; (b) 2 pontos para uma resposta considerada parcialmente correta; e (c) 3 pontos para uma definição correta.

Os experimentos de Flores d'Arcais (1993)

A pesquisa de Flores d'Arcais (1993) analisa uma série de experimentos realizados como contribuições para uma teoria sobre o processamento de compreensão das expressões idiomáticas de natureza verbal.

Parte da ideia fregeana de que o sentido de uma frase idiomática não é para ser reconstruído a partir do sentido dos elementos que o compõem. Levanta, então, duas questões fundamentais: como é a estrutura desse sentido? Como estas expressões são representadas no léxico mental?

Segundo Flores d'Arcais, três diferentes respostas podem ser dadas a estas duas questões, que tomaram formas de hipóteses de sua pesquisa: (a) as expressões idiomáticas podem ser listadas no léxico mental como entradas lexicais de natureza polilexical; (b) as expressões idiomáticas não estão listadas como tal, mas são reconstruídas com seu sentido idiomático a partir da entrada de um ou mais das palavras de conteúdo que constituem a expressão; e (c) o sentido das expressões idiomáticas não seria representado como tal em tudo, mas seria calculada de cada vez, com base nas unidades lexicais e da estrutura frasal por um processo de construção metáfora.

A pesquisa de Flores d'Arcais tentou encontrar respostas para cinco problemas teóricas sobre o processamento fraseológico: (1) o sentido literal é calculado durante o processo de compreensão? (2) as expressões idiomáticas altamente familiares, usados com frequência podem ser listadas no léxico mental, ao passo que a compreensão de

expressões idiomáticas com pouca familiaridade e que são usados raramente pode exigir um cálculo completo? O sentido literal é computado ou não durante a leitura de expressão idiomática? (4) a análise completa da estrutura gramatical da cadeia de entrada está ocorrendo, mesmo quando a sentença é entendida, inclui uma locução verbal idiomática altamente familiar que poderia ser recuperado como uma unidade multilexical no léxico mental, sem qualquer necessidade de análise sintática da sua estrutura interna?; e (5) considerando que as expressões metafóricas que são compreendidas por vários processos inferenciais, seriam procuradas no léxico de várias palavras como unidades lexicais?.

Flores d'Arcais aplicou aos seus sujeitos da pesquisa cinco experimentos.

O primeiro experimento buscou obter informações sobre familiaridade e sobre o ponto de singularidade da expressão para um grande número de expressões idiomáticas.

O objetivo deste experimento foi a obtenção de algumas indicações de um número de propriedades de uma grande amostra de expressões idiomáticas em holandês. Contou com um grande número de sujeitos em diferentes fases da pesquisa.

Os dados obtidos foram utilizados para a seleção dos materiais para os experimentos seguintes. Duzentas expressões idiomáticas holandesas foram escolhidas como material de base para a pesquisa. Eles foram apresentados em vários conjuntos de tarefas diferentes para um total de 294 sujeitos, com o pedido para realizarem uma série de tarefas.

A primeira tarefa consistiu na definição de sentido da expressão idiomática. Os sujeitos deram uma definição do sentido de cada uma das expressões idiomáticas. As definições apresentadas foram, em seguida, avaliadas por dois juízes em uma escala de 3 pontos, como (1) correta; (2) parcialmente correta ou relacionado à acepção lexicográfica de expressões idiomáticas; ou (3) completamente incorreto. Os valores médios da escala idiomática calculada sobre todos os assuntos deram uma indicação da disponibilidade ou o conhecimento do sentido das expressões idiomáticas.

A segunda tarefa relacionou-se à questão da familiaridade. Consistia em dar uma estimativa da frequência com que o sujeito usaria na língua, usando uma escala de 7 pontos de "muito frequentemente

utilizado" para "nunca usado." Isto rendeu para cada expressão idiomática um escore de "frequência subjetiva" ou "familiaridade".

A terceira tarefa dizia respeito ao uso de sentido literal. Os sujeitos foram instigados a interpretarem o sentido de uma expressão idiomática quando pensavam que tinham recuperado o sentido "literal" da referida expressão. Após a resposta a esta pergunta, o sujeito tinha de expressar em uma escala de 5 pontos o grau de confiança de ter recuperado o sentido literal.

A quarta tarefa diz respeito ao ponto de singularidade idiomática. Os sujeitos foram solicitados a indicar, para cada expressão idiomática, o ponto em que palavra, em uma expressão idiomática, tornava-se unicamente definida ou linguisticamente idiomática.

Em se tratando dos resultados das tarefas aplicadas aos sujeitos da pesquisa, as definições dadas e as classificações forneceram em primeiro lugar uma série de detalhes sobre as propriedades das expressões idiomáticas, que foram utilizados como uma base para outros estudos, permitindo que as expressões idiomáticas fossem divididas em duas categorias: (a) "bem conhecidas" (alta proporção de definição correta) e "não conhecidas" (definições incorretas).

Segundo Flores d'Arcais, quando uma expressão idiomática é bem conhecida, o falante (leitor ou ouvinte) não pensa que usa o sentido literal, a fim de compreendê-la, enquanto que quando a expressão idiomática não é bem conhecida a interpretação literal é provável que seja usada em muitos casos.

O segundo experimento testou a hipótese de que expressões idiomáticas que, de acordo com a hipótese da memória idiomática, podem ser armazenadas como unidades formadas de várias palavras lexicais, e, portanto, podem ser interpretadas como tal, e ainda submetidas à análise sintática completa.

Este experimento relacionou-se ao processamento sintático durante compreensão de expressões idiomáticas. A hipótese era a de que se expressões idiomáticas são armazenadas na memória como unidades lexicais formadas polilexicalmente, como afirma a lista de hipótese, então a análise sintática da estrutura frasal da língua, em princípio, não deveria ser necessária para a compreensão da expressão idiomática.

O experimento testou a hipótese de que a análise sintática é um processo, obrigatório automático que não depende da estrutura

particular ao ser processada e que é insensível às propriedades lexicais da estrutura frasal. A experiência investigou a questão de saber se a análise sintática da expressão idiomática continua mesmo quando a expressão tinha sido reconhecida e o sentido idiomático apropriado foi atribuído a ele.

Para estes experimentos., 20 estudantes da Universidade de Leiden foram convidados a detectar violações sintáticas em sentenças contendo expressões idiomáticas verbais de familiaridade alta ou baixa.

Em termos de material da pesquisa, vinte e quatro frases que continham expressões idiomáticas (12 expressões idiomáticas altamente familiares e 12 familiares) e 60 locuções verbais a serem preenchidas, que constituíram o material do experimento. Em 50% da apresentação, cada frase continha uma violação gramatical, tais como as seguintes: (a) Violação de concordância de gênero entre artigo e substantivo; e (b) Concordância no plural/singular

Em termos de procedimentos, as locuções verbais idiomáticas foram apresentadas aos sujeitos da pesquisa em um computador, uma de cada vez, numa sequência esquerda para direita com cada palavra exibida ocupando uma posição diferente como em uma sequência normal impressa. No entanto, cada palavra foi apresentada e permaneceu no visor por alguns segundos e depois desapareceu.

Os resultados mostram que foram detectadas com sucesso pelos sujeitos das pesquisas, tanto violações em locuções verbais idiomáticas de alta e de baixa familiaridade (familiares e não familiares. A ausência de qualquer diferença na taxa de detecção de violações sintáticas em expressões idiomáticas de alta familiaridade e baixa familiaridade pode ser interpretada como tendo ocorrido, em ambos os casos, a análise sintática. Os resultados destas tarefas permitiram concluir que a análise sintática da cadeia frasal que constitui a expressão continua mesmo quando o item de familiaridade de alta foi reconhecida.

O terceiro experimento testou a hipótese de que expressões idiomáticas altamente familiarizadas são reconhecidas com facilidade, sem qualquer necessidade para o cálculo do sentido literal, ao passo que expressões idiomáticas de baixa familiaridade exigem um esforço adicional de processamento.

Este experimento consistiu na leitura palavra por palavra de sentenças contendo expressões idiomáticas. Para aplicá-lo, Flores d'Arcais considerou que para se compreender locuções verbais

idiomáticas seria necessário um processamento adicional, devido à necessidade de calcular primeiramente o sentido literal e, em seguida, um sentido idiomático, ou a necessidade de construir duas interpretações em paralelo, como vários dos modelos na literatura desta área sugerem alternativamente, então, deveria esperar aumento da carga de processamento com expressões idiomáticas, em comparação com as não idiomáticas.

Em termos de material deste experimento, foram selecionadas vinte e quatro expressões idiomáticas, sendo 12 familiares e 12 muito estranhas ou não familiares, dos quais, respectivamente, 6 eram transparentes e 6 muito opacas, constituíram o material experimental. Eles foram incluídos em frases com contexto neutro, literal ou idiomático. Setenta e duas frases de preenchimento foram misturadas com as 24 sentenças contendo expressões idiomáticas. Vinte e quatro dessas frases foram pareadas com sentenças idênticas estruturas sintáticas e conteúdos muito semelhantes às sentenças contendo expressões idiomáticas. As sentenças foram apresentadas em uma palavra um monitor em situação on-line, sob controle dos sujeitos.

Em termos de sujeitos e procedimentos da pesquisa, vinte e quatro estudantes da Universidade de Leiden participaram da experiência como sujeitos voluntários pagos. Os tipos de frases de contexto e as expressões idiomáticas selecionadas foram randomizados de tal forma que cada indivíduo recebeu duas sentenças em dois contextos diferentes. Os sujeitos se sentavam em frente ao monitor a uma distância de cerca de 70 cm, e receberam a sentença de uma palavra no momento pressionando uma tecla. As palavras da locução verbal foram apresentadas na tela da esquerda para a direita, e manteve-se visível até que o fim da locução verbal. Algumas das frases necessitaram de duas linhas na tela.

Os resultados mostraram que o tempo de inspeção ao ponto de singularidade da expressão idiomática eram praticamente o mesmo para itens familiares e para palavras de controle, que faziam parte de locuções verbais não idiomáticas. Expressões idiomáticas desconhecidas, por outro lado, necessitavam às vezes de inspeção significativamente mais longa. As expressões idiomáticas desconhecidas exigem tempo de inspeção significativamente superior do que aqueles transparentes. A interação entre o tipo de frase de

contexto e familiaridade foi significativa apenas para as locuções verbais idiomáticas desconhecidas.

A pesquisa de Flores d'Arcais nos sugere que a ocorrência de uma expressão idiomática familiarizada não requer qualquer computação adicional, e que o processamento prossegue da mesma maneira como com uma frase contendo uma locução verbal não idiomática da mesma complexidade estrutural do uma expressão idiomática.

Por outro lado, quando a palavra diacrítica (ou idiomática) de uma expressão desconhecida for reconhecida, o leitor desacelera o ritmo de leitura dela, indicando assim a necessidade para a atribuição de uma interpretação alternativa para a frase no ponto de sua idiomaticidade.

Os dados da pesquisa de Flores d'Arcais mostram que os leitores têm mais dificuldade na interpretação de expressões idiomáticas desconhecidas, enquanto que eles não parecem ter qualquer dificuldade na interpretação de uma expressão mais conhecida do que qualquer outra parte da sentença.

A pesquisa obteve evidências para a noção de que expressões familiares são processadas sem qualquer problema. Por outro lado, expressões idiomáticas não familiares, quando opacas e, especialmente, se incorporadas num contexto neutro, oferecem alguns problemas de processamento. Para Flores d'Arcais, parece razoável argumentar que este material é compreendido em seu sentido literal até o ponto em que isso não é mais possível. Neste ponto, alguma computação adicional parece ser necessária.

Os dados da pesquisa de Flores d'Arcais assinalam, enfim, que expressões idiomáticas familiares são entendidas diretamente, sem qualquer esforço adicional, e, provavelmente, sem a necessidade de computar a interpretação literal. Isso não parece ser o caso para expressões idiomáticas não familiares, para o qual o trabalho computacional adicional parece ser necessário, e esta especialmente quando o contexto não dá qualquer sugestão quanto à presença de um sentido idiomático de uma cadeia crítica.

O quarto e o quinto experimentos tentaram descobrir como as pessoas interpretam expressões desconhecidas e quais estratégias que podemsão utilizadas na atribuição de tal interpretação.

O quarto experimento refere-se à interpretação semântica de expressões familiares e não familiares. Neste experimento, foram apresentados aos indivíduos uma série de expressões idiomáticas e

pedido que eles escolhessem, entre quatro alternativas, a frase que corretamente correspondia à paráfrase do sentido das expressões idiomáticas.

Em termos de material da pesquisa, foram quarenta e oito expressões idiomáticas escolhidas de tal modo a cobrir toda a gama de escalas de familiaridade, determinadas no primeiro experimento. Para cada locução verbal idiomática foram feitas quatro paráfrases alternativas.

Uma dessas alternativas correspondia à interpretação (definição de dicionário) correta da expressão idiomática, os outros foram escolhidos a partir das definições errôneas produzidas pelos sujeitos do estudo (piloto) ou, em alguns casos, criadas pelo experimentador e dois colegas.

Em termos de sujeitos e procedimento, participaram do experimento cinquenta estudantes da Universidade de Leiden, onde lhes foi dado um livreto contendo as 48 expressões idiomáticas, com quatro alternativas cada. A tarefa era escolher a paráfrase (maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra) que melhor correspondia, em sentido ao sentido da locução verbal idiomática.

Os resultados apontam que para expressões altamente familiares, a proporção de escolhas corretas foi muito alta, enquanto que para as expressões idiomáticas de baixa familiaridade a proporção de escolhas corretas foi muito menor.

Os sujeitos do experimento eram, na maioria dos casos, capazes de selecionar a paráfrase adequada para expressões idiomáticas familiares. Por outro lado, eles também apresentavam um desempenho melhor do que por acaso, mesmo com expressões idiomáticas desconhecidas.

Segundo Flores d'Arcais, não é de surpreender que a familiaridade com a expressão idiomática está correlacionada com a interpretação correta. Para ele, o fato de às expressões idiomáticas desconhecidas ser atribuída uma paráfrase correta, de alguma forma sugere que as pessoas são capazes de usar a informação semântica presente na cadeia sintagmática, a fim de chegar a uma solução.

O quinto experimento testou a produção de paráfrases para locuções verbais idiomáticas desconhecidas.

A perguntava que guiava o experimento era: que tipo de estratégias ou princípios que as pessoas usam na busca de uma interpretação de uma locução idiomática desconhecida e opaca? Ou,

em outras palavras, Flores d'Arcais perguntava o seguinte: que tipo de interpretação as pessoas podem oferecer quando se encontram diante de uma expressão idiomática desconhecida, ou uma que lhe é muito estranha ou difícil de lembrar? Que tipo de estratégias as pessoas usam para tentar dar sentido a essas expressões?

No experimento, foi dada aos participantes uma série de expressões idiomáticas desconhecidas, com o pedido para informarem, em cada caso, uma paráfrase. Em seguida, foram analisadas as paráfrases, tentando isolar os princípios que os sujeitos poderiam ter usado em produzi-los.

Em termos de material, foram selecionadas sessenta e quatro locuções verbais idiomáticas, 32 familiares e 32 desconhecidas, assim como foram indexadas no primeiro experimento. Dentro de cada uma destas duas categorias, 16 eram bastante transparentes e 16 eram expressões idiomáticas opacas. Juntamente com este material, um total de 66 sentenças lacunadas (cloze) foram apresentadas, algumas tendo um sentido metafórico figurativo, algumas apenas um sentido literal.

No tocante aos sujeitos, foram 80 alunos da Universidade de Leiden que participaram deste estudo em grupos.

Em termos procedimentais, as expressões idiomáticas foram impressas (sem contexto) em um livreto com espaço adequado para o assunto para dar uma resposta. Cada página continha 10 locuções verbais idiomáticas, e a ordem das páginas do livro foi variada para assegurar pelo menos a randomização do material.

Quanto à classificação das respostas, foram avaliadas em primeiro lugar na base da sua correção. A avaliação consistiu de correspondência da paráfrase com o sentido de dicionário. Este trabalho foi feito por quatro juízes, e na maioria dos casos, a avaliação não apresentaou qualquer problema.

As interpretações incorretas foram classificadas independentemente pelos quatro juízes com base em um número de categorias criadas pelos próprios juízes durante a classificação das respostas. Essas categorias, em seguida, foram reunidas e, após discussão, dada uma única etiqueta.

As paráfrases, em seguida, foram classificadas e atribuídas a uma destas categorias. Quando a classificação múltipla foi possível, em alguns casos, a paráfrase dada foi discutida entre os juízes e a

classificação foi baseada em uma escolha forçada entre as duas categorias possíveis.

Os resultados deste experimento mostraram que a proporção de paráfrases era estreitamente alinhada ao sentido das expressões idiomáticas, isto é, muito alta para as expressões idiomáticas familiares e significativamente menor para as desconhecidas.

As paráfrases dadas pelos sujeitos podem basearam-se em um dos seguintes princípios linguísticos a seguir:

(a) Analogia: a frase idiomática era interpretada por analogia a uma expressão conhecida, que continha uma palavra ou um constituinte de uma expressão familiar;

(b) Uso de propriedades semânticas de uma das palavras da expressão idiomática, principalmente um dos substantivos, sem considerar a frase inteira;

(c) Extensão metafórica da ação ou estado descrito na frase;

(d) Sentido literal: a interpretação era literalmente dada. Nesse caso, os sujeitos não foram capazes de descobrir qualquer interpretação idiomática.

(e) Outros: nesta categoria foram classificados um número de respostas muito pessoais ou idiossincrásicas, no sentido de que os indivíduos pareciam criá-las sem referência a qualquer princípio óbvio, ou deram uma paráfrase que para todos os juízes parecia completamente arbitrária.

Importante assinalar que a pesquisa de Flores d'Arcais destaca que quando, no experimento, era apresentada uma expressão idiomática desconhecida e pedido aos participantes para darem uma interpretação, eles pareciam ser capazes de dar paráfrases apropriadas ou adequadas e muitas vezes coincidiam com o sentido convencional da expressão. As interpretações propostas eram obtidas através de expressões idiomáticas familiares ou a partir de uma análise metafórica. A informação semântica, que constitui o sentido das unidades lexicais que fazem parte da locução idiomática, era usada para construir uma interpretação muitas vezes adequada ou plausível.

A pesquisa de Flores d'Arcais chegou a três conclusões.

Primeiro, o contato inicial com a expressão idiomática leva o participante a recorrer à análise sintática mesmo sendo as locuções verbais idiomáticas muito familiares, que, em princípio, podem ser reconhecidas após as primeiras palavras da combinatória, e não

necessitariam de uma análise sintática, a fim de serem entendidas, ou que parecem sugerir que são analisadas como qualquer outra sequência linguística, o que significa dizer que a análise sintática é a rota normal e necessária para obter uma estrutura interpretável.

Uma segunda conclusão, decorrente dos resultados da pesquisa, indica que existe uma clara diferença entre o processamento de expressões idiomáticas bem conhecidas familiares e novas e desconhecidas. Embora as expressões idiomáticas conhecidas sejam normalmente processadas sem qualquer esforço adicional, a compreensão de uma locução verbal idiomática estranha ou não familiar podem exigir algum esforço adicional computacional.

Uma terceira conclusão é a de que quando é dada uma interpretação a uma expressão idiomática desconhecida isso ocorre com base em uma série de princípios. Alguns deles foram isolados como prova para os processos que levam uma a uma interpretação significativa.

A pesquisa de Flores d'Arcais revelou, finalmente, que o processamento de locuções verbais idiomáticas pode apresentar alguns problemas computacionais apenas quando as expressões idiomáticas são muito ou completamente desconhecidas. As interpretações dadas a essas expressões são muitas vezes apropriadas ou pelo menos próximas ao sentido convencional. Para alcançar tais interpretações, o usuário da língua adota uma série de estratégias que são baseadas em princípios simples ou simplesmente idiossincrásicos.

Com base em alguns dos procedimentos e princípios da pesquisa de Flores d'Arcais (1993), elaboramos o 3° experimento de nossa pesquisa, dividido em duas tarefas.

Na primeira tarefa, denominada "Teste de Imagens Idiomáticas" (TII), objetivamos saber da competência fraseológica dos participantes da pequisa em identificar e dizer os sentidos figurados ou fraseológicos a partir de imagens literais, publicadas na internet, que "poderiam" evocar expressões idiomáticas, apresentadas uma a uma ao participante.

Na segunda tarefa, denominada "Teste da Competência Fraseológica" (TCF), buscamos saber sobre a competência fraseológica dos sujeitos da pesquisa, de modo a descobrir sentidos plausíveis de 15 expressões idiomáticas em Português (para efeito de análise de dados, só consideramos seis delas), as mesmas da primeira

tarefa, a partir de determinado contexto do português escrito (jornais de grande circulação nacional no Brasil).

Os experimentos de Cooper (1999)

A pesquisa de Cooper (1999) investigou as estratégias de processamento cognitivo on-line utilizadas por uma amostra de falantes não nativos de Inglês que foram convidados a darem os sentidos de expressões idiomáticas frequentes e apresentadas em um contexto escrito.

Os dados foram coletados por meio do protocolo verbal *think-aloud procedure* (procedimento de "pensar em voz alta"). Os participantes verbalizaram como acessam os sentidos das expressões idiomáticas.

Cooper parte da noção fregeana de não composicionalidade semântica de que uma expressão idiomática é uma expressão cujo sentido nem sempre pode ser facilmente derivado do sentido comum dos seus elementos constitutivos. Segundo ele, é difícil dizer o sentido literal por exemplo, das palavras individuais (chutar, balde, pau, barraca) em expressões como, em português, "chutar o balde" e "chutar o pau da barraca" com o sentido de "abandonar".

Quanto aos participantes da pesquisa, Cooper contou com um total de 18 sujeitos não nativos do inglês. Eles tinham idades entre 17 a 44 anos, sendo a idade média de 29,3 anos. Havia oito falantes nativos espanhóis, três japoneses, cinco coreanos, um russo e um português. Os participantes tinham vivido nos EUA 5,1 anos em média, e passaram de 7,3 meses em média estudando Inglês nos EUA. Muitos dos participantes tinham estudado ou estavam estudando inglês em cursos de idiomas especiais destinados a aumentar a proficiência dos estudantes estrangeiros para que eles pudessem atingir uma pontuação alta o suficiente no teste de inglês como língua estrangeira para admissão em uma universidade dos EUA.

No tocante aos materiais dos experimentos, os participantes receberam um teste de reconhecimento idiomático no qual eles foram instados a darem, oralmente, os sentidos de 20 expressões idiomáticas frequentemente usadas, selecionadas de um dicionário de expressões idiomáticas americanas. As expressões idiomáticas escolhidas

representaram uma mistura de diferentes níveis de discurso (em nossa pesquisa, desconsideramos este critério lexicográfico e adotamos um critério fraseológico).

Na seleção de expressões idiomáticas feita por Cooper, oito das expressões eram representativos do inglês padrão, oito eram informais ou coloquiais no nível do discurso, e quatro eram expressões do tipo gírias. As expressões em inglês padrão seriam mais prováveis de ocorrerem em inglês escrito e expressões de gíria mais no coloquial.

Para auxiliar os participantes a decifrar os sentidos das 20 expressões idiomáticas, cada expressão foi incorporada em um contexto de uma ou duas frases selecionadas a partir de estudos de compreensão das expressões idiomáticas em L1. Cada expressão com seu contexto foi digitada em um cartão de nota separada e entregue aos participantes em sequência. Desta forma, a pesquisa buscou aferir as medidas de compreensão para que fosse analisado o processamento das expressões idiomáticas imediatamente após a percepção auditiva ou visual.

Para investigar os processos de compreensão idiomática, Cooper usou a técnica do think-aloud protocols (protocolo pensar em voz alta) para coleta de dados, enquanto os estudantes eram submetidos ao Teste de Reconhecimento Idiomático (TRI). O foco da tarefa (think-aloud protocols) era o de obter dados para relatar o conteúdo de sua consciência imediata, isto é, os sujeitos teriam de relatar o que eles estavam pensando no momento do teste. Dados oferecidos pela assistência técnica (experimentadores) não foram tomados como reflexos diretos de processos de pensamento, mas sim como dados que se correlacionaram com processos subjacentes do pensamento dos participantes.

Segundo Cooper, os dados do Protocolo Verbal forneceriam provas do que estava na mente do indivíduo durante a tarefa, permitindo ao pesquisador zerar os esforços mentais envolvidos no exato momento que um sujeito não nativo encontra uma expressão idiomática potencialmente problemática.

A principal hipótese da pesquisa de Cooper (1999) foi a de que o reconhecimento da expressão idiomática pode ser influenciado por fatores linguísticos, como o sentido de uma determinada palavra na expressão idiomática e extralinguísticos como as experiências e conhecimentos prévios dos participantes. Por essa razão, os

participantes foram solicitados a manterem esses fatores em mente ao verbalizem seus pensamentos sobre como eles chegaram a possíveis sentidos das 20 expressões idiomáticas.

Nossa pesquisa difere brevemente deste, porque levamos em conta, sobretudo, a memória fraseológica dos falantes: expressões memorizadas, em que o informante sabe sua forma (fixação) e seu conteúdo (idiomaticidade), não podems falar em opacidade versus transparência.

Mesmo em casos de equivalência de expressão idiomática em L1 (no caso dos africanos, línguas crioulas), consideramos estar diante de uma manifestação de memória fraseológica. Em nossa pesquisa, o recurso à L1, só foi considerado válido quando depois de constatado pelo experimentador que efetivamente o informante declarava não lembrar nem saber o sentido idiomático da expressão, durante o protocolo verbal houve uma clara busca por uma estratégica L1 para desvelar o sentido idiomático da expressão em L2.

Os dados da pesquisa foram analisados em duas fases. Na primeira fase, as definições das 20 expressões idiomáticas pelos participantes foram pontuadas em uma escala de 3 pontos: (a) 1 ponto foi dado para uma resposta "não sei" ou para uma definição errada; (b) 2 pontos para uma resposta considerada parcialmente correta; e (c) 3 pontos para uma definição correta. Na segunda fase da análise, as respostas dos participantes para cada expressão, após serem divididas em segmentos discursivos (denominadas de t- unidades), e como tais foram analisadas e marcadas de acordo com a estratégia de compreensão da expressão idiomática utilizada pelo participante.

As estratégias de compreensão para os quais foram encontradas provas nos dados foram denominadas com referência a estudos anteriores que lidam com a compreensão on-line da expressão idiomática em L1 (Cacciari, 1993; Flores d'Arcais, 1993), uma vez que tal terminologia tinha se mostrado eficaz na análise e categorização dos dados a partir de protocolos verbais. Estas estratégias de compreensão de expressões idiomáticas, entre outras, foram classificadas em dois grupos: as estratégias de preparação e as estratégias de adivinhação.

As estratégias de preparação permitiram aos participantes clarificar e consolidar o conhecimento sobre a expressão (Estratégia RP, repetir ou parafrasear o idioma); para ganhar mais tempo antes de

proferir um palpite, talvez para ensaiar uma resposta, e para peneirar a nova informação linguística (Estratégia DA, discutir e analisar a expressão idiomática), e para coletar informações adicionais, a fim de dar um palpite melhor informado sobre o sentido da expressão idiomática (Estratégia RI, solicitando informações sobre o idioma).

As estratégias de adivinhação representam casos em que o participante realmente arriscou uma interpretação da expressão, e a estratégia que leva à suposição foi categorizada como descobrir o sentido idiomática da expressão a partir do contexto (Estratégia AC), usando o sentido literal (Estratégia SL), utilizando os conhecimentos prévios (Estratégia CP), referindo-se a uma língua L1 (Estratégia L1), ou usando outras estratégias (Estratégia OE).

Cooper (1999) observou que, durante a aplicação do teste, a maioria dos participantes estava muito interessada em participar dos protocolos de assistência técnica em matéria de reconhecimento expressão e sempre buscavam saber os sentidos das expressões. Eles estavam conscientes das dificuldades inerentes à compreensão das expressões idiomáticas em L2 e queriam mais ajuda nesta área, especialmente para lidar com a frustração causada para compreenderem muitas expressões idiomáticas em L2.

Os dados levantados pelo TRI permitiram apontar que oito estratégias de processamento de expressões idiomáticas foram identificadas, das quais três foram usadas mais frequentemente (supor o sentido idiomático que a partir do contexto, usar o sentido literal da expressão e discutir e analisar a linguagem), enquanto as outras cinco estavam em menos evidência (referir-se a uma lingua L1, solicitar informações sobre a linguagem e contexto, repetir ou parafrasear a expressão idiomática, utilizar o conhecimento de fundo e usar outras estratégias)

Em substância, a pesquisa de Cooper (1999) assinala que o modelo padrão para explicar a compreensão idiomática não foi encontrado entre os conhecidos modelos de compreensão de expressão idiomática em L1 (teorias léxicas e composicionais do processamento cognitivo das expressões idiomáticas), entre outros, mas, trata-se um modelo heurístico pelo qual os não nativos do inglês, após encontrarem uma expressão idiomática desconhecida, empregam uma variedade de estratégias de uma forma de tentativa e erro para interpretar expressões idiomáticas L2 .

Modelos de aquisição de expressão idiomática em L1 não se aplicam satisfatoriamente à compreensão de expressões idiomáticas pelos usuários L2. Algumas sugestões pedagógicas, derivadas dos achados, foram incluídas nas sugestões e recomendações da pesquisa de Cooper.

Os procedimentos adotados por Cooper (1999) foram parcialmente, aplicadas em nosso primeiro experimento. Uma análise mais detida dos seus procedimentos metológicos levou-se a acrescentar algumas tarefas ao modelo estratégico.

Em nossa proposta, introduzimos, antes da tarefa de reconhecimento idiomático (denominada, em nossa pesquisa, idiomaticidade fraseológica), duas tarefas: identificação fraseológica e memória fraseológica. Na primeira, o informante teria que identificar a expressão (grau de fixação formal) e na segunda, declarar se lembrava ou não da expressão e de seu sentido idiomático.

Com a inserção destas duas tarefas no modelo de Cooper (1999), pudemos, então realizar a tarefa de idiomaticidade fraseológica, na qual o informante atribuía sentido idiomático à expressão e desconsiderávamos os informantes que já sabiam de cor as expressões idiomáticas do experimento.

Os informantes descartados não foram considerados também no levantamento de frequência de táticas e estratégias cognitivas de nosso experimento. Estes procedimentos foram transferidos aos 2º e 3º experimentos de nossa pesquisa.

Em substância, o experimento baseado em Cooper foi dividido em quatro tarefas nas quais objetivámos fazer uma gravação digital do que os participantes da pesquisa pensavam sobre quando tentavam descobrir os significados de 15 expressões idiomáticas em PB.

Inicialmente, foram dados, um a um, 15 cartões com expressões idiomáticas e pedido que lessem o pequeno texto que trazia inserida a expressão idiomática, mas sem quaisquer marcas de identificação de sua forma (fixação formal).

A segunda tarefa pedia ao informante para que dissesse se lembrava ou não da expressão e de seu sentido idiomático.

A terceira tarefa pedir que, em voz alta, dissesse ao experimentador tudo que estava pensando a partir do momento que olhasse a expressão idiomática, identificasse-a (ou não, posto que no caso de não identificá-la tal procedimento seria feito pelo experimentador) até que dizer o que ela significava no texto lido.

Na quarta tarefa, o experimentador oferecia ajuda técnica, isto é, estratégias cognitivas (top-down) para que pudesse desvelar o sentido idiomático das expressões opacas.

Os experimentos de Crespo e Caceres (2006)

Entre as aquisições tardias da fala, está a capacidade de as crianças entenderem as "frases feitas" de natureza figurativa ou metafórica que ocorrem na linguagem oral.

Diante dessa problemática, a pesquisa de Crespo e Cáceres (2006) teve por objetivo descrever o desenvolvimento da compreensão oral de frases metafóricas em crianças entre 5 a 13 anos de idade matriculados em escolas públicas municipais e particulares em duas cidades no Chile.

A pesquisa buscou, especificamente, alcançar os seguintes objetivos: a) apresentar as bases teóricas relacionadas com as frases feitas em espanhol e como as crianças desenvolvem a sua compreensão; b) descrever o grau de compreensão de frases feitas, de natureza metafórica, em estudantes chilenos, determinando a possível presença de diferenças significativas devido ao aumento da idade; e c) determinar que tipo de frases feitas metafóricas são mais fáceis ou mais difíceis de entender.

Os resultados indicaram diferenças significativas no grau de compreensão de enunciados metafóricos entre todos os grupos de idade considerados mais velhos.

Os dados permitiram também estabelecer que todos os enunciados fraseológicos foram relativamente fáceis. Entre as unidades fraseológicas, as colocações foram as que obtiveram percentuais maiores em termos de acertos quanto ao sentido idiomático, seguidas dos provérbios enquanto as locuções verbais resultaram mais difíceis de serem respondidas.

A pesquisa permitiu estabelecer que um aluno com bom nível de compreensão das colocações também foi capaze de lograr êxito em locuções e provérbios, ao contrario do que ocorreu com alunos que evidenciaram um baixo nível.

A pesquisa teve um design não experimental, com as seguintes variáveis consideradas: idade, agrupados por faixas mais largas (5-7, 8-9, 10-11 e 12-14 anos), definidas em grupos por idade para melhor estabelecer

diferenças entre os sujeitos e graus variáveis de compreensão das colocações, locuções e provérbios, que, juntos, constituem o grau variável de compreensão de expressões idiomáticas.

Em termos de instrumento da pesquisa, foi utilizado um software interativo que consistia de 54 itens que mediamm quatro dimensões relacionadas com a compreensão da linguagem figurada ou idiomática. Com tal procedimento, fora incluídos itens relacionados a atos de fala indiretos, ironia, expressões idiomáticas e pressuposições.

Os itens consistiam em diálogos realizados entre personagens de desenhos animados. Cada diálogo apresentava uma declaração não literal em que a criança devia interpretar adequadamente, escolhendo entre as respostas possíveis a serem marcados como correta (um ponto) ou incorreta (zero ponto). Primeiramente, os pesquisadores buscaram estabelecer a presença de diferenças no grau de compreensão de expressões idiomáticas em função da idade.

Considerando a idade relativa dos participantes e a capacidade de compreender expressões idiomáticas, os resultados da pesquisa de Crespo e Caceres (2006) indicam que, com a idade, aumenta capacidade de compreender idiomaticamente as expessões e essas diferenças passam a ser significativas em crianças mais novas com relação às mais velhas. Em outras palavras, a idade e os processos associados ao desenvolvimento da criança, em idade escolar, determinam o nível de compreensão das expressões idiomáticas.

Outro fato que pode ser observado na pesquisa Crespo e Caceres (2006) é que, embora as diferenças na competência idiomática sejam significativas em todas as faixas etárias, as diferenças parecem aumentar nos primeiros três grupos de idade (5-7, 8-9 e 10-11) e diminuir menos de metade de um ponto entre os dois últimos (10-11 em comparação com 12-14). Segundo os pesquisadores, isto parece indicar que é nos primeiros anos escolares que o desenvolvimento da compreensão idiomática torna-se mais evidente. Foi observado que as colocações são aquelas unidades fraseológicas que representam combinações mais simples e ao mesmo tempo mais fácil de serem compreendidas pelas crianças.

Os dados da pesquisa parecem indicar que o grau de dificuldade de uma expressão idiomática não é inteiramente relacionado com a sua estrutura, mas se deve a outros fatores, como a familiaridade, seu

nível analisabilidade sintática e o aumento da opacidade ou da transparência semântica.

Da pesquisa de Crespo e Cáceres (2006), levamos como procedimento metodológico para nossa pesquisa, a seleção das 18 locuções verbais idiomáticas, presentes nos três experimentos, através de suas tarefas, uma vez que são as locuções do tipo "verbo + argumento" que melhor permitem observarmos o comportamento verbal dos participantes da pesquisa quanto à atribuição de sentido literal e de sentido fraseológico às referidas unidades fraseológicas quando os mesmos são submetidos a testes psicolinguísticos.

Os experimentos de Detry (2010)

A pesquisa de Detry (2010) centrou-se na dimensão literal-icônico das expressões idiomáticas (EI) e na possibilidade de explorar este aspecto a nível cognitivo de aprendizagem na área de língua estrangeira (LE).

Na parte teórica de seu trabalho, Detry mostra a importância que as imagens formadas pelos componentes fraseológicos e seus valores metafóricos em jogo podem ser comparadas a partir de um ponto de vista não só linguístico, mas mostram a importância que as imagens podem ter também de ordem psicolinguística, de modo a contemplar a sua analisabilidade e transparência (noção de motivação semântica) de muitas expressões idiomáticas.

Em relação ao processamento de expressões novas por falantes não nativos, Detry destacou, em sua pesquisa, a implicação de que o tratamento especial geralmente dado à dimensão literal, levou os sujeitos da pesquisa a insistirem, particularmente, sobre o papel cognitivo a ser atribuído às características semânticas das expressões.

A pesquisa de Detry nos ajudou no design da primeira tarefa do 3° experimento que consistiu em solicitarmos dos participantes a identificação das expressões (fixação formal) a partir de imagens literais que poderiam evocar ou sugerir as seis locuções verbais idiomáticas selecionadas para o experimento.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, inicialmente, apresentamos como pensamos os objetivos, geral e específicos, perguntas e hipóteses da nossa pesquisa. Descrevemos como refinamos os instrumentos da pesquisa durante a aplicação de pré-testes a estudantes universitários nativos e não nativos do Português Brasileiro (PB).

Tratamos também da organização, apresentação e conteúdo do experimento psicolinguístico, bem como material e procedimento de seleção de expressões idiomáticas segundo critérios fraseológicos, tópicos que serão bem detalhados uma vez que o 2º e 3º experimentos seguirão os mesmos passos metodológicos do experimento.

Tratamos, ainda, de como concebemos o Protocolo verbal *think aloud* (TA) e como procedemos com a gravação de áudios e a correspondente transcrição de dados que constituíram o *Corpus Afri.*

Por fim, a fim de obtermos ferramentas metodologicamente adequadas para a aplicação de nossos três experimentos psicolinguísticos, fez-se necessário um trabalho prévio, composto por cinco etapas, que descreveremos passo a passo.

Objetivos, perguntas e hipóteses da pesquisa

Objetivo Geral

Esta pesquisa teve por objetivo geral investigar as estratégias de compreensão idiomática utilizadas por falantes não nativos do Português Brasileiro (PB) em contextos de uso.

Objetivos específicos de nossa pesquisa

(a) Solicitar aos participantes que verbalizassem seus pensamentos durante o esforço de acessar o sentido da expressão idiomática, com ou sem apoio de contexto de situação ou uso da língua portuguesa na vertente brasileira;

(b) Verificar o grau de identificação fraseológica dos falantes não nativos do PB imediatamente após lerem ou ouviram uma expressão idiomática em contexto de uso (texto escrito);

(c) Verificar o grau de memória fraseológica dos falantes não nativos do PB após lerem ou ouviram uma expressão idiomática, em situação de contexto de uso (texto escrito lido pelos falantes) ou de forma isolada (exposição oral feita pelo experimentador);

(d) Verificar o grau de identificação fraseológica dos falantes não nativos do PB a partir de estímulos de imagens literais suscetíveis de evocação de expressões idiomáticas;

(e) Identificar os tipos de expressões que os sujeitos não nativos do PB não reconhecem o sentido idiomático (opacas) e as características das expressões idiomáticas que são mais fáceis de compreender (transparentes);

(f) Verificar que táticas e estratégias cognitivas (bottom-up e top-down) são mais usadas pelos em falantes não nativos do PB e quais as estratégias (bem-sucedidas) que os beneficiam nos processos de compreensão das expressões idiomáticas de uso no Brasil.

Perguntas da pesquisa

As dificuldades específicas com a quais nos defrontamos a partir do tema proposto e que resolvemos por intermédio da pesquisa foram as seguintes:

(a) Em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de identificação fraseológica?

(b) De que forma expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa, representadas por imagens, variam em grau de identificação fraseológica?

(c) Até que ponto os participantes lembram-se das expressões escolhidas para este estudo e sabem seu sentido idiomático?

(d) Em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de idiomaticidade intralinguística?

(e) Que tipos de estratégias os participantes utilizam para compreender as expressões idiomáticas e quais delas foram bem-sucedidas?

Hipóteses

As respostas prováveis para nossos problemas foram expressas nas seguintes hipóteses:

(a) A identificação da fixação fraseológica da expressão idiomática pelo falante não nativo favorece o correto emprego do seu sentido idiomático;

(b) A identificação da fixação fraseológica das expressões idiomáticas, representadas por imagens, tende a apoiar-se na memória fraseológica dos falantes não nativos do PB;

(c) Os falantes não nativos do PB não processam as expressões idiomáticas memorizadas – só retoma o que já está psicolinguisticamente fixado na sua memória;

(d) Os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, ao mesmo tempo, a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos;

(e) Os falantes não nativos do PB tem noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória dos falantes nativos do PB como um todo unitário;

(f) As expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica;

(g) As expressões que designam nomes relacionados à botanismo (árvores), ao indumentismo (vestimenta) e ao gastronomismos (culinária) são de idiomaticidade forte por serem semanticamente menos motivados;

(h) Expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1 são mais fáceis de serem corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB

(i) O conhecimento do significado de um ou mais elementos da expressão idiomática torna acessível ao falante de Português L2 a motivação semântica (o significado idiomático) da expressão idiomática;

(j) O fenômeno da idiomaticidade fraseológica supõe uma dificuldade de compreensão para falantes não nativos do PB que desconhecem o sentido idiomático atribúido pela comunidade linguística à expressão;

(k) A idiomaticidade fraseológica pode ser influenciada pelas seguintes estratégias: (i) contexto de situação dado, formal ou informal (AC); (ii) sentido literal da expressão (SI); (iii) conhecimentos prévios dos participantes (CP); e (iv) conhecimentos linguísticos em L1 (L1, relacionada ao crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense)

(l) O uso de estratégias de compreensão de expressões idiomáticas em L2 varia de acordo com a competência fraseológica de cada falante não nativo do PB;

(m) Quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias top-down no processamento fraseológico, menos táticas bottom-up precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas;

Primeiros passos metodológicos

Até que estabelecêssemos definitivamente os critérios de seleção de país lusófonos, os grupos de participantes da pesquisa, por sexo, por tempo de estada no Brasil e por instituição educacional e, finalmente, aplicássemos os experimentos ao universo de participantes, dentro das minhas condições experimentais, levamos muito para o mapeamento de todo o percurso metodológico, resumidamente descrito nas cinco etapas a seguir.

Na primeira etapa, fizemos a seleção dos sujeitos, constituídos de estudantes universitários não nativos do PB, intercambistas (UFC, Unilab e UECE) e regularmente matriculados em instituições de educação superior (Unifor, Fatene e Fanor), oriundos de dois países africanos lusófonos (Cabo Verde e Guiné-Bissau), pertencentes à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Entrevistamos, ainda, angolanos e congoleses, mas em pequeno número, o que, desde cedo, desconsideramos como sujeitos da pesquisa. No caso dos congoleses, ainda mais justificado porque o Congo não tem o português como língua oficial.

Na segunda etapa, preparamos o material de três experimentos e estabelecemos os critérios de seleção das expressões idiomáticas por categorias fraseológicas, seguindo os parâmetros metodológicos de estudos empíricos já realizados com participantes não nativos de uma língua dada, com foco nas pesquisas e os estudos mais recentes na área de fraseologia.

Na terceira etapa, com base na literatura sobre experimentos psicolinguísticos relacionados à compreensão de expressões idiomáticas, organizamos a sequência de tarefas de três experimentos, com o objetivo de averiguar a competência fraseológica dos participantes da pesquisa com relação à compreensão idiomática, através de um protocolo verbal *think aloud*.

Na quarta etapa, procedemos com o refinamento dos instrumentos da pesquisa, onde, inicialmente, fizemos a aplicação dos pré-testes com 50 nativos do PB e com 10 estudantes africanos lusófonos, oportunidade em que obtivemos um feedback sobre se a redação e a clareza do questionário eram evidentes para todos os questionados e se as questões ou questionários propostos faziam o mesmo sentido para todos os informantes.

Na quinta e última etapa desta fase preparatória para a realização da pesquisa, para assegurarmos a validação do conteúdo e confiabilidade dos procedimentos dos três experimentos, submetemos, através de troca de e-mails, os designs dos experimentos à apreciação de especialistas em fraseologia (Antonio Pamies Bertrán, Carmen Mellado Blanco, Gaston Gross, Inmaculada Penadés Martínez, Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista, Mario García-Page Sánchez, Oto Vale e Rosemeire Selma Monteiro-Plantin) e psicolinguísticas (Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo, Florence Detry, Lúcia Fulgêncio, María Isabel González Rey e Rosemeire Selma Monteiro-Plantin) até que configuramos a versão final de nossa pesquisa, o que nos levou, ao longo deste processo a uma contínua e profícua reestruturação dos itens dos testes e das instruções dirigidas aos participantes da pesquisa definitiva[2].

Só a partir da realização destas etapas acima, cadastramos o Projeto de Pesquisa na Plataforma Brasil para ser avaliado pelo Conselho de Ética da UFC, atendendo ao que estabelecem as normas da **Resolução 466/2012, que** trata de pesquisas e testes em seres humanos.

[2] Entre os docentes brasileiros, gostaríamos de registrar a importância das contribuição das professoras Ana Cristina Pelosi, *Livia* Marcia Tiba Radis *Baptista e* Maria Elias Soares, ambas, da UFC, que, por ocasião da qualificação do projeto de pesquisa, fizeram-nos refletir sobre a qualidade e validade dos experimentos com as imagens e com as expressões idiomáticas selecionadas para os testes.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (UFC), com Parecer de número de 321.021/2013.

A tabulação dos dados e a realização estatística foram feitas com auxilio do software Microsoft Excel 2003.

EXPERIMENTO E TAREFAS PSICOLINGUÍSTICAS

Participantes

Participaram dos experimentos psicolinguísticos 20 estudantes selecionados para o Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)[1] na UFC, Unilab e UECE, e um grupo de estudantes matriculados em instituições privadas de educação superior (Unifor, Fanor, Fatene), no Ceará.

O processo de recrutamento dos participantes foi feito, inicialmente, a partir de dados cedidos pela *Coordenadoria de Assuntos Internacionais da UFC, através de* uma lista com nomes de estudantes de graduação da UFC, em Fortaleza, Sobral e Cariri, com seus respectivos números de telefones, celulares e e-mails, o que, nas primeiras tentativas de contato se mostrou um procedimento infrutífero, isto é, não foi suficiente para que o pesquisador obtivesse a adesão voluntária (e crédito de confiança) dos estudantes à pesquisa.

Posteriormente, percebemos ser eficaz um processo de recrutamento através das redes sociais, em especial, o Facebook, com o envio de um convite aos estudantes africanos lusófonos para participação voluntária na pesquisa, contendo informações básicas tais como o título da pesquisa e suas etapas, equipe (pesquisador principal, professora-orientadora e colaboradores) e o registro do Projeto de Pesquisa no Conselho de Ética da UFC/Plataforma Brasil.
Uma vez visualizada a primeira mensagem no Facebook, enviamos nova mensagem aos participantes com "solicitação de amizade" e, confirmado, individualmente, o aceite por parte do destinatário, ativamos o bate-papo para "formalizar" o convite e sensibilizar o potencial sujeito para participação voluntária na pesquisa, definindo

[1] O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), criado oficialmente em 1965, oferece a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico a oportunidade de realizarem seus estudos de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras

mês, dia e horário para um encontro pessoal na UFC, Centro de Humanidades, nos Campi do Benfica e de Sobral.

Entre os primeiros contatos pelo Facebook e o encontro pessoal com os participantes, um a um, para a realização dos testes, muitas vezes levamos semanas até que ganhássemos sua confiança de todos participantes e despertássemos neles o interesse de participar voluntariamente da pesquisa. À medida que fomos recebendo adesão dos estudantes fomos pedindo a cada um deles que nos facilitassem contato com outros patriotas que residissem no Ceará. Entre inúmeras respostas dos potenciais entrevistados, recebemos estas:

(a) "Olá, tdo bem! Aceito participar da pesquisa! Me desculpe pela demora, é q eu estava muito ocupada faculdade. Essa semana vai ser mais Light. Caso dê para senhor, a gente poderia agendar logo para segunda feira d tarde. Eu estudo no Benfica, poderíamos nos encontrar na Faculdade de Direito, ou em qq lugar q fique próximo ao Ru...almoçarei lá! ";

(b) "Olá. Sim, posso colaborar. Como seria essa pesquisa? Abraço";

(c) "oi boa tarde...eu aceito participar da pesquisa... eu queria saber mais detalhadamente do que se trata a pesquisa?";

(d) "oi não tem problema não eu posso participar da sua pesquisa sim. Vc vai estar em sobral até que dia, bem qualquer coisa segunda a tarde da certo me liga ok. tenha um bom final de semana abraço"; e

(e) Prezado Vicente Martins. Sou de Guiné-Bissau, estudante de Serviço Social, semestre 7°, de Faculdade Terra Nordeste - FATENE/CAUCAIA. Podes contar com a minha participação na sua pesquisa. Mas gostaria de lhe salientar que faço estagio no horário de manhã, faculdade a tarde e outras atividades nos horários diferenciados. Mas no momento estou de ferias na faculdade, quer dizer que vou estar com disponibilidade de participar na pesquisa até o final deste mês que é o fim das minhas ferias, porque depois vou iniciar o meu trabalho de monografia o que vai consumir o meu tempo."

Findo o processo de recrutamento dos participantes, através do Facebook, contabilizamos mais de 200 estudantes africanos lusófonos, cabo-verdianos, guineenses e angolanos, interessados em participar da pesquisa, o que nos levou a refinar mais uma vez a lista de potenciais sujeitos entre os que detinham mais tempo ou disponibilidade para as entrevistas ou em condições de deslocamento para conceder entrevista

(modelo DID, isto é, Diálogos entre *Informante* e *Documentador*) de cerca de 1h 30min, sem prejuízo de suas atividades acadêmicas. Foram seis meses, entre os primeiros contatos com os estudantes pelo Facebook e contatos por via celular e a conclusão das gravações de áudios com todos os sujeitos da pesquisa.

O universo de sujeitos de nossa pesquisa envolveu, inicialmente, 32 africanos lusófonos de Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola, por serem estes países africanos os que concentravam maior número de estudantes-convênio no Ceará e estudantes matriculados às suas próprias expensas em instituições privadas de educação superior.

Posteriormente, para viabilizar o processo de transcrição dos áudios, tomamos a decisão de reduzir o número de países (desconsideramos Angola por ter um número reduzido de informantes entrevistados), caindo o número de 32 para 20 informantes, mantendo-se, todavia, ainda um número elevado de transcrições ortográficas na ordem de mil folhas, o que nos levou, também, a diminuirmos o número de itens dos testes que até então eram de 45 para 18 expressões idiomáticas, ficando, ao final, 944 folhas de transcrição com 18 expressões idiomáticas (incluindo as respostas relacionadas ao teste com imagens idiomáticas), permitindo, finalmente, uma leitura mais detida do material transcrito e uma análise mais apurada das respostas dos informantes a partir de suas entrevistas concedidas ao pesquisador principal e à sua equipe de colaboradores (Mariana de Abreu Martins e Atília de Abreu Martins).

Para a análise dos dados dos experimentos psicolinguísticos, dividimos os informantes selecionados, por país, isto é, Cabo Verde e Guiné-Bissau, em 4 grupos de 05 estudantes cada, sendo:

- **Grupo 1 (G1):** composto por 05 estudantes do gênero feminino de Cabo Verde. Nas tabelas, os participantes deste Grupo estão representados pelos números 1,2,3,4, e 5.
- **Grupo 2 (G2):** composto por 05 estudantes do gênero masculino de Cabo Verde. Nas tabelas, os participantes deste Grupo estão representados pelos números 6,7,8,9 e 10.
- **Grupo 3 (G3):** composto por 05 estudantes do gênero feminino de Guiné-Bissau. Nas tabelas, os participantes deste Grupo estão representados pelos números 11,12,13,14 e 15.

• **Grupo 4 (G4):** composto por 05 estudantes do gênero masculino de Guiné-Bissau. Nas tabelas, os participantes deste Grupo estão representados pelos números 16,17, 18, 19 e 20.

Levantamento de dados através ficha dos informantes, preenchida no dia da entrevista, apontou para o seguinte quadro de representação, por país e curso:

(a) **10 Alunos de cabo verde**: matriculados nos cursos de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Econômicas, Comunicação Social Publicidade e Propaganda, Direito, Engenharia Produção Mecânica, Biotecnologia, Engenharia Elétrica, Letras, Medicina e Odontologia**.**

(b) **10 alunos de Guiné-Biassu**: matriculados nos cursos de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis, Direito, Engenharia de Produção Mecânica, Serviço Social, Engenharia Elétrica, Ciências da Computação e Letras.

Como critérios de exclusão, foram considerados os informantes com estes quatro pré-requisitos: (a) a não assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; (b) serem concludentes ou estarem no último semestre da graduação; (c) informantes com mais de quatro anos residindo no Brasil; e (d) apresentarem uma postura não cooperativa ou indiferente durante a aplicação dos testes ou interferência ocasional de circunstantes durante as gravações dos áudios, de modo a comprometer a qualidade das gravações e suas respectivas transcrições ortográficas. Foram excluídos 12 informantes que tinham, pelo menos, uma destas restrições acima.

Como critérios de inclusão foram considerados: (a) a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; (b) não serem concludentes ou estarem no último semestre da graduação; (c) informantes com mais de quatro anos residindo no Brasil informantes com até quatro anos residindo no Brasil; e(d) postura cooperativa durante a aplicação dos testes e a não interferência ocasional de circunstantes na qualidade dos áudios. Observamos, entre as características psicológicas dos informantes selecionados para a pesquisa, as seguintes: timidez, vivacidade e perspicácia

Refinamento dos instrumentos da pesquisa

Em nosso trabalho, os pré-testes com sujeitos nativos do Português Brasileiro (PB) além de nos terem possibilitado ajustes e detecção de incoerências nos designs dos experimentos para estabelecermos graus de identificação e memória fraseológicas e para a compreensão das expressões idiomáticas, puderam aumentar a validade do nosso instrumento da pesquisa à medida que imprimiram um caráter rigoroso à metodologia, de modo a evitar tomada de decisões aleatórias.

Durante a fase de realização dos pré-testes relativos aos três experimentos com sujeitos nativos do português brasileiro, estudantes universitários da UFC e da UVA, ainda não eram suficientemente claros da nossa parte os passos ou procedimentos metodológicos da nossa pesquisa.

Algumas perguntas nos inquietavam, do tipo: (a) como selecionar e categorizar as expressões idiomáticas que vão aparecer nos testes? (b) uma vez selecionadas, as expressões deveriam aparecer dentro de que tipo de gênero textual (jornais, revistas) ou devem ser colocadas dentro de um texto que o pesquisador venha a construir em anunciados breves? Que extensão (número de palavras) deveriam ter os textos em que as expressões vão aparecer para a leitura dos informantes? O experimentador identificaria a expressão já na pergunta do experimento ou solicitaria que após a leitura os informantes fizessem a identificação fraseológica? Uma vez sendo identificada a expressão pelo informante ou pelo experimentador, a pergunta seguinte deveria se referir à memória fraseológica ou à idiomaticidade semântica ou intralinguística, levando em conta L1 e L2? Na tarefa relacionada à questão de múltipla escolha, quantas alternativas deveriam ser submetidas aos participantes e quais os critérios para elaboração destas alternativas? Como categorizar previamente as táticas e estratégias de compreensão? Como não aborrecer os informantes durante a aplicação do protocolo verbal *think aloud* em que a todo momento o experimentador solicitaria que pensassem em voz alta para que todos seus comentários fossem registrados nos áudios digitais? Na tentativa de resolver estas questões, acabamos por desenvolver tarefas específicas para dirimir estas dúvidas ao longo da aplicação fdos testes experimentos,

procurando explicitar as quatro perguntas fundamentais da pesquisa, numa sequência rigorosa (identificação fraseológica - memória fraseológica - idiomaticidade fraseológica), fruto das observações e experiências na análise dos dados dos pré-testes.

Em outras palavras, ressaltamos que tendo em conta que a opacidade-transparência depende das características das unidades fraseológicas (metáforas, literalidade do sintagma etc) e também da percepção e do conhecimento de cada falante, consideramos que uma expressão idiomática de fácil reconhecimento pelo falante nativo não é necessariamente fácil para um falante não nativo. E vice-versa.

Procuramos com a seleção de expressões idiomáticas e a montagem dos testes, assim, refletir bem este zelo com um informante muito especial, que, em hipótese nenhuma, poderia ser visto por nós como um estrangeiro comum no Brasil, por apresentarem um perfil singular: são falantes lusófonos, competentes em L2 (língua portuguesa), falantes com L1 (crioulo) com base lexical em L2, residentes temporários no Brasil e com países relativamente distintos com relação à economia, política, educação e ao ensino do português como língua oficial.

Durante a aplicação dos pré-testes com imagens idiomáticas (terceira bateria de testes), observamos que os falantes nativos do PB eram capazes de reconhecer (ou não), como de fato aconteceu, as imagens que podiam evocar expressões idiomáticas (ou outras unidades fraseológicas, como provérbios e parêmias, por exemplo) e associá-las diretamente ao sentido figurado que armazenam em sua memória, o que nos indicaria que essa operação, assim, dependeria sobretudo do que o falante recordava como expressões em sua língua materna (língua portuguesa na vertente brasileira).

Em outras palavras, os dados do pré-teste não foram capazes de nos indicar se as expressões idiomáticas eram transparentes ou não já que simplesmente os falantes nativos as armazenam em sua memória e as recuperam quando as necessitam no seu cotidiano. Por essa razão, quando elaboramos definitivamente os três experimentos, descartamos os informantes que lembravam a expressão e sabiam seu sentido idiomático.

Reestruturamos os pré-testes com imagens idiomáticas e os convertemos em duas etapas na terceira bateria de testes de nossa pesquisa.

Cremos que se os falantes não nativos do português brasileiro, diante de uma imagem de uma nova expressão idiomática, portanto, não previsível em sua língua (no caso, o crioulo), podem adivinhar parcial ou totalmente seu sentido figurado, então isso poderia nos indicar que algo na imagem ajuda a chegar ao sentido figurado. Desta forma, para julgarmos o grau de transparência-opacidade das expressões idiomáticas não consideramos as respostas dos nativos no pré-teste. O ineditismo do trabalho estaria, pois, em observarmos o comportamento verbal de informantes não nativos que declarassem desconhecer a forma fixa e o sentido translato das expressões idiomáticas.

Os dados dos pré-testes nos levaram a considerar o seguinte em nossa pesquisa: a compreensão de uma expressão idiomática dependerá do contexto proposto. O contexto, porém, para um falante nativo pode ser ou não clarificador em relação ao sentido figurado ou idiomático de expressão opaca. No caso de um falante não nativo, o contexto contém chaves semânticas para que chegue ao sentido idiomático da expressão idiomática. Por essa razão, as 45 expressões idiomáticas, utilizadas nas três baterias de testes, foram contextualizadas a partir de excertos de jornais de grande circulação nacional.

Posteriormente, submetemos, informalmente, a três estudantes africanos as três baterias de testes. Observamos que na segunda bateria e na terceira de testes, uma expressão idiomática posta em contexto ajudava mais que uma expressão idiomática apresentada de forma isolada, como ocorreu nos pré-testes com os nativos.

Se a expressão é opaca, um não nativo do português brasileiro, como é o caso de um africano lusófono, não teria, a princípio, condições de descobrir o que é fora de contexto. Em substância, fomos levados a reconhecer que o contexto realmente dirige a compreensão, e nós lusófonos, nativos e não nativos de uma língua portuguesa, sempre construímos o sentido. Os resultados da pesquisa confirmaram que os sentidos idiomáticos das expressões foram altamente dependentes do contexto construído.

Vimos também mesma expressão idiomática pode não ser compreensível num contexto (formal, como em texto jornalístico, de circulação nacional) e ser compreensível em outro (informal, como, por exemplo, em exemplo dado pelo experimentador). Por essa razão, fomos levados a repensar as estratégias top-down, acrescentado duas delas, AA (Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de

alternativas de múltipla escolha) e AT (Adivinhar o sentido da expressão a partir da contexto informal), para ajudar na codificação das respostas dos informantes às perguntas dos testes.

Os resultados da primeira fase dos pré-testes foram bastante frágeis porque as expressões idiomáticas foram apresentadas aos participantes isoladamente, mas, como a discutirmos com os estudantes brasileiros, especialmente os da área de Letras, advertiram-nos que se as expressões fossem contextualizadas, os dados seriam mais reveladores sobre os processos de compreensão idiomática, posto que o contexto desempenha importante papel na construção ou montagem do sentido idiomático das expressões idiomática.

Convencidos da necessidade de utilização de contextos de uso na apresentação das expressões idiomáticas aos nossos informantes, acreditamos que tal procedimento se constitui, a rigor, em um método eficiente para a pesquisa sobre estratégias de compreensão com informantes não nativos do português brasileiro e que, além de ser mais interessante, também pode nos oferecer melhores resultados ou respostas para os problemas desta investigação, como veremos mais adiante.

Organização, apresentação e conteúdo do experimento

Para a realização deste experimento foram utilizados os seguintes procedimentos:

a) **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,** conforme resolução do Conselho Nacional de Saúde CNS 196/96, apresentado, em voz alta, pelo entrevistador, antes das entrevistas, e, em seguida, lido, em voz silenciosa, pelos informantes e, depois de tiradas as dúvidas, devidamente assinado pelos mesmos. As instruções lidas aos participantes no momento da entrega deste documento não faziam quaisquer menções a aspectos metalinguísticos da pesquisa, como, por exemplo, a definição de expressão idiomática nem dávamos também exemplos de locuções verbais (o conjunto dos itens selecionado para a pesquisa), um dos tipos de expressões idiomáticas escolhido para nossa investigação:

b) Realização de uma bateria de testes ou experimentos psicolinguísticos**,** através de quatro tarefas ou experimentos para coleta de dados, obedecendo, rigorosamente, as etapas abaixo:

(1) Tarefa 1: **Teste e Verificação do Grau de Identificação Fraseológica**, que consistiu em os informantes, após a leitura dos testes, identificarem, no texto, a expressão pluriverbal fixa, isto é, a forma fixa da expressão idiomática (locução verbal);

(2) Tarefa 2: **Teste de Verificação do Grau de Memória Fraseológica**, que consistiu em os informantes, antes da aplicação do Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Intralinguística, declararem se lembravam ou haviam ouvido a expressão ou se lembravam a expressão, mas não sabiam seu sentido idiomático ou, ainda, se lembravam a expressão e sabiam seu sentido idiomático;

(3) Tarefa 3: **Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Intralinguística**, que consistiu em, antes, durante ou depois da aplicação do protocolo verbal, os informantes atribuírem sentido idiomático à expressão dada, isto é, apontar sua idiomaticidade semântica, com ou sem Solicitação de Informação (SI) ou ajuda técnica do experimentador; e

(4) Tarefa 4: **Teste de Verificação de Estratégias de Compreensão**, que consistiu em capturar dos informantes, durante a realização das entrevistas, as estratégias decorrentes do protocolo verbal de ajuda técnica, nas tarefas 1, 2 e 4, de modo a evidenciar a frequência de uso de estratégias de compreensão e as estratégias bem-sucedidas relacionadas ao reconhecimento idiomático de seis expressões fixas.

A primeira bateria de testes apresenta os seguintes itens: método (material), com suas etapas (familiarização, pré-experimento, experimento e comando). Em seguida, apresentamos seus objetivos específicos e os problemas e as hipóteses a eles correlacionadas em cada uma das tarefas da bateria.

Assim procedemos porque acreditamos que, do ponto metodológico, os objetivos e hipóteses de uma pesquisa devem estar relacionados entre si e em torno dos problemas levantados (das questões de pesquisa) pertinentes ao objetivo de estudo.

Para assegurarmos a validação do conteúdo e confiabilidade dos procedimentos destas tarefas acima descritas, submetemos os designs dos experimentos à apreciação de especialistas em fraseologia

(Gloria Corpas Pastor, Leonor Ruiz Gurillo, Antonio Pamies Bertrán, Carmen Mellado Blanco, Gaston Gross, Maria J. Cuenca, Pelegri Sancho, Inmaculada Penadés Martínez, Nina Crespo, Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista, Mario García-Page Sánchez, Oto Vale, Cleci Regina Bevilacqua, Tatiana Rios e Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, esta, nossa orientadora) e psicolinguistas do Brasil e da Espanha (Leonor Scliar Cabral, Maria Elias Soares, Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo, Lúcia Fulgêncio, Alessandra Del Ré, Lélia Melo, Sandra Antunes, Marilei Amadeu Sabino, Rosemeire Selma Monteiro-Plantin,María Isabel González Rey, Emilio Rivano, Juan Pablo Larreta Zulategui e Florence Detry) até que configurássemos a versão final, o que nos levou, ao longo deste processo à reestruturação dos itens dos testes e das instruções dirigidas aos participantes da pesquisa definitiva.

Material e Procedimento de seleção

Como dissemos, anteriormente, o material e procedimentos de seleção foram melhor refinados depois da aplicação do pré-teste a 50 alunos nativos do PB, estudantes do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, e da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral. Havíamos, inicialmente, selecionado 55 expressões idiomáticas, todas locuções verbais, o que, na fase dos testes da pesquisa, se mantidas nesta totalidade, tomariam muito tempo dos estudantes africanos e poderiam aborrecê-los.

Optamos, por essa razão, pela redução do número de expressões idiomáticas. Então, de 55 reduzimos para 45 o número de expressões idiomáticas para os três testes elaborados para a pesquisa, sendo que cada teste ficou com 15 itens. Cada teste envolveu várias tarefas além da aplicação do protocolo verbal. A ideia era a de ter, em cada teste, expressões suficientes para, em um eventual corte, termos condições de escolher as mais adequadas à pesquisa, o que acabou acontecendo, como descrevemos mais adiante.

Vale salientar que a fase de realização dos pré-testes com os nativos do PB foi muito importante para a redefinirmos amiúde o material e procedimento de seleção dos informantes antes de fazermos a pesquisa de campo. Havíamos selecionado, por exemplo, para a primeira bateria de testes, 15 expressões idiomáticas, subdivididas em 3 grupos: (a) 1º grupo - brasileirismos: ficar de queixo

caído, matar a cobra e mostrar o pau, mostrar com quantos paus se faz uma canoa, contar com o ovo dentro da galinha e ver o sol (nascer) quadrado; (b) 2º grupo - gírias: chutar o pau da barraca, matar cachorro a grito, pagar mico, soltar a franga e tirar água do joelho; (c) 3º grupo - popularismos: aguentar o tranco, bater as botas , botar a boca no trombone, sair com o rabo entre as pernas, segurar as pontas.

A seleção das expressões idiomáticas acima, porém, mostrou-se pouco operante na fase final de seleção das expressões. Já observarmos durante análise dos dados dos pré-testes aplicados aos nativos do PB que a divisão em classes era contraproducente. Assim, abandonamos o critério lexicográfico de classificação das expressões idiomáticas (brasileirismos, gírias, popularismos) porque consideramos que este modelo de taxonomia lexicográfica não atendia aos objetivos de nossa pesquisa, sem deixarmos de mencionar que eram grupos ou classes que se superpunham, isto é, as classes propostas não eram excludentes entre si.

Na classificação dos dicionários gerais (Houaiss, 2009; Aurélio, 2009 e Sacconi, 2010), uma expressão era incluída na classe dos brasileirismos e outra na classe das gírias, o que não havia motivo de ordem linguística para tal procedimento. Por exemplo, a expressão "matar a cobra e mostrar o pau, mostrar" em um dicionário era classificada como um "brasileirismo", mas em outro dicionário recebia uma outra denominação, assim como "chutar o pau da barraca" está na classe das gírias e não na mesma classe de "sair com o rabo entre as pernas", assim por diante. Realmente, um impasse que precisava ser resolvido antes de aplicarmos os testes aos não nativos do PB. A distribuição das expressões nas classes acima nos pareceu também bastante arbitrária. Em uma fraseologia estávamos, a continuar com este modelo, num *beco sem saída*.

Diante desse "embaraço lexicográfico", recorremos à prática taxionômica presentes nas atuais pesquisas fraseológicas europeias, nomeadamente hispânicas, tendo a frente pesquisadores como García-Page Sánchez (2008, p.363-364); Olza Moreno (2011, p,37-41); Luque Nadal (2012, p.66-69); Mellado Blanco (2004, p.15-40), o que nos levou a reclassificar as expressões do nosso estudo em zoomorfismos, somatismos e especiais, estas subdivididas, dependendo do teste, em botanismos, indumentismos e gastronomismos.

No caso da 1ª bateria de testes de reconhecimento, ficamos com dois zoomofismos, dois somatismos e dois botanismos, assim, excluindo as demais especiais (indumentismos e gastronomismos).

Seguindo a lição de Mellado Blanco (2004, p.22), entendemos por zoomorfismos e somatismos, as expressões idiomáticas que contêm, pelo menos, um lexema referente a nome de animais ou à parte do corpo humano, respectivamente. Nas especiais, os botanismos são expressões que trazem na sua formação um lexema relacionado à botânica; os indumentismos, ao menos um lexema relacionado à vestimenta; e gastronismos, expressões idiomáticas que tenham ao menos um lexema relacionado à arte culinária ou às refeições apuradas. Os indumentismos foram utilizados na segunda e os gastronomismos na terceira bateria de testes.

Como já antecipamos em parágrafo anterior, para esta primeira bateria de testes, dado o volume de informações contidas nas respostas às 15 expressões idiomáticas contextualizadas, registradas através das respostas dadas pelos estudantes africanos lusófonos às quatro tarefas, selecionamos 06 delas para apresentação destes dados, classificadas conforme as taxionomias mais frequentes nas pesquisas fraseológicas atuais.

Sendo assim, o primeiro grupo foi formado por duas expressões zoomórficas ou zoomorfismos: "matar cachorro a grito" e "pagar mico". O segundo grupo foi formado de duas expressões somáticas ou somatismos: "tirar água do joelho" e "pôr a boca no trombone". O terceiro grupo foi formado de duas expressões botânicas ou botanismos: "saber com quantos paus se faz uma canoa" e "chutar o pau da barraca".

Para testarmos a frequência das expressões idiomáticas no Português Brasileiro, submetemo-las, a um mês da data da aplicação da primeira bateria de testes de reconhecimento idiomático ao **Google** Brasil, obtendo os seguintes resultados: (a) Zoomorfismos: "matar/matando cachorro a grito" (247.000 resultados) e "pagar/pagando mico" (796.000 resultados); (b) Somatismos: "tirar/tirando água do joelho" (187.000 resultados) e "pôr a boca no trombone" (623.000 resultados); e (c) Botanismos: "Saber com quantos paus se faz uma canoa" (215.000 resultados) e "chutar/chutando o pau da barraca"(654.000 resultados). Como

podemos observar, todas as expressões têm uma frequência de uso significativo nas mais diversas mídias no Brasil.

Além do Google, recorremos a obras especializadas para observamos o registro ou a presença das referidas unidades fraseológicas nos dicionários de expressões idiomáticas, publicados no Brasil, tendo, ainda, neles consultado as acepções mais comuns com suas respectivas abonações, como as presentes no *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*, de Carlos Alberto de Macedo Rocha e Carlos Eduardo Penna de Rocha (2011). Afinal, era preciso, por parte do analista, ter um conjunto de acepções ou definições parafrásticas e abonações das expressões idiomáticas selecionadas para cotejar com as respostas dos informantes.

Para auxiliar os participantes a decifrar os sentidos das 06 expressões idiomáticas, cada expressão foi incorporada em um contexto de situação. Desta maneira, cada expressão com seu contexto foi digitado em um cartão de nota separada e entregue aos participantes em sequência. Os participantes eram introduzidos à primeira bateria de testes com os seguintes textos extraídos de jornais de grande circulação nacional, contendo as seguintes expressões idiomáticas, por categorias de classificação:

Seleção de expressões idiomáticas do Experimento

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

*Contexto de situação***:** "Costuma-se pensar que artistas de modo geral, inclusive os escritores, são ricos. Volta e meia sai uma reportagem que diz quanto um astro de TV famoso ganha e daí se difunde a crença de que artista é rico, quando, na verdade, matar cachorro a grito é atividade das mais exercidas pela maioria deles, mundialmente. (In João Ubaldo Ribeiro, Caderno Cultura, Notícias, **O Estado de São Paulo**, 20/03/2011).

Sentido idiomático: encontrar-se em situação aflitiva e/ou desesperadora; estar sem dinheiro, em difícil situação financeira, dispondo-se a fazer qualquer coisa para dela sair.

Não pagar mico

Contexto de situação: "Para quem não quer pagar mico na escolha de um pacote de viagem de formatura, é oportuno atentar para algumas dicas: deve-se ouvir sempre as sugestões de quem já embarcou com a agência ou operadora escolhidas; consulte o CNPJ da empresa para colher mais informações; e preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem, pois o custo-benefício pode ser pequeno."(In Caderno Tur, **DN**, 17/05/2012).

Sentido idiomático: não fazer besteira; não passar vergonha, por situação ridícula.

SOMATISMOS

Tirar mais água do joelho

Contexto de situação: "Existem perguntas que alvez você só tinha feito a si mesmo (e, portanto, nunca obteve resposta). A primeira: por que depois da primeira ida ao banheiro a vontade de urinar aumenta? Isso ocorre em parte porque o álcool inibe a ação do hormônio antidiurético, o que aumenta o volume da urina. A segunda: tomar cerveja quente faz a gente tirar mais água do joelho? Não. A velocidade de absorção dos líquidos é maior para as bebidas frias." (In Coluna Cláudio Cabral, Caderno Zoeira, **DN**, 09/08/2007).

Sentido idiomático: urinar; verter urina, voluntária ou involuntariamente.

Pôr a boca no trombone

Contexto de situação: "Indignado com os desmandos em Chaval, uma pequenina cidade ai extremo norte do Estado (a 401km de Fortaleza), um advogado que atua na área, Jorge Umbelino, pôs a boca no trombone e, em seu blog, também lamentou a falta de resposta do Judiciário para crimes no município." (In Hélio Passos, Coluna Em vez, Caderno Gente, **DN**, 20/02/2011)

Sentido idiomático: Dar gritos, berrar com estardalhaço, chorando, advertindo etc; reclamar em altos brados, protestar; revelar segredos, contar tudo o que sabe,

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Contexto de situação: **"**A partir do dia primeiro de janeiro, quando for empossada, a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa. Ela vai se arrepender até o último fio de cabelo de sua pobre cabeça, ter aceitado ser a candidata do Lula, porque tudo o que ele quer é continuar mandando." (In Braz dos Santos, comentário ao Caderno País, **JB**, /12/10).

Sentido idiomático: sofrer uma séria lição; sofrer um corretivo ou castigo em alguém; demonstrar o próprio valor.

Chutar o pau da barraca

Contexto de situação: "Sinto falta do Cazuza, do Ney Matogrosso. Acho que o único transgressor ainda é Caetano. Falta o povo chutar o pau da barraca. Queria ver Roberto Carlos de preto cantando samba. Queria ver coisas diferentes." (In Luiz Caldas, entrevista a Caderno Zoeira, **Diário do Nordeste**, 27/11/2009).

Sentido idiomático: mostrar-se irritado, aborrecido, impaciente; abandonar, desistir de um projeto.

Protocolo Verbal Think Aloud (TA)

Os experimentos off-line, em psicolinguística experimental, são baseados, segundo Leitão (2009, p.223), em respostas dadas por indivíduos após estes terem lido ou ouvido uma frase ou um texto, permitindo que o pesquisador possa capturar reações e estímulos linguísticos quando já houve uma integração entre todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, lexical, fraseológico, sintático, semântico).

Esta metodologia experimental levou-nos, então, a formular um Protocolo Verbal do tipo *think aloud*, tal qual o modelo de Cooper (1999), de experimentos similares ao que nos propusemos a esta pesquisa, de modo que nos permitisse observar, através de um experimento off-line, como os estudantes africanos lusófonos processavam a identificação, a recordação e a compreensão das expressões idiomáticas, isto é, como verbalizavam o que lhes vinha à mente durante a realização das tarefas 1, 2, 3 e 4 da primeira bateria de testes.

Para uma pesquisa de processamento fraseológico por estudantes não nativos do Português Brasileiro, cremos que o Protocolo Verbal, por ser um método introspectivo, justifica-se por evitar interpretações ou aferições difusas ou muito subjetivas no tocante ao processamento da compreensão idiomática e, também, o referido instrumento nos permite recolher com mais segurança dados linguísticos a partir de um processo de verbalização muito simples para os participantes, tornando-se acessível a qualquer indivíduo (TOMITCH, 2008), e, para o pesquisador, empiricamente, um instrumento facilitador quanto às atividades de transcrição e de codificação das estratégias de compreensão, possibilitando-nos, ainda, levar a efeito várias tarefas psicolinguísticas com objetivo de investigarmos a compreensão idiomática dos falantes não nativos.

Os procedimentos do Protocolo verbal *think aloud,* na primeira bateria de testes, seguiram os mesmos passos metodológicos da pesquisa Cooper (1999) aplicada a 18 estudantes de Inglês como L2, nos EUA e os de outros estudos de L2 que também adotaram a mesma metodologia psicolinguística (CHARTERS, 2003 e BAHAMEED, 2009).

As tarefas foram registradas em gravador digital de voz (CXR190-2GE), posteriormente, transcritas ortograficamente, com notações das conversas ou comentários observados pelos transcritores e pelo entrevistador (pesquisador principal), de modo a oferecer dados para a identificação, recordação e compreensão do sentido das expressões idiomáticas.

Transcrição de Dados

As vinte entrevistas dos sujeitos do experimento psicolinguístico foram transcritas na íntegra do gravador digital de voz, produzindo 267 páginas de degravação em espaço duplo, contendo cerca de 25.000 palavras. Esta primeira bateria representou 41% das 944 páginas transcritas das três baterias de experimentos realizadas nesta pesquisa.

Com o objetivo de agilizar o processo de transcrição dos 20 áudios e manter a homogeneidade no tratamento dos dados, instruímos e constituímos uma equipe de seis profissionais na área de Letras que,

juntamente, com o pesquisador principal[2], colaboraram com as transcrições ortográficas.

Como a experiência com Facebook, na fase de recrutamento, mostrou-se eficiente, com objetivo de estimular a troca de ideias, opiniões e tira-dúvidas, criamos um grupo fechado, também por esta mídia social, denominado Grupo de Estudos e Transcrições Ortográficas (GESTO, acesso por https://www.facebook.com/groups/fraseologia/?fref=ts), que contou com a participação ativa dos seis membros ao longo de três meses de atividades de transcrição.

Além das instruções do Alibi, recorrermos às normas de transcrições do NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta), elaborado por PRETI (2001, p.11-12), descrito abaixo:

Tabela 1 - Normas Para Transcrição – NURC

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	"... digamos entre aspas nesses bairros aqui "Aldeota ... Praia de Iracema ... Beira-Mar" ... sei lá ... alguma ( ) ... confusão assim não sei ... eu acho que "soltar a franga" acho que seria arrumar confusão..."
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	" eu já entendi … tem um outro ditado / assim / que na minha terra a gente usa … e h tipo … (compra / comprar sanino dentro da cova) ((hipótese de fala em crioulo)) … "
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ ou timbre)	/	"é … uma / uma menina que tava / eu / não tava assim dentro do contexto que ele tava falando … só que eu tô escutando … de queixo caído … "

[2] Esta atividade de transcrição só foi possível graças às orientações dadas pela Dra Socorro Aragão para a transcrição grafemática de cinco informantes de Sobral, cidade situada na mesorregião noroeste do Estado do Ceará, para o Atlas Linguístico do Brasil (Alibi). A partir desta experiência com o Alibi, pudemos aplicar os mesmos procedimentos de degravação a nossa pesquisa.

Entonação enfática	Maiúsculas	"PRONTO/ eu acho nesse caso/ comer com os olhos significa apreciar uma coisa/ alguma comida... gostar... você já está comendo..."
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	**::** podendo aumentar para :: ou mais	Ao emprestarem os... é: ... o dinheiro
Silabação	-	"((conversas ao longe)) /aqui/...trom-bo-ne /é/ você pode me dar uma dica?e...."
Interrogação	?	"“tirar mais água do joelho”..você sabe me dizer o sentido?
Qualquer pausa	...	" ele foi lá para fazer urina...mijar...ou então para vomitar né...para ficar mais aliviado"
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	" tem … eu conheço dois aqui ((música/ melodia ao fundo))… e h … “com quantos paus se faz uma canoa” … ela vai ver quão difícil é esse cargo … e vai sofrer muito … e:: tem mais um … até o último / “vai sofrer até o último fio de cabelo” … vai sofrer até não aguentar mais … talvez"
Comentário que quebram a sequência temática da exposição; exposição; desvio temático	-- --	"((risos)) é porque eu não sei traduzir-- -- é justamente -- -- expressão idiomática..."
Superposição, simultaneidade de voz	Ligando as linhas	" ah … você passa por alguém e diz assim … cadê / cadê o Manuel? … aí diz … rapaz o Manuel … pelo que eu sei ... está vendo o sol quadrado … o cara cometeu aquele crime … a justiça agora botou quente … a polícia veio em cima ... e ele agora tá vendo o sol quadrado … eu acho que ele vai passar e h

		tempo ... vai passar uns dez anos lá ... ((barulho / vozes ao fundo / alguém interpela o entrevistador que agradece a essa pessoa))
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu inicio, por exemplo.	((silêncio))	"((silêncio)) esse falta o povo chutar o pau da barraca ..."
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	"... a dificuldade se-gun-do diTADOS populares que “a mulher é a parte FRAca da sociedade” ... então a dificuldade é maior ... então..."

Entre as principais observações do NURC, levamos em conta em nossa pesquisa, as seguintes:

a) As iniciais maiúsculas não deveriam ser usadas em inicio de períodos, turno e frases;

b) Expressões fáticas deveriam ser registradas pelos transcritores, tais como ah, é, é , ahn, é n, uhn, tá;

c) Nomes comuns estrangeiros ou hipótese da língua crioula grafados em negrito;

d) Números deveriam ser grafados por extenso;

e) Os transcritores não deveriam indicar, nas transcrições, o ponto de exclamação (frase exclamativa) ou o ponto de interrogação (frase interrogativa), exceto as perguntas do entrevistador;

f) Os transcritores não deveriam fazer anotações ou comentários relativos ao cadenciamento da frase, exceto casos bem evidentes de truncamentos;

g) Os transcritores poderiam combinar sinais. Por exemplo: oh: ... (alongamento e pausa)

h) Os transcritores não deveriam utilizar sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcariam qualquer tipo de pausa.

Eis um trecho de transcrição realizada pelo grupo:

Entrevistador: após a leitura você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: "matar cachorro ... deixa eu ver ... “matar cachorro a grito” ... eles não são ricos como a tv mostra ... eles fazem outra coisa que talvez nem seja desse nível ... é ... fazer coisas básicas ... ((risos))

Entrevistador: fazer coisas básicas?

Participante: é: ((risos)) talvez ...

Entrevistador: é ... muito bem ... é : ... o quê te chama atenção? / ah: / você ler a expressão ... é ... “matar cachorro a grito” ... “chutar o pau da barraca” ... você / “ver o sol quadrado” / você apontou ... o quê que te chama atenção nestas frases que você tá apontando?

Participante: são (...)

Entrevistador: por que você apontou matar cachorro a grito e não outra?

Participante: é porque pra mim não existe em português ... ((risos)) essas palavras / esses textos... na verdade ... sei lá / você consegue associar alguma coisa ... mas / assim / por exemplo / alguém não tivesse nenhum conhecimento nem iria saber / por exemplo / aquela frases / aquelas expressões que eu não soube descrever o que são porque eu realmente não conheço / não faço ideia ... só fazendo que você entende ... é ...

Entrevistador: muito bem ... obrigado ...

Além de a equipe seguir os parâmetros do NURC, nas transcrições, consideramos oportuno uma série de intervenções esclarecedoras, ao longo das atividades, de modo a garantir um maior controle do trabalho, enquanto grupo, e a garantia dos mesmos mecanismos de tratamento e analise de dados mais adequados ao que pretendíamos nesta pesquisa.

Entre as instruções, oferecemos as seguintes:

(a) **Primeira versão**: realização da primeira versão da transcrição na primeira audição do áudio, gerando, assim, a versão preliminar da transcrição, isto é, os transcritores deveriam iniciar o processo de degravação a partir da primeira audição do áudio; nessa primeira fase do processo de transcrição, a pausa era dada a cada par de vozes (entrevistador / participante) para que fosse feita a digitação. Orientávamos para que quando houvesse alguma palavra ou termo em que o transcritor tinha ficado com dúvidas ou não lembrava na hora da transcrição, deveriam preencher com tracinhos (- - - - -) para completá-los em segundo momento da transcrição;

(b) **Segunda versão**: aprimoramento da primeira versão da transcrição na segunda audição do áudio, dando o transcritor continuidade à primeira degravação do áudio. Orientamos que os transcritores ouvissem atentamente o áudio para aprimorar o processo de degravação ou transcrição ortográfica. Nesta fase, a segunda audição requereria uma atenção redobrada e mais ativa por parte do transcritor. Nessa fase, também, o transcritor teria que voltar ao áudio e ouvir novamente o teste no caso de dúvidas. Também era o momento de preencher as lacunas que ficaram na primeira transcrição;

(c) **Terceira versão**: realização da terceira audição com objetivo de revisar o trabalho de transcrição já alcançado na segunda fase da transcrição. Uma vez que todos os testes tivessem sido transcritos, os transcritores deveriam ouvi-los mais uma vez para possíveis correções, inclusive atentos ao emprego dos diacríticos que deveriam ser assinalados já na transcrição inicial.

Consideramos, também, ao longo do processo de transcrição, fazer alguns lembretes aos transcritores quanto ao registro de suas impressões, conforme sintetizamos a seguir:

(a) Revisão dos critérios de pontuação - usamos apenas o sinal de interrogação nas falas iniciais do entrevistador; as demais pausas, de qualquer natureza, eram sinalizadas por reticências;

(b) Registro de possíveis ruídos, interrupções e outras observações pertinentes, que deveriam aparecer entre parênteses duplos (( ));

(c) Reprodução de todas as vozes, mesmo as que não conseguiam distinguir; reproduzi-las entre ( ) e indicar, em formato de comentário que se trata da hipótese do que ouviu;

(d) Reprodução das hipóteses das falas em crioulo, recorrendo, em casos especiais, a símbolos fonéticos para assegurar uma reprodução mais fiel da língua africana;

Por se tratar de uma transcrição ortográfica, consideramos o segmento transcrito, precedido ou não de reticência, como a unidade de análise gramaticalmente admissível para ser pontuada como unidade linguística formada de acordo com as regras de construção das sentenças de uma língua.

Segue, abaixo, o número de palavras transcritas por grupos de informantes (1, 2, 3 e 4) que nos dá uma ideia do esforço que os informantes tiveram em cada uma das expressões idiomáticas

registradas no protocolo verbal, considerando apenas o corpus da primeira bateria de testes:

Tabela 2 – Número de Palavras do Corpus

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	NÚMERO DE PALAVRAS				TOTAL
	M - CV	H - CV	M - GB	H - GB	
Matar cachorro a grito	1.499	1.195	1.007	2.358	6.059
Não pagar mico	1.062	1.087	1.478	1.987	5.614
Tirar água do joelho	1.442	764	908	1.967	5.081
Pôr a boca no trombone	943	616	758	1.063	3.380
Chutar o pau da barraca	1.760	987	1.053	1.420	5.220
Saber com quantos paus se faz uma canoa	1.494	1.055	1.274	1.263	5.086
Total	8.200	5.704	6.478	10.058	30.440

Seleção final dos informantes para as tarefas 1, 3 e 4

Os dados relativos aos níveis de e aos graus de memória fraseológica (Tarefa 2), a partir dos comentários dos informantes nos protocolos verbais, levaram-nos a recorrer a critérios de exclusão e de inclusão de informantes para as tarefas 1, 3 e 4, por expressão idiomática [3].

Foram excluídos das referidas tarefas todos os informantes que foram considerados de nível alto de memória fraseológica. Da mesma forma, foram incluídos todos os informantes considerados com nível médio de memória fraseológica e os informantes considerados de nível baixo de memória fraseológica.

Estes informantes, os de níveis médio e baixo, tiveram que atender ao pedido do experimentador para que atribuíssem sentido

[3] Na cronologia de aplicação das tarefas, registrada no protocolo verbal *think aloud*, as tarefas são aplicadas em sequência 1, 2, 3 e 4. *A posteriori*, a Tarefa 2 passou a ser o parâmetro para que pudéssemos selecionar os informantes que efetivamente teriam seus dados analisados e considerados nos cálculos relativos às médias e desvios padrão nas demais tarefas.

translatício à expressão idiomática contextualizada, respostas que nos permitiram observar as estratégias cognitivas a que recorreram para chegar ao conhecimento semântico da expressão, evidenciando-nos, assim, não apenas as táticas bottom-up e top-down usadas e as bem-sucedidas, mas também como se deu, em termos de processamento fraseológico, a transformação da opacidade em transparência semântica.

Assim, estabelecidos os critérios de exclusão e de inclusão, apresentamos as seguintes informantes consideradas na análise dos dados para as tarefas 3 e 4:

(a)Na expressão *matar cachorro a grito*, excluímos, para a Tarefa 3 e 4, dois informantes situados com nível alto de memória fraseológica. Foram considerados para Tarefa 3 e 4, três informantes situados com nível médio de memória idiomática e 15 informantes situados como nível baixo de memória idiomática.

(b)Na expressão *não pagar mico*, excluímos, para a Tarefa 3 e 4, 10 informantes considerados de nível alto de memória fraseológica. Foram incluídos 10 participantes considerados de nível baixo de memória fraseológica. Não houve, portanto, nesta situação, informantes considerados de nível médio de memória fraseológica.

(c)Na expressão *tirar mais água do joelho*, excluímos 7 informantes considerados com nível alto de memória fraseológica. Foram incluídos para análise dos dados das Tarefas 3 e 4, um informante considerado de nível médio de memória fraseológica e 12 informantes considerados de nível baixo de memória fraseológica.

(d)Na expressão *pôr a boca no trombone*, excluímos para as tarefas 3 e 4, 13 informantes considerados de nível alto de memória fraseológica. Foram incluídos nas tarefas 3 e 4, sete informantes considerados de baixo nível de memória fraseológica.

(e)Na expressão *Saber com quantos paus se faz uma canoa*, foram excluídos 9 informantes considerados de nível alto de memória fraseológica. Foram incluídos nas tarefas 3 e 4, dois informantes considerados de nível médio de memória fraseológica e nove informantes considerados de nível baixo de memória idiomática.

(f)Na expressão *chutar o pau da barraca*, excluímos 4 informantes considerados de nível alto de memória fraseológica. Foram incluídos 1 informante considerado de nível médio de memória fraseológica e 15 informantes considerados de nível baixo de memória fraseológica.

Material do experimento

O design do método (material) do experimento psicolinguístico foi dividido em quatro partes: **familiarização, pré-experimento, experimento** e **comando**.

(a) **Familiarização**: o experimentador interagia com o sujeito e apresentava uma expressão idiomática, não contemplada no conjunto de expressões do experimento. As expressões idiomáticas selecionadas para este experimento foram as seguintes: *ficar de queixo caído, matar a cobra e mostrar o pau, mostrar com quantos paus se faz uma canoa, contar com o ovo dentro da galinha, ver o sol quadrado, chutar o pau da barraca, matar cachorro a grito, pagar mico, soltar a franga, tirar água do joelho, aguentar o tranco, bater as bota , botar a boca no trombone, meter o rabo entre as pernas e segurar as pontas.*

(b) **Pré-experimento**: o experimentador apresentava ao sujeito um exemplo bem parecido do que ao das tarefas aplicadas no teste com expressão idiomática.

Na primeiro momento, um texto era assim apresentado: "O pessoal de esquerda anda preocupado com Hugo Chávez. O presidente venezuelano deu agora pra dizer que, se não há vida em Marte, o capitalismo deve estar por trás disso. Vai acabar botando minhoca na cabeça do Fidel Castro, que, como se sabe, está se despedindo da luta." (In Humor Tutty, **O Estado de São Paulo**, 27/03/2011).

Em seguida, pedíamos que o informante o lesse em voz alta e fazíamos a primeira pergunta da tarefa inicial, já registrado em protocolo verbal: após a leitura do texto neste cartão, você identifica alguma expressão idiomática, frase feita ou locução verbal que funciona como uma unidade cujo sentido não é literal? Você lembra ou ouviu antes a expressão idiomática identificada no texto dado?

No segundo momento, o experimentador aplicava a segunda tarefa deste experimento: "Você lembra ou ouviu a expressão identificada e sabe seu sentido idiomático, antes da aplicação destes testes?

No terceiro momento, fazíamos perguntas como: diga-me, em voz alta, qual o sentido da expressão idiomática e como você fez para chegar a esse sentido. O que a expressão identificada quer dizer para

você? Diga-me, em voz alta, o pensamento que passa por sua mente, como você descobriu ou tentou descobrir o sentido desta expressão identificada.

(a) Experimento: durante aplicação deste experimento, reafirmamos aos participantes que estávamos interessados em registrar os sentidos de 15 expressões idiomáticas de uso frequente no Português Brasileiro. Informávamos que suas respostas às perguntas deste experimento seriam pontuadas em uma escala de 3 pontos: (a) 1 ponto foi dado para uma resposta "não sei", " não sei o que significa", "não entendi a expressão" ou para uma definição errada; (b) 2 pontos para uma resposta considerada parcialmente correta; e (c) 3 pontos para uma definição correta.

(b) Comando: Vou dar-lhe 15 cartões, um a um, e você vai *Pensar em Voz Alta* e me dizer tudo que você está pensando a partir da primeira vez que você ler o texto contido neste cartão até que me diga o que quer dizer a expressão identificada por você (ou por mim). Para que pudéssemos estimular o diálogo entre informante e experimentador dizíamos que algumas perguntas poderiam passar em sua mente depois de verem as expressões idiomáticas do tipo: Já havia lido ou visto esta expressão antes? Já sei o sentido de cor? Como o contexto explica o sentido desta expressão idiomática? O sentido literal (ao pé da letra) da expressão tem alguma relação com seu sentido figurado? Será que uma determinada palavra da expressão foi o suficiente para eu poder dar seu sentido idiomático? A expressão idiomática me faz lembrar algo que ouvi alguém dizer antes? E, por fim, dizíamos: "eu gostaria que você falasse em voz alta, durante todo o tempo, desde o momento em que lhe apresento cada expressão contextualizada no cartão até você dar sua resposta final. Por favor, não tente planejar o que você diz. Basta agir como se você estivesse sozinho na sala falando para si mesmo. É mais importante que você continue falando. Se você ficar em silêncio por um período longo de tempo, vou pedir-lhe para falar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeira Pergunta da Pesquisa: Em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de identificação fraseológica?

Tarefa 1 - Teste de Verificação do Grau de Identificação Fraseológica

> "La fijación es arbitraria dese el punto de vista funcional, es decir, no encontramos ninguna explicacion semántica ni sintáctica del tipo de fijación em cada caso concreto" (ZULUAGA, 1980, p.99).

Para respondermos a esta pergunta da pesquisa aplicamos esta Tarefa aos sujeitos da pesquisa, com duração média 36 minutos, gravadas em áudios digitais para posteriores transcrições ortográficas.

Foi testada nesta tarefa a seguinte hipótese de nossa pesquisa: a identificação da fixação fraseológica da expressão idiomática pelo falante não nativo favorece o correto emprego do seu sentido idiomático.

As respostas dos informantes à principal pergunta da tarefa ("Após a leitura, você identifica alguma expressão idiomática?" Receberam uma pontuação, numa escala de 1 a 3, que nos permitiu, através doo cálculo de médias e desvios padrão para cada uma das expressões idiomáticas, o uma proposta de taxionomia para a identificação fraseológica: (a) Identificação por desvio fraseológico; (b) Identificação por redução fraseológica; e (c) identificação por diátese fraseológica.

Os participantes tinham que pensar em voz alta e dizer tudo que estavam pensando a partir da primeira vez que olhavam ou liam as expressões idiomáticas, entregues, uma a uma, em 15 cartões contendo textos publicados em jornais de circulação nacional (*Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Povo, Diário do Nordeste, Jornal do Brasil, CorreioBraziliense*).

Foram entregues aos participantes 15 cartões de cor amarela, de tamanho 20 cm X 15 cm, uma a uma, contendo uma expressão idiomática contextualizada e uma tarja preta cobrindo a pergunta do

experimentador. No caso de não conseguir identificar a expressão idiomática após a leitura em voz alta do texto, o entrevistador solicitava ao participante que retirasse a tarja preta do cartão e lesse a pergunta encoberta (por exemplo, "o que a expressão bater as botas" significa para você?"), o que levava, portanto, à identificação da expressão no texto dado.

Mais precisamente, depois da leitura do texto o entrevistador indagava ao participante se identificava alguma expressão idiomática, iniciando, a partir deste momento, a aplicação do protocolo verbal *think aloud*, que consistiu em solicitar que os participantes falassem livremente ou pensassem em voz alta enquanto respondiam a questão feita pelo pesquisador.

Partindo do pressuposto de que a fixação fraseológica (ou fixação formal) e a idiomaticidade semântica (ou fixação psicolinguística) são essenciais às unidades fraseológicas (UFs) e lhes asseguram o traço ou caráter de convencionalidade ou institucionalização, o objetivo desta tarefa foi verificar como os participantes identificavam as expressões idiomáticas de uso frequente no Brasil, estabelecendo, a partir dos dados coletados em suas respostas, uma tipologia de formas de identificação fraseológica.

Mais adiante, ao cruzarmos os dados com a tarefa 3, ocupar-nos-emos em verificar se expressões identificadas pelos participantes, sejam elas modificadas ou não, precisariam não apenas do apoio do contexto (Estratégia AC) mas da ajuda técnica (SI) do pesquisador. Já podemos adiantar que em todas as expressões idiomáticas deste experimento psicolinguístico, os participantes requereram a ajuda técnica (SI). Da mesma forma, veremos, na tarefa 4, se as expressões identificadas e as não identificadas pelos informantes, após a leitura do texto, correspondem as mesmas expressões não compreendidas ou as compreendidas pelos participantes.

Segundo Alvarado Ortega (2010, p.28), a fixação formal e a fixação psicolinguística (esta, aqui, nesta pesquisa, idiomaticidade fraseológica) se associam com a ideia de institucionalização que anuncia Corpas Pastor (1996, p.21). Assim sendo, a noção que damos aqui à identificação fraseológica refere-se à estabilidade em sua reprodução e na frequência de uso que apresentam as Unidades Fraseológicas (UFs), de modo geral, e nas locuções verbais, em particular.

Tendo em vista que o objetivo desta tarefa era os participantes identificarem formalmente a expressão idiomática, isto é, anunciassem ao experimentador a fixação formal da expressão conforme as definições de Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Alvarado Ortega (2010), ficou estabelecida, para definição do grau de identificação fraseológica, previamente, a seguinte pontuação, que variou de 1 a 3 pontos: incorreta ou difícil identificação (1 ponto); (b) parcialmente correta ou média identificação (2 pontos) ; e (c) correta ou fácil identificação (3 pontos).

Esta pontuação se tornou necessária para calcularmos, em Excell, as médias individuais do desempenho dos informantes, por expressão, bem como obtermos os valores dos Desvios Padrão e as médias das médias e, de posse destes dados ou valores, podermos definir juntamente, na tarefa 3, o grau de Idiomaticidade Fraseológica (ou opacidade semântica), contando para isso, com o inventário de estratégias bem (e mal sucedidas) no processo de compreensão das expressões idiomáticas pelos informantes.

Na primeira situação, considerada incorreta ou difícil identificação, a avaliação feita pelo pesquisador, as respostas dos informantes à tarefa foram codificadas no *Corpus Afri* com a sigla GF-IC (Grau de Fixação - Incorreta), em que o informante, após a leitura, declarava não saber ou não identificar nenhuma expressão idiomática no texto dado. Nesta posição, em alguns casos, o informante apontava um trecho ou uma palavra ou expressão fixa presente no texto, como casos de locuções nominais, colocações ou compostos (como, por exemplo, "reportagem", "custo-benefício", na tarefa na qual a expressão em foco era "matar cachorro a grito"), mas que não considerávamos como respostas válidas para uma pontuação significativa na pesquisa.

Neste caso, recebeu um 1 ponto numa escala de 1 a 3 e esta situação foi denominada de **identificação por desvio fraseológico**.

Na segunda situação, assinalada como parcialmente correta ou de média identificação, a avaliação feita pelo pesquisador no corpus das respostas dos informantes à tarefa foi codificada no *Corpus Afri* com a sigla GF-PC (Grau de Fixação - Parcialmente Correta), em que o informante, após a leitura, citou a expressão idiomática pretendida ou esperada no texto, mas a alterou com algum tipo de inserção, supressão ou substituição de componentes, comprometendo a noção

canônica de fixação fraseológica. Por exemplo, no texto em que o pesquisador esperava a identificação de "tirar mais água do joelho", o informante anunciou "soltar mais água do joelho", onde podemos observar a substituição da palavra "tirar" por "soltar", preservando restante da expressão, ou, em outros casos, citou apenas "mais água do joelho" ou "água do joelho", permitindo, todavia, em qualquer dos casos, a recuperação da forma canônica.

Neste caso acima, a resposta do informante recebeu 2 pontos numa escala de 1 a 3 e denominamos esta situação de **identificação por redução fraseológica,** uma vez que as alterações fraseológicas foram todas por redução ou elisão.

Na terceira situação, apontada como correta ou de fácil identificação, a avaliação feita pelo pesquisador, no conjunto das respostas dos informantes à tarefa, foi codificada com a sigla GF-CO (Grau de Fixação-Correta), em que o informante, após a leitura, apontou o bloco ou grupo fraseológico tal qual aparece no texto.

Nessa posição acima, foram três situações consideradas plenamente corretas:

(a) quando o informante apontou a fixação formal na sua forma canônica ou dicionarizada ou tal qual aparecia no co(n) texto de situação;

(b) quando o informante apontou o trecho em que aparecia a expressão idiomática, como parte da oração, uma vez que uma expressão idiomática não se constitui, por si só, uma frase cabal; e

(c) quando o informante anunciava uma variante fraseológica, em sua L1 (crioulo), equivalente a que aparecia no texto dado, seja em L2 (por exemplo, "engolir sapo" ou "engolir o peixe pelo rabo") ou em L1 (por exemplo, "cume ku odjo" por "comer com o olho").

Um dado curioso a observar é que para a identificação de expressão "pôr a boca no trombone", alguns vacilaram quanto à forma canônica ao afirmar "é ... botar … onde tem pôs a boca no trombone …". Neste caso, consideramos a identificação correta por se tratar apenas de um caso de variação fraseológica, de ordem lexical, botar/pôr a boca no trombone, recebendo 3 pontos (pontuação máxima). Esta situação foi denominada de **identificação por diátese fraseológica.**

Do ponto de vista teórico, para a realização desta tarefa 1, levamos em conta as condições necessárias descritas por Cermak

(1998, p. 144-145), para a correta identificação das expressões idiomáticas em um texto:

(a) a combinação textual indicada pelos participantes teria que ser considerada estável ou fixa por haver sido ouvida ou lida mais de uma vez, anteriormente à tarefa;

(b) a combinação textual escolhida pelos participantes deveria permitir algum tipo de variação léxica ou paradigmática ou gozasse de uma relativa "liberdade combinatória", sem que afetasse seu sentido global (por exemplo, pôr/botar a boca no trombone) ou produzisse outra expressão idiomática (por exemplo, "pagar mico" não aceitamos como sinônimo "pagar o mico"), uma vez que só aceitaríamos uma expressão idiomática equivalente anunciada na L1 dos participantes (crioulo cabo-verdiano/guineense), desde que pudesse recuperar o mesmo sentido idiomático da equivalente em L2; e

(c) a combinação escolhida pelos participantes teria necessariamente a presença de uma metáfora ou um grau de opacidade ou de não composicionalidade semântica, um traço muito frequente das locuções verbais, estas, por sua vez, um dos muitos tipos de expressões idiomáticas.

Para respaldar ainda mais as etapas propostas por Cermak (1998) em nossa pesquisa, fomos às teorias fraseológicas para evidenciar as três das propriedades básicas e definitórias das locuções verbais a que iríamos tratar nesta Tarefa 1 e na Tarefa 3, em particular, a saber:

(a) **a pluriverbalidade** ou **polilexicalidade**, entendida como a combinação estável formada por dois ou mais componentes que aparecem separados na escrita, como assinala Casares ([1950] 1969, p. 170; Gross (1996, p. 9-10); Corpas-Pastor (1996, p.19-20); Montoro Del Arco (2006, p.35-38); García-Page Sánchez (2008, p 23-34);

(b) **a fixação formal**, compreendida como a estabilidade formal ou interna das expressões idiomáticas na ordem de seus componentes, em suas categorias gramaticais, no inventário de seus componentes, a que faz alusão Casares ([1950] 1969, p.210-211), Zuluaga (1975p. 227-228;1980, p.95-110), Corpas Pastor (1996, p. 23-24), Alvarado Ortega (2010, p27-28), Mejri (2012. p.139-156) e Garrão (2012. p.125-131);

(c) **a estrutura não oracional**, na qual a locução não pode ter estrutura de oração sintaticamente completa, concepção tradicional

apresentada por Casares ([1950] 1969, p. 170) e traço plenamente aceito pela fraseologia contemporânea.

Nesta tarefa, verificamos o grau de fixação fraseológica dentro de uma escalaridade, por essa razão as respostas dos participantes foram categorizadas por nível de dificuldade (fácil, média e difícil identificação).

Os dados coletados para a Tarefa 1, a partir do protocolo verbal, apontaram que os valores médios das expressões idiomáticas, individualmente, variaram de 1,20 a 2,75 (ver tabela 1).

Como dissemos, anteriormente, para que pudéssemos considerar uma resposta correta, os informantes, durante a tarefa, deveriam atender plenamente aos três pré-requisitos formais e caracterizadores das locuções verbais: **a pluriverbalidade, a fixação formal** e a **estrutura não oracional.**

Pelos dados da tabela, podemos observar que a única expressão considerada de difícil identificação foi "pagar mico".

As expressões "tirar mais água do joelho" e " saber com quantos paus se faz uma canoa" não ofereceram grandes obstáculos para serem identificadas pelos participantes.

As expressões "pôr a boca no trombone", " matar cachorro a grito" e " chutar o pau da barraca" foram as três mais fáceis de serem identificadas pelos participantes.

Em uma pesquisa com participantes não nativos de uma língua sobre o processamento fraseológico, ou mais precisamente, relacionada aos processos de compreensão idiomática, os dados de nossa pesquisa levam-nos a crer que a identificação de uma expressão idiomática contextualizada, lida ou ouvida pelo participante, é uma habilidade linguística que tem forte dependência da competência fraseológica intercultural do leitor ou do falante em L2, o que repercutirá, certamente, na sua compreensão idiomática.

Acolhemos, pois, a hipótese de que a competência fraseológica dos usuários é um fator de opacidade nas locuções verbais (MOGORRÓN HUERTA: 2010, p. 244).

A noção de identificação aplicada à fraseologia corresponderia à segmentação, de acordo com a gramática de constituintes imediatos, presente nas teorias da linguística estrutural, procedimento que consistiria em os falantes, nativos ou não nativos, terem a capacidade de segmentar o enunciado ou texto, isto é, dividi-los em unidades

pluriverbais e discretas. Por exemplo, uma expressão como "ver com quantos paus se faz uma canoa" poderíamos segmentá-la em ver/com quantos paus/se faz uma canoa e assim por diante, reduzindo-a, portanto, a diversos níveis sintagmáticos.

Nesta tarefa do experimento psicolinguístico, podemos comprovar, empiricamente, que muitos componentes lexicais das expressões resultavam, por completo, desconhecidos para muitos participantes, como, por exemplo, "mico", "linguiça", "joelho", "manguinhas", "seda" e "siri".

Sem a identificação destas palavras por eles, consideradas "estranhas" ou "diferentes", a despeito da habilidade de discriminar as palavras em seus contornos visuais ou formais, a referida habilidade não resultava em acesso à forma fraseológica e, com essa restrição, um bloqueio também ao seu sentido idiomático.

Em substância, pareceu-nos que uma limitação na identificação da fixação fraseológica significava, para muitos participantes, uma diminuição significativa na sua habilidade ou capacidade de ativar esquemas cognitivos relacionados à idiomaticidade semântica e de relacionar a expressão à sua própria experiência de leitor, ouvinte e falante em L2 (estratégias top-down, conforme veremos mais adiante).

Vimos, ao longo da aplicação do protocolo verbal, que, em muitos casos, apesar de decodificarem as palavras desconhecidas no texto lido, não chegavam à sua analisabilidade ou composicionalidade muito menos à noção do sentido caracterizado pela não composicionalidade semântica. Ainda assim, o processo de leitura do texto pelos participantes, nesse caso, era flagrantemente lento, sofrível, por vezes, inaudível, com repercussão imediata na tentativa enganosa ou equívoca de identificação das expressões idiomáticas, embora pudessem identificar outras unidades, maiores do que a palavra, mas quebrando a expectativa do analista.

Dizendo de outra maneira, cremos que a identificação de uma palavra ou componente léxico de uma expressão idiomática em texto, em menor, médio ou maior grau de dificuldade, desemboca no leitor/ouvinte/falante algum grau de sentido de expressão idiomática desconhecida ou não familiar. É verdade que a identificação fraseológica, por si só, não garante o acesso ao sentido idiomático, mas, uma vez identificada a expressão, os participantes são

beneficiados na sua busca seletiva de estratégias de adivinhação (top-down) rumo ao sentido pretendido.

Em termos de percentuais de identificação fraseológica, por participantes, os valores variaram de 40% a 90%.

Para "matar cachorro a grito" e "não pagar mico", 85% e 40% dos informantes, respectivamente, identificaram, corretamente, aos dois zoomorfismos.

Para os somatismos "tirar (mais) água do joelho" e "pôr a boca no trombone", os percentuais de identificação correta foram de 60%, em ambas as expressões.

No caso dos botanismos "saber com quantos paus se faz uma canoa" e "chutar o pau da barraca" os percentuais de identificação fraseológica foram de 40% e 90%, respectivamente.

Os dados coletados revelaram que, nesta tarefa, os falantes não nativos, quando solicitados a identificar a expressão após a leitura do texto dado, acrescentaram o sujeito à expressão, isto é, não a isolaram como era nossa primeira (ou ingênua) expectativa em suas respostas. Normalmente, os analistas esperaram que os falantes, sejam nativos ou não nativos, ao serem solicitados sobre a identificação de uma unidade fraseológica em um texto, escrito ou oral, simplesmente deem respostas prontas assim como são as frases feitas como unidades abstratas no campo fraseológico: pré-fabricadas, cristalizadas e memorizadas na mente dos falantes.

Expressas na boca dos falantes, as frases feitas quando são proferidas ou ouvidas, em discurso, com pequenas alterações ou variações que não afetam à comunicabilidade, exigirão dos interlocutores naturalmente conexões gestálticas para que percebam que a unidade fraseológica (fixação formal) se acha em determinadas relações com suas partes (variações).

Nas primeiras respostas, nossos participantes anunciaram um pedaço do texto lido que não podia ser computável literalmente, todavia, a habilidade de identificar a expressão e estabelecer seus limites resultava em complicada ou complexa tarefa linguística, conforme podemos observar, mais adiante, nas respostas dos informantes, consideradas incorretas ou parcialmente incorretas.

Os comentários dos falantes, no protocolo verbal, disseram-nos muito do que desejam que tenham ou 'façam sentido' quando respondem questões relacionadas à identificação e à idiomaticidade

fraseológicas. Nesse sentido, em vez de isolarem um trecho gramaticalmente incompleto como "saber com quantos paus se faz uma canoa" (que nem inclui tempo verbal), os falantes acrescentaram o tempo e completaram a diátese verbal incluindo o elemento faltante, que é o sujeito, e, assim, deram sentido completo a suas respostas (ou seja, a diátese verbal ficou toda preenchida) e o trecho soava, então, sintática e semanticamente aceitável ou simplesmente viável [1].

Interessante observar que os textos mais ou menos longos [2] os falantes souberam localizar o que era idiomático e o que não era. O que queremos dizer é que, enquanto esperávamos que os participantes apontassem após a leitura "saber com quantos paus se faz uma canoa", assinalaram como idiomático o trecho "a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa", mas não o trecho "o que ele quer é continuar mandando", presente no texto. Ou seja, os falantes sabiam competentemente apontar ou identificar corretamente o trecho onde se encontrava uma sequência idiomática.

Para Fulgêncio (2008, p.77), a identificação de estruturas "prontas", memorizadas em grupo, diz muito da competência linguística dos falantes. A autora nos coloca também que a distinção entre sintagma computável / sequência idiomática não é só um tipo de análise abstrata, mas faz parte real da competência linguística do falante. Em outras palavras, esta tarefa submetida aos participantes veio mostrar a realidade psicológica dos fenômenos linguísticos, evidenciando, em dados empíricos, que não é só uma teorização, mas faz parte de como o cérebro está estruturado.

Fulgêncio (2008, p.293-340) nos diz que as locuções verbais não "funcionam" como elementos oracionais. Segundo ela, as locuções não são orações inteiras, e sim um sintagma verbal [V+complemento]. Deste modo, ao localizar o trecho onde se encontra a sequência idiomática o falante completa a diátese

[1] A questão da diátese verbal nas expressões fixas foi suficientemente explorada em Fulgêncio (2008) e Perini (2008). Agradecemos à Fulgêncio seus comentários e sugestões quando submetemos nossas primeiras reflexões sobre diátese à sua apreciação linguística.

[2] O texto que traz a expressão "saber com quantos paus se faz uma canoa", utilizado nesta tarefa, refere-se a um comentário, sob o título " Lula transformará a vida de Dilma em um inferno, revê Plínio", com t12 linhas e 76 palavras, assinado por Braz dos Santos, leitor do Jornal do Brasil (JB). e publicado, no Caderno País do Jornal do Brasil (JB), em 17/12/10.

verbal com o sujeito para oferecer um trecho gramaticalmente completo e apresentar uma sequência compreensível; mas isso não quer dizer, segundo a linguista, que a expressão é toda a oração nem que "funciona" como uma oração.

Zuluaga (1975, p.244) foi um dos primeiros fraseólogos a observar, quanto ao comportameno verbal dos falantes nativos, no uso espontâneo ou social da língua, sua capacidade de identificar quando as expressões idiomáticas sofrem modificações formais ou são alteradas no discurso.

Há, na capacidade de o falante identificar uma alteração fraseológica, um nível alto e apurado de refinamento de intuição linguística, isto é, essa capacidade que temos, enquanto falantes nativos de uma língua dada, de reconhecer a aceitabilidade ou gramaticalidade das sentenças produzidas na língua bem como de interpretá-las e de identificar a equivalência com outra frase, seja em L1 ou L2.

Segundo Zuluaga (1975), a reação dos falantes nativos, diante de uma variação fraseológica, é a de costumeiramente corrigir a alteração ou identificar nela o cumprimento de determinadas funções estilísticas, isto é, dos chamados níveis de discurso. É, portanto, através de sua intuição linguística ou de uma leitura proficiente ou escuta ativa que o falante nativo torna-se, naturalmente, um proficiente da sua língua.

Já para García-Page Sánchez (2008, p.25-26), a fixação, entre outros traços, é uma fórmula memorável, estando assim disponível para seu emprego ou repetição no processo discursivo no qual o falante deseja expressar um conteúdo que já está condensado nela. Corroborando com esta postulação de García-Page Sánchez, acreditamos que, ao certo, por trás de tudo isso, haja um princípio de economia linguística que governa as leis do menor esforço na comunicação espontânea ou criativa.

Por causa da fixação, nem toda expressão fixa ou idiomática, no uso social da língua, requer ser citada ou anunciada em sua totalidade, senão, em parte. Por exemplo, expressões "com a pulga atrás da orelha" e "o rabo entre as pernas", sem os verbos "ficar/deixar" e "ficar/sair", respectivamente, no buscador Google Brasil, registrou 1.940.000 e 1.090.000 resultados [3], respectivamente.

[3] Registro em 25 de julho de 2013.

Como nativos da língua portuguesa, sabemos ainda que, em nossa L1, as expressões de uso frequente e estilisticamente expressivas no cotidiano, especialmente as grandes mídias, em geral, vêm acompanhadas de seus respectivos e variados verbos: deve estar /estar/andar/ficar/ com a pulga atrás da orelha e meter/enfiar/estar com/ir com/voltar com/colocar o rabo entre as pernas. Aqui, caberia o ditado popular "para bom entendedor meia palavra basta" (= aquele que está a par de um assunto não precisa de muita explicação).

Ao tratar sobre este fenômeno da variação fraseológica, Zuluaga (1975, p. 244) diz que, nesses casos, basta o falante mencionar, expressamente, somente uma parte de cada uma das expressões, para evocá-las completamente, fator que se deve, segundo ele, à fixação.

Das diversas formas que uma expressão pode ser alterada, a redução é um fenômeno da variação fraseológica ou, mais precisamente, da fixação, que pode ser explicado pelo princípio da teoria da comunicação em que, por ela, diz-se que a quantidade de informação de um signo em um contexto dado é definida como uma função de sua probabilidade de ocorrência no dito contexto. Da mesma forma, a maior probabilidade de ocorrência redundará em menor conteúdo informativo e maior grau de redundância.

A omissão ou a redução de componentes das expressões não ocasiona perda de informação no texto, uma vez que fixação de expressão idiomática tende a ocorrer inevitavelmente. Podemos observar este fenômeno, nos nossos estudos, certamente depois de os informantes terem lido no texto dado para leitura, anterior, portanto, ao pedido feito pelo entrevistador para que procedessem com a identificação da expressão idiomática.

Nos exemplos que vamos comentar, a seguir, assinalamos esses casos como parcialmente correto, porque consideramos que uma locução verbal, objeto de nossa pesquisa, deve vir com sua diátese verbal preenchida, embora, saibamos, a partir da frequência de uso, comprovada por um expressivo número de ocorrências a quantidade de informação que ancora é nula, isto é, totalmente redundantemente e, portanto, não necessita ser expressa materialmente para que o sentido global ou idiomático de toda a expressão se faça presente, ou seja, evocada pelos falantes, sejam nativos ou não nativos.

A questão da variação fraseológica é uma categoria que, de há muito, tem preocupado os teóricos. A fixação e a variação são duas categorias fraseológicas que são interligadas. No estruturalismo clássico, especialmente, o de Saussure, a ideia de fixação era de um traço imudável ou imexível. Saussure, ao se referir às "locuciones toutes faites" ou frases feitas, foi um dos primeiros estruturalistas a observar o caráter de fixidez das combinações pré-fabricadas ao afirmar que o "uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas" ([1916] 2012, P.173).

Esta propriedade da fixação supõe uma suspensão da aplicação das regras de combinação dos elementos do discurso, a que Coseriu ([1977] 1981, p.113-118) chamou de "discurso repetido". Coseriu ([1977] 1981) ao se referir a *discurso repetido* corresponde à noção de "locuciones toutes faites" de Saussure, como dissemos, caracterizadas pelo não improviso, isto é, eram fornecidas pela tradição da comunidade linguística.

Ainda na década de 70, a noção de fixação fraseológica passou a ser entendida como a propriedade que tem certas expressões de ser reproduzidas no falar como combinações previamente feitas (ZULUAGA: 1975, p.230).

Em outras palavras, Zuluaga (1975) assinala que o processo de formação de uma expressão fixa não pode ser explicado mediante regra de sintaxe, própria das combinações livres. A frequência de uso de uma expressão fixa e seu emprego repetido por parte da comunidade linguística ocasionaria a fixação da unidade em uma forma determinada, em geral, canonicamente, registrada nos dicionários gerais.

A fraseologia contemporânea avançou muito, nos últimos anos, com relação à noção de fixação fraseológica. Apesar de a fixação ser considerada uma propriedade essencial das expressões fixas não o para todas as unidades fraseológicas, posto que, por exemplo, no caso das expressões idiomáticas, estas podem ser idiomáticas, mas não canonicamente fixas, enquanto as expressões fixas, podem não ser idiomáticas.

O conjunto que forma o corpus das expressões idiomáticas desta pesquisa, além de idiomáticas, ou seja, caracterizarem-se pelo princípio da não composicionalidade semântica, são também fixas, mas, em muitas delas, com suas variações fraseológicas, o que

comprova sua fixação formal ou institucionalização. Graças à fixação das expressões, podemos falar em variação fraseológica, um fenômeno bastante frequente no discurso, portanto, na perspectiva do falante.

Pelo menos, três das seis expressões idiomáticas deste experimento, estão modificadas, comparadas à sua fixação canônica (dicionarizada): (a) pagar mico aparece com sua polaridade negativa "**não** pagar mico"; (b) "tirar água do joelho" comparece com a inserção do advérbio "mais", ficando com a forma "tirar **mais** água do joelho"; e (c) "mostrar com quantos paus se faz uma canoa" é modificada, com substituição lexical, em "**saber** com quantos paus se faz uma canoa.

Conforme veremos, mais adiante, a variação fraseológica não significa a mudança completa da expressão idiomática de modo que não deixem marcas ou pegadas da forma cristalizada anteriormente. Como diz Molina García (2006, P.99), a noção de variação ou variabilidade aplicada a uma unidade fraseológica requer que uma parte da unidade deva ficar sem alteração, de que forma que a UF seja reconhecida ou, diríamos de outra maneira, possa ser evocada a partir da memória fraseológica ou de longo prazo dos falantes.

A questão da fixação ou variabilidade fraseológica, na década de 70, foi abordada por Fraser (1970, p.39), um dos primeiros teóricos a observar um potencial modificador nas locuções ou expressões idiomáticas, em escala de sete níveis, da maior à menor possibilidade de realização de mudança ou modificação (nível 6 - não-restritividade; nível 5 - reconstituição; nível 4 - extração; nível 3 - substituição; nível 2 - inserção; nível 1 - adjunção; e o nível 0 - completo congelamento).

Apesar da escala de sete níveis, proposta por Fraser, receber críticas de muitos fraseológos, tendo na linha de frente Zuluaga (1975), sua proposta ao certo influenciou na evolução dos estudos sobre o fenômeno da variabilidade fraseológica.

Neste particular, passou-se, por exemplo, a diferenciar a noção de variante e a de modificação. Assim, numa perspectiva do falante, nativo ou não nativo, questões que passaram a ser colocadas eram se o falante, ao produzir uma variação fraseológica, realizaria tal mudança ou variação de forma consciente ou, a variação se constituiria numa amostra de possibilidades de variabilidade que oferece o sistema fraseológico.

Graças a Fraser, a noção de modificação ou modificações no campo fraseológico passou então a ser o centro da atenção de Corpas Pastor (1996, p. 29-30). Segundo Corpas, o grau de modificação que permite que as UFs que sigam sendo reconhecidas, reconhecimento idiomático diretamente proporcional ao grau de fixação das mesmas (1996, p.29).

De forma muito recorrente, podemos perceber, ao longo desta tarefa, que a redução foi uma das características mais recorrentes das modificações formais observadas nas respostas dos participantes à tarefa de identificação fraseológica.

Cremos que esta característica deu um caráter psicolinguístico às respostas dos participantes uma vez que, graças à noção de redução ou modificação criativa levada a efeito pelos falantes não nativos, pudemos observar um processamento fraseológico de caráter eminentemente psicolinguístico por estas razões:

(a) em primeiro lugar, o foco de atenção na expressão idiomática;

(b) em segundo lugar, a preservação, na memória dos falantes, da parte efetivamente idiomática ou cristalizada em detrimento dos verbos que a introduzem e que sofrem variação lexical (por exemplo, ver/ensinar/aprender/mostrar/saber com quantos paus se faz uma canoa), como veremos nos exemplos a seguir; e

(c) em terceiro lugar, a expressão reduzida, apontada pelos falantes, a partir de um contexto de situação, foi o suficiente para que pudessem recuperar ou evocar a forma completa ou canônica.

Em se tratando de observações preliminares dos dados coletados nesta tarefa, antes de analisarmos as respostas dos informantes, antecipamos que a expressão "não pagar mico" foi considerada de difícil identificação.

As expressões "tirar água do joelho" e "saber com quantos paus se faz uma canoa" foram consideradas de média identificação.

As expressões "pôr a boca no trombone", "matar cachorro a grito" e "chutar o pau da barraca" foram consideradas de fácil identificação.

Em geral, os participantes apresentaram percentuais altos de identificação das seis expressões idiomáticas apresentadas nesta tarefa, o que não repercutiu diretamente na tarefa de verificação da idiomaticidade fraseológicas das mesmas ou menor percentual de

pedido de ajuda técnica (SI) para suas estratégias de compreensão idiomática (top-down), como veremos mais adiante.

As duas expressões zoomórficas que chamaram nossa atenção na nossa análise dos dados: "pagar mico", que obteve a média 1,20 e "matar cachorro a grito", com a média 2,67. Curioso é observarmos que as duas expressões, em um *continuum*, estão situadas nos extremos. "Pagar mico" como a de difícil identificação e "matar cachorro a grito" como a de fácil identificação pelos 20 participantes.

Taxionomia de identificação fraseológica

Levando em conta que as expressões idiomáticas podem ser sofrer um processo de variação fraseológica, através de um processo de redução consciente por parte do falante, propusemos numa espécie de gradação ou níveis de identificação fraseológica:

(a) Identificação por desvio fraseológico;
(b) Identificação por redução fraseológica;
(c) identificação por diátese fraseológica.

Tabela 3 - Identificação de expressões idiomáticas, por participante

Categorias Fraseológicas	Expressões Idiomáticas	Pontuação		
		IC (1p.)	PC (2p.)	CO (3p.)
Zoomorfismos	Matar cachorro a grito	**11,18,20**		**1,2,3,4, 5,6,7,8, 9,10,12, 13,14,15, 16,17,19**
	Pagar mico	**3,5,8, 11,13, 14,15, 16,17, 18,19,20**		**1,2,4, 6,7,9 10,12**
Somatismos	Tirar água do joelho	**11,12,15, 16, 20**	**4,10, 14,**	**1,2,3, 5,6,7, 8,9,13, 17,18, 19**

	Pôr a boca no trombone	**11, 20**	**2,5,9, 16,17, 19**	**1,3,4, 6,7,8, 10,12, 13, 14,15, 18,**
Botanismos	Saber com quantos paus se faz uma canoa	**11,15,18,**	**1,2,3, 4,5,7, 8,10,14,**	**6,9,12, 13,16,17, 19,20**
	Chutar o pau da barraca	**11,20**		**1,2,3,4, 5,6,7, 8,9,10, 12,13, 14,15, 16,17, 18,19**

Legendas: IC = Incorreto, PC = Parcialmente Correto, CO = Correto.

Tipos de identificação fraseológica

Identificação por desvio fraseológico

Nesta posição, encontramos ocorrências para as seis expressões idiomáticas, tanto em informantes do sexo feminino como do sexo masculino, de cada país.

O conceito de desvio fraseológico não é entendido aqui como uma transgressão com relação à identificação da forma canônica da expressão, mas como operação cognitiva que resulta da *decisão* ou da competência linguística dos falantes.

O desvio ocorreu em decorrência de o informante não identificar, em um texto dado, portanto com várias ocorrências linguísticas, uma unidade fraseológica, formalmente pluriverbal e fixa.

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

Nesta posição, não houve registro de ocorrência para os informantes cabo-verdianos (G1e G2).

Resposta de um informante feminina de Guiné-Bissau (G3): "porque: na verdade hoje em dia quando: uma coisa sai no repórter aí todo mundo quer saber o quê que está acontecendo... ah eu acho que reportagem já chama atenção pra pessoa prestar atenção no quê que está acontecendo...", que nos sugere um determinante extralinguístico associado à sua resposta.

Respostas de dois informantes masculinos de Guiné-Bissau (G4):: (a) " não ..." e (b) " não ... num:: (...)"

Pagar mico

Com relação à expressão "não pagar mico", a que apresentou um grau de dificuldade de identificação muito acentuado, revelou que 60% dos participantes não souberam fazer a identificação correta da expressão "não pagar mico", traduzido por uma média de 1,20 - um valor bastante baixo.

Os dados extraídos do Protocolo Verbal apontam que a maioria dos participantes ao serem indagados se identificavam alguma expressão idiomática, após a leitura, respondiam negativamente com expressões do tipo " não ... não vi nenhuma ...", "nada …" (seguido por um riso nasal, registrado na transcrição dos áudios).

A análise das respostas dos informantes revelou o esforço individual ou característico depreendido na tarefa proposta, com comentários como "expressão idiomática da forma que a gente tá analisando as outras eu não identifiquei nenhuma ...". Muitos informantes respondiam ao entrevistador com um prolongado silêncio, registrado na transcrição dos áudios.

Muitas vezes, a resposta negativa vinha acompanhada de um pedido de ajuda (ato de fala indireto) que se constituía um pedido de ajuda quanto ao sentido literal dos componentes lexicais da expressão, como em "num sei ... a única coisa aqui seria ... mico ... ". Outra vez, um informante, depois de um prolongado silêncio, respondeu incorretamente à tarefa com uma repetição de trechos do texto, como " Eu acho que essa expressão de... preço baixo não significa... que o jovem terá uma boa viagem...", justificando, nesse caso, a identificação pretendida, com "eu identifico porque... assim/ tem uma expressão no meu país quase idêntico com isso... que as pessoas dizem que:... que... não dar pra confiar nas coisas barata né, porque não presta... (risos) então aí que eu faço uma comparação

que... o preço baixo não significa que você vai ter/ que o jovem vai ter uma boa viagem por ser um preço baixo e a viagem/ é ruim viajar ( ) apertado sem condições/ então isso tem a ver...". Em outras ocasiões, os participantes mostravam claramente a dificuldade de chegar à expressão pretendida como "custo benefício pode ser pequeno ...". Neste caso, o que merece destaque é o fato de o informante, praticamente parafrasear todo texto e não fazer nenhuma referência à expressão "não pagar mico".

Uma participante do sexo feminino, de Cabo Verde, informou conhecer "paga mico" e "paga uma mico", o que nos leva a crer que conheça uma expressão semelhante em crioulo, "pagar o mico"[4], como na sua resposta traziam os dois dos componentes (paga/mico) da expressão canônica, consideramos como parcialmente correta.

Nesta tarefa, os poucos que anteciparam a anunciar o sentido idiomático da expressão pagar mico, indicavam a natureza não composicional da expressão ao afirmarem "não sei o que é a palavra mico ... nós só relacionamos a palavra ao contexto ... que nós vamos passar vergonha ... é / sair envergonhando todo mundo e envergonhando a si próprio ... mas a palavra não ....".

De acordo Mogorróm Huerta (2010, p.251), a variação dentro das expressões idiomáticas pode ser uma fonte de opacidade para os participantes. Portanto, não há como separar, nessa hipótese, uma identificação do reconhecimento idiomático ou da idiomaticidade semântica da expressão.

Palavras ou expressões "diferentes" ou "estranhas", como os participantes assim se referiam à "não pagar mico" e a outras expressões que não reconheciam, decorreriam, para Mogorrón Huerta, do fato de os usuários da língua não serem conhecedores das possíveis variantes paradigmáticas (que mico/pagar mico), devido ao conhecimento limitado que cada falante tem de sua língua materna ou, no caso dos africanos, de sua L2.

A variação dentro das expressões idiomáticas foi comprovadamente em nossa pesquisa uma das fontes léxicas de opacidade de "pagar mico" para a maioria dos participantes. Um dos

[4] No regionalismo brasileiro, pagar mico e pagar o mico não são expressões sinônimas. Pagar mico tem o sentido de "passar vergonha; dar vexame" e pagar o mico com o sentido de "sofrer as consequências", portanto, sinônimo de "pagar o pato".

participantes diz que, em seu país, Cabo Verde, "já … eu falo constantemente … "que mico" ((risos)) … tô sempre falando … ((risos))", justificando, por essa razão, não ter identificado a expressão no texto lido. Muitas respostas foram consideradas por nós incorretas por não se aproximar nem ao mesmo da paráfrase contextual, como "deixa eu ver ... essa aqui... que não significa a boa viagem", mas uma mera repetição a trecho do lido.

Vejamos a seguir as respostas dos informantes:

Respostas de duas informantes de Cabo Verde (G1): (a) "custo benefício pode ser pequeno..."; e (b) " ah … pois o custo-benefício pode ser pequeno … o custo-benefício … num sei...". Ao serem indagados quanto às suas respostas, respondem, respectivamente, o seguinte: "ah … pois o custo-benefício pode ser pequeno … o custo-benefício … num sei...", o que nos sugere terem procurado no texto e encontrado uma combinação fixa que atendesse à expectativa do pesquisador sem levar em conta o caráter de não composicionalidade semântica definitória das expressões idiomáticas.

Resposta de um informantes masculino de Cabo Verde (G2): "expressão idiomática da forma que a gente tá analisando as outras eu não reconheci nenhuma ... o que pode me chamar atenção é o assunto custo-benefício ... que: / explicando é um assunto que a gente / ou seja ... que o fato de ser barato não quer dizer que / que vai / que vai ser o melhor ... o custo-benefício é / quer dizer que a gente deve procurar algo num preço bom com uma qualidade boa ... mas ... expressão idiomática em si ... não se reconhece aí ..."

Respostas de quatro informantes femininas de Guiné-Bissau (G3): (a) "((silêncio)) Eu acho que essa expressão de... preço baixo não significa... que o jovem terá uma boa viagem..."; (b) "custo-benefício..."; (c) " deixa eu ... essa aqui que não significa "que não significa a boa viagem"; e (d) "pacote de viagem de formatura..."

Respostas dos informantes masculinos de Guiné-Bissau (G4): (a) "é ... consulte o CNPJ da empresa ... mas na verdade não ... porque essa consulta aqui ... acho que é pra ter informações sobre a empresa né ..."; (b) "((silêncio)) eu não entendi essa o preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem..."; (c) " ((silêncio)) preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem ..." ; (d) "preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem...pois o custo benefício ...";

e (e) "hum...aqui identifico...cadê... “ o preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem”.

SOMATISMOS

Tirar mais água do joelho

Os dados coletados indicam que 60% dos participantes identificaram corretamente (GF-CO) a forma fixa da expressão "tirar (mais) água do joelho", sendo que 25% apontaram uma forma incorreta ou disseram não saber identificar (GF-IC), no texto, a expressão, e 15% se situaram numa situação parcialmente correta (GF-PC).

Respostas das quatro estudantes de Guiné-Bissau (G3), na sua maioria, indicam que não conseguiram identificar corretamente a expressão "tirar (mais) água do joelho". Entre suas respostas, podemos ouvir “tomar líquido quente” ((risos)) ... esse “tomar o líquido quente”, "não..." e " por exemplo/ a primeira ida ao banheiro/ a vontade de urinar...", onde, claramente, apelam para trechos do texto sem que tenha sucesso na tarefa. Um caso de parcialmente correta, semelhante ao que podemos registrar com suas compatriotas, foi o de o participante informar "água no joelho”, mas que preservava, na sua resposta, elementos fixos da composição da expressão idiomática. A única resposta considerada correta, situou-se a expressão em trecho como "essa daqui... tomar cerveja quente... faz a gente tirar mai água do joelho", que consideramos corretamente porque o informante procura, claramente, como já dissemos anteriormente, preencher a diátese, no qual o papel de agente da ação verbal ("tomar cerveja quente") se faz necessário explicitar na sua resposta.

Para esta expressão, apenas as informantes do G3, guineenses, em sua totalidade, não conseguiram corretamente a expressão: "tirar (mais) água do joelho", anunciando respostas como: (a) “tomar líquido quente” ((risos)) ... esse “tomar o líquido quente”; (b) "não..."; (c) "por exemplo/ a primeira ida ao banheiro/ a vontade de urinar..."; e (d) “água no joelho”...; e (e) "((silêncio)) tomar cerveja ... ((balbucio))".

Do grupo G4, informantes masculinos de Guiné-Bissau, 50% dos estudantes tiveram dificuldade de identificar a expressão "tirar(mais)

água do joelho", situação em que podemos registrar respostas como: "é hormônio anti/ auto/ é antidiu/dio/rético an-ti-di-u-ré-ti-co. [(risos)]...essa aqui hormônio antidiurético", "sim ... tipo as pessoas tomam praqueles que bebem cerveja né ..." e " tomar cerveja ". Os protocolos verbais registram uma dificuldade muito grande por parte dos estudantes de lerem o texto em voz alta, o que acabou por gerar, em suas respostas, palavras inaudíveis ou, por vezes, balbucios.

Outros 50% dos estudantes guineenses do sexo masculino responderam corretamente a expressão (GF-CO), não solta, mas dentro de um princípio diatésico de oferecer a expressão dentro de uma estrutura com sujeito e predicado como em " "tomar cerveja quente faz a gente tirar água do joelho.", ". não / não ... ((silêncio)) o que eu acho aqui ... mas tá / tu pode me dizer ... né ... tomar cerveja quente faz a gente tirar mais água do joelho ..." e "tomar cerveja quente faz a gente tirar mais água do joelho ..."

Pôr a boca no trombone

Dos 20 informantes, apenas dois guineenses não conseguiram identificar corretamente a expressão "pôr a boca no trombone".

Do grupo G3, informantes femininas de Guiné-Bissau, registramos um único exemplo de identificação incorreta feita por uma estudante guineense com a reposta "CRIMES: no município...". Um estudante guineense do sexo masculino declarou não saber identificar a expressão "pôr a boca no trombone", dando como resposta ao entrevistador "não ...".

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Dos 20 participantes, registramos apenas duas respostas das estudantes de Guiné-Bissau (G3) que foram consideradas incorretas: (a) "empossado..."; e (b) "esse... "vai se arrepender até o último fio de cabelo".

Chutar o pau da barraca

Dos 20 participantes, apenas duas guineenses não conseguiram identificar corretamente a expressão "chutar o pau da barraca". Uma

informante respondeu com um não, descartando qualquer tentativa em seguida. Um participante guineense não conseguiu identificar corretamente a expressão ao responder "é ... queria ver Roberto Carlos de preto cantando samba ..."

Identificação por redução fraseológica

Segundo (FULGÊNCIO, 2008, p. 111), para que um falante possa compreender uma expressão fija alterada e perceber a ruptura é preciso primeiramente que o mesmo tenha internalizada a expressão canônica ou de origem; sendo assim, a alteração constitui uma extensão do conhecimento léxico. É o que veremos nas respostas dos informantes abaixo.

Nesta posição, para as expressões "Matar cachorro a grito" e "Pagar mico" e "chutar o pau da barraca" não houve registro de identificação por redução fraseológica.

Tirar água do joelho

Respostas de duas estudantes cabo-verdianas (G1): (a) "água do joelho" ... "e (b) "é ... soltar mais água do joelho ... será que é?".

Resposta de registramos uma representante de Guiné-Bissau (G3): "mais água no joelho".

Os participantes de G1 e G2 não se situaram nesta posição.

Pôr a boca no trombone

Do Grupo G1, registramos um caso de identificação parcial feita por uma estudante cabo-verdiana para a expressão "pôr a boca no trombone": "a boca no trombone …"

Do Grupo G2, registramos um único exemplo de identificação por meio da redução parcial da expressão "pôr a boca no trombone por um estudante cabo-verdiano do sexo masculino" ao responder "boca no trombone" no contexto no qual reproduz trechos do texto lido: "é falar a verdade ... pra todo mundo ... pra qualquer ... pra todo e qualquer pessoa ... sem receio de represarias ... eu acho que é isso".

Respostas de informantes do sexo masculino e Guiné-Bissau (G4): (a) "boca no trombone"; (b) "tem esse "boca no / boca no trombone" ...; (c) " a boca no trombone"... um advogado que atua na área Jorge

Umbelino pôs a boca no trombone e em seu blog lamentou a falta de resposta... “a boca no trombone”.

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Do Grupo G1, a maioria das estudantes cabo-verdianas identificou a expressão "saber com quantos paus se faz uma canoa" parcialmente correta, com as seguintes respostas : (a) "é… com quantos paus faz uma canoa...; (b) "tem … eu conheço dois aqui ((música/ melodia ao fundo))… e h … “com quantos paus se faz uma canoa” … ela vai ver quão difícil é esse cargo … e vai sofrer muito … e:: tem mais um … até o último / “vai sofrer até o último fio de cabelo” … vai sofrer até não aguentar mais … talvez ...; (c) "eu não escuto ... assim / né rotina / encontrar a palavra empossada / todo dia ... né ... “quantos paus faz uma canoa” ... também ...; e (d) "é… com quantos paus se faz uma canoa".

Do Grupo G2, três estudantes do sexo masculino, de Cabo Verde, identificaram parcialmente correta a expressão "saber com quantos paus se faz uma canoa", ao anunciarem: (a) “com quantos paus se faz uma canoa”; (b) "com quantos paus se faz uma canoa ..."; e (c) "sim ... com quantos paus se faz uma canoa ... e já é conhecida lá.

Do Grupo G3, uma estudante de Guiné-Bissau anunciou uma resposta considerada por nós como parcialmente correta: " “quantos paus se faz uma canoa”? é isso que me chama atenção...".

Do Grupo G4, um estudante guineense do sexo masculino identificou assim: "vai … vai se arrepender até o último / o último fio de cabelo da sua pobre cabeça …".

Identificação por diátese fraseológica

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

Do Grupo G1, todas as estudantes cabo-verdianas identificaram corretamente a expressão "matar cachorro a grito": (a) "matar cachorro ... deixa eu ver ... “matar cachorro a grito” ... eles não são ricos como a tv mostra ... eles fazem outra coisa que talvez nem seja desse nível ... é ... fazer coisas básicas ... ((risos)"; (b) "((riso)) acho que

e h matar cachorro a grito" ; (c) "((risos)) esse "matar cachorro a grito" ..."; (d) "matar cachorro a grito ...;e (e) "não sei … costuma-se pensar nah .. nah … ((participante reler trecho)) ((silêncio)) nah … tem essa parte aqui / que na verdade matar cachorro a grito e h a atividade das mais exercida pela maioria deles … ((silêncio)) num sei".

Do Grupo G2, todos os estudantes cabo-verdianos do sexo masculino identificaram corretamente a expressão "matar cachorro a grito": (a) "matar cachorro a grito"; (b) "aqui a expressão "matar cachorro a grito"; (c) "bom ... aqui / nesse aqui / acho que a expressão aqui seria / será / é / nesse caso / matar cachorro a grito ...; (d) "matar cachorro a grito ...";e (e) "((o participante continua relendo trechos do texto em balbucios)) matar cachorro a grito ...".

Do Grupo G3, a maioria das estudantes guineenses identificou corretamente a expressão "matar cachorro a grito", anunciando respostas como: (a) "matar cachorro a grito"...; (b) "é "matar o cachorro a grito"; (c) "essa daqui "matar cachorro a grito"...; e (d) "sim/ assim/ tem uma outra parte que diz assim "na verdade matar cachorro a grito é a atividade das mais exercidas pela maioria deles mundialmente...".

Do Grupo G4, a maioria dos estudantes guineenses do sexo masculino identificou corretamente a expressão "matar cachorro a grito", a saber: (a) "((silêncio)) não identifiquei nenhuma … mas tem esse … matar cachorro a grito e h a atividade mais exercida pela maioria deles …"; (b) " matar cachorro a grito é atividade das mais exercidas pela maioria deles"; (c) "matar cachorro a grito é atividade das mais exercidas pela maioria deles, mundialmente.

Não pagar mico

Do Grupo G1, três estudantes cabo-verdianas identificaram corretamente a expressão " não pagar mico": (a) "pagar mico"...; (b) "num sei ... a única coisa aqui seria ... mico ... ((riso)) "pagar mico" ..."; e (c) "uhn ... ((silêncio)) ou pagar mico ... né ...".

Do Grupo G2, a maioria dos estudantes cabo-verdianos do sexo masculino identificou corretamente a expressão "não pagar mico", dando exemplos: (a) "bom … aqui a expressão idiomática significa / quer dizer pagar mico … e h … pagar mico ..."; (b) " ... ((pausa acentuada)) "mico nas escolas"? ... "não quer pagar mico"; (c) "pagar mico"; e (d) "pagar mico ...".

Do Grupo G3, houve apenas um caso de uma estudante guineense identificar corretamente a expressão "não pagar mico": "é muito engraçado né... para quem na quer/ é / pagar mico na escolha de um pacote de viagem de formatura é oportuno atentar...".

Nesta posição, não houve ocorrência para os participantes do G4.

SOMATISMOS

Tirar água do joelho

Do Grupo G1, três estudantes cabo-verdianas identificaram corretamente a expressão "tirar (mais) água do joelho": (a) " ((curto silêncio)) "tirar mais água do joelho"; (b) "tirar mais água do joelho … que eu não sei / tirar mais água do joelho … acho que e h isso ..."; e (c) "hum ... tirar mais água do joelho ...".

Do Grupo G2, a maioria dos estudantes cabo-verdianos do sexo masculino identificou corretamente a expressão "tirar (mais) água do joelho": (a) "tirar mais água do joelho" que é:: a expressão ... a maioria assim ... a maioria dos homens usa; (b) "bom … a expressão aqui e h tirar água / ma / água do joelho … né e tirar água do joelho e h uma expressão que a gente usa lá em Cabo Verde …"; (c) "tirar água do joelho ..."; e (d) "tirar água do joelho ...".

Do Grupo G3, registramos um exemplo de identificação correta da expressão "tirar (mais) água do joelho" feita por uma estudante guineense: "essa daqui... tomar cerveja quente... faz a gente tirar mai água do joelho".

Respostas de três participantes do sexo masculino de Guiné-Bissau (G4): (a) "tomar cerveja quente faz a gente tirar água do joelho."; (b) "acho ... não / não ... ((silêncio)) o que eu acho aqui ... mas tá / tu pode me dizer ... né ... tomar cerveja quente faz a gente tirar mais água do joelho ...; e (c) "tomar cerveja quente faz a gente tirar mais água do joelho ...".

Pôr a boca no trombone

Do Grupo G1, as estudantes cabo-verdianas, em sua maioria, identificaram corretamente a expressão "pôr a boca no trombone": (a) "pôs a boca no trombone" ...; (b) " aqui ... "pôs a boca no trombone" ... ele soltou a verdade ((risos)) nem se/ ele resolveu

espalhar / dizer o que sabe ... né ?; (c) "botar … onde tem pôs a boca no trombone …; (d) "((silêncio)) hum: a boca no trombone ...".

Do Grupo G2, apenas um estudante cabo-verdiano do sexo masculino conseguiu identificar a expressão "pôr a boca no trombone ((silêncio)) pôr a boca no trombone...".

Do Grupo G3, a maioria das estudantes guineenses identificou corretamente a expressão "pôr a boca no trombone", conforme podemos exemplificar a seguir: (a) "botar a boca no tromboso[5]"...; (b) "pôs a boca no trombone"; (c) "pôs a boca no trombone ..; e (d) "pôs a bo-cao trombone/ né? pôr a boca no trombone quer dizer reclama/ critica..."

Do Grupo G4, a maioria dos estudantes guineenses do sexo masculino identificou corretamente a expressão "pôr a boca no trombone", conforme podemos observar a seguir: (a) "pôs a BOca no trombone"; (b) "bom … aqui a expressão idiomática ser / é o pôs a boca no trombone né … que é / quer dizer aqui / que e h que/ denunciou / e h denunciou a /os desmandos na cidade … e: em Cabo Verde existe também essa / essa expressão / colocar a boca no trombone … acho que e h bem / tipo / acho que tem / não sei se e h típico … mas já tinha escutado lá várias vezes … na televisão e pessoas falando também ...; (c) "botar a boca no trombone ...; e (d) "expressão idiomática ... pôs a boca no trombone ... a gente usa em / em Cabo verde a gente usa e ... em / com o significado de / de trazer à tona ... de alguém tem de explicar ... falar ... eu vou trazer à tona esse assunto ... e no caso do texto ... quem é o assunto ... o judiciário em relação a crimes no município ...".

[5] As palavras trombeta, trombone e tromboso que aparecem nas respostas dos informantes levam-nos à mesma etimologia: todas vêm de tromba ("antigo instrumento de sopro"). Provavelmente, tromba venha de trompa com as seguintes acepções: (a) espécie de trombeta de chifre ou metal retorcido, com um único som muito forte e (b) trombeta primitiva, de forma circular, usada na caça. As respostas dos informantes têm um fundo bíblico para a motivação da expressão. Várias são as passagens bíblicas com a palavra trombeta. Para citar apenas uma: "Fala aos filhos de Israel, dizendo: No mês sétimo, ao primeiro do mês, tereis descanso, memorial com sonido de trombetas, santa convocação." (Levítico 23 : 24)

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Do Grupo G1, uma única participante cabo-verdiana identificou corretamente a expressão: "tem aqui a Dilma vai saber com quanto paus se mata uma canoa … aqui … essa parte aqui …".

Respostas de dois estudantes do sexo masculino de Cabo Verde (G2): (a) " "a partir do primeiro dia ... de janeiro, quando for empossada, a Dilma vai saber com Quantos paus se faz uma canoa" ... uma expressão assim ... uma gíria; e (b) "...é... a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa …".

Respostas de duas estudantes guineenses (G3): (a) "é.. "a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa"... quer dizer reconhecer a realidade né... de mandar... uma outra coisa também que está explicando aqui em baixo/ que o Lula quer continuar/ só que o mandato dele/ o tempo dele já acabou... então ele quer/ mesmo a Dilma vivendo lá/ ela vai sofrer influência do/ do/ do Lula... então além de/ de/ de /de/ como é que eu posso dizer? Além de en-fren-tar:: a dificuldade/ porque mandar não é fácil... ela/ ela vai também vai sofrer influência do / do/ do Lula/ então eu acho que é...; (b) "É...tem uma expressão daqui que a Dilma vai saber com quantos paus... se faz uma canoa...".

Respostas da maioria dos estudantes do sexo masculino de Guiné-Bissau (G4): (a) "a Dilma vai saber com quantos paus de faz uma canoa" né..."; (b) "a Dilma vai saber com quantos paus se faz um canoa"; (c) "É.....a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa …"; e (d) "É..... vai saber quantos paus se faz uma canoa ...".

Chutar o pau da barraca

Respostas das estudantes cabo-verdianas (G1): (a) "chutar o pau da barraca" ...; (b) "chutar o pau da barraca" ... ((risos)) ... não conheço ...; (c) "falta o povo chutar o pau da barraca...; (d) "falta o povo chutar pau da barraca ..."; e (e) "o povo chutar o pau da barraca ...".

Respostas dos os estudantes cabo-verdianos do gênero masculino (G2): (a) "falta o povo chutar o pau da barraca ((riso)) ... que destruindo sentido literal chutar ou destruir ... destruir a barraca"; (b) "a expressão que eu/ que eu consegui identificar aqui é chutar o pau da barraca ... que pelo contexto dá pra ver / eu já tinha ouvido também

..."; (c) "ah ... “falta o povo chutar o pau da barraca”; (d) "bom ... esse aqui também deu pra entender muito bem ... a expressão aqui seria o povo chutar o pau da barraca e / e aqui acho que o povo chutar o pau da barraca quer dizer que ele quer ver / mudar / quer mudar as coisas / quer sair fora do padrão ...; e (e) "chutar o pau da barraca ...".

Respostas da maioria das estudantes guineenses (G3): (a) “chutar o pau da barraca”...; (b) “falta o povo chutar o pau da barraca”...; (c) "essa aqui:: ... o povo ... “o povo chutar o pau do barraco”; e (d) "tem essa daqui... falta o povo chutar o pau da barraca...".

Respostas da maioria dos estudantes guineenses do sexo masculino (G4): (a) “falta o povo chutar o pau da barraca.”; (b) "((silêncio)) esse falta o povo chutar o pau da barraca ...; (c) "((silêncio)) falta o povo chutar o pau ... da barraca ...; e (d) "(....)“falta o povo chutar o pau da barraca.”

Grau de identificação fraseológica

Atribuímos para as respostas dadas pelos informantes uma pontuação: identificação correta, 1 ponto; identificação parcialmente correta, 2 pontos; e identificação correta, 3 pontos. A partir desta pontuação pudemos calcular oss valores das médias das seis expressões, que variaram de 1,20 para **não pagar mico** a 2,75 para **chutar o pau da barraca**. A média das médias foi

Os valores indicados nos cálculos das médias e desvios padrão para o grau da identificação fraseológica indicam que a expressão mais difícil de ser identificada pelos informantes foi **não pagar mico**, com média 1,20.

As expressões **saber com quantos paus se faz uma canoa** e **tirar água do joelho** foram com 2,09 e 2,07 consideradas de média identificação.

As expressões mais fáceis de serem identificadas foram **chutar o pau da barraca**, com média 2,75; **matar cachorro a grito**, com 2,67 e **pôr a boca no trombone**, com 2,42.

Gráfico 1 - Médias da Identificação Fraseológica, por expressão idiomática

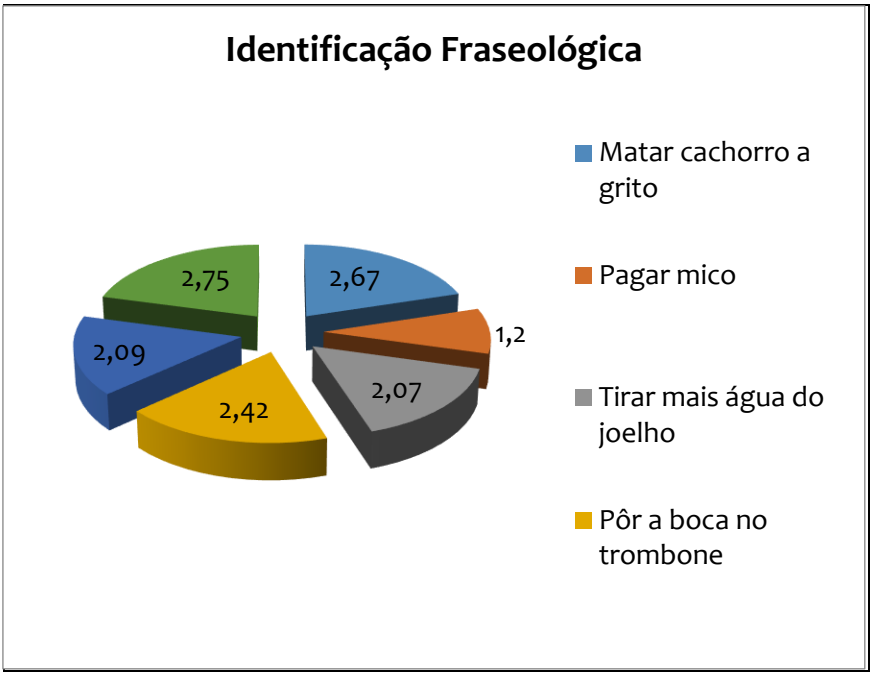

Tabela 4 - Médias e Desvios Padrão do grau de identificação fraseológica

Categorias Fraseológicas	Expressões Idiomáticas	Média	Desvio Padrão	Grau de identificação
Zoomorfismos	Matar cachorro a grito	2,67	0,77	Fácil
	Não pagar mico	1,20	0,63	Difícil
Somatismos	Tirar água do joelho	2,07	0,92	Média
	Pôr a boca no trombone	2,42	0,79	Fácil
Botanismos	Saber com quantos paus se faz uma canoa	2,09	0,83	Média

	Chutar o pau da barraca Média das médias	2,75 1,76	0,68	Fácil

Segunda Pergunta da Pesquisa: até que ponto os participantes lembram-se das expressões escolhidas para este estudo e sabem seu sentido idiomático?

Tarefa 2 - Verificação do grau de memória fraseológica

> "Quando o falante usa tais construções, demonstra que utilizou um conjunto lexical presente na sua memória, e não construído no momento do enunciado." (Fulgêncio: 2008, p. 77)

Para respondermos a questão desta Tarefa 2, testamos as seguintes hipóteses: (a) os falantes não nativos do PB não processam as expressões idiomáticas memorizadas – só retoma o que já está psicolinguisticamente fixado na sua memória; (b) os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, ao mesmo tempo, a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos; e (c) os falantes não nativos do PB tem noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória dos falantes nativos do PB como um todo unitário.

As respostas dos informantes sobre a memória fraseológica das seis expressões deste experimento foram convertidos em valores, numa escala de 1 a 3, para que pudéssemos calcular as médias do grau de memória fraseológica, ficando, assim, categorizadas os comentários dos informantes em três níveis: (a) Nível baixo de memória fraseológica, 1 ponto; (b) Nível médio de memória fraseológica, 2 pontos; e (c) Nível alto de memória fraseológica, 3 pontos. Em seguida, apresentamos percentuais levando em conta o número de informantes que participaram da tarefa.

A partir da pontuação dada às respostas (níveis) dos informantes, pudemos fazer um novo cálculo, o do grau de Memória Fraseológica, estabelecendo, então, estes três graus: (a) menos familiares; (b) familiares e mais familiares.

Levando em conta os níveis de memória fraseológica e considerando o grau de memória fraseológica, fizemos, então, a seleção final dos informantes a serem considerados na análise dos

dados nas tarefas 3 (Idiomaticidade Fraseológica) e 4 (Táticas e Estratégias de compreensão).

Por fim, para melhor avaliarmos as respostas dadas pelos informantes em crioulos cabo-verdiano e guineense, fizemos um inventário colhido diretamente dos informantes depois da aplicação da última tarefa do experimento, de modo a permitir cotejarmos suas respostas com as expectativas do pesquisador com relação à forma canônica de fixação fraseológica e as acepções de idiomaticidade das seis expressões em língua portuguesa (L2).

Uma vez aplicada as tarefas relacionadas com a identificação e a memória fraseológias, pareceu-nos muito importante discriminar as unidades já conhecidas pelos informantes, posto que estes resultados poderiam desvirtuar os resultados das Tarefas 3 e 4, relativos à verificação do grau de idiomaticidade fraseológica e à verificação da frequência de uso das estratégias de compreensão idiomática, a partir dos dados fornecidos pelos participantes durante a aplicação do Protocolo Verbal *Think Aloud*.

O objetivo desta tarefa foi submetermos os 20 participantes da pesquisa a um teste de memória fraseológica. Afinal, quando sabemos, na condição de nativos de uma língua, "de cor" ou "de cor e salteado", uma expressão idiomática não podemos dizer se ela é opaca ou não, uma vez já está cristalizada em nossa memória de longo prazo, portanto, efetivamente, memorizada, guardada em bloco unitário e pronta para uso. Por essa razão, centramos-nos nas expressões não conhecidas ou não lembradas nem decantadas semanticamente pelos informantes porque seguramente dirão se serão julgadas como sendo de idiomaticidade forte (opacas) ou idiomaticidade fraca (transparentes).

Para assegurar maior confiabilidade desta tarefa, recorremos ao método conhecido por procedimento lembrar/saber, desenvolvido por Tulving (1985) que consistiu em pedir aos participantes que declarassem se lembravam ou se haviam ouvido alguma vez, antes da data do teste, a expressão idiomática objeto de apreciação e na hipótese de resposta afirmativa ou negativa (teste de reconhecimento de sim/não), teriam que imediatamente dizer o sentido idiomático da expressão, evitando que colocassem em prática suas táticas preparatórias (bottom-up) e adivinhatórias (top-down) e, de nossa parte, após o anúncio dos informantes, disponibilizávamos as diversas

formas de ajuda técnica (SI) dentro do chamado Protocolo Verbal Think Aloud.

Com esta tarefa, como já anunciamos, anteriormente, buscávamos responder à Terceira Pergunta da nossa Pesquisa, ou mais, precisamente, sabermos como variam as expressões idiomáticas escolhidas para este estudo, quanto ao seu grau de idiomaticidade intralinguística ou opacidade semântica especificamente de não nativos do Português Brasileiro (PB).

A opacidade-transparência depende, como sabemos, das características das expressões idiomáticas (metáfora, literalidade do sintagma etc) e também da percepção (identificação fraseológica) e dos conhecimentos linguísticos prévios (memória de longo prazo), considerados, nesta pesquisa, como táticas bottom-up e estratégias top-down, respectivamente, bastante diversas nas habilidades e competências de cada falante.

Mais adiante, veremos que muitos falantes não nativos, diante de expressões idiomáticas de uso frequente no Brasil, surpreenderam-nos com suas respostas, percepções, impressões, inferências, enfim, evidenciaramm estratégias heurísticas ou originalmente heteróclitas. Aliás, estudos recentes, relacionados à compreensão idiomática têm apontado que, em tarefas contrastivas, tem se constatado a transferência bastante criativa de conhecimentos da língua materna para a segunda língua (DETRY, 2009, p.243).

Havemos, também, de dizer que uma expressão julgada transparente para um falante nativo não é necessariamente transparente para um falante não nativo. Em geral, quando falantes nativos identificam (grau de identificação ou fixação fraseológica) uma expressão idiomática a associa diretamente ao sentido figurado ou idiomático que armazena em sua memória de longo prazo, mas não sabemos ao certo se essa operação acontece igualmente com falantes não nativos.

Certo é que operações cognitivas dependem sobretudo de como os falantes recordam como expressão de sua língua materna (L1). Ou seja, na situação em que falantes não nativos declarassem conhecer e lembrar o sentido da expressão idiomática, a rigor, não poderíamos falar em opacidade-transparência, já que simplesmente, nessa situação, armazenam-nas em sua memória e as recuperam quando as necessitam. Só podemos, pois, falar em opacidade-transparência, com

relação às expressões idiomáticas somente para falantes, sejam nativos ou não nativos, que não as conhecem, não as lembram ou simplesmente os lexemas que as formam "não permitem a passagem de luz", isto é, bloqueiam, nos falantes, a passagem do literal para o abstrato ou do literal para o não composicional sentido idiomático.

A questão da memória fraseológica ou, mais precisamente, da memória de reconhecimento idiomático, está muito ligada à noção de frequência de coaparição e de frequência de uso uma vez que, quanto mais usada a combinação fixa pelos falantes, mas consolidar-se-ão como expressões fixas que os falantes armazenarão na memória (CORPAS PASTOR, 1996, p.21).

A fixação fraseológica de que tratamos, anteriormente, é, pois, obra da memória idiomática, a que o falante recorre para "significar metaforicamente algo diferente do que a sentença significa literalmente" (SEARLE: [1979] 2002, p.121), sem a qual não poderíamos falar, a rigor, em expressão fixa, expressão idiomática ou unidade fraseológica porque da noção de fixação fraseológica vão emanar os traços essenciais das unidades fraseológicas: a *pluriverbalidade*, a *fixação* e a *idiomaticidade*.

Trata-se, para usarmos de um termo mais apropriado para este caso acima, de fixação psicolinguística, um traço que, juntamente, com a fixação formal, é essencial a todas as Unidades Fraseológias (UFs) cujos participantes as recordam e as produzem em bloco como uma única unidade léxica e que, uma vez fixada ou institucionalizada, permanecerá na memória do falante como um todo indissolúvel e capaz de reproduzi-la quando a situação o permitir (ALVARADO ORTEGA, 2010, p.28).

Para verificarmos o grau de memória fraseológica dos participantes da pesquisa, após a aplicação da tarefa 1 (verificação da identificação fraseológica) perguntávamos aos informantes se já conheciam a expressão testada antes da aplicação da tarefa.

As respostas dos informantes foram assim categorizadas por níveis de memória fraseológica:

a) **Nível baixo de memória fraseológica**, em que o participante declarava não lembrar nem ter ouvido a expressão nem sabia seu sentido idiomático em L1 (crioulo cabo-verdiano/guineense) ou L2 (português na variante cabo-verdiana/guineense). Numa escala de 1 a 3 pontos, para esta situação, a resposta do informante recebeu 1 ponto.

b) **Nível médio de memória fraseológica**, em que o participante declarava lembrar ou ter ouvido a expressão, mas não sabia seu sentido idiomático em L1 (crioulo cabo-verdiano/guineense) ou L2 (português na variante cabo-verdiana/guineense). Numa escala de 1 a 3 pontos, para esta situação, a resposta do informante recebeu 2 pontos.

c) **Nível alto de memória fraseológica** em que o participante declarava lembrar e ter ouvido a expressão e saber seu sentido idiomático em L1 (crioulo cabo-verdiano/guineense) ou L2 (português na variante cabo-verdiana/guineense). Numa escala de 1 a 3 pontos, para esta situação, a resposta do informante recebeu 3 pontos.

Memória fraseológica na perspectiva dos falantes

Na Tarefa 2, a expressão *matar cachorro a grito*, em que levamos em conta, principalmente a fixação psicolinguística (ou memória fraseológica) tal qual assinalada por Alvarado Ortega (2010, p.28), 75% dos informantes declararam ao entrevistador, durante a aplicação do protocolo verbal, que não conheciam ou não lembravam ou não havia ouvido ou lido a expressão antes do teste. Neste teste, as respostas dos informantes apontaram que 15% deles lembravam parcialmente desta expressão idiomática. As respostas dos informantes quanto ao sentido idiomático da referida expressão confirmavam esta posição.

A expressão *não pagar mico* ficou com metade dos informantes que declararam ter conhecido ou ter ouvido a expressão e a outra metade afirmou não ter conhecimento ou ouvido, antes, a expressão.

No caso da expressão *tirar mais água do joelho*, depois da expressão "matar cachorro a grito", foi a que obteve 60% os participantes que declararam não conhecer ou não ter ouvido a expressão antes do teste contra 35% que afirmaram lembrar ou já ter ouvido a expressão antes, em seu país por influência, em especial, das novelas brasileiras.

A expressão *pôr a boca no trombone* foi a que obteve 65% da recordação pelos participantes, restando 35 que alegaram não conhecer a expressão. Facilmente, os participantes, encontraram em crioulo (L1), tanto os de Guiné-Bissau como os de Cabo-Verde, equivalentes que consideramos como corretas para nosso estudo.

Para expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa*, os comentários iniciais do protocolo verbal apontam que 45 dos

informantes declararam conhecer ou ter a expressão idiomática, antes, principalmente em seu país de origem, e os dados coletados parecem indicar que 10% dos informantes só conheciam parcialmente a fixação psicolinguística da referida expressão.

Ao lado da expressão *matar cachorro a grito*, o teste de verificação da memória fraseológica para *chutar o pau da barraca* indicou que 75% dos informantes declararam desconhecer ou não lembrar da expressão.

Observemos a quadro abaixo:

Tabela 5 - Verificação da memória fraseológica por percentual de falantes

CATEGORIAS	EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	PONTUAÇÃO		
		NS (1p.)	PS(2p.)	SA(3p.)
ZOOMORFISMOS	Matar cachorro a grito	75%	00%	10%
	Não pagar mico	50%	00%	50%
SOMATISMOS	Tirar mais água do joelho	60%	05%	35%
	Pôr a boca no trombone	35%	00%	65%
BOTANISMOS	Saber com quantos paus se faz uma canoa	45%	10%	45%
	Chutar o pau da barraca	75%	05%	20%

Legendas: NC = Não lembra nem ouviu a expressão idiomática, CN = Lembra ou ouviu a expressão idiomática, mas não sabe seu sentido, CS = Lembra ou ouviu a expressão idiomática e sabe seu sentido

Níveis de memória fraseológica

Nível baixo de memória fraseológica

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

De G1, não houve registro de respostas das informantes cabo-verdianas que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas de três estudantes de Cabo Verde (G1): (a) "é porque pra mim não existe em português ... ((risos)) essas palavras / esses textos... aquela frases / aquelas expressões que eu não soube descrever o que são porque eu realmente não conheço / não faço ideia; (b) "não"; e (c)"não sei ... costuma-se pensar nah .. nah ... ((participante reler trecho)) ((silêncio)) nah ... tem essa parte aqui / que na verdade matar cachorro a grito e h a atividade das mais exercida pela maioria deles ... ((silêncio)) num sei ...".

Respostas da totalidade das estudantes guineenses (G3): (a) "nunca ouvi em Guiné"; (b) "((silêncio seguido de gesto negativo com a cabeça); (c) "matar cachorro a grito não..."; (d) " não/ conheço não..."; e (e) "nunca ouvi... essa expressão de matar cachorro... mas/ pode me dar um exemplo similar",

Respostas da totalidade dos estudantes guineenses do sexo masculino (G4): (a) "e h ... eu achei essa frase assim estranha ... frase nova pra mim"; (b) "ah.../o/o/ cara pensa/ que o artista é rico né...aí como tá dizendo aqui " matar cachorro é atividade exercida por eles"...é mais fácil matar cachorro a giro do que (as outras pessoas)...matar cachorro a grito é que to achando aí né...mas esta gíria "matar cachorro a grito " nunca ouvi falar"; (c) "((silêncio)) não ... ((riso)) é difícil interpretar porque nunca / nunca na verdade eu escutei ..."; (d)" não"; e (e) "eu entendo assim ...".

Não pagar mico

Respostas de duas estudantes cabo-verdianas (G1): (a) "((riso nasal)) isso também eu não conhece / eu falo "que mico"... ((riso)) ..."; e (b) "é ... paga mico ... é ... sim conheço... paga uma mico ... é ... ".

Respostas dos estudantes cabo-verdianos do sexo masculino (G2): (a) "uhn … conheço …"; (b)"já"; (c) "JÁ ... através da mídia também"; (d) "pagar mico conhecia mas era porque passa sempre nas novelas lá né … passa as novelas e essa expressão acaba por escutar na televisão .."; e (e) "conheço também por influência da:: / da / de TV e de novela essas coisas ... mas acaba se usando / a gente acaba usando também ...lá ... em Cabo Verde ... não muito ... mas usa ...é isso ... já ouvi pessoas usando isso aí ...".

De G3, não houve registro de respostas das informantes guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas dos estudantes guineenses do sexo masculino (G4): (a) "((riso)) não sei ... não sei ..."; (b) "hum...aqui reconheço...cadê... " o preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem"; (c) "((silêncio)) sei não ..."; (d) "é / tipo / eu já ouvi mico ... mas não sei exatamente o que significa ... é tipo uma / uma pessoa que tá fazendo uma coisa assim / tipo qualquer besteira ... pagar mico ... não sei exatamente isso ... não ... eu nunca ouvi só o mico assim ..." ; e (e) "é porque coisas baratas né...não significa que são melhores coisas né... por exemplo tu quer viajar numa boa viagem com preço baixo né... aí então tu acha que é uma boa viagem com..custo beneficio porque custa tão barato...as vezes não é...as vezes o mais caro tem mais benefício...mais tranquilidade..pode uma boa viagem".

SOMATISMOS

Tirar mais água do joelho

Respostas de duas estudantes cabo-verdianas (G1): (a) "uhn ...; (b) "não … também nunca escutei … ((riso nasal))".

De G2, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos do sexo masculino que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas das estudantes guineenses (G3): (a) "por exemplo/ a primeira ida ao banheiro/ a vontade de urinar...; (b) "eu não sei se o vinho fica aqui no joelho/ o pessoa não consegue andar não sei eu acho que é... mas eu não conheço essa palavra não/ pra dizer a verdade eu não conheço..; (c) "não eu aprendi aqui não; (d) "Não, conheço não...; e (e) "não...nem em Guiné nem no Brasil...Participante: então tem uma

expressão parece descarregar mesmo/ não estou lembrando bem...Participante: em crioulo é... (missa)... mas também tem uma expressão que é provérbio mas não estou lembrada/ tem o mesmo sentido dessa aqui...".

Respostas da totalidade dos estudantes guineenses do sexo masculino (G4): (a) "não"; (b) "não ... não conhecia assim ... ((silêncio)) eu / eu vejo essa frase aqui estranho ..."; (c) "hã?"; (d) "significa que tomar cerveja quente faz o cara mijar muito ... né ; e (e) "eu conheço aqui ... isso ocorre em parte porque o álcool / só que eu não conheço essa palavra aqui ... inibe ... inibe ...".

Pôr a boca no trombone

De G1 e G2, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas de quatro estudantes guineenses do sexo feminino (G3): (a) "não sei se é a mesma coisa/ mas o que eu estou entendendo é quando uma pessoa... PERdeu o JUIZO..."; (b) "conheço não... não/ ouvi não..."; (c) "no Brasil eu não sabia se existia também essa aí ... assim ... isso quer dizer que uma / quando uma pessoa não / se você não estiver de acordo com uma coisa / isso é mais / também mais com os políticos que tão prejudicando os outros ... aí a pessoa fala ... o prefeito falar pela mídia ... pela televisão ... aí eles dizem que a pessoa bota a boca na trombeta ...; e (d) não/ não existe essa expressão não/ tem uma outra expressão... é ... a gente/ em crioulo/ pôr a boca na (trabalha)... quer dizer pôr a boca no trabalho... ((risos)) não sei/ não conheço essa expressão em português mas em crioulo eu digo assim...".

Respostas de dois estudantes guineenses do sexo masculino (G4): (a) "((conversas ao longe)) /aqui/...trom-bo-ne /é/ você pode me dar uma dica?e...."; e (b) "defender uma coisa ...".

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Respostas de duas estudantes cabo-verdianas (G1): (a) "((curto silêncio)) eu não escuto ... assim / né rotina / encontrar a palavra

empossada / todo dia ... né ... "quantos paus faz uma canoa" ... também ... é ... ela vai saber com quantos paus uma canoa ... ela vai saber o quanto é difícil / o quanto não é fácil ... aí em Cabo Verde a gente diz assim ... deixa eu ver a expressão que minha avó usava muito ... eu esqueci ... às vezes a gente aprontava as coisa / ela dizia quanto você chegar eu vou te mostrar com é que se faz tal / tal coisa ... mas no sentido de que você vai apanhar ... você vai cho(...) hoje você vai chorar ... viu ... ((riso do entrevistador ao fundo)) vai ser brincadeira não / vai ser mole não ... então com (...); e (b) "não … assim não … mas em Cabo Verde é (então não te ilune … você vai ver fogo) ((hipótese de fala em crioulo)) ((risos))...é porque eu não sei traduzir / é justamente / expressão idiomática...".

Resposta de um único estudante cabo-verdiano do sexo masculino (G2): "essa aqui / essa aqui eu já / eu já conheço … não assim? … a expressão eu já conheço … no meu país não se usa ...não se usa ... pelo menos eu não sei (...)...aqui eu já / aqui eu já sabia … mas no meu país não se usa essa expressão … tem coisas que a gente usa … mas que no momento eu não me lembro".

Respostas de três estudantes guineenses do sexo feminino (G3): (a) "não/ eu não conheço não...; (b) "Essa expressão... não conheço (ruído) (silêncio) (ruído)"; e (c) "por exemplo aqui está dizendo... espera aí... ela vai se arrepender até o último fio de cabelo da sua pobre cabeça"/ ter aceitado ser a candidata de Lula mas não é isso não... é essa frase aqui/ "tudo o que ele quer é continuar mandando".

Respostas de três estudantes guineenses do sexo masculino (G4): (a) "(hipótese de negação com gesto de cabeça) ((silêncio))... não …"; (b) "eu não / eu nunca tinha visto assim … mas (...) como / como e h que eu posso explicar … ((curto silêncio)) tem outra expressão que a gente usa lá … não sei se e h idêntico … tipo … criança / numa gravidez assim … a mãe vai falar com a noiva assim … (tu vai ter que aprender com e h que a gente faz pra criar a criança) ((hipótese de fala em crioulo)) … não sei se / se identifica ; e (c)"não".

Chutar o pau da barraca

Respostas da maioria das estudantes cabo-verdianas (G1): (a) "não … porque é um pouco diferente: / é uma frase que muda logo / chama logo atenção das pessoas / num texto assim / eu acho que nós podemos / e h: / por ser português … cada / num sei / cada povo tem sua expressão ... né / então / logo quando eu li e não consegui entender

/ logo o contexto do "falta chutar o pau da barraca" … chama logo a minha atenção por eu não conseguir assimilar / num texto desses / como assim / falta o povo chutar o pau da barraca / eu não (...).L1 (deitar tudo pra altura) talvez e h:: deixar tudo pro e h / deitar tudo pra altura ...L1(sabota tudo na espora) é : de certa maneira a gente pode dizer / ah não / cansei / vou deixar tudo nas mãos de Deus / vou deitar / vou / a gente diz / é / (sabota tudo na espora) ((hipótese de fala em crioulo)) ... é mais ou menos assim /; (b) "chutar o pau da barraca" ... ((risos)) ... não conheço ...; (c) "é … acho que e h … nunca ouvi falar ... nunca ouvi falar acho … que e h … nunca ouvi / nunca ouvi falar essa aqui ... num sei … nunca escutei ... não … eu nunca escutei dizer falta o po; e (d) "nunca ... é isso? ... não conheço ...".

Respostas de dois estudantes cabo-verdianos (G2): (a) "não ... não ... não sei / não conheço não ... não ... esse aqui acho que aqui no Brasil / nunca ouvi falar (...) existem várias expressões aqui no Brasil que / que eu nunca ouvi falar ... dá pra entender ... com certeza ... quando você / claro / chutar o pau da barraca ... se eu escutar só chutar o pau da barraca acho que não saberei / não saberei dizer qual o sentido ... mas aliado a um contexto dá pra entender a expressão ...; e (b) "não ... porque e h assim … em Cabo Verde … expressões que a gente usa … a gente usa em crioulo …".

Respostas da maioria das estudantes guineenses (G3): (a) "((silêncio demorado)) eu não sei explicar... ((risos da informante)) coisa difícil... por quê que tu botou essa frase hein? "chutar o pau da barraca"... ((ruído)) oh que é assim... ver o Roberto Carlos junto com a população fazendo bagunça/ é isso? Eu não sei... "chutar o pau da barraca"... eu não conheço não...; (b) "também não..."; (c) "chutar o pau da barraca não... (risos) (silêncio) eu acho assim... porque isso essa expressão... é uma expressão que o pessoal usa tipo uma gíria (ruído) que a pessoa utiliza/ por exemplo se pegar essa expressão pra procurar no dicionário vai ser difícil de encontrar... é uma linguagem mesmo popular que as pessoas utilizam como gíria"; e (d) "não/ nunca/ nem aqui...".

Respostas da totalidade dos estudantes guineenses do sexo masculino (G4): (a) "aqui no Brasil também é : ... nunca (...) não ouvi ... nunca ...; (b) "é...esse aqui é um pouco pesado mas eu acho que é puxa...puxa para poder chegar lá...vendo Roberto Carlos cantando..."de preto cantando samba" isso aqui também...é coisa pesada heim..." povo chutar o pau da barraca"...essa aqui é pesada me

pegou"; (c) "(...)é...tem...; (d) “chutar o pau da barraca” ... não; e (e) "não … pode dar um exemplo pra...".

Nível médio de memória fraseológica

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

Resposta de uma participante de Cabo Verde (G1): “((silêncio)) é :: / exatamente o quê eu não consigo associar nesse contexto... é :: / eu já ouvi / eu não me lembro / é / uma amiga minha / ela tava falando / é / tava acontecendo uma coisa assim / ela falou essa frase ... mas eu não consigo relacionar com o contexto”.

Respostas de dois estudantes cabo-verdianos (G2): (a) "essa expressão já ouvi no Brasil algumas vezes, mas ainda ... não peguei o sentido...aqui no Brasil; e (b) "difícil ... esse aqui / essa expressão eu nunca tinha ouvido ... é a primeira vez que eu ouço também ... e mesmo pelo contexto fica um pouquinho mais complicado”.

De G3, não houve registro de respostas das informantes guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas de dois estudantes guineenses (G4): (a) “não / não / não conhecia …” ; (b) “ matar cachorro a grito … hum … eu não sei … já ouvi / já ouvi e bastante ...só no Brasil”.

Não pagar mico

De G1, G2 e G4, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos e dos informantes guineenses do sexo masculino que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas de três estudantes guineenses (G3) declararam não lembrar nem ter ouvido a expressão "não pagar mico", com respostas sucintas como "não" e "não sei", seguidas, geralmente, de curto silêncio.

SOMATISMOS

Tirar mais água do joelho

De G1, G2, G3 e G4, para esta expressão, surpreendentemente não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Pôr a boca no trombone

Resposta de uma única estudante cabo-verdiana (G1) diz ter conhecido ou ouvido a expressão "pôr a boca no trombone", em seu país, mas não lembrava seu sentido idiomático: "não... mas a gente conhece ... pela influência ... é...".

De G2, G3 e G4, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos do sexo masculino e dos informantes guineenses em sua totalidade que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

De G1, G2 e G3, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos e das informantes guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Do G4, um estudante guineense do sexo masculino disse lembrar e utilizar em Guiné a expressão "saber com quantos paus se faz uma canoa", mas não sabe o sentido idiomático.

Chutar o pau da barraca

De G1, G2, G3 e G4, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos e guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Nível alto de reconhecimento idiomático

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

Resposta de uma participante de Cabo Verde (G1) apresentou um nível alto de reconhecimento idiomático ao encontrar um expressão equivalente em L1 (crioulo cabo-verdiano): "esse "matar cachorro a grito" eu não diria no meu país ... eu não diria assim ... é ... tipo ... aparentemente parece que ele é rico ... mas no fundo / no fundo acho que ele não é rica não / deve tá ralando oito / dez / aí tá cosendo as meinhas / tá fazendo pezinho de meia pra poder dar certo ... ((riso))".

De G2, um estudante cabo-verdiano declarou ter ouvido ou lembrado a expressão "matar cachorro a grito", no Brasil, e saber seu sentido idiomático: "conheço aqui no Brasil também".

De G3 e G4, não houve registro de respostas dos informantes das informantes guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Não pagar mico

Respostas de três estudantes cabo-verdianas (G1): (a) "é … conheço … já ... já sabia ...; (b) "assim ... eu conheço no meu país ... não porque a gente usa ela ... porque a língua crioula não tem essa expressões assim ... né ... mas pela influência da novela ... é ... pela novela brasileira ... e outras costumeiras que o pessoal usa ... escuta também /fala na novela ... né ... aí ouvindo mico / aí eu associei a que ... vergonha ...; (c) "é ... mas deve ser / mas / uma expressão linguística / mas eu conheço desde pequena / aí eu num (...)".

Respostas duas estudantes guineenses (G3): (a) "aprendi aqui no Brasil... uma das primeiras expressões... eu: morava com uma brasileira lá em Natal e ela sempre dizia "ah eu paguei mico"... porque assim/ pagar mico/ quando/ pagar mico não é pagar uma coisa não... pagar mico é envergonhar mesmo... passei vergonha/ ou seja/ fiquei vermelho né?; e (b) "É.... no Brasil...".

De G2 e G4, não houve registro de respostas dos informantes do sexo masculino cabo-verdianos e guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

SOMATISMOS

Tirar mais água do joelho

Respostas de três estudantes cabo-verdianas (G1): (a) "não ... essa frase aqui eu ouvi aqui ... já ... (ir para casa de banho) "eu vou fazer xixi / vou pra casa de banho" ...; (b) "vou tirar água do joelho ... (isabatra água do joelho) ((hipótese de fala em crioulo)) não só os rapazes como toda a população cabo-verdiana aqui tão usando algumas palavras brasileiras colocando ...; e (c) "fazer xixi ... acho que não tem não ... ((risos)) fazer xixi ... (tona ar) ((hipótese de fala em crioulo))".

Respostas de todos os estudantes cabo-verdianos do sexo masculino(G2): (a) "essa expressão eu já ouvi falar mas eu não sei explicar ((riso)) ... assim poderia me explicar..."; (b) " bom ... a expressão aqui e h tirar água / ma / água do joelho ... né e tirar água do joelho e h uma expressão que a gente usa lá em Cabo Verde ... vou / vou / a expressão ... vou fazer uma água de batata ... por exemplo ... ((riso)) água de batata por causa da cor ... né ... da verde ... o pessoal diz água de batata ..."; (c) "conheço essa expressão no país e a gente usa a mesma expressão com o mesmo significado; (d) "conheço ... não / e h / o pessoal / a gente fala assim ... tipo (tá fazendo água) ((hipótese de fala em crioulo)) é tipo assim / é o termo tirar água do joelho ... (tá fazendo água) ... ((hipótese de fala em crioulo))"; e (e) "já ... já. "tirar mais água do joelho" que é:: a expressão ... a maioria assim ... a maioria dos homens usa. eu nunca ouvi assim: ... pelo menos até agora eu nunca ouvi uma mulher falando isso".

De G3 e G4, não houve registro de respostas dos informantes guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Pôr a boca no trombone

Respostas de quatro estudantes cabo-verdianas (G1): (a)" aqui no Brasil ... boca no tromb /eu não entendia / não sabia nem o que era trombone ... eu entendia trombole ... o pessoal fala tão rápido ... boca no trombone ... eu ... é ... colocou a boca no trombole ... mas não é assim não ... no meu país eu chamaria de (enebuquer) ... ((hipótese de fala em crioulo))... (enebuquer) ((hipótese de fala em crioulo))... o cara / ele falou tudo né ... é assim ... descobriu o santinho do povo aí ... né

... descobriu todo segredo ... varreu todo lixo ... ((risos)) debaixo do tapete ... ((riso)); (b) "é ... botar … onde tem pôs a boca no trombone ((silêncio)) ((supostamente confirma com gestos))...lá em Cabo Verde se diz poe / poe ((hipótese de fala em crioulo))... espalhar pro mundo .. ué… falar …; (c) "já … em Cabo Verde... e h … pôs a boca no trombone … eu acho que e h … falar algum segredo …"; e (d) "eu conhecia ...lá em Cabo Verde... tem "boca no trombone" ... "colocou boca no trombone" ((vozes ao fundo)) ... ah ... mas se tem alguma em crioulo / não sei ...".

Resposta da totalidade dos estudantes cabo-verdianos (G2): (a) "conheci essa expressão aqui também; (b) "sim … e: lá em Cabo Verde temos outras expressões também para / para a / pra se falar / parecido com boca no trombone … nesse caso seria (xibá / xibá) ((hipótese de fala em crioulo)) … existem outras também / chibá / mas chibá e h uma das que eu conheço mais (...)"; (c) "aqui no Brasil ... boca no tromb /eu não entendia / não sabia nem o que era trombone ... eu entendia trombole ... o pessoal fala tão rápido ... boca no trombone ... eu ... é ... colocou a boca no trombole ... mas não é assim não ... no meu país eu chamaria de (enebuquer) ... ((hipótese de fala em crioulo))... abocanha ... ((riso)) falou uma coisa que ele não devia ter falado ... ele tirou algum segredo / algum sigilo / ele colocou / aí soltou pra todo mundo ver / colocou na internet / colocou no jornal ... assim que eu entendo ... ((riso))... (enebuquer) ((hipótese de fala em crioulo))... o cara / ele falou tudo né ... é assim ... descobriu o santinho do povo aí ... né ... descobriu todo segredo ... varreu todo lixo ... ((risos)) debaixo do tapete ... ((riso)) "... pôs a boca no trombone ... a gente usa em / em Cabo verde a gente usa e ... em / com o significado de / de trazer à tona ... de alguém tem de explicar ... falar ... eu vou trazer à tona esse assunto ... e no caso do texto ... quem é o assunto ... o judiciário em relação a crimes no município ...(d) "bom … aqui a expressão idiomática ser / é o pôs a boca no trombone né … que é / quer dizer aqui / que e h que/ denunciou / e h denunciou a /os desmandos na cidade … e: em Cabo Verde existe também essa / essa expressão / colocar a boca no trombone … acho que e h bem / tipo / acho que tem / não sei se e h típico … mas já tinha escutado lá várias vezes … na televisão e pessoas falando também ..."; e (e)" já conhecia em Cabo Verde … mas botar a boca no trombone … acho que não … seria … é

o que a gente tem / a gente tem mais influência do brasileiro do que do português mesmo (...)".

De G3, apenas uma estudante guineense declarou lembrar ou ter ouvido a expressão "pôr a boca no trombone", dando como resposta sucinta: "conheço".

Resposta de três estudantes guineenses do sexo masculino (G4): (a) "eu conheci aqui ... no crioulo tem / tem ... mas ... tem ... mas não e h / é diferente ... é ... (empenha boca) ((hipótese de fala em crioulo)) empenhar boca) ((hipótese de fala em crioulo)) ... tipo a pessoa te apanhou a falar alguma coisa"; (b) "é já ouvi falar já em Guiné... lá eu escuto de vez em quando na rádio... "boca no trombone" ...é...; e (c)" botar a boca no trombone eu acho que eu conheço né (...)...desde Guiné ... que / que / aquela pessoa que vai no rádio ... na televisão ... ou meio público e fala as coisas né ... então a pessoa diz ... olha ... tira a boca do trombone porque não é nem seu espaço né ... ((riso)) é .. às vezes a pessoa diz assim ... (se você não faz parte do carnaval ... é ... tire a boca ... se buca faze parte do carnaval ... tire boca) ((hipótese de fala em crioulo)) ... se você não faz parte do carnaval ... tire a sua boca ... né ...".

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Respostas de três estudantes cabo-verdianas (G1): (a) "não … mesmo é de Portugal ou mesmo do Brasil … nós não temos muito o hábito de dizer … mas já:: … acabamos por ouvir muito … então dá-se a repetição / por exemplo é : nós temos muita influência da cultura brasileira … então … tanto que somos habituados a ver as mesmas novelas daqui … então acabamos / acabamos por ouvir a maior parte do que os brasileiros dizem ... é … das expressões … aí acabamos por conhecer e saber o significado de algumas ..."; (b) "aqui que eu conheci ... nas novelas … eu ouvia nas novelas... acho que eu ouvi lá em Cabo Verde ... na televisão ...; e (c) "eu acho que eu conheço algo parecido … seria … e h:: (ele tá deixa atrevimento) ((hipótese de fala em crioulo))… ((riso)) ou:: (ele tá afronta) ((hipótese de fala em crioulo)) … algo do gênero … acho que e h … que é do gênero … eu diria que e h isso … ((riso nasal)) … não sei … ((riso nasal))".

Respostas da maioria dos estudantes cabo-verdianos do sexo masculino (G2): (a) "não... conheci aqui no Brasil"; (b) "sim ... com quantos paus se faz uma canoa ... e já é conhecida lá ... é ... exatamente ... eu sempre / sempre escutei também com quantos paus se faz uma canoa ...; (c)" não se use muito ... eu já tinha ouvido falar lá ... em Cabo Verde ... mas se não me engano ... eu já ouvi / já ouvi mas por assistir TV ..."; e (d)"já... em Portugal também se usa".

Do Grupo G3, uma única estudante guineense declarou lembrar ou ter ouvido a expressão "saber com quantos paus se faz uma canoa, anunciando a seguinte resposta: "eu conheço/ mas não dessa forma... é ... espera aí... quer dizer/ quantos paus se faz uma canoa... eu conheço mas eu esqueci... hunrrum... significa que você vai ver que a coisa não é fácil... mas não estou lembrando não...".

Do Grupo G4, um estudante guineense do sexo masculino disse lembrar ou ter ouvido a expressão "saber com quantos paus se faz uma canoa" e sabe seu sentido idiomático: "sim ... mas só que tem uma outra forma ... por exemplo ... por exemplo ... (ninguém pode bater a palma com uma mão só) ... ((hipótese de fala em crioulo)) entendeu?".

Chutar o pau da barraca

Do Grupo GI, apenas uma das estudantes cabo-verdianas declarou lembrar ou ter ouvido a expressão "chutar o pau da barraca", o que comprovamos antes da ajuda técnica:" aqui ... eu só (...) é ... lá no meu país eu / tipo / diria ... eu quero ver até onde vai isso / eu quero ver até onde dá pra aguentar / depois de nada / acaba tudo / e tudo lá / prefere cair tudo pro chão ... né ... ((riso)) eu diria assim ... mas a expressão "chutar o pau da barraca" ... não ... ((barulho de música ao fundo)) "chutar o pau da barraca seria uma expressão de vocês brasileiros ... que eu vejo meus / minhas colegas usando ... "rapaz essa faculdade já tá por aqui ... daqui a pouco eu vou chutar o pau da barraca / a casa vai cair / vamos simbora" ... ((riso))".

Respostas de três estudantes cabo-verdianos do sexo masculino (G2): (a) "por influência ... é ... e chutar o pau da barraca quer dizer que: / que o povo devia ... jogar isso / todo mundo devia discutir isso porque não tá certo ... aí a gente devia ... com é que eu ... a gente devia procurar ... explodir esse assunto pra todo mundo ficar / tomar ... tomar conhecimento disso ... porque ... se não tá certo ... todo mundo deve saber disso ... acho que basicamente é isso ...; (b) "a expressão

que eu/ que eu consegui identificar aqui é chutar o pau da barraca ... que pelo contexto dá pra ver / eu já tinha ouvido também ... no Brasil / eu já tinha ouvido lá em Cabo Verde mas só que ... da mesma forma da outra (...); e (c) "não ... foi aqui".

Do Grupo G4, formado por estudantes guineenses do sexo masculino, apenas um declarou ter ouvido "chutar o pau da barraca", sem que pudesse atribuir à expressão seu sentido idiomático.

Grau de Memória Fraseológica

Segundo Corpas Pastor (1996, p.22), as expressões idiomáticas funcionam como unidades do léxico mental, isto é, armazenam-se e se são utilizadas pelos falantes como entidades completas e maior ou menor grau.

Como medida de confiabilidade para a realização das médias do grau de memória fraseológicas, todos os participantes que declararam lembrar ou ter ouvido antes a expressão idiomática, uma a uma das seis submetidas ao teste, situando-se como parte do grupo dos informantes que detinham um nível altode memória fraseológica, não foram considerados nesta tarefa.

Vejamos os comentários, extraídos do protocolo verbal, em que um informante cabo-verdiano do sexo masculino não foi considerado nesta tarefa por apresentar um nível alto de memória idiomática, condição que não permitiria, se levássemos suas informações, dizermos que a "matar cachorro a grito" seria efetivamente uma expressão transparente:

Entrevistador: Após a leitura do texto, você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: "matar cachorro a grito"

Entrevistador: e qual o sentido que você dá aí?

Participante: é:: uma pessoa que trabalha muito e ganha pouco né ... é:: ... é você ((riso)) fazer um es-for-ço muito grande sabendo que o salário não é lá essas coisas ... E segundo o texto diz que muitos artistas ... tem alguns artistas que são famosos e acho que ganham bem ... mas você não pode: incluir todo mundo na mesma condição ... então tem artista que dificilmente vai ganhar bem ... tem artista que por exemplo que ... que toca a noite em bares faz como se diz aqui no Brasil uma outra expressão que é "faz bico" ... parte da noite paga taxa

... então você não pode enquadrar todo mundo ... numa condição que todo mundo ganha bem ... então por isso que:: têm alguns que trabalham MUIto e o cachê deles não é como o da Ivete Sangalo

Entrevistador: ((risos)) muito bem ... você já conhecia essa expressão antes?

Participante: Conheci aqui no Brasil

Os valores médios das expressões idiomáticas no Teste de Verificação do Grau de Memória Fraseológica variaram de 1,35 para *matar cachorro a grito* a 2,25 para a expressão *pôr a boca no trombone.* A pontuação média foi de 1,80.

A partir destes valores médios das expressões idiomáticas estabelecemos os seguintes graus de verificação de memória fraseológica: menos familiares, familiares e mais familiares.

Três expressões foram consideradas menos familiares para os participantes: *matar cachorro a grito*, com 1,35; *chutar o pau da barraca*, com 1,45 e *tirar água do joelho*, 175.

As expressões consideradas familiares foram *saber com quantos paus se faz uma canoa* e *pagar mico*, ambas com 2,00.

A expressão mais familiar para os participantes foi ***pôr a boca no trombone*** com 2,25.

Gráfico 2 - Médias da Memória Fraseológica, por expressão idiomática

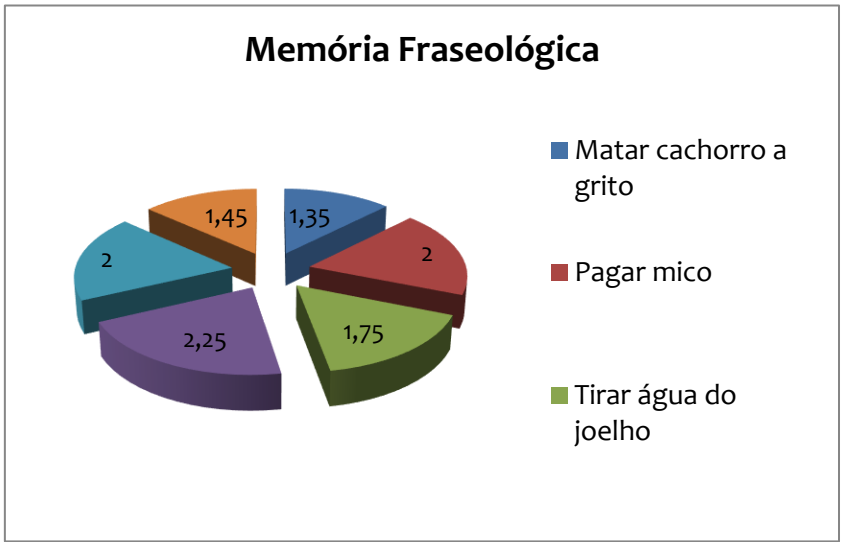

Tabela 6 - Graus da memória fraseológica, por expressão

CATEGORIAS	EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	MÉDIA	DESVIO	GRAU DE FAMILIARIDADE
Zoomorfismos	Matar cachorro a grito	1,35	0,67	**Menos familiar**
	Não pagar mico	2,00	1,02	**Familiar**
Somatismos	Tirar água do joelho	1,75	0,97	**Menos familiar**
	Pôr a boca no trombone	2,25	0,97	**Mais familiar**
Botanismos	Saber com quantos paus se faz uma canoa	2,00	0,97	**Familiar**
	Chutar o pau da barraca	1,45	0,82	**Menos familiar**
	Média das Médias	1,80		

Expressões em crioulos cabo-verdiano e guineense

Ao final da tarefa de verificação da memória, solicitamos de alguns informantes mais cooperativos que nos dessem, sempre que possível, a equivalência das seis expressões idiomáticas (dos zoomorfismos, dois somatismos e dois botanismos) em crioulo (cabo-verdiano e guineense) bem como sua respectiva paráfrase definitória para que pudéssemos melhor avaliar as respostas dos informantes quanto à identificação fraseológica (fixação formal) e à idiomaticidade semântica e cotejarmos informações de L1 relacionadas à L2 (português na variante brasileira), quando os mesmos, nos protocolos verbais, faziam referência aos seus conhecimentos linguísticos prévios (CP) ou davam exemplos em suas línguas maternas.

Apesar de serem de países africanos lusófonos, há uma flagrante variedade diatópica em cada país, o que, ao certo, repercute na fala e

na escrita em L1 (diversos crioulos cabo-verdianos e guineenses) e, da mesma forma, no Português L2, sempre com as interferências morfológicas e sintáticas de suas línguas crioulas.

Selecionamos estas contribuições dos informantes:

Quadro 1 - Expressões Idiomáticas em crioulo cabo-verdiano

Categorias Fraseológicas	Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Zoomorfismos	Matar cachorro a grito	Estar em condição ou situação aflitiva ou desesperadora	• Sem kau bai; • Mata katchor a grito; • Desesperado;
	Não pagar mico	Ver-se em situação embaraçosa ou vexatória, passando muita vergonha.	• Da burgonha; • Passa vergonha; • Assumi consequência;
Somatismos	Botar a boca no trombone	reclamar, protestar denunciar algo;	• Da ku língua na denti; linguara; • Poi boka na mundo; • Papiadera, linguarada;
	Tirar água do joelho	Urinar	• Tra agu di duedju; • Fazi xixi; • Tra agua de joelho ou xixi;
Botanismos	Chutar o pau da barraca	deixar de medir as consequências de qualquer ato.	• Ka liga; • Faze kusas sem conta, riba ka importa;
	Mostrar com quantos paus se faz uma canoa.	Aplicar um corretivo; dar uma lição.	• Mostra quenha ki ta kanta galu; • Mostrou ku kantu pó ta fazedu um kanoa;

Quadro 2 - Expressões Idiomáticas em crioulo guineense

Categorias Fraseológicas	Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Zoomorfismos	Matar cachorro a grito.	Estar em condição ou situação aflitiva ou desesperadora	• Sufridor ki ta padi fidalgu; • Sta disisperadu ku algum kussa; • Alguin desesperada;
	Pagar mico	Ver-se em situação embaraçosa ou vexatória, passando muita vergonha.	• Y passa Borgonha ou Bu purba liti, bu pidi baka; • Vivi um situaçon di constrangimentu, passa borgonha; • Passa vergonha;
Somatismos	Botar a boca no trombone	reclamar, protestar denunciar algo;	• I pui boca na tromboni pá tcholóla; • Konta tudu djintis di ke ku aconteci; • Reclama ou papia um algo e faci protesto; •
	Tirar água do joelho	Urinar	• Iná myça ou Ibay waga iagu na quintal; • Bai missa, fassi chichi; • Micha;
Botanismos	Chutar o pau da barraca	deixar de medir as consequências de qualquer ato.	• Bu ka ta sibi si bu mama di bunda gros, son ora ki tene mandita; • Bu kA nteressa di nada, kil ku na sedu pa i sedu;

			•Randja confusão se midi consequências;
	Mostrar com quantos paus se faz uma canoa.	Aplicar um corretivo; dar uma lição.	•Djugude ka bai fanadu, ma i kunsi udju ou na mostral Cuma Amy ki si lambe; •Pregal um partida,dal kantigu; •Sina alguém pa i ka fassi cusa errado mais;

Terceira Pergunta da Pesquisa: em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de idiomaticidade fraseológica?

Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica

> "Es de aceptación general que la idiomaticidad es gradual, de modo que unos fraseologismos son más idiomáticos que otros." (PAMIES, 2007, p. 178)

Na tarefa 3, testamos as seguintes hipóteses:

(a) as expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica;

(b) as expressões especiais que designam nomes relacionados a botanismos são de idiomaticidade forte por serem semanticamente menos motivados;

(c) as expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1 ou em L2 (na vertente luso-africana) são mais fáceis de serem corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB;

(d) o conhecimento do significado de um ou mais elementos da expressão idiomática torna acessível ao falante de Português L2 a motivação semântica (o significado idiomático) da expressão idiomática;

(e) o fenômeno da idiomaticidade fraseológica supõe uma dificuldade de compreensão para falantes não nativos do PB que desconhecem o sentido idiomático atribúido pela comunidade linguística à expressão.

Ao longo desta seção, descrevemos, a partir das respostas dos informantes, três níveis de idiomaticidade fraseológica: baixo, médio e alto. Em seguida, atribuímos uma pontuação às respostas dos informantes, numa escala de 1 a 3, para, em seguida, calcular as médias e os desvios padrão das expressões idiomáticas e classificá-las as segundo seu grau de idiomaticidade fraseológica: fraca, doble e forte.

A classificação quanto ao grau de idiomaticidade fraseológica que apresentamos ao final desta seção só foi feita após a aplicação do protocolo verbal, isto é, de os informantes recorreram a táticas e a estratégias de compreensão, possibilitando ou não acessarem o sentido idiomático das seis expressões idiomáticas do experimento.

No campo fraseológico, há uma relação muito estreita entre idiomaticidade e memória. Certa feita, o ex-presidente Lula da Silva, ao se referir às críticas de seus opositores ao final de seu governo, disse: "Quem for esperar que vou ficar sentado em Brasília, pode *tirar o cavalo da chuva* porque vamos inaugurar obra este ano." in Caderno Política, em seção Poder, Folha de São Paulo, 03/02/2010), o que nos parece lícito supor que a expressão idiomática *tirar cavalinho da chuva* empregada pelo ex-presidente, aliado a um sistema de regras e parâmetros, foi um conjunto cristalizado e memorizado, pronto para empregado no discurso político do ex-presidente.

Fulgêncio (2008, p.23) diz que a memória dos falantes atua na língua não somente na sua estrutura formal ou no que ela chama de "esqueletos formais" e das palavras isoladas, "mas também no armazenamento de sequências de palavras decoradas por inteiro".

Consoante a este olhar psicolinguístico de Fulgêncio (2008) sobre o fenômeno da idiomaticidade, primeiramente consideramos para a análise de dados desta nova Tarefa, os resultados contidos na Tarefa anterior, relativa ao Teste de Verificação do Grau de Memória Fraseológica.

Nesta tarefa, descrevemos, primeiramente, as principais respostas dos informantes selecionados a partir do que denominamos de níveis de Idiomaticidade fraseológica, recorrendo às declarações pessoais dos informantes que não lembravam nem sabiam o sentido

idiomático da expressão (no *corpus Afri*, codificado por NL) ou que lembravam, mas não sabiam o sentido idiomático da expressão (no *corpus Afri*, codificado por LN).

Foi, então, agregando os dados da memória fraseológica com os dados da idiomaticidade idiomática, que o calculamos o grau de idiomaticidade fraseológica, não levando, assim, em conta em análise, respostas dos participantes que declararam lembrar e conhecer o significado idiomático da expressão (no *Corpus Afri*, codificado como LS). Estes, desconsiderados por lembrarem ou terem ouvido a expressão e saberem seu sentido idiomático, portanto, consideram-na familiar e, nesse caso, evidentemente não poderíamos falar em idiomaticidade forte, doble ou fraca ou em opacidade semântica.

Em substância, no primeiro momento apresentamos as respostas dos informantes através de três níveis (baixo, médio, alto) de idiomaticidade fraseológica, depois, pontuamos cada destes níveis numa escala de 1 a 3, para, finalmente, calcularmos o grau de idiomaticidade fraseológica (ou intralinguística[6]) na seguinte escala: forte, doble e fraca.

Na tabela 7, logo abaixo, estão discriminados os informantes que participaram desta tarefa.

Tabela 7 - Verificação da Memória Fraseológica

Categorias	**Expressões idiomáticas**	**Níveis de Memória Fraseológica**		
		Baixo	**Médio**	**Alto[7]**
Zoomorfismos	Matar cachorro a grito	1,3,5,7,8,11 ,12,13, 14, 15, 16,17, 18,19,20	2,6,9	~~4,10~~

[6] Falamos em idiomaticidade intralinguística por serem os informantes falantes lusófonos, sendo que a língua portuguesa é L2, portanto, sua segunda língua, e as línguas crioulas, suas línguas maternas (L1).

[7] Os números que representam os informantes, para cada expressão, foram neste nível tachados porque não serão considerados no cálculo do grau de idiomaticidade fraseológica.

	Pagar mico	1,3,11,14,15 ,16,17, 18,19,20		~~2,4,5,6,7,8 9,10,12, 13~~
Somatismos	Tirar água do joelho	3,4,11, 12,13,14, 15,16,17, 18, 19,20	10	~~1,2,5,6,7,8, 9,~~
	Pôr a boca no trombone	2,11,12,13,1 4,18,19		~~1,3,4,5,6,7, 8,9, 10,1516,17, 20~~
Botanismos	Saber com quantos paus se faz uma canoa	1,4,10,11,13 , 14,17,18,20	15,19	~~2,3,5, 6,7,8, 9,12,16,~~
	Chutar o pau da barraca	1,2,3,5,6,7, 11, 12,13,14, 16,17, 18,19, 20	15	~~4,8,9,10,~~

O número de informantes selecionados varia de item para item. Em termos de quantitativos, os participantes considerados a partir da análise dos dados que fizemos na Tarefa de Verificação do Grau de Idiomaticidade Intralinguística ficaram assim distribuídos:

(a) *"Matar cachorro a grito":* 15 participantes com nível baixo de memória fraseológica e 3 participantes com médio nível de memória fraseológica;

(b) "*Pagar mico":* 10 participantes, todos com nível baixo de memória fraseológica;

(c) *"Tirar água do joelho":* 12 participantes com nível baixo e 1 com nível médio de memória fraseológica;

(d) "*Pôr a boca no trombone*": 7 participantes, todos com nível baixo de memória fraseológica;

(e) *"Saber com quantos paus se faz uma canoa":* 9 com nível baixo e 2 com nível médio de memória fraseológica

(f) "*Chutar o pau da barraca":* 15 de nível baixo e 1 de nível médio de memória fraseológica.

Como medida de confiabilidade para a realização desta tarefa, todos os participantes que declararam lembrar ou ter ouvido antes a expressão idiomática, uma a uma das seis submetidas ao teste, situando-se como parte do grupo dos informantes que detinham um nível de memória fraseológica, não foram considerados nesta tarefa.

Vejamos os comentários, extraídos do protocolo verbal, em que um informante cabo-verdiano do sexo masculino não foi considerado nesta tarefa por apresentar um nível alto de memória fraseológica, condição que não permitiria, se levássemos suas informações adiante, dizermos que a "matar cachorro a grito" seria efetivamente uma expressão opaca:

Entrevistador: Após a leitura do texto, você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: "matar cachorro a grito"

Entrevistador: e qual o sentido que você dá aí?

Participante: é:: uma pessoa que trabalha muito e ganha pouco né ... é:: ... é você ((riso)) fazer um es-for-ço muito grande sabendo que o salário não é lá essas coisas ... E segundo o texto diz que muitos artistas ... tem alguns artistas que são famosos e acho que ganham bem ... mas você não pode: incluir todo mundo na mesma condição ... então tem artista que dificilmente vai ganhar bem ... tem artista que por exemplo que ... que toca a noite em bares faz como se diz aqui no Brasil uma outra expressão que é "faz bico" ... parte da noite paga taxa ... então você não pode enquadrar todo mundo ... numa condição que todo mundo ganha bem ... então por isso que:: têm alguns que trabalham MUIto e o cachê deles não é como o da Ivete Sangalo

Entrevistador: ((risos)) muito bem ... você já conhecia essa expressão antes?

Participante: Conheci aqui no Brasil

Como dissemos, a partir das respostas dos participantes, estabelecemos três níveis de memória fraseológica: (a) nível de baixo Memória Fraseológica (no Corpus Afri, codificado por NL) ; (b) nível médio de Memória Fraseológica (no Corpus Afri, codificado por LN) ; e (c) nível alto de Memória Fraseológica (no Corpus Afri, codificado por LS).

Estabelecidos estes níveis acima, a partir das respostas dos informantes quanto à idiomaticidade ou ao sentido global da expressão idiomática, em seu país de origem (L1) ou em outro país

lusófono (Brasil, Portugual etc), pudemos calcular as médias do grau da idiomaticidade fraseológica

No nível baixo de memória fraseológica, estavam situados os informantes que declararam, durante a aplicação do protocolo verbal *think aloud*, não saber o sentido idiomático da expressão ou dar uma resposta considerada incorreta. No *Corpus Afri*, estas respostas foram assinaladas pelo código IC (Incorreto).

Para testar a confiabilidade da resposta dada, o informante, por solicitação do entrevistador, confirmava, através de repetição ou paráfrase fraseológica, em L1 ou L2, não reconhecer idiomaticamente a expressão em L1 ou L2. No caso de, no primeiro momento, o informante informar uma resposta incorreta e, ainda durante o protocolo verbal, evoluir para uma posição parcialmente correta ou correta, era considerada a segunda informação (correta) e não a primeira dada (incorreta).

Para posterior cálculo das médias do grau de idiomaticidade intralinguística, as respostas dos informantes consideradas de nível baixo de memória fraseológica valeram 1 ponto, numa escala de 1 a 3 pontos.

No nível médio de memória fraseológica, encontram-se os informantes que atribuíram um sentido literal à expressão idiomática, resposta considerada parcialmente correta, por ser possível ou viável dentro de uma ambiguidade estrutural comum às locuções verbais. No *Corpus Afri*, estas respostas foram assinaladas pelo código PC (parcialmente correta).

Para testar a confiabilidade da resposta dada, o informante, por solicitação do entrevistador, confirmava, através de repetição ou paráfrase fraseológica, em L1 ou L2, reconhecer unicamente o sentido literal da expressão em L1 ou L2. No caso de, no primeiro momento, o informante informar uma resposta parcialmente correta (sentido literal) e, ainda durante o protocolo verbal, apresentar uma resposta incorreta ou correta, era considerada ou prevalecia, para efeito de codificação, a resposta considerada parcialmente correta sobre a incorreta e a resposta correta prevalecia sobre a parcialmente correta ou incorreta[8].

[8] Nossa metodologia experimental, permitiu-nos considerar, no diálogo direto com o informante, não apenas uma resposta mas várias respostas à questão proposta, permitindo que o mesmo tivesse consciência de possíveis erros acidentais ao falar (lapsus linguae), tecnicamente os ajudando a melhorar sua tomada de decisões e evitando, de outra maneira, a cometer erro de desconto: parar de buscar outras

Para posterior cálculo das médias da verificação do grau de idiomaticidade intralinguística, as respostas dos informantes consideradas de nível médio valeram 2 pontos, numa escala de 1 a 3 pontos.

No nível alto de memória fraseológica**,** estavam posicionados os informantes que anunciaram corretamente o sentido idiomático da expressão em L2 ou L1. No *Corpus Afri,* estas respostas foram assinaladas pelo código CO (correta).

Para testar a confiabilidade da resposta dada, o informante, por solicitação do entrevistador, confirmava o sentido idiomático através de repetição ou paráfrase fraseológica, em L1 ou L2.

Para posterior cálculo das médias de verificação do grau de idiomaticidade intralinguística, as respostas dos informantes consideradas de alto nível de memória fraseológica valeram 3 pontos, numa escala de 1 a 3 pontos.

Níveis de idiomaticidade intralinguística

Em se tratando de níveis de idiomaticidade fraseológica, apontaremos as respostas dos participantes classificados em níveis baixo, médio e difícil, de acordo com acertos e / ou erros do sentido idiomático.

A essas respostas dos informantes foram atribuídos uma pontuação de 1 a 3 que serviu para o cálculo da média e a partir dessa pudemos fazer a verificação do grau de idiomaticidade fraseológica. À medida do possível, procuramos correlacionar os níveis de idiomaticidade com os níveis de identificação fraseológica.

Nível baixo de idiomaticidade intralinguística

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

Do G1, depois do teste de verificação da memória fraseológica, ficaram considerados para o teste de idiomaticidade fraseológica

possibilidades de respostas à questão proposta pelo experimentador (STERNBERG: 2008, p.436-441).

quatro estudantes cabo-verdianas que declararam não lembrar ou não ter ouvido a expressão *matar cachorro a grito* ou lembravam, mas não sabiam seu sentido idiomático.

O que, nos chamou a atenção é que todos os participantes deste grupo identificaram corretamente a expressão *matar cachorro a grito* e terem recorrido a várias táticas bottom-up e top-dow no esforço de compreender a expressão.

Apesar da competência da identificação fraseológica e as habilidades para o emprego de estratégias cognitivas, as informantes do Grupo G1 não conseguiram chegar à idiomaticidade das expressões, anunciando as seguintes respostas, aqui extraídas do Protocolo Verbal: (a) "matar cachorro ... deixa eu ver ... "matar cachorro a grito" ... eles não são ricos como a tv mostra ... eles fazem outra coisa que talvez nem seja desse nível ... é ... fazer coisas básicas ... ((risos)); (b) " ((curto silêncio)) hum: ... ((riso nasal)) não ... eu tenho uma noção ... mas eu não sei explicar ... esse / tem aqui / que normalmente as pessoas dizem que os artistas né ... são ricos porque saiu uma reportagem que um artista e h risco / rico ... sendo que a maioria deles mata cachorro a grito ... e h ... que a maioria deles e h / tipo / não sei ... eu acho que quer dizer que a maioria deles não presta ... não sei ... alguma coisa assim ... tem uma coisa assim não faz nada assim tão ... ((curto silêncio))... não sei ... tenho alguma ideia ... mas eu não sei dizer.... ah ... entendi: ... na verdade a maioria deles vive dando duro ... e h isso ... ...; e (c) "matar / e h fazer uma coisa sem ter certeza ... sem ter certeza ... ((a participante repete em coro com o entrevistador))... ((riso)) me pegou ... viu ... ((riso)) acho que no sentido / a frase matar cachorro a grito e h uma coisa / fazer uma coisa que não tem certeza ...".

Do G2, nenhum participante declarou incorreto o sentido fraseológico, não tendo, portanto, representante desse grupo de baixo nível fraseológico em relação a expressão *matar cachorro a grito.*

No G3, a despeito de todos os participantes terem identificado corretamente a expressão, mas suas respostas foram consideradas incorretas quanto à idiomaticidade da expressão *matar cachorro a grito:* (a) "Então... matar cachorro a grito né... então acho que quer dizer que uma: uma pessoa tem que... tem que se trabalhar muito os exemplo aqui... vou dar um exemplo na minha área né... os enfermeiros tem que ir pra enfermagem... os enfermeiros ou técnicos

de enfermagem...as vezes pra pessoa se: sobreviver... porque o salário é pouco... a pessoa tem que ter mais de três plantão em locais diferentes então eu acho que essa "matar cachorro a grito" tem haver com isso tem que... ralar muito pra... (ruído) Pra... pra ter dinheiro (ruído) pra conseguir se sustentar ...(ruído); (b) "matar o cachorro a grito" ... é :: pra mim ... significa uma:: ... uma coisa assim ... famosa que todo mundo escuta ... no sentido aqui ela diz que todo mundo acha que os artistas têm dinheiro / é são pessoas rico / porque qualquer coisa de ... de artista / essas pessoas famoso / o mundo o mundo ((tossiu)) / são divulgadas na tv / o povo fala tudo e acham também que / grita / é :: ... uma coisa real assim["matar o cachorro a grito] uma coisa expandida assim; (c) "...que não é seu...[não sei se estou certa... hunrrum... passar influência/ mostrando o que é mas não é... [... passar influência/ mostrando o que é mas não é]; (d) "sim/ assim/ tem aqui que as pessoas pensam que os artistas são ricos... e tem uma outra parte que diz assim "na verdade matar cachorro a grito é a atividade das mais exercidas pela maioria deles mundialmente"... artista não pode ficar rico sem cantar ou sem esforço/ sem fazer o seu trabalho... tipo o escritor/ você vai ter que escrever muito/ publicar bons livros para ganhar dinheiro/ e artista /você vai ter que ... ter todas as habilidades de apresentar e chamar atenção ao público... eu acho que é isso tem que esforçar tem que mostrar quem é você pra ganhar dinheiro... [mostrar quem é você pra ganhar dinheiro..]; e (e) "o que estou entendendo é como: posso expressar assim como os africanos quando chegaram aqui no Brasil/ aí você... por exemplo os que vem no... na escola privada... aí você tem que lá botar para poder atingir seus objetivos/ se nao fez isso você não vai conseguir estudar/ aí você tem que trabalhar um ou dois... um ou dois trabalhos pra poder sustentar sua faculdade e sustentar sua estadia... no Brasil... não sei/ acho que... é isso que queria dizer...".

Do G4, três informantes conseguiram identificar corretamente a expressão, mas revelaram desconhecer seu sentido idiomático, dando respostas como: (a) "deixa eu começar aqui...(leitura em voz baixa do texto em análise)...hum rum... "matar cachorro a grito" eu acho que é... coisas que as pessoas pegam pra é...pra...que as pessoas pegam pra é para aplicar pensando que é como assim...eu to/ to tirando aqui por exemplo aqui tá dizendo de um famoso e quando todo mundo ver um cantor ou um autor todo mundo pensa que é rico....então é uma

coisa falsa pode não ser rico mas é famoso e todo mundo fala só nele...todo mundo /dizendo/ que ele é assim/ ele é assim...então isso aqui pra mim significa "matar cachorro a grito!"...matando você assim...gritando e do mesmo jeito que eu to pensando...como um famoso...ele é famoso e você fica só...você pensa que ele é daquele jeito...que é rico...faz tudo...mas as vezes não é só que pelo fato de ser famoso"; (b) "não ... num:: (...)matar a população de fome ... né ... ((o entrevistador fala concomitantemente ao participante, no entanto a fala do participante sobressai impedindo a compreensão da fala do entrevistador)) matar a população de fome / o pessoal ... ((silêncio)) eu entendo assim ...; (c) é ... dá pra falar um pouquinho porque / acho que aqui ele vai mostrar o quê? ... tipo um brasileiro com um salário mata cachorro a grito ... tipo / acho que / o salário também pode não ser suficiente né ... e não sendo ... aquele juramento ... eu penso assim ... ah:: ... matar cachorro / então isso grita né ... não confun / tipo não confunde com / com matar cachorro ... então ... lamento nessa aí ... falta um ... tipo lamentar né ... ((riso)) faz algo ... mas ... ele tá fazendo esse algo mas sem / sem confir / sem confirmidade com o ato que ele tá fazendo né ... porque ... por exemplo ... trabalho pra receber ... recebe ... mas o trabalho que eu to fazendo é um trabalho que nunca compensa com meu salário ...".

Não pagar mico

Do G1, nenhum participante declarou incorreto o sentido fraseológico, não tendo, portanto, representante desse grupo de baixo nível fraseológico em relação a expressão *matar cachorro a grito.*

Para o teste com esta expressão, não foram considerados nesse nível os representantes do G2 porque apresentaram nível alto de memória fraseológica, isto é, foram capazes de lembrar ou declaram ter ouvido a expressão bem como sabiam do seu sentido idiomático, comprovados durante a aplicação do Protocolo Verbal.

Duas representantes do G3 não conseguiram identificar corretamente a expressão *não pagar mico* nem souberam, depois de várias tentativas, chegar ao sentido idiomático da expressão, como podemos atestar em suas respostas: (a) "...porque ( ) da agência/ exemplo do jovem que quer viajar/ não vai querer perder/ vai fazer preço baixo/ mas isso não significa que vai ter boa viagem... isso não significa também que ele não vai ganhar nada/ pode ter tipo

promoções e eles vão dar pra vocês/ mas pode ter consequência na viagem... pode ter muitas coisas na viagem que você não pode... não vai poder chegar ao fim... não... não me ajuda não... eu to procurando exemplo para dar pra tentar explicar... pagar mico é tipo assim/ você não está preparada para algum / tipo uma festa... ((a informante pronuncia fêsta)) eu sei de festa desde a semana passada / eu não preparei/ aí eu vou esperar o dia da festa pra para ir/ para se virar e conseguir dinheiro pra está lá... um exemplo/ acho que isso é certo/ eu não tenho/ eu sei das coisas mas eu não me preparei... tipo Jesus vai chegar e eu não estou preparada... quando Jesus chegar eu vou dizer "ah Senhor eu não posso ir porque eu não estou preparada... ((risos da informante)) não/você tem que ir entendeu?... (b) "a boa viagem" ... deixa eu ... meu entender / "boa viagem" / "embarcou com" / "agência" / ... não sei / essa "boa viagem" / não sei / pra mim ... como tá referendo aos estudantes aqui né / não significa se a pessoa ... contatar empresa / esse CNPJ / significa que resolver tudo / pra mim / não sei.... ah: mico / pagar macaco ... pagar um um ... um valor ... ma ma / ... não / "pagar mico... "pagar mico"... mico pode ser a metade ... do valor...pagar a metade do valor?".

Quatro representantes do G4 não apenas identificaram a *expressão não pagar mico*, como também não conseguiram, em sua totalidade, chegar ao sentido idiomática da expressão: (a) "((riso)) não sei ... não sei...acho que é :: / você / você costuma levar ela na / você costuma levar ela não ... então ... nesse sentido ela já tá na altura de: / não precisa mais ser acompanhada pelo / pelo / pelo pai né ... senão vai criar o custo mais do que / vai criar mais custo né ... porque você paga pra ela e paga pra você né ... mas acho que é meio confuso porque depende ... se você tiver um carro né ... ((riso)) se você não tiver carro eu acho que vai custar mais ..... mas ... não sei ... acho que é : ... mais ou menos eu entendo assim ...; (b) "((silêncio))... ((silêncio)) eu não entendi essa o preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem ... ((silêncio)) sei não ...; (c) ((silêncio)) não ... não ... hum ... essa preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem ... como é que eu posso dizer ... é / tipo / frescura ... a pessoa ficar fazendo frescura assim com ... é ... brincar com a pessoa ... é ... tirar onda com a pessoa ...; e (d) "não ... repita aí ... repita ... ((riso)) vai ser dividido com os colegas ... né ... " preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem...pois o custo benefício ... e ela significa o quê? é

porque coisas baratas né...não significa que são melhores coisas né..por exemplo tu quer viajar numa boa viagem com preço baixo né..aí então tu acha que é uma boa viagem com..custo beneficio porque custa tão barato...as vezes não é...as vezes o mais caro tem mais benefício...mais tranquilidade..pode uma boa viagem ... pagar a viagem deles né...quando tá viajando com eles...porque assim " para quem não quer pagar mico na escolha e um pacote de viagem" ...é pagar com ele mesmo...é mais ou menos assim?".

SOMATISMOS

Tirar mais água do joelho

Das estudantes do G1, uma representante de Cabo-Verde, apontou incorretamente o sentido idiomático: (a) ((curto silêncio)) seria mais complicado ... ah ... associar / eu associaria uma cerveja quente / beber uma cerveja quente é muito difícil / é muito ruim / não é gostoso / é cansativo / é ... é ... pra mim eu associaria a algo cansativo ...é ... bebida ... seria uma expressão cansativa ... é ... beber uma bebida quente ... você pode ficar ... provavelmente ... mais cansado ... pega um (drag wis) ((hipótese do que se houve))mais rápido / ter dificuldade de andar / é mais cansativo ... assim ... num sei ... entendo que é isso ... ((estalos ao fundo))."

Do G2, nenhum participante declarou incorreto o sentido fraseológico, não tendo, portanto representante desse grupo de baixo nível fraseológico em relação a expressão "tirar mais água do joelho".

Do G3, apenas uma estudante declarou incorreto o sentido idiomático, configurando baixo nível: (a) "ah: então tirar água do joelho quer dizer descarregar né aquilo que você bebeu/ urinar né...".

Do G4, dois participantes apresentaram respostas incorretas: (a) é hormônio anti/ auto/ é antidiu/dio/rético an-ti-di-u-ré-ti-co. [(risos)]...essa aqui hormônio antidiurético...(risos) mas essa aqui não tá referindo mesmo a/ a um..é essa coisa tá querendo tirar um exemplo de outra coisa aí e é isso que eu to procurando...porque eu sei que quando você beber você fica assim querendo ir ao banheiro para poder voltar mas aí eu não sei...só que aí eu não saiu...mas aí refrigerante talvez sim mas ...é algo que fica na cabeça você fica embriagado...mas o sentido dessa aqui é outra coisa...eu to procurando...pois pronto...vamos continuar outra coisa...; (b)

sim ... tipo as pessoas tomam praqueles que bebem cerveja né ... sim ... pra mim também / você / a gente pode pensar assim ... libertar de uma situação ... libertar de uma situação é ... por exemplo ... você tava chateado ... você tava com preocupação ... problemas ... assim ... entendeu? você podia escolher um jeito ... por exemplo ... lá na sua casa ... você pode ter um problema assim com a família você fica chateado ... você diz ... a melhor forma é sair de casa ... procurar a casa de um amigo pra ficar com seu amigo lá ... conversar um pouco pra esquecer o problema ... então nesse sentido ... também pode ser tirar água do joelho ... ((riso)).”

Pôr a boca no trombone

Do G1, nenhum participante declarou incorreto o sentido fraseológico, não tendo, portanto representante desse grupo de baixo nível fraseológico em relação a expressão *pôr a boca no trombone.*

Do G2, todos os informantes não tiveram seus dados analisados por terem nível alto de memória fraseológica.

D G3 apenas uma informante não identificou corretamente a expressão nem o sentido idiomático de *pôr a boca no trombone* ao responder : (a) "...CRIMES: no município...: não sei se é a mesma coisa/ mas o que eu estou entendendo é quando uma pessoa... perdeu o juizo...".

Do G4, um informante conseguiu identificar corretamente a expressão, mas ao atribuir sentido à expressão teve sua resposta considerada incorreta: (a) ((silêncio)) pôr a boca no trombone ... por exemplo ... defendeu um crime ... né ... defender uma coisa...”.

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Dos grupos G1, G2 e G3 nenhum participante declarou incorreto o sentido fraseológico, não tendo, portanto representante desse grupo de baixo nível fraseológico em relação a expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa.*

Do G4, apenas um participante, mesmo tendo identificado a expressão, declarou incorretamente o sentido idiomático: (a) encontro... a Dilma vai saber com quantos paus de faz uma canoa né... sim... (barulho cadeira sendo arrastada) é porque... é...que por exemplo o Brasil tem muitos estados né...tem muitos (políticos)

impressionados né...os governantes...então ele quis dizer que tem que ser firme...tem que saber com quantos paus se faz uma canoa... o pau tem que ser firme..se /não/ vai aí/vai chegar até na cabeça dele mesmo... o mesmo sentido...".

Chutar o pau da barraca

Do G1, duas informantes declararam incorretamente o sentido idiomático: (a) "chutar o pau da barraca" ... ((risos)) ... não conheço ... mandar todos os inocentes pra cadeia e deixar livres os culpados ... não fazer a justiça como deve ser ... falta o povo chutar o pau da barraca... não... é desistir... do que: a pessoa tá fazendo por algum motivo que:: tenha aborrecido / essa pessoa não tenha gostado... é : dá a ideia de desistir ... (b)falta o povo chutar pau da barraca ... ((sussurros incompreensíveis da participante / aparentemente analisando alguma passagem do texto)) num sei … ((riso)) falta o povo chutar barra / o pau da barraca ... tipo o que isso tem a ver com / Cazuza / e h tipo um / que eles tão fazendo aqui tipo uma comparação de como tá o mundo da música /negócio de música hoje … num sei … porque tem aqui "queria ver Roberto Carlos de preto" … como ele tá sempre de branco cantando outro tipo de música que não e h samba … e h tipo / num sei … falta o povo chutar o pau da barraca que e h que o povo agora tá assim … num sei … num sei explicar isso … e h tipo … desistir … sei lá … começa fazer uma coisa assim direito e depois ... o povo chutar o pau da barraca ... nunca ouvi falar … ((balbucios)) ((silêncio)) hum … no sentido … acho que o povo chutar o pau com / da barraca e h conhecer outras pessoas / outros (...): acho … que e h … nunca ouvi / nunca ouvi falar essa aqui ...".

Do G2, nenhum participante declarou incorreto o sentido fraseológico, não tendo, portanto, representante desse grupo de baixo nível fraseológico em relação a expressão *chutar o pau da barraca.*

Do G3 duas participantes declararam incorreto o sentido idiomático: (a) ((silêncio demorado)) eu NÃO sei explicar... ((risos da informante)) coisa difícil... por quê que tu botou essa frase hein? "chutar o pau da barraca"... ((ruído)) oh que é assim... ver o Roberto Carlos junto com a população fazendo bagunça/ é isso? eu não sei... "chutar o pau da barraca"... eu não conheço não... sim/ exemplo/ tipo o Cid que pegou o dinheiro e deu para Ivete e agora ele vai pagar... chutou o pau da barraca... ele não sabia as consequências... tirou o dinheiro do povo né agora vai pagar pelo bolso dele mesmo... ((risos dos dois)) eu acho/ não sei... mas

eu acho que tô certa/ é isso/ vai depender dos seus atos... ((risos)) mas eu tenho certeza que é sim... ((risos da informante)) (b) essa aqui:: ... o povo ... "o povo chutar o pau do barraco"GI – ICParticipante: dar uma contrapartida ... um começo assim ... dar um começo ... é .. começar uma coisa assim ... no meu entender é assim ...".

Do G4 um participante declarou incorreto o sentido idiomático: (a) "falta o povo chutar o pau da barraca ... "sinto falta do Cazuza do Nei Mato Grosso acho que o único transgressor ainda é Caetano falta o povo chutar o pau da barraca"...é cada um fugindo do/do/ quer dizer é...o que todo mundo tava querendo se for eu vou passar na frente...então era assim que todo mundo queria em ir ver o...por exemplo Roberto Carlos tá dentro da barraca...eu posso falar assim...aí todo mundo queriam ver...aí pode ser como um assumir...não eu vou controlar o grupo você é o responsável para controlar o grupo mas quando chegar muita gente e ele cansado acaba por não querer mais e tomaram a responsabilidade aí fica querendo desistir...e esse Caetano[(leitura em voz baixo de texto em análise)]...é que o sentido desse aqui eu tenho que ver quando começou essa história toda...eu já tenho o sentido já tenho uma ideia mas aqui é ...falta o povo desistir mesmo...desistir de /de/ concorrer para entrar... para concorrer... querer entrar lá pra ver o Roberto Carlos num Show que ele tava dando...ele tava cantando e todo mundo queria mas com essa dificuldade de entrar o povo vão acabar desistindo mesmo...de não querer mais ir ...".

Nível médio de memória fraseológica

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

Do G1 uma participante declarou parcialmente correto o sentido idiomático, configurando um nível médio de memória fraseológica: (a) **"**elas economizam (...) é tipo se esfor / se esforçar pra ter um pouco do que ele tem ou conseguir um pouco do que ele não tem ... mais ou menos isso ..."

Dos grupos G2, G3 e G4, nenhum dos informantes de Cabo Verde e de Guiné-Bissau anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Pagar mico

Dos grupos G1 nenhum dos informantes de Cabo Verde anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Para o teste com esta expressão, não foram considerados os representantes G2 porque apresentaram nível alto de memória fraseológica, isto é, foram capazes de lembrar ou declaram ter ouvido a expressão bem como sabiam do seu sentido idiomático, comprovados durante a aplicação do Protocolo Verbal.

Do G3 uma participante anunciou parcialmente correto o sentido idiomático: (a) "aí nesse caso pra evitar de ser... você dizendo aqui MANGANDO né... aí você fica/ prefere ficar calado sem alguém mangar de você... ou... prefere ficar com dúvida sem perguntar ao professor... não sei se eu estou...".

Do G4 apenas um participante anunciou parcialmente correto o sentido idiomático: (a) "[(leitura baixa do texto em destaque)]..é..é por isso que eu estou dizendo sabemos que chipanzé é grande[(risos)] é uma coisa grande..então pra mim o sentido é o mesmo...é essa coisa pra quem não pagar um preço grande na escolha de um pacote de viagem ..é isso que eu to pensando...".

SOMATISMOS

Tirar mais água do joelho

De G1, G2, G3 e G4, nenhum dos informantes de Cabo Verde e de Guiné-Bissau anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Pôr a boca no trombone

De G1, G3 e G4, nenhum dos informantes de Cabo Verde e de Guiné-Bissau anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Do G2, todos os informantes não tiveram seus dados analisados por terem nível alto de memória fraseológica.

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

De G1 e G2 nenhum dos informantes de Cabo Verde anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Do G3 uma participante anunciou parcialmente correto o sentido idiomático: (a) "se arrepender até o último fio de cabelo"/ é uma coisa assim que ... por exemplo uma marca que você não vai conseguir esquecer ... vai acontecer uma uma coisa na sua vida que você não vai conseguir esquecer ... ele /ela vai saber como/ ... o jeito de governar/ acho que é ...".

Do G4, um participante anunciou parcialmente correto o sentido idiomático: (a) "sim ... porque: / pra mim / literalmente o que eu entendi aqui ... é : / mostra ... por exemplo ... a Dilma é presidente né ... então ... pra quem quer construir uma canoa ... não basta só usar o pau da madeira né ... o tronco da árvore ... tem que levar mais pra / pra poder construís né ... então ... literalmente o que ele queria dizer aqui ... que a Dilma sozinha não pode construir uma ... por exemplo ... uma canoa né ... ou um barco assim ... então tem que levar / tem que chamar outras pessoas que vai compor o governo dela ... então ... nesse sentido que eu acho aí...".

Chutar o pau da barraca

De G1, G2 e G3, nenhum dos informantes anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Do G4 apenas uma informante declarou parcialmente correto o sentido idiomático: (a) "Hum... (silêncio) Ah... eu acho que chutar o pau da barraca pelo que eu entendo é... por exemplo jogar uma pessoa pra fora assim porque essa pessoa já: não merece mais... então eu acho que essa expressão é... uma coisa ...".

Nível alto de memória fraseológica

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

Do G1, nenhuma informante anunciou correto o sentido idiomático, não tendo, dentre os selecionados, nenhuma participante com alto nível de memória fraseológica.

Do G2, todos os participantes identificaram corretamente a expressão. Ao serem indagados quanto ao sentido, quatro participantes deram respostas consideradas corretas: (a) "bom ... aqui / nesse aqui / acho que a expressão aqui seria / será / é / nesse caso / matar cachorro a grito ... e eu acho que matar cachorro a grito seria ... ah ... que é / passar por dificuldades / passa por dificuldades extremas… né … tipo matar cachorro a rico / a grito / é uma coisa que você quiser / querer matar um cachorro a grito você terá que sofrer muito … tem que gritar / gritar muito ((riso do entrevistador)) e ter muita / né / muita garganta … e tá falando aqui das prin / das dificuldades / né / que os outros artístico porque mostram os artistas um ou dois mas com certeza existem vários artistas no mundo e nem todos são famosos … mas mesmo assim não deixam de ser artistas … ((pigarro)); e (b) "ele tem que todo reivindicar os seus direitos ... gritar / gritar / gritar pra ver se:: / se tem algum benefício com isso / com isso ... seja / seja ... sei lá ... aumento do salário ou / ou outro tipo de ajuda ... eu acho que é isso ... reivindicar os seus / o que a gente / a gente tem que todo dia trazer esse assunto à tona ... trazer esse assunto à tona ... e acaba todo / e acaba envolvendo várias pessoas pra pensar do mesmo jeito ... (c) "((pausa acentuada)) ... acho que aqui ele ... diferencia os tipos de artistas que ... no começo fala que a maioria das pessoas pensa ... que qualquer artista já é rico ... e que principalmente ... os astros de TV de: cinema ... de novela ganham muito bem ... e: as pessoas assim pensam que é fácil ... o trabalho deles ... pra conseguir aquele ... principalmente pra conseguir aquele dinheiro a maioria deles se torna pessoas públicas ... já não tem assim a privacidade ... a privacidade é apertada ... e que eles têm que trabalhar muito pra conseguir o que eles conseguem ... acho que é isso; e (d) "então e h a mesma coisa que dar duro / dar duro … o cara trabalha mesmo … dá

muito duro pra conseguir o quê quer … trabalho pesado mesmo … ((estalos ao fundo))".

Do G3, a despeito de todas as participantes terem identificado corretamente a expressão, nenhuma informante anunciou correto o sentido idiomático, não tendo, dentre os selecionados, nenhuma participante com alto nível de memória fraseológica.

Do G4 dois participantes declararam correto o sentido idiomático da expressão: (a) " tem que / tem que lutar muito pra conseguir … uma coisa assim … tipo assim … com o pouco salário pra sustentar a casa ... e h tipo … dar caratê… ((hipótese de fala em crioulo)) e h … tem que lutar muito pra conseguir (…) ((riso))**...** ir à procura ... (b) aí todo dia tem que batalhar para alcançar alguma coisa...nem mesmo que seja tomar alguma coisa para ajudar a família...ele vai pegar ...”

Não pagar mico

Do G1 dois participantes não haviam identificado, anteriormente, a expressão, mas depois de enveredarem por várias recursos cognitivos, chegaram ao sentido idiomático da expressão: (a) "nada … ((riso nasal))... é ... existe / eu sei o que é / tipo / passar vergonha ... é ... fez algo e todo mundo ficou vendo ela com/ ah … pois o custo-benefício pode ser pequeno … o custo-benefício … num sei...; e (b) " ((riso nasal)) isso também eu não conhece / eu falo “que mico” … ((riso)) … pagar mico e h pagar / passar vergonha … já … eu falo constantemente … “que mico” ((risos)) … tô sempre falando … ((risos))”.

Para o teste com esta expressão, não foram considerados os representantes G2 porque apresentaram nível alto de memória fraseológica, isto é, foram capazes de lembrar ou declaram ter ouvido a expressão bem como sabiam do seu sentido idiomático, comprovados durante a aplicação do Protocolo Verbal.

Dos grupos G3 e G4 nenhum informante, de Guiné-Bissau, anunciou correto o sentido idiomático, não tendo, dentre os selecionados, nenhuma participante com alto nível de memória fraseológica.

SOMATISMOS

Tirar mais água do joelho

Do G1 apenas uma participante anunciou corretamente o sentido idiomático da expressão: (a) "e h a mesma coisa que fazer xixi … urinar …".

Do G2 dois participantes chegaram à idiomaticidade da expressão, tendo, anteriormente, feito a identificação parcial por redução da expressão: (a) fazer xixi nesse caso … e: já tinha ouvido lá várias vezes … e (...) vou / vou / a expressão … vou fazer uma água de batata … por exemplo … ((riso)) água de batata por causa da cor … né … da verde … o pessoal diz água de batata ... (b) "mais água no joelho" é:: ... é urinar né ... é você tirar o que já está dentro da barriga né ((risos)) pra botar ... pra dar mais espaço pra colocar mais bebida né ... praticamente".

Do G3 quatro estudantes guineenses conseguiu chegaram ao sentido idiomático da expressão "tirar mais água do joelho", em que nós registramos as seguintes respostas: (a) "Essa daqui... Tomar cerveja quente... faz a gente tirar mai água do joelho... com certeza... eu acho que faz mais a pessoa urinar... ir pro banheiro de vez em quando...; (b) por exemplo/ a primeira ida ao banheiro/ a vontade de urinar... é quando/ como você acabou de dizer/ está consumindo/ quando você consome uma/ duas/ três/ você já quer ir ao banheiro pra urinar...; (c) "não... ah: então tirar água do joelho quer dizer descarregar né aquilo que você bebeu/ urinar né... (d) "água no joelho"... é ... é ... é fazer xixi né? urina... exemplo/ você vai bebe e bebe aí quando o estômago já está cheio/ você tem sensação de urina... você tem que ... urinar... quando a pessoa tem urina você pode esconder mas vai sair/ não pode ficar / aí tem que tirar e voltar/ quando sai aí ele pode aumentar o volume que ele quer...".

Do G4, três participantes apresentaram o sentido idiomático correto da expressão (a) tomar cerveja quente faz a gente tirar mais água do joelho ... tirar / tirar mais água do joelho ... mais água do joelho (...) água do joelho: ((silêncio)) eu acho que e h tipo … tem que fazer xixi ...; (b) tomar cerveja quente faz a gente tirar mais água do joelho ... tirar água do joelho / mijar .... (riso intenso) ... (c) ele foi lá para fazer urina...mijar...ou então para vomitar né...para ficar mais aliviado ...".

Pôr a boca no trombone

Do G1, apenas uma participante cabo-verdiana foi submetida à análise de dados por atender as condições de nível baixo de memória fraseológica. Após ser indagada quanto ao sentido da expressão, respondeu: (a) ((silêncio)) hum:: a boca no trombone ... falar tudo, falar sobre os podres do outro) é :: ((silêncio / ruídos ao fundo)) botar a boca no trombone é / falar tudo / falar sobre os podres do outro /".

Do G2, todos os informantes não tiveram seus dados analisados por terem nível alto de memória fraseológica.

Do G3 três informantes identificaram corretamente e chegaram ao sentido idiomático também de forma que podemos observar nas seguintes respostas: (a) PÔS a correta, conforme bo-cao trombone/ né? pôr a boca no trombone quer dizer reclama/ critica (b) pôs a boca no trombone ... assim ... isso quer dizer que uma / quando uma pessoa não / se você não estiver de acordo com uma coisa / isso é mais / também mais com os políticos que tão prejudicando os outros ... aí a pessoa fala ... o prefeito falar pela mídia ... pela televisão ... aí eles dizem que a pessoa bota a boca na trombeta ... ; e (c) "botar a boca no tromboso"... botar a boca no trombos...porque ele está cuidando de cidade e tem exemplos/ muitas coisas de violência/ e como que ele é responsável/ o que acontecer na cidade/ ele tem que... tem que explicar para todas as pessoas que querem saber aí ele não quer/ tipo/ pra ele ficar só com as dificuldades e ele pediu e falou ou criticou para ter respostas no município...".

Do G4 um informante identificou parcialmente correto e chegou ao sentido corretamente, como podemos observar: (a) " a boca no trombone"... "um advogado que atua na área Jorge Umbelino pôs a boca no trombone e em seu blog lamentou a falta de resposa... " a boca no trombone" (...) então isso que dizer com tá dizendo aqui boca no trombone...aqui no Ceará utiliza boca né...quando o cara diz boca é...por exemplo...numa empresa que quer fazer o blog dela coloca o www.blog.não sei o quê...blog é uma coisa que fala mais de...o que fala aí faz né...entendeu? fala para fazer/faz o/ é/ isso que dizer isso né ... " boca no trombone" né...é pode até ser porque " boca no trombone" também é aquela pessoa que faz confusão ... é aquele cara que...fala muito né... isso...o cara que fala muito...como se /fo-sse/ o cara que todo canto que tá você vai ouvir a voz dele...todo canto que ele tá você

vai ouvir a voz dele falando...aí falam boca no trombone...o cara que fala muito...que fala alto ...".

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Do G1, duas informantes foram para a análise de dados do Protocolo Verbal. As duas haviam parcialmente identificado a expressão, obtendo, ambas, uma resposta correta quanto à idiomaticidade semântica: (a) tem … eu conheço dois aqui ((música/ melodia ao fundo))… e h … "com quantos paus se faz uma canoa" … ela vai ver quão difícil é esse cargo … e vai sofrer muito … e:: tem mais um … até o último / "vai sofrer até o último fio de cabelo" … vai sofrer até não aguentar mais … talvez ...; e (b) ((curto silêncio)) eu não escuto ... assim / né rotina / encontrar a palavra empossada / todo dia ... né ... "quantos paus faz uma canoa" ... também ... hoje você vai chorar ... viu ... ((riso do entrevistador ao fundo)) vai ser brincadeira não / vai ser mole não ... então com (...) define com não ser brincadeira... é ... eu entenderia que aqui ela tá dizendo que ... quando ela assumir o mandato ... ela vai ver que a coisa não é brincadeira não ... que é mais difícil ... mais do quê ela tá imaginando ... né ...".

Do G2 apenas um estudante cabo-verdiano do sexo masculino teve analisado seus dados do protocolo verbal, obtendo a seguinte resposta considerada correta: (a) "com quantos paus se faz uma canoa"... bom:: ... é: ... que não em nada de moleza né e: ... que ela vai principalmente encontrar dificuldades porque segundo o que foi repassado pela mídia ... a: ... a candidatura da Dilma foi muito apoiada pelo lula ... então a Dilma entrou como:: uma mulher que é pra decidir ... e ela entrou: num momento que o Brasil ta-va: com uma economia meio bagunçada ... en-tão ... ela não en-trou num mandato muito fácil ... então ela entrou sabendo das dificuldades que a economia tava passando naquele momento ... e: por ser uma candidata defendida pelo Lula o povo sempre espera mais né ... sabendo que o Lula já tem o renome no Brasil ... en-tão: não vai ser um mandato muito fácil por isso que eu acho que ... quando a expressão diz "quantos paus se faz uma canoa" ... mostra o grau de dificuldade ... que ela vai ter que:: não vai ser fácil e também tem o lado de:: ser histórico a primeira mulher ...

no mandato do Brasil então ... a dificuldade se-gun-do diTADOS populares que "a mulher é a parte FRAca da sociedade" ... então a dificuldade é maior ... então".

Do G3, obtivemos as três respostas das informantes consideradas corretas: (a) É ...tem uma expressão daqui que a Dilma vai saber com quantos paus... se faz uma canoa... então essa daqui é... como ela foi empossada né... aí ela tem que... ela vai ter que enfrentar muitas coisas/ críticas/ desafios... aí eu acho que essa palavra haver com isso que ela vai ter que saber com: quantos paus se faz uma canoa... ela vai ter que... saber quais são as dificuldades de lá/ quais são os trabalhos que ela deve fazer/ ela tem que... ; (b) "quantos paus se faz uma canoa"? é isso que me chama atenção... porque... ela vai ver as dificuldades/ vai ver muitas coisas que pra ela mesmo RESOLVER... e vai/vai ter muitas pessoas que vão apontar o dedo nela e ela ter que... tem que... tem que tentar aceitar e ter que respeitar... ; e (c) esse:: "vai se arrepender até o último fio de cabelo"... "se arrepender até o último fio de cabelo"/ é uma coisa assim que ... por exemplo uma marca que você não vai conseguir esquecer ... vai acontecer uma uma coisa na sua vida que você não vai conseguir esquecer ... ele /ela vai saber como/ ... o jeito de governar/ acho que é ... é ::".

Do G4, dois estudantes guineenses anunciaram corretamente o sentido da expressão: (a) "hum … ((curto silêncio)) ((balbucio)) e h tipo tu vai ter que aprender mesmo ... e h … aprender a lidar com / com a coisa que tu / tu vai viver com mesmo … (b) isso se / mais ou menos isso ... com quantos paus faz uma canoa é ... por exemplo ... é um / uma conversa assim pra / pra que você não faz uma coisa errada ... né ...".

Chutar o pau da barraca

Do G1, duas informantes declararam correto o sentido idiomático da expressão: (a) é desistir... do que: a pessoa tá fazendo por algum motivo que: tenha aborrecido / essa pessoa não tenha gostado... talvez e h: deixar tudo pro e h / deitar tudo pra altura ... (b) é: de certa maneira a gente pode dizer / ah não / cansei / vou deixar tudo nas mãos de Deus / vou deitar / vou / a gente diz / é / (sabota tudo na espora) ((hipótese de fala em crioulo)) ... é mais ou menos assim /".

Do G2, dois participantes declararam correto o sentido fraseológico: (a) chutar o pau da barraca ... chu / chutar o pau da barraca … tipo … vou / vou largar tudo ... largar tudo ... (b) bom ... esse

aqui também deu pra entender muito bem ... a expressão aqui seria o povo chutar o pau da barraca e / e aqui acho que o povo chutar o pau da barraca quer dizer que ele quer ver / mudar / quer mudar as coisas / quer sair fora do padrão ...".

Do G3, duas participantes declararam corretamente o sentido idiomático: (a) "falta o povo CHUtar o pau da barraca"/ vou TENTAR/ é como se fosse...quando o povo já está revoltado/ aí quer fazer alguma coisa e tem medo ainda pra fazer... aí depois TODO mundo se une/ faz uma coisa... não sei se eu estou... ((risos da informante)) ... (b) quer dizer / chutar o PAU da barraca significa desistir de alguma coisa né...".

Do G4, quatro participantes declararam correto o sentido idiomático: (a) e h a pessoa que não cumpre com / com o dizer … posso dizer assim … não cumpre com o combinado … (b) falta o povo chutar o pau ... da barraca ... ((silêncio)) chutar o pau da barraca ... acho eu ... é uma revolta ... ah bom ... por exemplo assim ... por exemplo ... tu é um candidato . né ... e tu / na campanha tu mostrou só promessa e ganhou eleição e tu não cumpriu e o povo fica revoltado contigo ... eu acho que é igual chutar o pau da barraca ... tu é uma barraca ... eles vão criticar / eles vão (...) (c) é do jeito que eu to achando aí né...que o povo já tá chateado...já tá cansado desse negócio todo aí...então resolveram chutar o pau para estragar para afrontar o.../que / tá no poder né....entendeu? por exemplo na política mesmo aí o povo fica cansado desse negócio de (mudança)...tirar o presidente...mudar o governador aí já tá (farto) desse negócio...falta o povo chutar o pau da barraca...e este Roberto Carlos cantando samba de preto catando samba...faz parte da parte racional né...porque ele não é branco...e faz canção né..aí o cara prefere ver preto cantando(risos)... (d) ((riso)) dá pro povo chutar o pau da barraca ... acho que / no exemplo aqui né ... se nós como estudante ... nós somos cidadãos ... somos um povo né ... se a gente não concorda com alguma coisa ... a gente podia até pensar na / criar um índice né ... de problema ... pegar / pra derrubar né ... a direção ... ou / como é que se diz? ... o responsável né ... do curso ou do departamento ... então eu penso que essa ideia do povo derrubar / ou chutar o pau da barraca ... quebrar uma certa hierarquia né ... tipo ... hierarquia / hierarquicamente né ...é ... que o povo acha que não é bom pra ...".

Grau de idiomaticidade fraseológica

Atribuída pontuação às respostas dos informantes, pudemos calcular as médias e os desvios padrão e classificar as expressões idiomáticas segundo seu grau de idiomaticidade fraseológica (intralinguística ou lusófona).

Vejamos uma tabela com os valores da idiomaticidade fraseológica a partir dos dados dos informantes:

Os valores médios dos itens individuais, conforme vemos na tabela acima, variaram de 1,60 para a expressão **não pagar mico** a 2,64 para a expressão **saber com quantos paus se faz uma canoa**, conforme descreve a Tabela 1. A pontuação média foi de 2,09.

Tomados os valores da tabela 1, pudemos fazer uma nova classificação das expressões quanto ao grau de idiomaticidade intralinguística: fraco, doble e forte[9].

Não houve registro de idiomaticidade doble (débil e forte), entre as seis expressões, uma vez que fizemos os cálculos das médias e desvios padrão após a aplicação do protocolo verbal, no qual os participaram recorreram amiúde a táticas e estratégias de compreensão para tentaram chegar ao sentido idiomático das expressões do experimento.

As expressões "não pagar mico", "matar cachorro a grito" e "chutar o pau da barraca", com médias 1,60, 1,72 e 1,72 respectivamente, foram as expressões idiomáticas mais difíceis de serem compreendidas, portanto, com idiomaticidade forte, ou seja, mais opacas para os estudantes africanos.

Com a média 2,43 em ambas, as expressões "tirar mais água do joelho" e "pôr a boca no trombone" foram as que apresentaram uma idiomaticidade fraca.

Com média 2,64, a expressão "saber com quantos paus se faz uma canoa" foi a única que apresentou uma idiomaticidade fraca, isto é, menos opacas.

[9] Recorremos a García-Page Sanchez (2008, p. 394-396) para estabelecermos os três graus de idiomaticidade.

Gráfico 3 - Médias da idiomaticidade fraseológica, por expressão

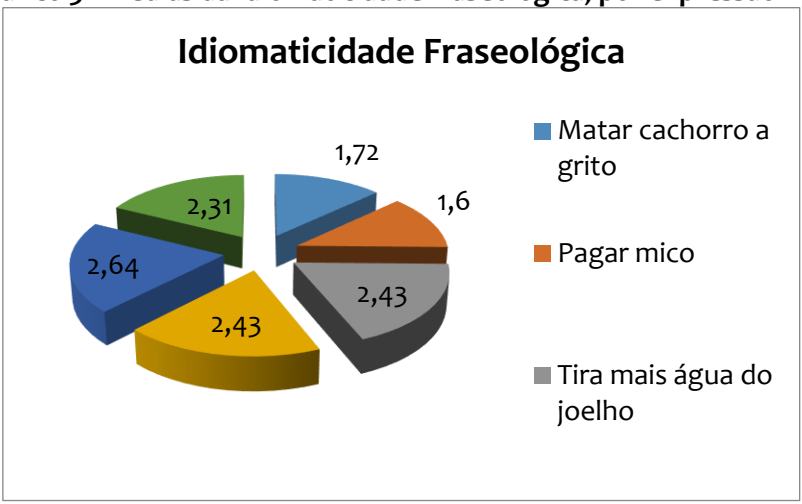

Tabela 8 - Médias e Desvios Padrão da idiomaticidade fraseológica

Expressões Idiomáticas	Média	Desvio	Graus de Idiomaticidade
1. Não pagar mico	1,60	0,84	forte
2. Matar cachorro a grito	1,72	0,96	forte
3. Chutar o pau da barraca	1,72	0,95	forte
4. Tirar (mais) água do joelho	2,43	0,94	fraca
5. Pôr a boca no trombone	2,43	0,98	fraca
6. Saber com quantos paus se faz uma canoa	2,64	0,67	fraca
Média das médias	2,09		

Quarta pergunta da Pesquisa
Que tipos de táticas e estratégias cognitivas os participantes utilizam para compreender as expressões idiomáticas deste estudo?

Na Tarefa 4, testamos as seguintes hipóteses:

(a) O uso de estratégias de compreensão de expressões idiomáticas em L2 varia de acordo com a competência fraseológica de cada falante não nativo do PB;

(b) Quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias top-down 'no processamento fraseológico, menos

táticas bottom-up precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas;

(c) São estratégias top-down que influenciam na compreensão das expressões idiomáticas: (i) contexto de situação dado, formal ou informal (AC); (ii) sentido literal da expressão (SI); (iii) conhecimentos prévios dos participantes (CP); e (iv) conhecimentos linguísticos em L1 (L1, relacionada ao crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense).

Para respondermos a pergunta da Tarefa 4 e testarmos as hipóteses acima, tivemos que considerar a frequência de uso de táticas e estratégias de compreensão registrada nos protocolos verbais *think aloud* das tarefas 1 (identificação fraseológica), 2 (memória fraseológica) e 3 (idiomaticidade fraseológica).

No *Corpus Afri*, procuramos distinguir, na transcrição ortográfica dos áudios, através de codificação das informações linguísticas (por exemplo, emprego de paráfrase, codificado como RP) e psicolinguísticas (por exemplo, emprego de conhecimentos prévios, codificado como CP), as táticas e as estratégias cognitivas usadas pelos informantes para desvelar o sentido das expressões idiomáticas.

No quadro abaixo, reproduzimos a codificação de ocorrências de tática (RP) e estratégias (AC, SL), em parte de entrevista feita pelo experimentador com um informante cabo-verdiano:

Quadro 3 – Codificação das estratégias

Codificação	Entrevista
GF – CO GI – CO AC RP SL	Entrevistador: Após a leitura, você identifica alguma expressão idiomática? [Caso afirmativo, perguntar se conhece algum equivalente em crioulo e no português usado em Cabo Verde] Participante: bom ... aqui / nesse aqui / acho que a expressão aqui seria / será / é / nesse caso / matar cachorro a grito ... e eu acho que matar cachorro a grito seria ... ah ... que é / passar por dificuldades / passa por dificuldades extremas … né … tipo matar cachorro a rico / a grito / é uma coisa que você quiser / querer matar um cachorro a grito você terá que sofrer muito … tem que gritar / gritar muito ((riso do entrevistador)) e ter muita / né / muita garganta … e tá falando aqui das prin / das dificuldades / né / que os outros artístico porque mostram os artistas um ou dois mas com certeza existem vários artistas no mundo e nem todos são

	famosos ... mas mesmo assim não deixam de ser artistas ... ((pigarro))
SO	Entrevistador: e você já conhecia no seu país?
VM – NC	Participante: não / não / não conhecia ...
SO	Entrevistador: não conhecia no seu país (...)
VM – NC	Participante: não conhecia ...

A metodologia experimental levada a efeito em nossa pesquisa nos fez ver, desde logo, na fase de aplicação de pré-testes, como "nascedouro" das táticas e estratégias de compreensão, as respostas dos informantes aos primeiros comandos do experimentador, registradas no protocolo verbal, através do qual investigávamos a capacidade fraseológica dos informantes de identificar formalmente uma expressão idiomática pluriverbal e fixa, evocá-la se estivesse armazenada em sua memória de longo prazo e, caso a desconhecessem, imediatamente procedessem com solicitação de ajuda técnica ou a aceitasse do experimentador, e, só então, com uma informação nova, definição de uma palavra, exemplo informal ou texto formal dados, atribuíssem sentido translatício ou idiomático à expressão assinalada pelo experimentador.

No trecho do *Corpus Afri* acima, observamos que táticas bottom-up de compreensão já estavam manifestas nos diálogos entre experimentador e informante na tarefa de identificação fraseológica ("Após a leitura, você identifica alguma expressão idiomática?"), assim como observamos estratégias top-down mais proeminentes nas tarefas sobre memória fraseológica ("Você lembra ou ouviu esta expressão no Brasil ou no seu país de origem, em crioulo ou em língua portuguesa?") e, particularmente, na tarefa sobre idiomaticidade fraseológica ("Você saberia me dizer o sentido idiomático da expressão, em crioulo ou em português falado ou escrito em seu país?").

Por essa razão, na Tarefa 4, para discriminarmos as táticas e estratégias cognitivas, levamos em conta as respostas dos informantes nestas três tarefas descritas anteriormente.

Atentos a este valor proativo do protocolo verbal, a partir da primeira tarefa, passamos a codificar as respostas com o fito de traçar os processos cognitivos relacionados à identificação, memória e idiomaticidade das expressões idiomáticas, presentes neste experimento.

Com o mesmo esmero, passamos a identificar e a classificar táticas e estratégias cognitivas usadas, recorrentes ou não, não só na tarefa de identificação fraseológica mas também nas demais tarefas deste experimento (memória fraseológica e idiomaticidade fraseológica).

Em estudos anteriores, a terminologia das estratégias, adotada pelos experimentadores (Cacciari, 1993; Flores d'Arcais, 1993; Block, 1986; Brown, 1996; Cooper, 1999) foi a seguinte: estratégias de preparação (Strategy Preparatory e estratégias de adivinhação (Strategy Guessing) e se mostrou eficaz na ánalise e categorização dos dados a partir dos protocolos de *think aloud.* Adotamos a terminologia do modelo estratégico, mas com foco em duas perspectivas de estudos: fraseológico e psicolinguístico.

Para melhor refinar nossa abordagem (psico)linguística, julgamos necessário fazer pequenos ajustes na terminologia das estratégias (Strategy Preparatory e Strategy Guessing). Assim sendo, os novos rótulos das estratégias foram inspirados nas outras visões teóricas que tratam da construção da compreensão pelo leitor/ouvinte/falante, ou, em outras palavras, baseamos nossa terminologia nas teorias de processamento da informação do texto (CATANIA: 1999, p.360). Desta maneira, por exemplo, o que Cooper (1999) chamou de *strategy preparatory,* rebatizamos, no primeiro momento em estratégias bottom-up, depois vimos que, rigorosamente, tratavam-se, no diálogo do experimentador com os informantes, de táticas *bottom-up*, ascendentes, de baixo para cima, uma vez que efetivamente só eram usadas pelos informantes como preparação para o processo adivinhatório, propriamente psicolinguístico, que ocorria quando recorriam a *strategy guessing*, isto é, a estratégias *top-down*, estas sim, incontestavelmente descendentes, de cima para baixo, da mente do falante para o texto lido ou ouvido.

Na fase de pré-testes, durante da aplicação do Protocolo Verbal *think aloud* a pequeno grupo de estudantes nativos e de não ativos do PB, observamos que, diante de muitas expressões idiomáticas, o processamento de compreensão dos falantes começava e era controlado pelo próprio texto, isto é, ocorria a chamada teoria de fora para dentro ou processamento dirigido pelo texto, em que prontamente poderíamos esquadrinhar o uso de procedimentos cognitivos denominado pela literatura psicolinguística de *bottom-up*

(ascendentes ou de baixo para cima), mais apropriadamente denominadas por nós de *táticas bottom-up*, mas com tipos igualmente classificadas pelos teóricos anteriores: (a) repetir ou parafrasear a expressão idiomática (RP); (b) discutir e analisar a expressão idiomática ou seu contexto sem adivinhar o sentido (DA); e (c) solicitar informações sobre a expressão idiomática (SI). Podemos observar que em nenhuma das três táticas está previsto que o informante chegue ao sentido idiomático da expressão dada na questão do experimento.

A mudança numenclatória de "estratégias de preparação" para *estratégias bottom-up* e desta para a denominada *táticas bottom-up* decorreu de reflexão nossa a partir de estudos de López Delgado (2002) bem como de orientarmos nossa atenção para procedimentos linguísticos dos informantes quando na fase de aplicação de pré-testes. Vimos que as bottom-up (RP, DA e SI) se constituíam efetivamente mais táticas (do grego τακτικός, este, derivado de τάσσειν, "pôr em ordem", com a noção de 'habilidade" do informante para tentar sair-se eficientemente bem na tarefa proposta) do que propriamente estratégias (palavra do latim *strategĭa,* e esta derivada do grego "στρατηγία", com a ideia, neste trabalho, de o informante aplicar eficazmente recursos cognitivos visando alcançar a compreensão idiomática), por serem, como já dissemos antes, procedimentos preparatórios e não decisórios no processamento da compreensão idiomática.

Nos casos em que os participantes compreenderam a expressão idiomática começando e controlando a partir de experiências e expectativas que traziam para o texto, ocorria a chamada teoria de dentro para fora, ou processamento dirigido pelo próprio falante, denominadas de *strategy guessing*, por nós, rebatizadas de estratégias top-down (descendentes ou cima para baixo), sendo que, previamente assinalados, os seguintes tipos: (a) adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal (AC); (b) adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de alternativas de múltipla escolha (AA); (c) adivinhar o sentido da expressão a partir do contexto informal ou improvisado (AT); (d) usar o sentido literal da expressão como uma chave para o seu sentido idiomático (SL); (e) usar os conhecimentos prévios para descobrir o sentido da expressão idiomática (CP); f) referir-se a uma expressão idiomática em l1 para entender a expressão idiomática em l2 (l1, ou seja, crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense);

e (g) Usar outras estratégias (OE). Através de uma ou mais estratégias top-down, os informantes poderiam chegar ao sentido idiomático da expressão dada no experimento.

Conservamos, pois, em nossa pesquisa, esta denominação top-down, mas nesta modalidade, acrescentamos novas estratégias como AA e AT, para atender os propósitos dos três experimentos de nossa pesquisa. Por essa razão, no primeiro experimento, não há registro de AA por ter não terem sido disponibilizadas questões de múltipla escolha. A estratégia AA só aparece na segunda bateria de testes. A estratégia AT aparece nas três baterias de testes.

Durante a aplicação do Protocolo Verbal, observamos que as táticas bottom-up e as estratégias top-down não eram, no processamento fraseológico, etapas estanques, isto é, várias delas podiam funcionar juntas e concomitantes, sendo as táticas bottom-up as de ativação cognitiva inicial enquanto estratégias top-down, as de caráter inferencial, decisória, no chamado "jogo de adivinhação psicolinguística" (GOODMAN, 1967; SMITH, 1999; 2003).

Na fase de codificação do *Corpus Afri*, vale ressaltar que as respostas dos participantes, para cada expressão, foram divididas em segmentos discursivos, procedimento facilitador para a codificação das respostas por termos feito uma transcrição grafemática (ou ortográfica) dos áudios dos participantes bem como exequível para os casos de reprodução em nossa exposição. Em seguida, as transcrições, já codificadas, foram lidas, relidas, analisadas, marcadas e remarcadas, de acordo com os recursos cognitivos utilizados pelos participantes, e como já assinalamos antes, a partir de um conjunto de táticas e estratégias cognitivas previamente determinadas e consensualmente aceitas para pesquisas relacionadas com compreensão idiomática em L1 ou L2, ou envolvendo ambas.

Segue abaixo um quadro contendo abreviaturas e descrições das táticas bottom-up e estratégias top-down que utilizamos nos três experimentos:

Quadro 4 - Abreviaturas usadas na análise do corpus AFRI

TÁTICAS	**RP**	**Repetir ou parafrasear a expressão idiomática** O informante voltar a ler ou a dizer (o que já leu ou ouviu) ou diz de maneira diferente o mesmo conteúdo em que aparece a expressão idiomática no texto lido.

	DA	**Discutir e analisar a expressão idiomática ou o seu contexto sem adivinhar o sentido** O informante analisa a expressão idiomática e levanta questões a respeito do seu sentido, examinando detalhadamente seus elementos lexicais, sem chegar, porém, ao sentido translatício ou fraseológico da expressão.
	SI	**Solicitar informações sobre a expressão idiomática ou sobre elementos constituintes de uma imagem que pode evocar uma unidade fraseológica** O informante pede ajuda técnica ao examinador dos testes. Com exceção de informações relacionadas ao sentido da expressão idiomática, o examinador fornece informações metalinguísticas, sintáticas e pragmáticas, de modo a encorajar o informante a continuar falando sobre a expressão idiomática (contexto de estímulo) ou a imagem apresentada (imagem de estímulo) durante a aplicação dos testes
ESTRATÉGIAS TOP-DOWN	**AC**	**Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal.** O informante consegue decifrar ou interpretar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal dado, extraído de texto (matéria, coluna etc) de jornal de circulação nacional ou de exemplo dado pelo pelo experimentador.
	AA	**Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir alternativas de múltipla escolha**) O examinador, depois de observar a dificuldade do informante em dar uma paráfrase definitória da expressão idiomática indicada, apresenta ao informante três alternativas de múltipla escolha (a,b,c), sendo uma com paráfrase idiomática ou contextual (correta), uma com paráfrase literal (parcialmente correta) e uma paráfrase com distrator crítico (incorreta).

	AT	**Adivinhar o sentido da expressão a partir de contexto formal (texto de circulação) ou de contexto informal ou improvisado(texto ad hoc)** O informante solicita ao examinador um contexto formal de uso da expressão idiomática ou contexto informal com a expressão idiomática dada no item do questionário. O examinador pode ter a iniciativa de anunciar ou disponibilizar os textos para o informante. No caso de exemplo formulado pelo examinador, com o mesmo sentido idiomático da expressão idiomática do texto formal, caracteriza-se por seu aspecto espontâneo e o mais próximo possível da linguagem comum da variante brasileira do português.
	SL	**Usar o sentido literal da expressão como uma chave para o seu sentido idiomático** O informante recorre ao sentido literal da expressão idiomática para desvelar seu sentido idiomático durante a realização dos testes, podendo utilizar este recurso antes ou depois da leitura do contexto de estímulo (texto), antes ou depois de solicitação de informação (SI) ou depois de fornecida uma ajuda técnica pelo examinador.
	CP	**Usar os conhecimentos prévios para descobrir o sentido da expressão idiomática** O informante emprega seus conhecimentos prévios (memória de longo prazo) relacionados à metalinguagem, ao assunto do texto, à intercultura e às experiências de vida (memória cotidiana ou autobiográfica)
	L1	**Referir-se a uma expressão idiomática em L1 (crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense) para entender a expressão idiomática em L2 (variante brasileira da Língua Portuguesa)** O informante na construção ou elaboração de sua compreensão da expressão idiomática em L2 faz referência à sua língua materna (crioulo), inclusive, quando solicitado, buscando uma expressão nativa equivalente à do português brasileiro.
	OE	**Usar outras estratégias.** O informante recorre a uma série de operações extralinguísticas ou heurísticas, que não pertencem ao sistema da língua ou ao sistema fraseológico do português, associando-se à aplicação destas na compreensão das expressões idiomáticas no que tange

		ao sujeito e/ou à situação, e ao conhecimento de mundo que os falantes compartilham.

As táticas e as estratégias de compreensão de expressões idiomáticas, conforme podemos observar no Quadro 1, foram distribuídas em dois grupos: (a) táticas bottom-up e (b) estratégias top-down, inspiradas na terminologia *strategy preparatory* e *strategy guessing,* adotada por Cooper (1999, p.242-244).

As táticas *bottom-up* permitiram aos participantes clarificarem e consolidarem o conhecimento linguístico ou a informação semântica sobre as locuções verbais idiomáticas (Tática RP ou RP, repetir ou parafrasear a expressão idiomática); para ganhar mais tempo antes de proferir um palpite ou para ensaiar uma resposta ou ainda peneirar nova informação linguística, muitos participantes discutiram e analisaram (literalmente) a expressão idiomática (Tática DA ou DA); e para colherem informações adicionais, a fim de começarem a falar sobre a expressão idiomática, isto é, dar um palpite mais seguro ou abalizado sobre o sentido fraseológico da expressão idiomática, os participantes solicitaram informações (exceto as diretamente relacionadas ao sentido idiomático) sobre a expressão idiomática (Tática SI ou SI).

As estratégias *top-down* representam, em nossa pesquisa, os casos em que os participantes arriscaram uma interpretação das expressões idiomáticas, e estas estratégias foram categorizadas assim: adivinhar o sentido idiomático a partir do contexto (Estratégia AC ou AC); usar o sentido literal (Estratégia SL ou SL) para chegar ao sentido idiomático; utilizar seus conhecimentos prévios (Estratégia CP ou CP); referir-se à sua L1 (Estratégia L1 ou L1), inclusive, com registro de variações linguísticas nos caso dos dialetos cabo-verdianos como Crioulo do Fogo, Crioulo de Santiago,Crioulo de São Nicolau e Crioulo de São Vicente e Crioulo de Santo Antão; e quando usaram outras estratégias (Estratégia OE ou OE), estas, em particular, além de não se enquadrarem nas estratégias indicadas anteriormente, consistiam em situações a que os participantes recorriam a "tentativas cegas", isto é, arriscavam uma resposta por meio tentativa-e-erro na Tarefa de Identificação Fraseológica (fixação fraseológica) e na Tarefa de idiomaticidade Fraseológica (opacidade semântica) das expressões idiomáticas previstas neste e nos demais experimentos, envolvendo

zoomorfismos, somatismos ou especiais (botanismos, no caso do primeiro experimento).

Para assegurar a confiabilidade da pontuação das tarefas dos experimentos experimento e da codificação das táticas e estratégias de compreensão idiomática, treinamos um grupo de seis transcritores (estudantes do Curso de Letras da UVA, em Sobral) e convidamos um segundo examinador, no caso, uma professora de língua portuguesa experiente, esta, especificamente para colaborar na marcação das respostas aos testes e categorizar as táticas e estratégias de protocolo verbal *think aloud*, revisando, também, em conjunto, detidamente, com o pesquisador, as respostas consideradas corretas, parcialmente corretas, e as respostas incorretas das tarefas do experimento e na codificação adequada dos segmentos discursivos, de modo a chegarmos a uma concordância em 100%, sobre o que julgávamos como sendo táticas e estratégias de compreensão, presentes no *Corpus Afri*.

Táticas e Estratégias pela frequência de uso

No primeiro experimento, os dados referentes à frequência de uso de estratégias levam-nos a crer que as táticas bottom-up ou ascendentes (RP, DA e SI) evidenciaram a luta típica dos informantes para lidar com fontes léxicas de opacidade semântica, sem que pudessem chegar ao sentido idiomático da expressão, exceto aos informantes que já a tinham na memória de longo prazo; estes, nesta situação, não foram arrolados ou considerados na análise de dados com relação ao cálculo do grau de idiomaticidade fraseológica como também das estratégias usadas e as bem-sucedidas, conforme veremos no decorrer desta seção.

Já as estratégias top-down ou descendentes (AC, AA, AT, SL, CP, L1 e OE) indicaram a competência fraseológica dos participantes, de natureza intralinguística, por serem lusófonos, como um fator de opacidade, tal qual defende Mogorrón Huerta (2013, p. 83-96).

No balanço geral, na tarefa 4, pudemos observar que, entre procedimentos táticos e estratégicos, o uso da estratégia CP destacou-se no conjunto de demandas cognitivas dos informantes, ao registrar 115 ocorrências, no Protocolo Verbal, o equivalente a 21% de todas estratégias usadas durante o teste, seguida da tática RP com 94 registros, o equivalente a 17%.

Os dados coletados indicam que os participantes recorreram à L1 na busca da compreensão das expressões idiomáticas, especialmente as expressões consideradas mais fáceis ou transparentes, encontrando, na maioria das vezes um equivalente em crioulo guineense ou cabo-verdiano.

Ao mesmo tempo, pudemos observar que 94 ocorrências, equivalente a 17% das estratégias usadas pelos informantes, foram dirigidas à tática RP, o que significou, especialmente no processo de compreensão das expressões *tirar água do joelho, matar cachorro a grito* e *chutar o pau da barraca* uma demanda expressiva por táticas bottom-up, mas, em que pesem o esforço, não foram suficientes para levarem os participantes imediatamente à compreensão da expressão idiomática, vindo, em seguida a DA, com 13%, a segunda tática de maior demanda por parte dos participantes entre as bottom-up.

Observamos que o uso das do tempo destinado a estratégias top-down chegou a 46%, recurso que garantiu aos participantes, em geral, depois de ajuda técnica, acessarem o sentido idiomático, sendo a CP, com 21%, a estratégia de maior demanda por parte dos participantes, registrando, nesse meio-tempo, uma baixa procura por informações relacionadas ao sentido literal (SL), à L1 e poucas tentativas-e-erros (OE).

A expressão *matar cachorro a grito* foi, entre as expressões, a detentora de maior percentual de táticas do bottom-up, destacando o número de SI (37%), RP (33%) e DA (20%). Referente às estratégias top-down, a maioria dos informantes ao lidarem com a expressão *não pagar mico* solicitou a assistência técnica de AT (21%), especialmente de textos informais com a expressão dado e SL (30%), isto é, solicitaram informações sobre o sentido literal da referida expressão.

A expressão *não pagar mico* nos chamou a atenção pelo número de informantes que analisaram a expressão e o contexto sem que pudesse chegar ao sentido idiomático, o que pode ter justificado um percentual de 15% de SI. Quanto às estratégias top-dow, os participantes recorreram a muitas estratégias heurísticas, por meio de tentativa-e-erro, em muitos casos procurando encaixar a situações do seu cotidiano. Chama-nos a atenção o uso frequente da estratégia SL(40%) e a estratégia CP (23%).

Estratégias de compreensão, por expressão

Consideramos fundamental, em nosso estudo, a separação das táticas (*bottom-up*) das estratégias (*top-down*) de compreensão. Tal medida decorre de reconhecermos que ambos os tipos de recursos cognitivos se baseiam em recursos cognitivos distintos.

As táticas bottom-up estão relacionadas com a mecanização e automatização dos dados da memória ativa ou memória de trabalho. Estas táticas, portanto, estão a serviço da memória de curto prazo, isto é, de uma memória funcional, que "retém brevemente aquilo que prestamos atenção" e "também uma duração muito limitada" (SMITH,1999, P.40). Dizendo de outra forma, diríamos que os participantes ao utilizarem as táticas bottom-up tentaram imediatamente superar suas limitações, daí recorrerem a SI para poder engajar-se, através de estratégias top-down, nos processos de compreensão idiomática.

Aplicadas ao nosso estudo, as táticas bottom-up referem-se a um processo não criativo, no qual o falante processa automaticamente a compreensão da expressão idiomática através da identificação da unidade fraseológica (RP), depois faz a análise da fixação formal (DA) e, a partir daí, evoca sua idiomaticidade semântica através de sua memória de longo prazo (CP), que também é criativa, ou, quando descartado este benefício da memória de longa duração, solicita informação (SI) para poder chegar ou não ao sentido idiomático da expressão através de estratégias ligadas ao contexto (AC), à língua materna (L1), ao sentido literal (SL) ou a outras inferências heurísticas (OE).

As estratégias RP, DA e SI nos indicam, como veremos nos trechos abaixo, quando evidenciadas no protocolo verbal, que os falantes desenvolveram uma compreensão inicial da expressão de forma inconsciente e a decodificação[10] passa a ser uma prática fundamental, uma frequência maior no leque ou disponibilidade de recursos cognitivos. Talvez, por essa razão, os falantes não nativos, como podemos observar nos protocolos verbais, tenham significativamente buscado acessar o sentido idiomático, por meio da repetição em voz

[10] A acepção que damos à decodificação é a mesma de Alliende e Condemarín (1987), uma operação de leitura em que o leitor/falante transforma os signos gráficos em linguagem oral, mas não alcança plenamente o estágio da compreensão, isto é, captar o sentido da mensagem escrita.

alta da expressão, da repetição do texto através da leitura silenciosa, da paráfrase textual, dos pormenores do texto (por exemplo, saber o sentido de CNPJ [11] que aparece no contexto da expressão *não pagar o mico*), do sentido literal das palavras incomuns encontradas no texto lido (por exemplo, antideurético[12], que aparece no contexto da expressão *tirar mais água do joelho*); daí, diante do texto, terem feito uma leitura detalhada, atenta, com menor velocidade para que os dados do texto pudessem guiar sua compreensão idiomática, tal qual nos sugere Block (1986, p. 463–494).

Ao contrário das táticas bottom-up, as estratégias top-down são criativas, voltadas à compreensão e, decerto, são responsáveis, na fala espontânea, pela reprodução em bloco coeso da expressão idiomática pelos falantes, sejam eles nativos ou não nativos. Talvez, tenha sido esta ideia de blocagem passada por Coseriu (2007, p.201) ao recorrer ao termo *discurso repetido*: "sequência de combinações feitas de signos que se transmitem integralmente".

Em relação às estratégias top-down, pudemos observar que, ao longo do protocolo verbal, os falantes não nativos ajustaram ou tentaram ajustar, por meio de ajuda técnica (SI), o sentido das expressões idiomáticas isoladamente ou no próprio texto em que elas foram contextualizadas aos seus conhecimentos prévios, sintáticos, linguísticos, metalinguísticos, culturais, históricos, em L1 e em L2 (português na vertente luso-africana); depois voltam ao texto para confirmar suas expectativas de leitura (AC) ou verificar se aparecia uma informação nova (OE). Concebiam, assim, a compreensão fraseológica como verificação global do sentido idiomático da expressão (BLOCK, op. cit.).

[11] CNPJ é a sigla de Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

[12] Apresentamos aos informantes a seguinte definição para hormônio antidiurético: "substância que aumenta a pressão sangue nas artérias e diminui o volume da urina".

Tabela 9 - Frequência de táticas e estratégias usadas, por expressão idiomática

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO IDIOMÁTICA									
	BOTTOM-UP			TOP-DOWN)						
	RP	DA	SI	AC	AA	AT	SL	CP	L1	OE
1.Matar cachorro a grito	31	15	23	11	-	08	09	10	06	02
2.Pagar mico	24	17	10	03	-	05	12	27	08	05
3.Tirar água do joelho	22	18	Q8	07	-	13	02	16	19	01
4.Pôr a boca no trombone	21	07	07	13	-	05	00	07	16	01
5.Saber com quantos paus se faz uma canoa	26	07	02	18	-	01	02	34	18	01
6.Chutar o pau da barraca	27	16	14	09	-	05	05	21	07	03
Total	151	80	64	61	-	37	30	115	74	13
% de todas usadas	25	13	10	09		06	05	18	12	02

Total de estratégias usadas em todos os itens – 625

A partir dos dados apresentados na tabela acima, passemos agora a exemplificar, por expressão idiomática, as táticas e estratégias mais evidenciadas pelos participantes em seus diálogos com o experimentador, registrados no protocolo verbal.

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

Em busca de encontrar o sentido idiomático da expressão *matar cachorro a grito*, os informantes recorreram a 115 estratégias, sendo 69 táticas bottom-up e 46 estratégias top-down.

Das táticas bottom-up, chamou-nos a atenção RP, com 28% do tempo dos informantes, seguida de pedido de ajuda SI na ordem 20%.

Das estratégias top-down, todas pareciam estar igualmente requeridas pelos informantes. O que podemos observar é que, claramente, os informantes apresentaram dificuldade de acessar o sentido idiomático da expressão, o que podemos comprovar pelos 60% de táticas bottom-up, com especial destaque para a estratégia RP, empregada na compreensão de *matar cachorro a grito.*

Abaixo, apresentamos dois exemplos de emprego de preparação (RP e SI, respectivamente) que se sobressaíram no processo de compreensão desta expressão.

(a) Usando RP:

[Entrevistador: após a leitura você identifica alguma expressão idiomática?]

Participante: "*matar cachorro* ... deixa eu ver ... "*matar cachorro a grito*" ... eles não são ricos como a tv mostra ... eles fazem outra coisa que talvez nem seja desse nível ... é ... fazer coisas básicas ... ((risos))

(b) Usando SI:

Entrevistador: quer alguma ajuda?

Participante: **pode ser ... vamo lá ...**

Entrevistador: que tipo de ajuda você quer?

Participante: **um exemplo ... pode ser ...**

Entrevistador: você prefere um exemplo?

Participante: **se tiver outro mais fácil ... né ... seja mais fácil de identificar** (...)

Não pagar mico

No esforço típico para compreender a expressão "não pagar mico", os participantes recorreram a 100 procedimentos cognitivos, sendo 40 táticas bottom-up e 60 estratégias top-dow.

Das táticas bottom-up, 19% foram solicitações de ajuda técnica (SI), especialmente as relacionados com pedido sobre sentido literal do lexema "mico"[13].

[13] Os reiterados pedidos sobre o sentido de mico nos levou a apresentar aos informantes duas acepções possíveis para a palavra: (a) na zoologia, mico é uma forma reduzida de mico-preto, designação comum aos macacos do gênero *Cebus*, da família dos cebídeos; e (b) na ludologia, tipo de jogo de cartas infantil, em que a carta que

Das estratégias top-down, a estratégia de CP foi a mais empregada pelos participantes, com 27% das ocorrências.

Vejamos, a seguir, trechos com SI e CP, extraídos do Corpus Afri.

(a) Usando SI:

Entrevistador: não sabe o que é? ... você quer alguma ajuda?

Participante: **quero**

Entrevistador: que tipo de ajuda você quer?

Participante: **me explicar um pouquinho o que quer**

Entrevistador: posso definir as palavras da expressão

Participante: é

Entrevistador: não pagar significa não entregar ou restituir uma quantia que se deve

Participante: é pagar

Entrevistador: e mico é:: tipo de macaco de pelagem marrom-escura com cauda negra, e geralmente com vive em bandos

Participante: hum:: ah:

Entrevistador: te ajuda alguma coisa? Pagar / macaco

Participante: ah: mico / pagar macaco ... pagar um um ... um valor ... ma ma / ... não / "pagar mico"

(b) Usando CP:

Entrevistador: e: você já conhece do seu país? "pagar mico" ...

Participante: **assim ... eu conheço no meu país ... não porque a gente usa ela ... porque a língua crioula não tem essa expressões assim ... né ... mas pela influência da novela.**

SOMATISMOS

Tirar mais água do joelho

Os participantes, ao se depararem com a expressão **tirar mais água do joelho** recorreram a 100 estratégias, sendo 42 táticas bottom-up e 58 estratégias top-down.

Das táticas bottom-up, a DA foi a mais utilizada pelos informantes, com 18% do seu tempo, vindo em seguida a RP, com 16% do seu tempo.

---

apresenta a figura de um macaquinho preto não tem par e aquele que acabar o jogo com ela perde o jogo

Das estratégias top-down, a mais evidenciada foi a L1, com 19%, vindo em seguida a CP, com 16% do tempo.

Vejamos, a seguir, trechos com DA, RP e CP, extraídos do Corpus Afri.

(a) Usando DA:

Entrevistador: "tirar água do joelho"..você sabe me dizer o sentido?

Participante: "tomar cerveja quente**" aí..faz com que...cara...no meu entender você ver que não faz bem...as vezes as pessoas bebem cerveja quente ficam com dor de cabeça...entendeu? sentindo algumas coisas que não tá bom, aí levantam com a ressaca desse negócio...**

Entrevistador: e só a expressão "tirar água do joelho" significa o que? É tudo isso que você disse? "tirar água do joelho"

Participante: é:....mais ou menos isso

Usando estratégia RP:

Entrevistador: e:: essa expressão aí que aparece pela primeira vez … você acha que e h o quê?

Participante: ah … sei lá …

Entrevistador: tirar água do joelho …

Participante: deixa eu ver … ((silêncio)) num sei … ((riso nasal)) tirar água do joelho … ((a participante repete a expressão e faz um breve silêncio interrompido pelo entrevistado))

(b) Usando L1:

Entrevistador: tirar água do joelho que dizer o quê?

Participante: e h … mijar …

Entrevistador: mijar …

Participante: mijar ...

Entrevistador: conhece do seu país?

Participante: conheço …

Entrevistador: eles utilizam?

Participante: utilizam …

Entrevistador: além dessa … existem outros semelhantes com o sentido de mijar que você coloca?

Participante: **não / e h / o pessoal / a gente fala assim … tipo (tá fazendo água) ((hipótese de fala em crioulo)) é tipo assim / é o termo tirar água do joelho … (tá fazendo água de batata) ... ((hipótese de fala em crioulo))**

Entrevistador: ah … é o mesmo sentido ...

Participante: e h … ((toque de telefone))

(c) Usando estratégia CP:

Participante: bom … a expressão aqui e h tirar água / ma / água do joelho … né e tirar água do joelho **e h uma expressão que a gente usa lá em Cabo Verde …**

Entrevistador: hum ...

Participante: **e h em Santiago ... nesse caso ... em Santiago ... eu não sei se as outras ilhas também usam a expressão … mas em Santiago a gente fala tirar água do joelho que significa mijar … né (...)**

Pôr a boca no trombone

Para a compreensão de **pôr a boca no trombone**, os participantes empregaram 57 recursos cognitivos, sendo 16 táticas bottom-up 41 estratégias top-down.

Das táticas bottom-up, DA, com 12%, foi a mais evidenciada, vindo em seguida a SI, com 10% do tempo.

Das estratégias top-down, L1 foi a que obteve o maior percentual de uso, com 28% vindo em seguida CP.

Estratégias SL e OE não foram empregadas pelos informantes.

Vejamos, a seguir, trechos com DA, l1 e CP, extraídos do Corpus Afri.

(a) Usando DA:

Entrevistador: após a leitura ... você reconhece alguma expressão idiomática ... Júnior?

Participante: ((silêncio)) pôr a boca no trombone ...

Entrevistador: muito bem ... ah / você saberia me dizer o sentido?

Participante: **por exemplo ... defendeu um crime ... né ...**

Entrevistador: defender um crime ...

Participante: defender uma coisa ...

Usando estratégia SI:

Entrevistador: A expressão "pôr a boca no trombone" quer dizer o que?

Participante: ((conversas ao longe)) /aqui/...trom-bo-ne /é/ você pode me dar uma dica?e....

Entrevistador: posso dizer o que é trombone...trombone é um instrumento de sopro de metal, né..aqueles instrumentos pesados... formado por dois tubos encaixados um no outro

Participante:(...) hum rum...

(b) Usando L1:

Entrevistador: reclama/ critica... você já conhecia no seu país?

Participante: não/ não existe essa expressão não/ tem uma outra expressão...

Entrevistador: qual é? mas usando a palavra trombone?

Participante: **é ... a gente/ em crioulo/ pôr a boca na (trabalha)... quer dizer pôr a boca no trabalho... ((risos)) não sei/ não conheço essa expressão em português mas em crioulo eu digo assim...[pôr a boca no trabalho] tralha...**

(c) Usando CP:

Participante: **bom … aqui a expressão idiomática ser / é o pôs a boca no trombone né … que é / quer dizer aqui / que e h que/ denunciou / e h denunciou a /os desmandos na cidade … e: em Cabo Verde existe também essa / essa expressão / colocar a boca no trombone … acho que e h bem / tipo / acho que tem / não sei se e h típico … mas já tinha escutado lá várias vezes … na televisão e pessoas falando também ...**

Entrevistador: nesse mesmo sentido que colocou agora? (...)

Participante: sim … e: lá em Cabo Verde temos outras expressões também para / para a / pra se falar / parecido com boca no trombone … nesse caso seria (xibá / xibá[14]) ((hipótese de fala em crioulo)) … existem outras também / chibá / mas chibá e h uma das que eu conheço mais (...)

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Para a compreensão da expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa,* os participantes recorreram a 94 procedimentos e ações cognitivas, sendo que sendo 20 táticas bottom-up e 74 estratégias top-down.

Das táticas bottom-up, a RP se sobressaiu com 16% do tempo dos informantes.

[14] Interessante assinalar que a palavra xiba, em português, refere-se à baile popular rural com sapateado, acompanhado por instrumentos de cordas dedilháveis, canto e palmas; sua origem é africana ou portuguesa, com adaptações negras.

Das estratégias top-down., evidenciaramm-se as CP, com 36%; AC e L1, com 19% do tempo dos informantes.

Vejamos, a seguir, trechos com RP, CP, AC e L1, extraídos do Corpus Afri.

(a) Usando RP:

Entrevistador: e você acha que / qual e h o sentido desta expressão que apareceu aí? "saber com quantos paus se faz uma canoa" …

Participante: e h tipo:: / dizer assim / **meu filho tu entrou numa grande furada …** ((risos)) tu vai ver a realidade … ((risos da participante e do entrevistador)) … e h algo parecido …

(b) Usando CP:

Entrevistador: esta expressão ... "com quantos paus se faz uma canoa" ... você saberia dizer o que significa?

Participante: é ... ela vai saber com quantos paus uma canoa ... ela vai saber o quanto é difícil / o quanto não é fácil ... aí em Cabo Verde a gente diz assim ... **deixa eu ver a expressão que minha avó usava muito ... eu esqueci ... às vezes a gente aprontava as coisa / ela dizia quanto você chegar eu vou te mostrar com é que se faz tal / tal coisa ... mas no sentido de que você vai apanhar ... você vai cho(...)**

Entrevistador: certo (...)

Participante: hoje você vai chorar ... viu ... ((riso do entrevistador ao fundo)) vai ser brincadeira não / vai ser mole não ... então com (...)

Entrevistador: você acha que é o mesmo sentido?

(c) Usando AC e L1:

Entrevistador Após a leitura, você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: **tem … eu conheço dois aqui ((música/ melodia ao fundo))… e h … "com quantos paus se faz uma canoa" … ela vai ver quão difícil é esse cargo … e vai sofrer muito … e:: tem mais um … até o último / "vai sofrer até o último fio de cabelo" … vai sofrer até não aguentar mais … talvez ...**

Entrevistador: essa expressão "mostrar com quantos paus se faz uma canoa" … você já conhecia esta expressão?

Participante: não … assim não … mas em Cabo Verde é (**então não te ilune … você vai ver fogo**) ((hipótese de fala em crioulo)) ((risos))

Chutar o pau da barraca

Para a expressão "chutar o pau da barraca", os participantes recorreram a 102 procedimentos cognitivos, sendo 52 táticas bottom-up e 50 estratégias top-down.

Das táticas bottom-up, o recurso mais usado, no protocolo verbal, foi RP, com 24% das demandas dos participantes.

Das estratégias de adivinhação, merece destaque CP, com 21% do tempo.

Vejamos, a seguir, trechos com RP e AC extraídos do Corpus Afri.

(a) Usando RP:

Entrevistador: e... o que significa chutar o pau da barraca"...?

Participante: ((silêncio demorado)) eu NÃO sei explicar... ((risos da informante)) coisa difícil... por quê que tu botou essa frase hein? "**chutar o pau da barraca**"... ((ruído)) oh que é assim... ver o Roberto Carlos junto com a população fazendo bagunça/ é isso? eu não sei... "**chutar o pau da barraca**"... eu não conheço não...

(b) Usando CP:

Entrevistador: muito bem ... você saberia me dizer o que significa chutar o pau da barraca?

Participante: ((silêncio)) chutar o pau da barraca ... acho eu ... é uma revolta...

Entrevistador: hum ... por que você acha que é uma revolta?

Participante: porque / o que / é (...)

Entrevistador: o que tem a ver chutar o pau da barraca com revolta ...

Participante: porque ... por exemplo ... Roberto ... ((silêncio)) ((balbucio))

Entrevistador: eu só quero que você justi / jusfique ... eu não tô nem questionando não ...

Participante: é ...

Entrevistador: eu tô aceitando sua resposta ... só queria que você me justificasse .. por que você acha que ... pau ... chutar e barraca tem a ver com revolta? ... por que você acha que tem a ver?

Participante: **ah bom ... por exemplo assim ... por exemplo ... tu é um candidato... né ... e tu / na campanha tu mostrou só promessa e ganhou eleição e tu não cumpriu e o povo fica revoltado contigo ... eu acho que é igual chutar o pau da barraca ... tu é uma barraca ... eles vão criticar / eles vão (...)**

Tabela 10 - Estratégias de Compreensão Idiomática, por Participantes

CATE-GO-RIAS	EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO									
		BOTTOM-UP			TOP-DOWN						
		RP	DA	SI	AC	AA	AT	SL	CP	L1	OE
ZOO-MOR-FIS-MOS	Matar cachorro a grito	1,2,3,5 6,7,8,9,12,13,14,15 16,17,18,19,20	2,3,5,11,12,13,14 15,16 18,19,20	2,3,6,8,1,12,13,17,18,19,20	1,6,7,8,9,17,19		2,3,6,8 11,12,13,17,18,19,20	7,8 13,17,18,20	1,2, 5,11,13,17,20	17	4,8
	Pagar mico	1,3,11,14 15,16,17,19,20	3,11,14,15,16,17,18,19,20	11,14,15,16,17,18,19,20,			11,14,15,16,17,18,19,20	1,14,15,16,19,20	1,3,5,7,8,14,16,17,20	1,3,10,	
SOMA-TIS-MOS	Tirar água do joelho	3,10,14,	3,4,10,	3,10,11,	3,		3,10,11,	14,15,20	1,4,5,12,	6,9,12	

		15, 17, 18, 19, 20	14, 15, 16, 17, 8,1 9, 20	12, 14, 16, 17, 18, 19, 20	11, 13, 14, 17, 18, 19		12, 14, 16, 17, 18, 19, 20		15, 17, 19, 20		
	Botar a boca no trombon e	2, 12, 13, 14, 5, 19,	11, 18,	19	12, 13, 14, 19		19		2, 12, 13,	12, 13,	
BOTA-NIS-MOS	Saber com quantos paus se faz uma canoa	1, 4, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 19,	11, 15, 17, 18, 19, 20 ,	18	1, 4, 10, 11, 13, 14, 17, 18		18	19, 20 ,	1, 4, 10, 17, 19, 20	1, 11,17, 20	11
	Chutar o pau da barraca	1,2 ,3, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20	1,2 ,3, 5, 14, 15, 16, 20	2,3 ,11 12, 14, 16, 17,	2,3 , 7, 11 12, 14, 17, 18, 19, 20		2,3 , 11, 12, 16, 17	11, 13, 16, 18, 19	2, 6, 7. 13, 14, 16, 18, 19, 20	2,3,. 6	2,14 18, 20

Legenda: RP = Repetir ou parafrasear a expressão idiomática, DA = Discutir e analisar a expressão idiomática ou seu contexto sem adivinhar o sentido, SI = Solicitar informações sobre a expressão idiomática, AC = Adivinhar o sentido da expressão

idiomática a partir do contexto formal, AA = Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de alternativas de múltipla escolha, AT = Adivinhar o sentido da expressão a partir da contexto informal ou improvisado(ajuda técnica), SL = Usar o sentido literal da expressão como uma chave para o seu sentido idiomático, CP = Usar os conhecimentos prévios para descobrir o sentido da expressão idiomática, L1 = Referir se a uma expressão idiomática em L1 (crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense) para entender a expressão idiomática em L2 (a variante brasileira da Língua Portuguesa) e OE = Usar outras estratégias

Estratégias bem-sucedidas

Nas seções anteriores, foram abordadas as frequências de uso das estratégias de compreensão sem levarmos em conta se os participantes adivinharam corretamente o sentido da expressão idiomática.

Nesta seção, apresentamos dados referentes às estratégias bem-sucedidas, isto é, estratégias top-down a que os informantes recorreram durante a aplicação do protocolo verbal *think aloud* e, ao serem indagados pelo experimentador quanto ao sentido idiomático da expressão, anunciaram respostas consideradas corretas e que atendiam à expectativa da tarefa.

Vale lembrar que os informantes aqui considerados são apenas os que, na tarefa 2, a da verificação da memória fraseológica, declararam não lembrar ou não ter ouvido a expressão e não saber seu sentido e os que declararam lembrar, mas não saber sentido idiomático. Imediatamente após darem estas respostas, antes de quaisquer pedidos de ajuda (SI), indagamos sobre o sentido idiomático da expressão, mesmo com apoio de contexto de situação, respostas que poderiam ser dadas em L1 ou L2, e mais uma vez confirmamos que realmente não entendiam a locução verbal.

Nesta seção, examinamos mais especificamente as estratégias que levaram os participantes a interpretar com sucesso as expressões idiomáticas. Verificamos quais as estratégias cognitivas efetivamente beneficiaram os participantes na hora de anunciar corretamente o sentido idiomático da expressão.

Ao cogitarmos várias estratégias para a compreensão de uma expressão idiomática, essa postulação põe em xeque algumas das hipóteses psicolinguísticas (léxicas e composicionais) que circulam entre psicolinguistas, em geral, excludentes, bem com o curso temporal do processamento fraseológico (por exemplo, a primazia

da interpretação literal sobre a global ou vice-versa) já bem estabelecidas pelos resultados de seus experimentos, questões que retomamos mais adiante, em nosso trabalho e já podemos antecipar que, no modelo estratégico que defendemos, o processamento é integrador e, como numa música, agógico, com sucessão de táticas ascendentes (bottom-up) e estratégias descendentes (top-down) e combinações montadas pelos participantes, por vezes, imprevisivelmente heurísticas.

Acreditamos que as explicações dadas pelos principais psicolinguistas sobre o processamento fraseológico podem ser ainda melhor descritas a partir das estratégias cognitivas que o falante emprega no esforço de compreender expressões idiomáticas desconhecidas ou não familiares ou, simplesmente, opacas. Por essa razão, experimentos psicolinguísticos com falantes não nativos (ou estrangeiros) de uma língua dada podem desvelar realmente o que ocorre com a mente dos falantes quando se depararam com uma expressão nova ou desconhecida.

No modelo estratégico de compreensão idiomática, vemos as hipóteses léxicas e as hipóteses composicionais como sendo interdependentes. Pelo menos é o que podemos comprovar com os dados dos falantes que, diante de expressões não familiares ou opacas, esforçaram-se, através de táticas e estratégias cognitivas, na tentativa de desvelar seu sentido idiomático.

As chamadas hipóteses composicionais, segundo as quais o processo de compreensão das expressões idiomáticas resulta necessariamente da análise gramatical total ou parcial das palavras e sintagmas que as compõem (BELINCHÓN,1999, p.364-369) são vistas por um outro ângulo em nossa pesquisa. Primeiramente, constituem-se, psicolinguisticamente, um conjunto de táticas bottom-up (RP, DA, SI), traduzido em uma série sistemática de etapas no sentido de entender uma expressão idiomática, mas não o suficiente para o falante acessar o seu sentido idiomático ou fraseológico.

Uma expressão como "pagar mico", que apresentou um alto percentual de idiomaticidade forte (ou opacidade) em nossa pesquisa, em que pese o esforço dos falantes não nativos de analisar os sentidos parciais das palavras "pagar" e "mico" e o próprio em que a expressão aparecia, o referido empreendimento não foi decisivo para a compreensão idiomática, levando-os, diante desta expressão opaca, a

solicitar informações (inclusive o SL, isto é, o sentido literal) ou ajuda técnica de diversas ordens (AT, AA, por exemplo) para continuar a sua luta individual e característica em direção ao acesso fraseológico da expressão.

As hipóteses léxicas, segundo as quais as expressões idiomáticas são armazenadas em uma memória especial, esta, entendida como uma memória que não formaria parte do léxico comum do falante, permitiriam um acesso direto ao sentido idiomático.

Para os falantes nativos, as hipóteses léxicas podem, realmente, explicar o processamento fraseológico de expressões familiares, mas não explicam o esforço dos não nativos de decifrar as expressões desconhecidas ou não familiares. Se os falantes nativos as lembram, e são capazes de identificar sua forma fixa ou reconhecer sua idiomaticidade, então, não podemos falar, estritamente, em expressões opacas, e sim, expressões que ficam na ponta da língua**,** na iminência de ter seu sentido idiomático anunciado ou dito, mas se o sentido não vêm à tona, ao certo, poderemos apenas falar em uma falha na recuperação (ou esquecimento) do sentido idiomático no léxico mental.

Pudemos observar, em nosso experimento off-line, que as hipótese léxicas se manifestaram predominantemente nas estratégias top-down (AC, L1 etc), mas não de forma isolada, isto é, dependeram, para serem bem-sucedidas, dos esforços depreendidos pelos participantes nas táticas preparatórias ou bottom-up.

Para não enviesarmos os dados de nossa pesquisa e particularmente identificarmos as estratégias bem-sucedidas, consideramos só os participantes com baixo nível e médio nível de memória fraseológica, isto é, os que, durante a aplicação do Protocolo Verbal, haviam declarado não lembrar ou não ter ouvido a expressão idiomática, ou, quando lembravam ou declaravam ter ouvido antes, não conseguiam evocar seu sentido idiomático, informações que pudemos comprovar imediatamente com suas respostas consideradas incorretas ou parcialmente corretas na tarefa 3 de verificação da idiomaticidade fraseológica ou semântica.

Considerando este critério de exclusão como seleção de participantes, verificamos, após análise de suas respostas, que de um total de 75 itens comentados, 33 foram itens respondidos corretamente, (ou seja, receberam uma pontuação 3 na tarefa 3 de

verificação da idiomaticidade semântica), variando o número de acertos de expressão para expressão, o que representou, depois deste procedimento ou enxugamento, uma taxa de sucesso de 44% entre os participantes.

Em ordem de classificação as estratégias que levam a interpretações corretas (ver tabela 1) foram as seguintes:

(a) Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal **(Estratégia AC, 29%)**

(b) Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de alternativas de múltipla escolha **(Estratégia AT, 16%)**

(c) Usar o sentido literal da expressão como uma chave para o seu sentido idiomático **(Estratégia SL, 7%)**

(d) Usar os conhecimentos prévios para descobrir o sentido da expressão idiomática **(Estratégia CP, 28%)**

(e) Referir se a uma expressão idiomática em L1 (crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense) para entender a expressão idiomática em L2 (a variante brasileira da Língua Portuguesa) (**Estratégia L, 17%)**

(f) Usar outras estratégias **(Estrategia OE, 3%)**

Embora em muitos casos, os participantes tenham usado táticas bottom-up e mais de uma estratégia top-down para ter sucesso, apenas as que levaram diretamente à resposta correta, isto é, as top-down, foram incluídas nesta contagem.

As táticas de repetir ou parafrasear a expressão idiomática (Estratégia RP), discutir e analisar a expressão idiomática ou seu contexto sem adivinhar o sentido (Estratégia DA), solicitar informações sobre a expressão idiomática (Estratégia SI) não são apresentados na Tabela 1 porque, embora não sejam completamente prescindíveis no processamento fraseológico, representam recursos cognitivos que permitiram aos participantes, de modo geral, ganhar tempo, isto é, postergar suas respostas às solicitação feitas continuamente pelo experimentador, aguardando, assim, melhor momento da entrevista para anunciá-las, o que foi relevante para nossa pesquisa e, principalmente, para obtermos informações sobre o "jogo adivinhatório" e esclarecermos seus pensamentos antes de anunciar o sentido definitivo da expressão.

Merecem uma nota s três táticas bottom-up (RP, DA e SI), que representaram 50% do conjunto de procedimentos cognitivos utilizados pelos participantes para processarem a compreensão

idiomática, mas não foram suficientes para os que não lembravam seu sentido idiomático, total ou parcialmente, responderem, corretamente, à questão proposta pelo experimentador.

Abaixo seguem três exemplos (trechos em versão de transcrição ortográfica) de como as táticas bottom-up (RP, DA e SI) puderam configurar um palpite correto para que o participante pudesse chegar ao sentido idiomático da expressão:

(a) Usando RP

Entrevistador: você encontra alguma expressão idiomática aí?

Participante: bom ... aqui / nesse aqui / acho que a expressão aqui seria / será / é / nesse caso / **matar cachorro a grito** ... e **eu acho que matar cachorro a grito** seria ... ah ... que é / passar por dificuldades / passa por dificuldades extremas ... né ... tipo **matar cachorro a rico / a grito** / é uma coisa que você quiser / querer **matar um cachorro a grito** você terá que sofrer muito ... tem que gritar / gritar muito ((riso do entrevistador)) e ter muita / né / muita garganta ... e tá falando aqui das prin / das dificuldades / né / que os outros artístico porque mostram os artistas um ou dois mas com certeza existem vários artistas no mundo e nem todos são famosos ... mas mesmo assim não deixam de ser artistas ... ((pigarro))

(b) Usando DA

Entrevistador: você quer alguma ajuda?

Participante: gostaria ...

Entrevistador: que tipo de ajuda você quer?

Participante: ((o participante reler trechos do texto em balbucios)) **hum ... o que se dá pra entender ... é que ... o facto / o fa / a pessoa exerce um / algum tipo de atividade ... a que nós / a gente associa é que essa atividade vai nos tornar rico ou milionário ... alguma coisa do tipo ... matar cachorro a grito que / o que dá pra entender é que é uma expressão que na verdade não é bem assim ... só que a gente ... por pensar desse jeito ... acaba / acaba influenciando todo mundo a pensar assim também ... e todos nós acabamos dizendo que ele é rico ... é o que dá pra entender de acordo com o texto ...**

(c) Usando SI

Entrevistador: mico é / é um animal ... é um pequeno primata/ macaquinho pequeno ... é mico ... se alimentam principalmente de insetos e frutas... isso te ajuda a entender a expressão?

Participante: **dar outra forma de explicar mais ...**

Entrevistador: que outra forma você quer? ... quer um exemplo?
Participante: **um exemplo assim ...**
Entrevistador: tá certo ... outro exemplo / um exemplo seria ... é: ... eu não vou pra uma festa só de jovens ... eu já tenho cinquenta anos ... se eu chegar numa festa só de jovens ... eu posso pagar mico ...
Participante: ((silêncio))
Entrevistador: não tem uma ideia ...
Participante: não ... repita aí ... repita ... ((riso))

Estratégias bem-sucedidas, por expressão

Nos trechos que se seguem, daremos exemplos das principais estratégias top-down empregadas pelos participantes no esforço de encontrar o sentido idiomático das expressões consideradas opacas, isto é, expressões que os participantes haviam declarado não lembrar ou ter ouvido ou lembravam, mas não sabiam o sentido.

Na tabela 1, aparecem as táticas bottom-up, mas não as destacamos nos trechos abaixo porque não se tratam de recursos cognitivos, como dissemos anteriormente em outras seções, determinantes para a definição, por parte dos participantes, do sentido idiomático das expressões.

As expressões estão agrupadas em zoomorfismos, somatismos e botanismos.

Os trechos extraídos do *Corpus Afri* referem-se às estratégias top-down sobressalentes.

ZOOMORFISMOS

Matar cachorro a grito

No cômputo geral, a expressão "matar cachorro a grito", com 23 estratégias, equivalente a 15%, ficou em quarto lugar entre as bem-sucedidas.

As estratégias CP e L1 foram os recursos mais utilizados pelos informantes, ambos, com 23% do tempo.

Com 18%, ficaram as estratégias AC, AA e AT.

Não houve registro de OE.

Seguem abaixo dois trechos com estratégias top-down destacadas no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando CP:

Entrevistador: O brasileiro com baixo salário ele vive matando cachorro a grito... pra puder criar os filhos/ o brasileiro... mata cachorro a grito...

Participante: **Então... matar cachorro a grito né... então acho que quer dizer que uma: uma pessoa tem que... tem que se trabalhar muito os exemplo aqui... vou dar um exemplo na minha área né... os enfermeiros tem que ir pra enfermagem... os enfermeiros ou técnicos de enfermagem...as vezes pra pessoa se: sobreviver... porque o salário é pouco... a pessoa tem que ter mais de três plantão em locais diferentes então eu acho que essa "matar cachorro a grito" tem haver com isso tem que... ralar muito pra... (ruído) Pra... pra ter dinheiro (ruído) pra conseguir se sustentar ...(ruído).**

(b) Usando L1 :

Entrevistador: e e h um salário que / não dá pra pessoa viver bem … vive matando cachorro a grito … todo dia se tá matando cachorro a grito … o que e h matar cachorro a grito?

Participante: tem outro / outro sentido que a gente usa assim esse matar cachorro a grito …

Entrevistador: vocês usam … qual o sentido?

Participante: e h tipo… **dar caratê**… ((hipótese de fala em crioulo))

Entrevistador: hum …

Participante: **caratê** …

Entrevistador: caratê ...

Participante: **caratê** … tem (…)

Entrevistador: como e h? (…)

Participante: tem que / tem que lutar muito pra conseguir … uma coisa assim … tipo assim … com o pouco salário pra sustentar a casa ...

Entrevistador: como e h que vocês dizem?

Participante: (**dar caratê**) ((hipótese de fala em crioulo))… caratê … a luta japonês ...

Entrevistador: ah … dar caratê ...

Participante: e h … tem que lutar muito pra conseguir (…) ((riso))

Não pagar mico

A expressão "pagar mico", com apenas 9 estratégias, equivalente a 6%, ficou em sexto e último lugar entre as que apresentaram estratégias bem-sucedidas.

Nesta expressão, referente à frequência de uso, basicamente foram três as estratégias bem-sucedidas para os participantes na tarefa de verificação de idiomaticidade semântica. São elas: CP, com 67% do tempo, L1 com 22% e SL com 11%.

O que nos chamou a atenção foi esta expressão não requerer, por parte dos participantes, estratégias como AC, AT e OE, registrando-se uma maior demanda de usos em estratégia CP com 67% do tempo, vindo em seguida as Estratégias L1 e SL, estas com percentuais bastante pífios.

Seguem abaixo dois exemplos com estratégias top-down sobressalentes no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando CP:

[Entrevistador: após a leitura você identifica alguma expressão idiomática?]

Participante: não ... não vi nenhuma ...

Entrevistador: não entendeu?

Participante: " não pagar mico"...

Entrevistador: " não pagar mico"?

Participante: é ... existe / eu sei o que é / tipo / não passar vergonha ...

Entrevistador: não passar vergonha?

Participante: **é ... mas deve ser / mas / uma expressão linguística / mas eu conheço desde pequena / aí eu num (...)**

Entrevistador: ah ... você conhece lá desde pequena (...)

Participante: é ... não paga mico ... é... sim conheço...

(b) Usando L1 :

Entrevistador: aparece aí também … a expressão é … "pagar mico" … você saberia me dizer o que é pagar mico (...)

Participante: ((riso nasal)) isso também eu não conhece / eu falo "**que mico**" … ((riso)) … pagar mico é pagar / passar vergonha …

SOMATISMOS

Tirar mais água do joelho

Entre as seis expressões idiomáticas, a expressão **tirar mais água do joelho** ficou em segunda lugar com 29 estratégias, equivalente a 20% das demandas cognitivas.

Entre as estratégias de procura pelos informantes, citamos a Estratégia AT como a de maior destaque entre as estratégias em busca do sentido idiomático da expressão, vindo, em seguida, a estratégia AT ,com 31% das demandas cognitivas.

A estratégia AC compareceu ao processo de compreensão idiomática dos participantes com 14% do tempo, vindo, em seguida, com menores percentuais, as estratégias SL e L1 com 7%, ambos.

Não houve registro da estratégia OE.

Seguem abaixo dois exemplos com estratégias sobressalentes no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando AT:

Entrevistador: você quer alguma ajuda?

Participante: quero...

Entrevistador: alguma dica?

Participante: quero...

Entrevistador: que tipo de dica você quer?

Participante: **um exemplo similar...**

Entrevistador: é / algumas vezes quando eu estou numa mesa de bar com amigos tomando cerveja/ quando está na terceira ou quarta cerveja eu chego pro meu amigo e digo "olha/ vou ao banheiro tirar água do joelho"... aí eu vou lá/ tiro água do joelho e volto e digo assim "olha/ agora eu posso beber mais três cervejas/ estou livre/ tirei água do joelho... ((risos da informante)) e assim vou levando a noite inteira...

Participante: **ah: então tirar água do joelho quer dizer descarregar né aquilo que você bebeu/ urinar né...**

(b) Usando AC:

Entrevistador: Após a leitura você reconhece alguma expressão idiomática?

Participante: Eu reconheço...

Entrevistador: Qual é?

Participante: Essa daqui... Tomar cerveja quente... faz a gente tirar mai água do joelho.

Entrevistador: O que é tirar água do joelho?

Participante: Com certeza... **eu acho que faz mais a pessoa urinar... ir pro banheiro de vez em quando...**

Pôr a boca no trombone

A expressão "pôr a boca no trombone", com 17 estratégias, equivalente a 11%, apresentou o maior número de estratégias bem sucedidas.

Duas estratégias se destacaram no uso pelos participantes: a estratégia AC, com 47% do tempo e a estratégia L1, com 29% dos recursos cognitivos.

Registrou-se o baixo uso de Estratégias AT (em geral, pedido de exemplos dados pelo experimentador), com 7%, não sendo registradas estratégias como SL e OE para o processo de compreensão idiomática.

Seguem abaixo dois exemplos com estratégias sobressalentes no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando AC:

Entrevistador: após a leitura, você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: " botar a boca no tromboso"[15]...

Entrevistador: e qual seria o sentido?

Participante: reclamou...

Entrevistador: você conhece no seu país?

Participante: conheço não...

Entrevistador: você já tinha ouvido no Brasil?

Participante: não/ ouvi não...

Entrevistador: é a primeira vez que você ver?

Participante: hunrrum...

Entrevistador: mas o quê que faz com que você descubra que esta é uma expressão/ "botar a boca no trombone"?

[15] Em conversa informal com informantes guineenses, a expressão **botar a boca no tromboso** (L1) por **botar a boca no trombone** (L2) nos sugere estarmos diante uma corruptela fraseológica, **decorrente** má compreensão/audição e reprodução nas camadas mais simples de Guiné-Bissau, muito comum nas formas de eufemismo ou nos casos de uso de expressões considerada inapropriadas pelas camadas mais socialmente favorecidas.

Participante: **porque ele está cuidando de cidade e tem exemplos/ muitas coisas de violência/ e como que ele é responsável/ o que acontecer na cidade/ ele tem que... tem que explicar para todas as pessoas que querem saber aí ele não quer/ tipo/ pra ele ficar só com as dificuldades e ele pediu e falou ou criticou para ter respostas no município...**

(b) Usando L1:

Entrevistador: após a leitura ... você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: identifica (...)

Entrevistador: identificou qual?

Participante: pôs a boca no trombone...

Entrevistador: trombone (...)

Participante: **tem uma coisa igual essa que o pessoal diz que a pessoa / mas essa aqui eu sei colocar ... boca na / na trombeta pra falar ... né ...**

Entrevistador: com é? ... bota / vocês dizem botar a boca (...)

Participante: na trombeta ...

Entrevistador: na trombeta ...

Participante: é ...

Entrevistador: e quer dizer o quê? ... botar a boca na trombeta ...

Participante: assim ... isso quer dizer que uma / quando uma pessoa não / se você não estiver de acordo com uma coisa / isso é mais / também mais com os políticos que tão prejudicando os outros ... aí a pessoa fala ... o prefeito falar pela mídia ... pela televisão ... aí eles dizem que a pessoa bota a boca na trombeta ...

BOTANISMOS

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Cotejadas com as demais expressões**,** *saber com quantos paus se faz uma canoa,* com uso de 23 estratégias, equivalente a 15%, foi a que ficou em terceiro lugar entre as bem-sucedidas.

Para a compreensão da referida expressão, os participantes recorreram a Estratégia AC com 43% do tempo destinado às estratégias de adivinhação, vindo em seguida as Estratégias CP e L1, com 32% e 17%, respectivamente.

As estratégias AT e OE, juntas, somaram um percentual de 8% do tempo empregado em uso de estratégias cognitivas.

Não houve registro de Estratégia SL.

Seguem abaixo três exemplos com estratégias sobressalentes no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando AC :

Entrevistador: esta expressão ... "com quantos paus se faz uma canoa" ... você saberia dizer o que significa?

Participante: é ... **ela vai saber com quantos paus uma canoa ... ela vai saber o quanto é difícil / o quanto não é fácil ... aí em Cabo Verde a gente diz assim ... deixa eu ver a expressão que minha avó usava muito ... eu esqueci ... às vezes a gente aprontava as coisa / ela dizia quanto você chegar eu vou te mostrar com é que se faz tal / tal coisa ... mas no sentido de que você vai apanhar ... você vai cho(...)**

Entrevistador: certo (...)

Participante: hoje você vai chorar ... viu ... ((riso do entrevistador ao fundo)) vai ser brincadeira não / vai ser mole não ... então com (...)

Entrevistador: você acha que é o mesmo sentido?

Participante: é ... eu entenderia que aqui ela tá dizendo que ... quando ela assumir o mandato ... ela vai ver que a coisa não é brincadeira não ... que é mais difícil ... mais do quê ela tá imaginando ... né...

(b) Usando CP:

Entrevistador: após a leitura você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: certo ...

Entrevistador: você encontra alguma expressão equivalente no crioulo?

Participante: ((curto silêncio)) eu não escuto ... assim / né rotina / encontrar a palavra empossada / todo dia ... né ... "quantos paus faz uma canoa" ... também ...

Entrevistador: esta expressão ... "com quantos paus se faz uma canoa" ... você saberia dizer o que significa?

Participante: é ... ela vai saber com quantos paus uma canoa ... ela vai saber o quanto é difícil / o quanto não é fácil ... **aí em Cabo Verde a gente diz assim ... deixa eu ver a expressão que minha avó usava muito ... eu esqueci ... às vezes a gente aprontava as coisa / ela dizia**

quanto você chegar eu vou te mostrar com é que se faz tal / tal coisa ... mas no sentido de que você vai apanhar ... você vai cho(...)

Entrevistador: certo (...)

Participante: hoje você vai chorar ... viu ... ((riso do entrevistador ao fundo)) vai ser brincadeira não / vai ser mole não ... então com (...)

Entrevistador: você acha que é o mesmo sentido?

Participante: é ... eu entenderia que aqui ela tá dizendo que ... quando ela assumir o mandato ... ela vai ver que a coisa não é brincadeira não ... que é mais difícil ... mais do quê ela tá imaginando ... né ...

(c) Usando L1:

Entrevistador: essa expressão "mostrar com quantos paus se faz uma canoa" … você já conhecia esta expressão?

Participante: não … assim não … mas em Cabo Verde é (**então não te ilune … você vai ver fogo)** ((hipótese de fala em crioulo)) ((risos))

Entrevistador: ah é?

Participante: e h: ((risos))

Entrevistador: e que dizer o quê?

Participante: e h: / tipo / vai ver com quantos paus se faz uma canoa ((risos))

Entrevistador: ((risos))

Participante**:** ((risos)) é porque eu não sei traduzir / é justamente / expressão idiomática...

Chutar o pau de barraca

Das 150 estratégias usadas pelas participantes em benefício da compreensão, a expressão "chutar o pau de barraca", entre as seis expressões, foi a que demandou 44 estratégias, equivalente a 29% das demandas cognitivas, registrando-se, assim, o maior percentual de estratégias bem-sucedidas.

As estratégias CP e L1, com 23%, foram as duas requisitadas pelos participantes, vindo, em seguida, com 18% as estratégias AC, AT e SL.

Na busca da compreensão de "chutar o pau da barra", os participantes recorreram a estratégia CP, com 34% do seu tempo, vindo em seguida, a Estratégia AC, com 23% do tempo despendido no processamento fraseológico.

As estratégias AT e L1 ficaram com 14% do tempo de uso dos recursos cognitivos, ficando as estratégias SL e OE as estratégias com menores percentuais, isto é, ficaram 9% e 6%, respectivamente.

Seguem abaixo dois exemplos com estratégias sobressalentes no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando CP:

Entrevistador: você reconhece alguma expressão idiomática?

Participante: ((silêncio)) falta o povo chutar o pau ... da barraca ...

Entrevistador: muito bem ... você saberia me dizer o que significa chutar o pau da barraca?

Participante: ((silêncio)) chutar o pau da barraca ... acho eu ... é uma revolta ...

Entrevistador: hum ... por que você acha que é uma revolta?

Participante: **ah bom ... por exemplo assim ... por exemplo ... tu é um candidato .. né ... e tu / na campanha tu mostrou só promessa e ganhou eleição e tu não cumpriu e o povo fica revoltado contigo ... eu acho que é igual chutar o pau da barraca ... tu é uma barraca ... eles vão criticar / eles vão (...)**

Entrevistador: ah ... muito bem ... você já conhecia essa expressão? (...)

Participante: nunca ...

Entrevistador: em Guiné?

Participante: nunca ...

Entrevistador: mas já tinha ouvido aqui?

Participante: aqui também é : ... nunca (...)

Entrevistador: nunca (...)

Participante: não ouvi ... nunca ...

Entrevistador: aí mesmo assim conseguiu entender ...

Participante: entendi mais ou menos ...

Entrevistador: muito bem ...

(b) Usando L1 :

Entrevistador: você reconhece alguma expressão idiomática aí?

Participante: chutar o pau da barraca ...

Entrevistador: chutar o pau da barraca … você já conhecia no Brasil ou lá em Cabo Verde?... ou aprendeu aqui no Brasil ...

Participante: não ... porque e h assim … em Cabo Verde … expressões que a gente usa … a gente usa em crioulo …

Entrevistador: hum … e em crioulo existe? (...)

Participante: e h em crioulo …

Entrevistador: alguma equivalente a essa daí?

Participante: deixa eu ver … chutar o pau da barraca … ((silêncio))

Entrevistador: qual o sentido que você dar? (...)

Participante: chu / chutar o pau da barraca … tipo … vou / vou largar tudo ...

Entrevistador: vai largar tudo …

Participante: largar tudo ...

Entrevistador: e como seria no crioulo? … no teu crioulo ...

Participante: no meu crioulo é … hum … chutar o pau da barraca … ((estalos ao fundo)) tipo / a galera usa uma expressão que significa … lá em minha / em crioulo de Santiago … que e h … que e h … (**espadia pé** / **espadia pé**) ((hipótese de fala em crioulo))… quer dizer estou saindo fora... to saindo fora ...

Tabela 11 - Frequência de estratégias bem-sucedidas, por expressão

Expressões Idiomáticas	**Táticas e Estratégias de Compreensão Idiomática**									
	BOTTOM-UP			**TOP-DOWN**						
	RP	**DA**	**SI**	**AC**	**AA**	**AT**	**SL**	**CP**	**L1**	**OE**
Matar cachorro a grito	15	05	09	04	-	04	04	05	05	01
Pagar mico	02	03	00	00	-	00	01	06	02	00
Tirar água do joelho	16	12	14	09	-	12	02	04	02	00
Pôr a boca no trombone	09	00	01	08	-	01	00	03	05	00
Saber com quantos paus se faz uma canoa	17	05	01	12	-	01	00	09	05	01
Chutar o pau da barraca	21	06	14	10	-	06	04	15	06	03

Total	80	31	39	43	-	24	11	42	25	05
% de todas usadas	27%	10%	13%	14%		8%	4%	14%	8%	2%

Táticas e Estratégias usadas em todos os itens - 300

BREVES CONCLUSÕES

Tarefa 1: grau de identificação fraseológica

Para a *expressão pôr a boca no trombone*, de fácil identificação fraseológica *e tirar água do joelho* e *saber com quantos paus se faz uma canoa,* de média identificação fraseológica, confirmamos a hipótese de que a identificação da fixação fraseológica da expressão idiomática pelo falante não nativo favorece o correto emprego do seu sentido idiomático posto que as referidas expressões foram consideradas pelos informantes de idiomaticidade fraca (ou transparentes). As expressões *matar cachorro a grito* e *chutar o pau da barraca*, de fácil identificação fraseológica e *não pagar mico,* de difícil identificação fraseológica foram consideradaras de idiomaticidade forte (opacas). Portanto, entre os seis itens, *não pagar mico* foi a única expressão de difícil identificação e com sua correspondente idiomaticidade forte.

Tarefa 2: grau de memória fraseológica

Comprovamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB não processam itens armazenados em sua memória de longo prazo, através das expressões *não pagar mico, saber com quantos paus se faz uma canoa* e *pôr a boca no trombone,* por estarem psicolinguisticamente fixadas em L1(crioulo) ou L2 (língua portuguesa): "paga uma mico" (L2), "Mostrou ku kantu pó ta fazedu um kanoa" e "Poi boka na mundo" (L1).

As expressões *não pagar mico, saber com quantos paus se faz uma canoa* e *pôr a boca no trombone* apresentaram as médias mais altas quanto ao alto grau de memória fraseológica. Através das respostas dos informantes em L1, pudemos comprovar a hipótese de os falantes não nativos do PB tem noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória como um todo unitário. Nas demais expressões, isto é, *matar cachorro a grito, tirar água do joelho* e *chutar o pau da barraca* não comprovamos nenhuma destas duas hipóteses acima mencionadas.

Para as expressões *não pagar mico* e *saber com quantos paus se faz uma canoa* comprovamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, ao mesmo tempo, a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos. Nas demais expressões do experimento, isto é, *matar cachorro a grito, tirar água do joelho, pôr a boca no trombone* e *chutar o pau da barraca* não foi comprovada esta hipótese.

Tarefa 3: grau de idiomaticidade fraseológica

A hipótese de que as expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica não foi confirmada para *não pagar mico* e *matar cachorro a grito***.** Quanto a *não pagar mico***,** muitos informantes afirmaram, desconhecer o sentido literal da palavra mico e, quanto a *matar cachorro a grito***,** entenderam-na no sentido literal. Confirmamos a *hipótese* para os somatismos *tirar mais água do joelho* e *pôr a boca no trombone,* considerados de idiomaticidade fraca (ou transparentes), contando para desvelar o sentido idiomático das referidas expressões, com a ajuda técnica e expressões equivalentes em L1 ("*tra agua de joelho*"[16] e "*poi boka na mundo*")

Para a expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa,* não confirmamos a hipótese de que expressões designadoras de nomes relacionados a botanismos são de idiomaticidade forte por serem semanticamente menos motivados. Os conhecimentos linguísticos prévios e expressões equivalentes em L1 (crioulo) tornaram, ao contrário, a expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa* com a média mais alta em se tratando de reconhecimento idiomático.

Para as expressões *tirar mais água do joelho, pôr a boca no trombone* e *saber com quantos paus* se faz uma cano, confirmamos a hipótese de expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes

[16] Segundo informantes do sexo feminino de Cabo Verde e Guiné-Bissau, os estudantes intercambistas no Ceará que no período de férias ou recesso acadêmico retornam aos países de origem, levam consigo muitas expressões idiomática de uso frequente, como é o caso de *tirar água do joelho***,** que aponta evidência da transferência de propriedades de L2 (língua portuguesa na vertente brasileira) para L1 (em crioulo, a expressão neológica "tra agua de joelho")

em L1 ou L2 (na vertente africana) são mais fáceis de serem corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB. A hipótese não foi confirmada para as expressões *não pagar mico*, matar cachorro a grito e chutar o pau da barraca

Para as expressões *tirar mais água do joelho, Pôr a boca no trombone* e *saber com quantos paus se faz uma canoa*, confirmamos a hipótese de que o conhecimento do sentido de um ou mais elementos da expressão idiomática (joelho, trombone, pau) torna acessível ao falante de Português L2 a motivação semântica (o sentido idiomático) da expressão idiomática. A hipótese não foi confirmada para as expressões *não pagar mico, matar cachorro a grito* e *chutar o pau da barraca.*

Confirmamos, para as expressões *não pagar mico, matar cachorro a grito* e *chutar o pau da barraca,* a hipótese de que o fenômeno da idiomaticidade fraseológica supõe uma dificuldade de compreensão para falantes não nativos do PB que desconhecem o sentido idiomático atribuído pela comunidade linguística à expressão. Os informantes de modo geral consideram estas três expressões brasileiras e terem ouvido, mas não aprendido seu sentido idiomático, através das telenovelas e mídias (músicas, Internet etc).

Tarefa 4: táticas e estratégias de compreensão idiomática

Levando-se em conta as seis expressões do experimento, pudemos comprovar a hipótese de que a idiomaticidade fraseológica pode ser influenciada pelas seguintes estratégias *top-down* pelo contexto de situação dado, formal ou informal (AC); (iii) conhecimentos prévios dos participantes (CP); e (iv) conhecimentos linguísticos em L1 (L1, relacionada ao crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense). Os dados da pesquisa, porém, não confirmam a hipótese de que sentido literal da expressão (SI) nem os conhecimentos linguísticos em L1 são determinantes para que os informantes não nativos acessassem o sentido idiomático das seis expressões do experimento.

Comprovamos a hipótese de que o uso de estratégias de compreensão de expressões idiomáticas em L2 varia de acordo com a competência fraseológica de cada falante não nativo do PB, através da variedade de uso de estratégias top-down para cada uma das expressões idiomáticas pelos informantes cabo-verdianos e guineenses, sendo os cabo-verdianos os que mais exploraram as

estratégias AC, CP e L1, ao certo, por receberam mais influência da cultura brasileira, através dos intercâmbios universitários, das telenovelas, músicas e mídias diversas (internet).

Não confirmamos a hipótese de que quanto mais os informantes não nativos do PB empregam *estratégias top-down* no processamento fraseológico, menos táticas bottom-up precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas. Para as seis expressões, os dados mostram que, do ponto quantitativo, as *estratégias top-down* se igualaram ao número de *táticas bottom-up*, sendo ativadas imediatamente depois de os informantes ativarem as táticas bottom-up, especialmente a repetição e paráfrase da expressão idiomática, seguida de pedidos de ajuda técnica.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia.* São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALLIENDE, Felipe e CONDEMARÍN, Mabel. *Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento***.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ALVARADO ORTEGA, Maria Belén. *Las fórmulas rutinarias del español: teoría y aplicaciones***.** Frankfurt am Main: Peter Lang, 2010. p. 27-30.

BAHAMEED, Adel Salem. *Think–Aloud Protocols: Translating Proverbs***.** London, Sayyab Books, 2009.

BALIEIRO JR, Ari Pedro. Psicolinguística. In MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística*: domínios e fronteiras, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.p.171-201.

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française,* v. 1. Genebra/ Paris, Geog e Cre/ Klincksieck, 1951.

BELINCHÓN, Mercedes. Lenguaje no literal y aspectos pragmáticos de la comprensión. In VEGA, Manuel de e CUETOS, Fernando. (Orgs.). *Psicolinguistica del español*. Madrid: Trotta, 1999. Cap.9, p. 307-373.

BLASCO MATEO, Esther. Similitudes entre perífrasis verbales de infinitivo con enlace y locuciones verbales de infinitivo. In ALMELA, R.; RAMÓN TRIVES, E. E WOTJAK, G. *Fraseología contrastiva*: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano. Murcia: Universidade de Murcia, 2005. P. 197-210.

BLOCK, Ellen. *The comprehension strategies of second language readers***.** In Tesol Quarterly, nº 20, 1986, p. 463–494.

BOBROW, S. Y BELL, S. (1973). On catching on to idiomatic expressions. *Memory and Cognition,* 1, 343-346.

CACCIARI, Cristina e TABOSSI, Patrizia (Orgs.). *Idioms*: processing, structure, and interpretation. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1993.

CACCIARI, Cristina. "The Place of Idioms in a Literal and Metaphorical". In CACCIARI, Cristina e TABOSSI, Patrizia. (Orgs.). *Idioms: Processing, Structure, and Interpretation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1993. p. 27-55.

CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, [1950] 1969.

CASCUDO, Luís da Camara. *Locuções tradicionais no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.
CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. El concepto de unidad fraseológica. *Revista de Lexicografia*, Vol. IV, 1997-1998, p. 67-79.
CERMAK, František. La identificación de las expresiones idiomáticas. In LUQUE-DURAN, Juan de Dios e PAMIES-BERTRAN, Antonio; *Lexico y Fraseología* (Orgs.) Granada: Método Ediciones, 1998. p.133-148.
CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique**.** *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
CHARTERS, Elizabeth. The Use of Think-aloud Methods in Qualitative Research An Introduction to Think-aloud Methods. In *Brock Education* , Vol. 12, No. 2, 2003.
COOPER, THOMAS C. Processing of Idioms by L2 Learners of English. In *Tesol Quarterly* Vol. 33, nº 2, Summer 1999. P. 233-262.
CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.
CORPAS-PASTOR, Gloria. *Corrientes actuales de la investigación fraseológica en europa.* Disponível em Internet: http://91.121.164 .100/dok/euskera/25886.pdf
COSERIU, Eugenio. *Linguística del texto*: introducción a la hermenêutica del sentido. Madrid: Arco, 2007.
CRESPO, Nina e CACERES, Pablo. La comprension oral de las frases hechas: un fenomeno de desarrollo tardio del lenguaje. In *RLA. Revista de Linguística Teórica y Aplicada*. Concepción (Chile), 44 (2), II Sem. 2006, p. 77-90.
CROFT, William e CRUSE, D. Alan. *Linguística cognitiva*. Madrid: Akal, 2008.
CUENCA, Maria Josep e HILFERTY, Joseph. *Introdución a la linguística cognitiva.* Barcelona: Ariel Linguística, 1999.
DETRY, Florence. *Estrategias memorísticas y aprendizaje de las expresiones idiomáticas en lengua extranjera***:** el papel cognitivo de la iconicidad fraseológica. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Filología y Filosofía, Universidad de Girona, Girona, 2010.
ELOINA SCHERER, Amanda. Uma trajetória em busca do saber. Uma referência na história das idéias linguísticas no RS - Entrevista com Leonor Scliar Cabral. In *fragmentum, nº 6. Laboratório Corpus*: UFSM, 2004. p.1-34.

ESCANDELL VIDAL, M. Victoria. *Fundamentos de semántica composicional. Barcelona*, Ariel Linguística, [2004] 2011.
FERRARI, Liliam. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
FILLMORE, Charles J et ali. "Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone". In *Language*, Vol. 64, No. 3. (1988), pp. 501-538. Disponível em: http://lingo.stanford.edu /sag/papers/fillmore%2B88.pdf. Acesso em 18/10/2010
FLORES D'ARCAIS, G. B. (1993). The comprehension and semantic interpretation of idioms. In CACCIARI, C. E TABOSSI, P. (Orgs.), *Idioms: Processing, structure, and interpretatio* .Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993. P. 79–98.
FREGE, G. *Estudios sobre semântica*. Barcelona: Ariel, 1971.
FULGÊNCIO, Lúcia. *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. Tese de doutorado em Linguística. Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008. 506f.
GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, M. Contribuibución del léxico en la opacidad de las locuciones. In MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). *Opacidad, idiomaticidad, traducción.* Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2010. P.129-149.
GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. *Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones*. Rubí (Barcelona): Antropos, 2008.
GARCÍA-PAGE, Mario. La fraseologia em España: de Casares (1950) a la nueva gramática de la Real Academia. In ORTIZ, Alvarez Maria Luisa e UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa***.** São Paulo: Pontes, 2011.
GARRÃO, Milena de Uzeda. A identificação de expressões idiomáticas verbis com base em corpora. In ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*, v.2. Campinas, SP: Pontes, 2012. p.125-131.
GIBBS JR, Raymond W. Et ali. Metaphor in Idiom Comprehension. In *Journal of Memory and Language***,** 37, 1997, p. 141–154.
GIBBS, R. On the process of understanding idioms. In *Journal of Psycholinguistic Research, 14*(5), 1985, p.465-472.
GONZÁLEZ REY, María Isabel. La noción de "hápax" en el sistema fraseológico francés y español. In ALMELA et ali. *Fraseología*

contrastiva: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano. Murcia: Universidade de Murcia, 2005. P. 313-327.
GONZÁLEZ-REY, I. *La didactique du français idiomatique*. Fernelmont: E.M.E, 2007.
GONZÁLEZ-REY, María Isabel. A fraseodidáctica: un eido da fraseoloxía aplicada. In *Cadernos de fraseoloxía galega*, ISSN 1698-7861, Nº. 6, 2004, pags. 113-130. Disponível em Internet: http://www.cirp.es/pub/docs/cfg06.pdf. Acesso em 12/09/2009.
GONZÁLEZ-REY, Maria Isabel. (dir.). *Adquisición de las expresiones fijas: metodología y recursos didácticos [Idioms Acquisition metdhodology and didactic resources].* Fernelmont: E.M.E. 2007.
GONZÁLEZ-REY, María Isabel. A fraseodidáctica e o Marco europeo común de referencia para as linguas. In *Cadernos de fraseoloxía galega*, ISSN 1698-7861, Nº. 8, 2006, pags. 123-146. Disponível em Internet: http://www.cirp.es/pub/docs/cfg08.pdf. Acesso em 12/09/2009.
GONZÁLEZ-REY, María Isabel. A fraseodidáctica: un eido da fraseoloxía aplicada. In *Cadernos de fraseoloxía galega,* nº 6, 2004, p. 113-130.
GOODMAN, K. S. Reading: a psycholinguistic guessing game. In *Journal of the Reading Specialis***t**, nº 4, 1967, p.126-135.
GRICE, H. P. Lógica e conversação. In DASCAL, Marcelo. (Org.). *Fundamentos Metodológicos da Linguística***.** Vol. IV. Campinas: Unicamp, 1982.p. 81-103.
HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
IÑESTA MENA, Eva María & PAMIES BERTRÁN, Antonio. *Fraseología y metáfora: aspectos tipológicos y cognitivos*. Granada: Granada Linguística, 2002.
IRUJO, Suzanne. Don't Put Your Leg in Your Mouth: Transfer in the Acquisition of Idioms in a Second Language. In *Tesol Quarterly***,** vol. 20, nº. 2, Jun. 1986.
LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC, 2002.
LEITÃO, Márcio Martins. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística***.** São Paulo: Contexto, 2009. P. 217-234.
LIN, Phoebe M. S. e ADOLPHS, Svenja. Sound evidence: Phraseological units in spoken corpora. In BARFIELD, A. E GYLLSTAD, H. (Orgs.).

Researching collocations in another language: Multiple interpretations. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 34-48.
LÓPEZ DELGADO, María de la Luz. *Estrategias de comprensión.* Cuenca: UCLM, 2005.
MACEDO, Ana Cristina Pelosi de e BUSSONS, Aline Freitas. (Orgs.). *Faces da metáfora.* Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.
MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. Cognição e linguística. In MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloisa Pedrsoso de Moraes e FARIAS, Emília Maria Peixoto. (Orgs.**).** *Cognição e linguística*: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Aegre: EDIPUCRS, 2008. P.9-37.
MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.
MARTÍNEZ MONTORO, Jorge. La fraseología en J. Casares. In PASTOR CESTEROS, Susana e SALAZAR GARCÍA, Ventura. (Orgs). *Estudios de Linguística***,** Universidad de Alicante, 2002.
MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*, v.1. Campinas, SP: Pontes, 2012. p.139-156
MELLADO BLANCO, Carmen. *Fraseologismos somáticos del alemán.* Un estudio léxico-semántico. Frankfurt am Main, Peter Lang, 2004.
MOGORRÓN HUERTA, P. "Análisis de la competencia fraseológica como factor de opacidad". In *Fraseología, Opacidad y Traducción.* Frankfurt an Main, Peter Lang GmbH, 2013.p. 83–96.
MOGORRÓN HUERTA, Pedro. La opacidad en las construcciones verbales fijas. In: MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). *Opacidad, idiomaticidad, traducción***.** Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2010. p. 237-259.
MOLINA GARCÍA, Daniel *Fraseologia bilíngue: un enfoque lexicográfico-pedagógico***.** Granada: Editorial Comares, 2006.
MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Gastronomismos linguísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In ORTIZ, Alvarez Maria Luisa e UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas***.** São Paulo: Pontes, 2011**.** p. 249-275.

MONTORO DEL ARCO, Esteban. *Teoría fraseológica de las locuciones particulares: Las locuciones prepositivas, conjuntivas y marcadoras en español*. Frankfurt: Peter Lang, 2006.
NACISCIONE, Anita. Phraseological units in literary discourse: Implications for teaching and learning. In *CAUCE - Revista de Filología y su Didáctica*, nº 24, 2001, p. 53-67.
NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira.* Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.
NEGRO ALOUSQUE, Isabel. La traduccion de las expresiones idiomaticas marcadas culturalmente. In *Revista de Linguística y Lenguas Aplicadas*, vol. 5, 2010, p. 133-140.
NEVEU, Franck. *Dicionário de ciências da linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
NÓBREGA, Bruna Filipa de Sousa. *Os lapsus linguae e o léxico mental*. Dissertação (Mestrado em Terapia da Fala). 2010. 141f - Escola Superior de Saúde do Alcoitão, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Católica Portuguesa, Alcoitão, 2010.
NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan A e WASOW, Thomas. *Idioms: Language,* Vol. 70, no. 3 (1994), 49, p.491-538.
OLZA MORENO, Inés. Aspectos de la semántica *de las unidades fraseológicas. La fraseología somática metalinguística del español.* 2009. 581f. Tese (Doutorado em linguística hispânica) – Programa de Doctorado em Linguística Hispánica, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Navarra, 2009. Disponível em: http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/6985/1/Tesis%20In%C3%a9s%20Olza.pdf
PAMIES BERTRÁN, Antonio (2007): "De la idiomaticidad y sus paradojas". In CONDE TARRÍO, Germán (Org.): *Nouveaux apports à l'étude des expressions figées*. Cortil-Wodon: EME & InterCommunications S.P.R.L., 2007. p.173-204.
PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso superior.* São Paulo: CEN, [1907] 1957.
PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
PORTO DAPENA, José-Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica.* Madrid: Arco, 2002.

PRETI, Dino. Apresentação. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. Projetos Paralelos – NURC/SP, 5.ed. São Paulo: Humanitas, 2001, pp.11-12.
QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA AS LÍNGUAS – APRENDIZAGEM, ENSINO, AVALIAÇÃO. Porto, Conselho da Europa/Asa, 2001. Disponível em: http://www.asa.pt/downloads/ Quadro_Europeu_001_072.pdf. Acesso em 12/12/2009.
QUEPONS RAMÍREZ, Cecilia. El proceso de desautomatización en la fraseología española: un acercamiento. In *Memorias del V Foro de Estudios en Lenguas Internacional (FEL 2009*), Universidad de Quintana Roo – Departamento de Lengua y Educación, p.409-506.
ROSSI-LANDI, Ferruccio. *Ideologías de la relatividad linguística*. Buenos Aires: Nueva Visión, [1972] 1974.
RUIZ GURILLO, Leonor. *Ejercicios de fraseología.* Madrid: Arco, 2002.
RUIZ GURILLO, Leonor. Interrelaciones entre gramaticalización y fraseología en español. In *Revista De Filología Española (RFE),* XC, 1.o, 2010, p.173-194.
SACCONI, Luiz Antonio. *Grande dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico*. São Paulo: Nova Geração, 2010.
SALIBA, Márcia de Carvalho. *Unidades lexicais maiores que a palavra: descrição linguística, considerações psicolinguísiticas e implicações pedagógicas.* 2000. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.
SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In MIRANDA, Neusa Salim e SALOMÃO, Maria Margarida Martins. (Orgs.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso.* Belo Horizonte: UFMG, 2009. P.33-74.
SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral.* São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.
SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Introdução à psicolinguística.* São Paulo: Ática, 1991.
SCLIAR-CABRAL, Leonor. Psicolinguística: uma entrevista com Leonor Scliar-Cabral. IN *ReVEL*.Vol. 6, n. 11, agosto de 2008. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_11_entrevista_scliar_cabral.pdf

SEARLE, John R**.** *Expressão e sentido: estudos da teoria dos atos da fala.* São Paulo: Martins Fontes, 2002
SILVA, Maria Eugênia Olímpio de Oliveira. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da fraseologia. O caso das locuções. In ORTIZ, Alvarez Maria Luisa e UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas.* Campinas, SP: Pontes, 2011. P.161-182.
SMITH, Frank. *Leitura significativa*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
STERNBERG, Robert J. *Psicologia cognitiva*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
SWINNEY, D. E CUTLER, A. "The acess and processing of idiomatic expressions". In *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour,* 1979, nº18, p. 645-659. Disponível em Internet: http://repository.ubn.ru .nl/bitstream/2066/15608/1/5998.pdf. Acesso em 26/03/2010.
TAGNIN, Stella E.O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.
TIMOFEEVA, Larissa. *Acerca de los aspectos traductológicos de la fraseología española.* 2008. 594f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Filología Española,Linguística General y Teoría de la Literatura Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alicante, Alicante, 2008.
TOMITCH, Lêda Maria Braga. *Aspectos cognitivos e instrucionais da leitura.* Bauru, SP: EdUSC, 2008.
TULVING, E. How many memory systems are there? *American Psychologist*, 40, 1985. Pp. 385-39.
VARELA, Francisco J; THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleanor. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
VEGA-MORENO, Rosa Elena. Representingand processing idioms. In *Working Papers in Linguistics*, v. 15, 2003, p.73-109. Disponível em Internet: http://www.phon.ucl.ac.uk/home/PUB/WPL/01papers/vega. pdf. Acesso em 11/02/2011.
WITTGENSTEIN, Ludwig**.** ***Gramática filosófica.*** São Paulo: Loyola, 2003.
XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas**.** In *Alfa*, São Paulo, 42(n.esp.): 1998, p.147-159,

ZULUAGA GOMEZ, Francisco. Locuciones, dichos y refranes sobre el lenguaje: unidades fraseológicas fijas e interacción verbal. In *Forma funcion, Santaf, de Bogot, D.C.* [online]. 2005, n.18, p. 250-282.
ZULUAGA, Alberto. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt am Maim: Peter D. Lang, 1980.
ZULUAGA, Alberto. La fijación fraseológica. In *Thesaurus*, BICC (Boletín del Instituto Caro Y Cuervo) XXX núm.l, 1975. p. 225-248.

ANEXOS

Lista completa de expressões idiomáticas do experimento

EXPERIMENTO
Zoomorfismos
1.Matar cachorro a grito
2.Não pagar mico
Somatismos
3.Tirar mais água do joelho
4.Pôr a boca no trombone
Botanismos
5.Saber com quantos paus se faz uma canoa
6.Chutar o pau da barraca

Teste de Reconhecimento Idiomático (TRI) seguindo o modelo de Cooper (1999)

I - ZOOMORFISMOS

CARTÃO 1
Costuma-se pensar que artistas de modo geral, inclusive os escritores, são ricos. Volta e meia sai uma reportagem que diz quanto um astro de TV famoso ganha e daí se difunde a crença de que artista é rico, quando, na verdade, matar cachorro a grito é atividade das mais exercidas pela maioria deles, mundialmente. (In João Ubaldo Ribeiro, Caderno Cultura, Notícias, O Estado e São Paulo, 20 de março de 2011). **Você identifica no texto lido alguma expressão idiomática?**

CARTÃO 2
Para quem não quer pagar mico na escolha de um pacote de viagem de formatura, é oportuno atentar para algumas dicas: deve-se ouvir sempre as sugestões de quem já embarcou com a agência ou operadora escolhidas; consulte o CNPJ da empresa para colher mais

informações; e preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem, pois o custo-benefício pode ser pequeno.(In Caderno Tur, DN, 17.05.2012). **Você identifica no texto lido alguma expressão idiomática?**

II- SOMATISMOS

CARTÃO 3

Existem perguntas que talvez você só tinha feito a si mesmo (e, portanto, nunca obteve resposta). A primeira: por que depois da primeira ida ao banheiro a vontade de urinar aumenta? Isso ocorre em parte porque o álcool inibe a ação do hormônio antidiurético, o que aumenta o volume da urina. A segunda: tomar cerveja quente faz a gente tirar mais água do joelho? Não. A velocidade de absorção dos líquidos é maior para as bebidas frias. (In Coluna Cláudio Cabral, Caderno Zoeira, DN, 09.08.2007)**.**
Você identifica no texto lido alguma expressão idiomática?

CARTÃO 4

Indignado com os desmandos em Chaval, uma pequenina cidade ai extremo norte do Estado (a 401 km de Fortaleza), um advogado que atua na área, Jorge Umbelino, pôs a boca no trombone e, em seu blog, lamentou a falta de resposta do Judiciário para crimes no município. (In Hélio Passos, Coluna Em vez, Caderno Gente, DN, 20/02/2011). **Você identifica no texto lido alguma expressão idiomática?**

III – BOTANISMOS

CARTÃO 5

A partir do dia primeiro de janeiro, quando for empossada, a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa. Ela vai se arrepender até o último fio de cabelo de sua pobre cabeça, ter aceitado ser a candidata do Lula, porque tudo o que ele quer é continuar mandando. (In Braz dos Santos, comentário ao Caderno País, JB, /12/10). **Você identifica no texto lido alguma expressão idiomática?**

CARTÃO 6
"Sinto falta do Cazuza, do Ney Matogrosso. Acho que o único transgressor ainda é Caetano. Falta o povo chutar o pau da barraca. Queria ver Roberto Carlos de preto cantando samba. Queria ver coisas diferentes", pede. A conversa podia seguir, mas é hora de desligar" (in Luiz Caldas, entrevista a Caderno Zoeira, Diário do Nordeste, 27/11/2009. **Você identifica no texto lido alguma expressão idiomática?**

Experimento 2: Teste de Múltipla Escolha (TME, seguindo o modelo de Flores d'Arcais (1993)

I - ZOOMORFISMOS

1. **QUESTÃO -** Leia atentamente o texto e responda à questão:
"Quase sempre que a presidente Dilma Rousseff vem ao Ceará, assina liberação de verbas para isso e aquilo. Fica-se a pensar, pelo discurso aplaudido (embora ilusório), que o dinheiro chega no dia seguinte. E não chega. Cid Gomes, com sorrisos de aparência, vive a **engolir sapos**." (In Coluna Regina Marshall, Caderno 3, DN, 06/03/2012).
A expressão **ENGOLIR SAPOS** significa:
a.( ) Deglutir anfíbios sem cauda de pele rugosa.
b.( ) Receber aplausos por liberação de verbas.
c. ( ) Tolerar situações desagradáveis sem responder.

2. **QUESTÃO 3H** - Leia atentamente o texto e responda à questão:
"Uma das maiores atrações do megassucesso Avenida Brasil, novela da Rede Globo, é a atriz Isis Valverde como a periguete boliviana Suélen, boa de cama e de mesa, que **faz gato e sapato** dos corações masculinos do Divino com seu mix de malícia e ingenuidade, espontaneidade e malandragem, e sua capacidade infinita de seduzir e de enganar." (In Nelson Motta, O Estado de São Paulo, 13 de julho de 2012).
A expressão **FAZER GATO E SAPATO** significa:
a. ( ) Fazer de (alguém) o que se quer.

b. ( ) Criar felino e calçado de sola dura.
c. ( ) Seduzir periguete com malícia.

II- SOMATISMOS

3. **QUESTÃO** - Leia atentamente o texto e responda à questão :
"Em linhas gerais, para quem não quer **esquentar a cabeça** nem correr maiores riscos, o mercado indica a destinação de parcela mínima dos recursos, não mais de 10%, em fundo de ações, tendo como horizonte prazo de no mínimo cinco anos." (In Caderno Negócios, DN, 27/05/2002).
A expressão **ESQUENTAR A CABEÇA** significa:
a. ( ) Aquecer parte do crânio.
b. ( ) Ficar muito preocupado.
c. ( ) Indicar prazo mínimo.

4. **QUESTÃO** - Leia atentamente o texto e responda à questão :
"O diretor do "Big Brother Brasil", J. B. de Oliveira, o Boninho, **pegou um rabo de foguete** ao assumir o "reality show" comprado à Endemol, para muitos uma idéia fascista que aproveita a sede de fama e dinheiro de boa parte da população para trancafiar anônimos numa casa e escancarar as fraquezas que se potencializam no confinamento."(In Marcelo Migliaccio, Caderno Ilustrada, Folha de São Paulo, 28/07/2002).
A expressão **PEGAR EM RABO DE FOGUETE** significa:
a. ( ) Prender pessoas desconhecidas ou fascistas.
b. ( ) Segurar a cauda do rojão ou do fogo de artifício.
c. ( ) Assumir compromisso complicado ou perigoso

III – INDUMENTISMOS

6. **QUESTÃO -** Leia atentamente o texto e responda à questão:
"Cuidado. Tem especulador **botando as manguinhas de fora**, aumentando os preços das mercadorias, atrelando-as ao dólar. Deixe a preguiça de lado e saia em campo. Pesquise, pechinche e recuse os aumentos, principalmente os abusivos, buscando alternativas. Defenda o seu real!(In Colunistas, DN, 10/03/1999)."

A expressão **BOTAR AS MANGUINHAS DE FORA** significa:
a. ( ) Aumentar o valor do real ou do dólar.
b. ( ) Perder a vergonha ou o acanhamento.
c. ( ) Pôr as pequenas ou as poucas vestes à mostra.

6. **QUESTÃO** - Leia atentamente o texto e responda à questão :
"Na última terça, a Globo apresentou "O profeta" à imprensa. A novela estréia dia 16, às 18h. As autoras, Thelma Guedes e Duca Rachid**, rasgaram muita seda**. Mas também mostraram que sabem brincar. Depois de ouvir um elogio de Thelma a ela, Duda não titubeou: "Quero ver se na correria da novela ela continuará assim...". Risada geral!"(Caderno Zoeira, DN, 08/10/2006).
A expressão **RASGAR SEDA** significa:
a. ( ) Fazer tecido em pedaços ou tiras.
b. ( ) Trocar amabilidades ou gentilezas.
c. ( ) Ouvir brincadeiras ou risadas.

SOBRE O AUTOR

Natural de Iguatu (CE). Nasceu em 1961. Filho de Pedrina Maria da Silva Martins, lavadeira, mãe generosa e visionária, que muito se empenhou na sua formação básica e se engajou diligentemente no seu ingresso e a permanência no Colégio Militar de Fortaleza (CMF), no período de 1976 a 1982. Não conheceu o pai. Ao deixar o CMF, graduou-se em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1987), fez mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED, 1996) da Universidade Federal do Ceará, com a dissertação "*Constituição e educação: análise evolutiva da educação na organização constitucional do Brasil*", sob a orientação do Dr. André Haguette (UFC) e doutorado em Linguística (2013) com a tese *"Estratégias de Compreensão de Expressões Idiomáticas por Não Nativos do Português Brasileiro",* sob a orientação da Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (UFC) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará. Em 1989, participou do processo de elaboração do Capítulo da Educação da Constituição do Estado do Ceará, com a proposição e aprovação de 20 artigos educacionais que hoje figuram na Carta Estadual. Em 1990, também colaborou na elaboração da Lei Orgânica de Fortaleza com a aprovação de, ao menos, 30 artigos na área educacional que hoje fazem parte da Carta Municipal. Desde 1994, em virtude de concurso público, mudou-se com a família para Sobral (a 220 km de Fortaleza/CE), onde atua como docente de Linguística do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Além de dedicar-se entusiasticamente a pesquisas linguísticas (Psicolinguística, Fraseologia, Etimologia e Descrição do Português),

tem se interessado em estudos educacionais (Legislação Educacional, BNCC, Acordo Ortográfico, EJA, Educação Básica, Educação Inclusiva etc) e atuado ativamente nas áreas de Formação de Professores, em nível de pós-graduação, e como docente nos cursos de Especialização em Língua Portuguesa e Psicopedagogia, respectivamente. Durante 10 anos, atuou na área de ensino de Língua Portuguesa e de língua espanhola na educação básica, em Fortaleza. Lotado no Curso de Letras do Centro de Filosofia, Educação e Letras (CENFLE) da UVA, em Sobral, tem, ao longo dos anos, ministrado disciplinas como Fonética e Fonologia do Português, Aquisição da Linguagem e Estilística do Português, áreas em que escreveu muitos artigos científicos e livros. Na pós-graduação stricto sensu, tem participado, como examinador externo, dos Programas de Pós-Graduação em Universidade Federal do Ceará (UFC) e de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenou, na UVA, de 2015 a 2017, o subprojeto de Letras (Língua Portuguesa) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e coordenou de 2018-2020 o Programa de Residência Pedagógica da CAPES/MEC. Possui Estágio Pós-Doutoral em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob a supervisão da Prof.ª Dra. Livia Marcia Tiba Radis Baptista (UFBA) com a pesquisa *"Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de Corpus de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro"* (2016-2017). No momento, cursa seu segundo estágio de pós-doutorado pela UFC (2019-2020), na área de Linguística, com pesquisa sobre *"Os Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção Brasileira",* sob a supervisão da Profª Dra Roseimeire Selma Monteiro-Plantan (UFC). Mais recentemente publicou livros nas áreas de educação, linguística, ensino de língua portuguesa e poesias, todos pela editora *Pedro & João Editores* (consultar títulos em *http://www.pedroejoaoeditores.com.br/).* Contatos para eventos e palestras em todo o Brasil, presenciais ou virtuais, favor enviar convite ou proposta para *vicente.martins@uol.com.br.*

SOBRE A HOMENAGEADA

Florence Detry é Licenciada em Filologia Românica (Université Catholique de Louvain, Bélgica), com mestrado em Ensino do Espanhol como Língua Esttrangeira (Universidad Complutense de Madrid) e doutorado pela Universidad de Gerona. Seu âmbito de especialização e linha de pesquisa se concentram no processo cognitivo de aprendizagem da fraseologia em uma língua estrangeira (particularmente, espanhol e francês) e nas repercussões didáticas correspondentes. É autora de várias publicações sobre este tema e de um livro ilustrado para a fraseologia do catalão L2 (De cap a peus. Fitxer il·lustrat de frases fetes per a la classe de català (L2), Mínima llibres: 2014). Atualmente é docente nas escolas universitárias anexas à Universidad de Gerona.

“As sequências convencionais são memorizadas pelos falantes. Na produção e recepção de textos, o falante recupera sintagmas inteiros já prontos e outras unidades estáveis, presentes como um bloco na sua memória. Parece lícito supor que o falante possua, aliado a um sistema de regras e parâmetros, também um conjunto de construções mais frequentes, de “frases feitas”, clichês e expressões fixas memorizadas por inteiro, sendo que esse estoque de construções prontas (no sentido de que são estruturas já preenchidas com o léxico) é igualmente usado na comunicação e no uso efetivo da língua.”

(Lúcia Monteiro de Barros Fulgêncio, docente da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)

Democratizando a publicação
petrobrasoeditores.com.br
45 ANOS

ISBN 978-65-87645-67-4